



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO URBANA

FERNANDA CANTARIM

**HIERARQUIAS E DIÁLOGOS DO CONHECIMENTO
SOBRE A CIDADE: AMÉRICA LATINA, 1900-1950 e
1970-2010.**

CURITIBA, 2019

FERNANDA CANTARIM

**HIERARQUIAS E DIÁLOGOS DO CONHECIMENTO
SOBRE A CIDADE: AMÉRICA LATINA, 1900-1950 e
1970-2010.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Gestão Urbana.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Ultramari

CURITIBA, 2019

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

C229h
2019 Cantarim, Fernanda
Hierarquias e diálogos do conhecimento sobre a cidade: América Latina,
1900-1910 e 1970-2010 / Fernanda Cantarim; orientador: Clovis Ultramar. –
2019.
302 f.: il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2019
Bibliografia: f. 234-247

1. Cidades e vilas – América Latina. 2. Planejamento urbano - América
Latina – História. 3. Política urbana – América Latina. I. Ultramar, Clovis.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Gestão Urbana. III. Título.

CDD 22. ed. – 307.1216098

TERMO DE APROVAÇÃO

**“HIERARQUIAS E DIÁLOGOS DO CONHECIMENTO SOBRE A CIDADE:
AMÉRICA LATINA, 1900-2015”**

Por

FERNANDA CANTARIM

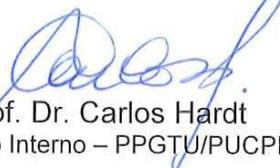
Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, área de concentração em Gestão Urbana, da Escola de Arquitetura e Design, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.



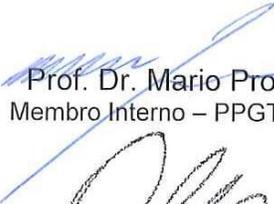
Prof. Dr. Rodrigo José Firmino
Coordenador do PPGTU/PUCPR



Prof. Dr. Clovis Ultramari
Membro Interno – Orientador – PPGTU/PUCPR



Prof. Dr. Carlos Hardt
Membro Interno – PPGTU/PUCPR



Prof. Dr. Mario Procopiuck
Membro Interno – PPGTU/PUCPR



Prof. Dr. Fernando Luiz Camargos Lara
Membro Externo – University of Texas at Austin



Prof. Dr. Roberto Luiz do Carmo
Membro Externo – UNICAMP

Curitiba, 27 de março de 2019.

AGRADECIMENTOS

A todos que apoiaram e contribuíram com essa pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Código de financiamento 001.

RESUMO

O contexto desta tese é a Rede de Conhecimento sobre a cidade e as transferências de ideias que moldaram o pensar urbano na América Latina. Uma longa história de dependência em países dominantes construiu nações latino-americanas acostumadas a sempre buscar referencial urbanístico nos mesmos países. Porém, as Redes de Conhecimento são ambientes sensíveis a diversos fatores, mutam-se constantemente. As novas tecnologias de transporte e comunicação; as crescentes demandas urbanas e evolução científica na América Latina foram pontos de inflexão que modificaram os diálogos de transferências de ideias de soluções urbanas. É baseado nesse cenário que essa tese propõe dois grandes momentos da Rede de Conhecimento sobre a cidade: **A Rede Sólida** (1900-1950); e a **Rede Líquida** (1970-2010). A primeira, caracterizada por uma estrutura hierárquica e rígida, onde centralidades de países dominantes (a exemplo de França, Reino Unido, Alemanha, Áustria, Suíça e Estados Unidos) tinham suas ideias urbanísticas replicadas em diversas periferias globais, incluindo a América Latina. O entendimento de planejamento urbano era pautado em modelos urbanísticos hegemônicos, considerados como caminhos precisos para a modernização. O respaldo nas cidades acontecia em formato de planos e projetos urbanos; e a transferência era mais frequentemente concretizadas por meio de viagens de especialistas (como urbanistas e políticos). A segunda, caracterizada por uma estrutura ampliada e flexível, onde as periferias possuem mais liberdade e capacidade de criar e trocar ideias. O entendimento do planejamento urbano é pautado em abordagens multidisciplinares, onde questões sociais, políticas e ambientais são indissociáveis do ato de pensar o urbano. O respaldo nas cidades assume formatos diversos – como planos, projetos, programas, leis e políticas públicas; e a transferência se concretiza em veículos múltiplos – como especialistas, documentos, instituições, mídias e meios de comunicação. A confirmação das centralidades e das formas de transferência de ideias sobre a cidade de cada um desses períodos foram objetivos dessa pesquisa. O método de investigação foi o estudo de caso, dividido em duas etapas. O estudo da Rede Sólida foi feito com base em pesquisa bibliográfica; e utilizou de livros e artigos sobre a história urbana da América Latina para selecionar casos específicos de transferências de ideias urbanísticas. Essa etapa investigou 12 urbanistas europeus que viajaram e realizaram planos e projetos nas principais capitais latino-americanas (oito cidades receptoras). O estudo da Rede Líquida foi feito com base em pesquisa qualitativa e quantitativa em três aspectos da academia latino-americana: eventos científicos; programas de pós-graduação; e revistas científicas. O recorte geográfico incluiu cinco países da América Latina: Brasil; México; Argentina; Colômbia; e Chile. A confirmação de um diálogo mais frequente entre países periféricos da América Latina foi percebido, mesmo que ainda frágil e pouco articulado.

Palavras chave: Circulação de Ideias; Epistemologia do Urbano; Cidade Latino-americana; Rede de Conhecimento; América Latina.

ABSTRACT

The interest of this dissertation is the Knowledge Network about the city and the transference of ideas that shaped ways of urban thinking in Latin America. A long history of dependence on dominant countries, has made Latin American nations become used to always seek urbanistic referential in the same hegemonic countries. However, Knowledge Networks are environments sensitive to several factors, and they shift form constantly. New transportation and communication technologies; new increasing urban demands and scientific evolution in Latin America were inflection points that modified the dialogues of transfers of ideas regarding urban solutions. It is based on this scenario that this thesis proposes two great moments of the Knowledge Network regarding the city: the **Solid Network** (1900-1950); and the **Liquid Network** (1970-2010). The first, characterized by a hierarchical and rigid structure, where centralities of dominant countries (e.g. France, UK, Germany, Austria, Switzerland and United States) had their urbanistic ideas replicated in several global peripheries, including Latin America. The understanding of urban planning was based on hegemonic urbanistic models, considered as precise pathways to achieve modernization. In cities it took form as urban plans and projects; and the transfer was more often achieved through the specialists that travelled from place to place (such as urbanists and politicians). The second, characterized by an enlarged and flexible structure, where the peripheries have more freedom and ability to create and exchange ideas. The understanding of urban planning is based on multidisciplinary approaches, where social, political and environmental issues are inseparable from the act of urban thinking. In cities, it impacts in different formats – such as plans, projects, programs, laws and public policies; and the transfer is concretized in multiples vehicles – such as specialists, documents, institutions, media and media with communication channels. The confirmation of centralities and the ways of transferring of ideas about the city of each of these periods were the objectives of this research. The investigation method was the case study, divided into two phases. The study of the Solid Network was made based on bibliographic research; and used books and articles on the urban history of Latin America to select specific cases of transfers of urbanistic ideas. This stage investigated 12 European urbanists who traveled and carried out plans and projects in main Latin American capitals (eight receptor cities). The study of the Liquid Network was based on qualitative and quantitative research in three aspects of the Latin American Academy: scientific events; postgraduate programs; and scientific journals. The geographical frame included five Latin American countries: Brazil; Mexico Argentina Colombia and Chile. Confirmation of a more frequent dialogue between countries was confirmed, even if still frail and poorly articulated.

Keywords: Circulation of ideas; Urban epistemology; Latin American city; Knowledge Network; Latin America.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	METODOLOGIA	26
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
3.1	IDEIAS: DA GÊNESE, CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO	32
3.1.1	A Gênese das Ideias	33
3.1.2	A Circulação das Ideias.....	37
3.1.3	A Apropriação das Ideias.....	42
3.2	A CIDADE E AS IDEIAS	44
3.2.1	A Cidade em seu contexto maior: Material e Imaterial	51
3.2.2	Circulação de ideias na Rede de Conhecimento sobre a Cidade	56
3.2.3	Poder, Boas Práticas e Barreiras	57
3.2.4	Estrutura das Redes de Conhecimento	62
3.2.5	Rede de Conhecimento sobre a Cidade	74
4	ESTUDO DE CASO: TRANSFERÊNCIAS E CIRCULAÇÕES DE IDEIAS NA AMÉRICA LATINA	96
4.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	97
4.2	REDE DE CONHECIMENTO SÓLIDA	105
4.2.1	As cidades da América Latina no começo dos 1900s	108
4.2.2	Urbanistas Viajantes e suas ideias para a América Latina	118
4.3	REDE DE CONHECIMENTO LÍQUIDA	132
4.3.1	Eventos Científicos	133
4.3.2	Programas de Pós-Graduação	154
4.3.3	Revistas Científicas	175
4.3.4	Análises Conjuntas	207

4.4	GEOGRAFIAS TEMPORAIS DA REDE DE CONHECIMENTO SOBRE A CIDADE	216
-----	---	-----

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
----------	-----------------------------	------------

	REFERÊNCIAS	234
--	--------------------	------------

6	APÊNDICE A: DADOS DOS EVENTOS CIENTÍFICOS	248
----------	--	------------

6.1	BRASIL	248
-----	--------	-----

6.2	MÉXICO	254
-----	--------	-----

6.3	ARGENTINA	266
-----	-----------	-----

6.4	COLÔMBIA	271
-----	----------	-----

6.5	CHILE	279
-----	-------	-----

7	APÊNDICE B: DADOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	284
----------	---	------------

8	APÊNDICE C: DADOS DAS REVISTAS CIENTÍFICAS	286
----------	---	------------

9	APÊNDICE B: LEITURAS TEMPORAIS	289
----------	---------------------------------------	------------

9.1	BRASIL	289
-----	--------	-----

9.2	MÉXICO	293
-----	--------	-----

9.3	ARGENTINA	296
-----	-----------	-----

9.4	COLÔMBIA	299
-----	----------	-----

9.5	CHILE	301
-----	-------	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas de pesquisa	28
Quadro 2 – Descrição dos lugares da Rede de Conhecimento	67
Quadro 3 – Descrição dos objetos e agentes de transferência de ideias	68
Quadro 4 – Descrição dos tipos de atores da Rede de Conhecimento	69
Quadro 5 – Descrição das relações da Rede de Conhecimento	71
Quadro 6 - Recorte de pesquisa adotados nas duas etapas do Estudo de Caso	98
Quadro 7 - Procedimentos e resultados esperados - Rede de Sólida	100
Quadro 8 - Critérios de seleção da etapa de Rede Líquida	102
Quadro 9 - Procedimento e resultados esperados - Rede Líquida	103
Quadro 10 - Artigos e Livros selecionados para a etapa de Rede Sólida.....	106
Quadro 11 - Cidades, Planos e Urbanistas estrangeiros selecionados	107
Quadro 12 - Eventos selecionados para pesquisa	134
Quadro 13 - Relação de artigos selecionados para leitura (eventos científicos)	146
Quadro 14 - Autores mais citados nos artigos selecionados	149
Quadro 15 – Cidades citadas nos artigos e motivo para tal citação	150
Quadro 16 – Países Discutidos nas Teses dos Programas de Doutorado	159
Quadro 17 - Relação de teses/dissertações selecionadas para leitura	168
Quadro 18 – Autores mais citados nas teses selecionadas.....	170
Quadro 19 – Cidades citadas nas teses e motivo para tal citação	173
Quadro 20: Informações básicas das revistas científicas selecionadas (Brasil)	176
Quadro 21- Informações das revistas científicas selecionadas (Argentina).....	177
Quadro 22 - Informações das revistas científicas selecionadas (Colômbia).....	178
Quadro 23 - Informações das revistas científicas selecionadas (México).....	179
Quadro 24 - Informações das revistas científicas selecionadas (Chile).....	180
Quadro 25 - Edições temáticas das revistas analisadas (2005-2015)	184
Quadro 26 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Brasil)	188
Quadro 27 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Argentina)	189
Quadro 28 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Colômbia)	190
Quadro 29 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (México)	191

Quadro 30 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Chile)	192
Quadro 31 - Relação dos artigos selecionadas para leitura	203
Quadro 32 - Autores mais citados nos artigos selecionados	204
Quadro 33 – Cidades citadas nos artigos de revistas científicas e motivo	206
Quadro 35 - Temas e origem dos trabalhos para o ENANPUR.....	248
Quadro 36 - Temas e origem dos trabalhos para o SHCU	252
Quadro 37 - Temas e origem dos trabalhos e para o SHCU	253
Quadro 38 - Orientação temática dos artigos dos eventos científicos	253
Quadro 39 - Temas e origem dos trabalhos para o ERNIU	255
Quadro 40 - Temas e origem dos trabalhos para o EAMECIDER	259
Quadro 41 - Orientação temática dos artigos mexicanos	264
Quadro 42 - Temas prioritários e origem dos trabalhos para o AAEAP	267
Quadro 43 - Temas prioritários e origem dos trabalhos para o AAEAP	268
Quadro 44 - Temas e origem dos trabalhos - Seminario de PU, GT y A DL.....	269
Quadro 45 - Orientação temática dos artigos argentinos.....	270
Quadro 46 - Temas prioritários e origem dos trabalhos para o ACIUR	272
Quadro 47 - Temas prioritários e origem dos trabalhos - Colóquio INJAVIU.....	276
Quadro 49 -. Orientação temática dos artigos colombianos	278
Quadro 50 - Temas e origem dos trabalhos do Encuentros de Diseño Urbano.	280
Quadro 51 - Temas e origem dos trabalhos – Sem. del Territorio al Detalle	281
Quadro 52 - Orientação temática dos artigos chilenos	282
Quadro 53 - Palavras chaves mais recorrentes por ano em cada país	285
Quadro 54 - Quadro temporal do Brasil (etapa 1 do Estudo de caso)	290
Quadro 55 – Quadro temporal do Brasil (etapa 2 do Estudo de caso)	291
Quadro 56 - Quadro temporal do México (etapa 1 do Estudo de caso).....	293
Quadro 57 – Quadro temporal do México (etapa 2 do Estudo de caso).....	294
Quadro 58 - Quadro temporal Argentina (etapa 1 do Estudo de caso).....	296
Quadro 59 – Quadro temporal Argentina (etapa 2 do Estudo de caso)	297
Quadro 60 - Quadro temporal Colômbia (etapa 1 do Estudo de caso).....	299
Quadro 61 – Quadro temporal Colômbia (etapa 2 do Estudo de caso)	300

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Origem dos autores nos eventos selecionados, por país	138
Tabela 2 - Total de citações à autores, por país	208
Tabela 3 - Autores mais citados por país central	209
Tabela 4 - Autores mais citados por país da América Latina	210
Tabela 5 - Porcentagem de internacionalização de cada país	211
Tabela 6 - Participação internacional mais relevante, no Brasil.....	212
Tabela 7 - Participação internacional mais relevante, no México	212
Tabela 8 - Participação internacional mais relevante, na Argentina	213
Tabela 9 - Participação internacional mais relevante, na Colômbia	214
Tabela 10 - Participação internacional mais relevante, no Chile	215
Tabela 11 – Países de vínculo institucional dos autores (revistas científicas)...	286

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -: Estrutura dos temas abordados na pesquisa	25
Figura 2 - Tipos de transferência de ideias mais usuais	66
Figura 3 - Relação ou diálogo – vertical e horizontal	72
Figura 4 - Relação e diálogo – vertical voluntária	73
Figura 5 – Diagrama: Conhecimento sobre a cidade e Rede de Conhecimento .	78
Figura 6 - Características das Redes Sólida e Líquida	79
Figura 7 - Cidades receptoras de ideias/planos e urbanistas viajantes	119
Figura 8 - Urbanistas viajantes e seus destinos na América Latina.....	120
Figura 9 - Fluxos de ideias, baseado em itinerários dos urbanistas viajantes ...	126
Figura 10 - Palavras-chaves das temáticas dos eventos selecionados	135
Figura 11 - Participação estrangeiras nos eventos científicos do Brasil	140
Figura 12 - Participação estrangeiras nos eventos científicos do México.....	141

Figura 13 - Participação estrangeiras nos eventos científicos da Argentina.....	142
Figura 14 - Participação estrangeiras nos eventos científicos da Colômbia	143
Figura 15 - Participação estrangeiras nos eventos científicos do Chile	144
Figura 16 - Palavras-chaves das teses dos programas de pós-graduação	157
Figura 17 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Brasil	161
Figura 18 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, México	162
Figura 19 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Argentina ..	163
Figura 20 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Colômbia ..	164
Figura 21 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Chile	165
Figura 22: Palavras-chaves mais frequentes nas revistas científicas, por país .	181
Figura 23 - Análise de internacionalização das revistas científicas (Brasil)	194
Figura 24 - Análise de internacionalização das revistas científicas (Argentina).	196
Figura 25 - Análise de internacionalização das revistas científicas (México).....	197
Figura 26 - Análise de internacionalização das revistas científicas (Colômbia).	198
Figura 27 - Análise de internacionalização das revistas científicas (Chile).....	199
Figura 28 - Rede Sólida: Origem das ideias mais influentes na América Latina	217
Figura 29: Rede Líquida: Origem de ideias mais influentes na América Latina.	218
Figura 30 - Abordagens urbanísticas dominantes: Rede Sólida/Rede Líquida..	221
Figura 31 – Linha temporal da Rede de Conhecimento sobre a cidade	223

1 INTRODUÇÃO

Rede de conhecimento é um sistema que estimula oportunidades de aprendizado por meio de transferências e disseminação de ideias – componentes essenciais para a construção de resiliência e adaptação na gestão das cidades (KALAFATIS et al., 2015). Essa rede pode ser utilizada por diversas razões e por diversos atores – no Planejamento e Gestão Urbana esta se configura como um meio por onde se transfere ideias sobre políticas, planos, programas, formas espaciais, técnicas e conceitos (HEALEY, 2011; STONE, 2004). As questões centrais dentro dessa temática são em torno de como essas ideias são assimiladas e por quais razões optou-se pela transferência. Reconhecidamente, atores ou lugares com poder e influência costumam manipular as relações estabelecidas na rede de acordo com seus próprios interesses – criando as ditas relações verticais, onde há a dominação ou influência de uma das partes sobre a(s) outra(s). Por outro lado, a aproximação de países e cidades com similaridades em termos de influência, deficiências e potencialidades dá espaço para as relações horizontais – onde ambos os lugares de origem e recepção das ideias possuem características e nível de centralidades semelhantes e, em princípio, condições paritárias no diálogo.

Muitos atores e/ou agentes participam na transferência de ideias sobre a cidade, tornando a trajetória desse conhecimento complexa; porém, há, certamente, em toda transferência, lugar de origem e lugar de recepção; ainda que constituindo uma rede múltipla e parcial. Entre tais pontos de uma rede, um fluxo imaterial de conhecimento se estabelece, formando uma rede em constante expansão. Segundo Stone (2004, p.7-8) “The policy transfer metaphor implies a direct exchange process between exporting and importing countries”¹. O que Stone considera como país exportador e importador se aproxima do que outros autores chamam de lugar de origem e lugar de recepção; a diferença é que a autora estabelece uma imposição de escala, considerando os lugares

¹ “A metáfora de transferência de política implica um processo de troca direta entre o país exportador e o país importador” (tradução livre).

como países, em parte porque seus objetos de discussão são políticas públicas de escala nacional. O conceito de exportação e importação de ideias (uma das maneiras de se visualizar a sua circulação, denotando dois agentes: aquele capaz de apresentar algo de interesse a ser assimilado e aquele com demonstração de vontade por essa mesma assimilação), porém, se adapta para outros tipos conhecimentos além de políticas públicas – planos, projetos, instrumentos e leis são apenas alguns dos exemplos – e, também, a escala dos lugares de origem e recepção pode se alterar para aquela de cidades ou regiões. Diversos são os motivos que levam a essa circulação do conhecimento sobre a cidade, como evidenciado pela citação a seguir:

Contribuir para o debate sobre como ideias singulares, seja por suas formulações originais, seja por suas temporalidades específicas, constituem conjuntos difusores de princípios, conceitos, diretrizes e práticas. Apesar de muitas vezes a migração (ou transferência) de ideias ocorrer de forma fractal e aparentemente de impossível apreensão em nossas análises, observa-se também que podem ocorrer de forma explicitamente planejada. Seja de uma ou de outra forma, podem resultar de situações políticas, interesses geopolíticos, crises e avanços econômicos, características geográficas, imposições religiosas, disponibilidade de tecnologias, dentre outros muitos fatores que possam reduzir ou incrementar aspectos qualitativos, positivos ou negativos de uma produção individual (ULTRAMARI; DUARTE, 2012, p.171).

No planejamento e na gestão urbana, campos de conhecimento que transitam entre ciência e prática, é comum a busca de exemplos e soluções já testadas, que possam ser replicadas em outras realidades urbanas e que atendam aos interesses locais. Momentos e situações de grande representatividade na história de determinada cidade podem ter o poder de incentivar mudanças no planejamento, gestão e projeto do espaço urbano. Para Ultramari e Duarte (2009), esses momentos de transformações ostensivas nos processos urbanos, sejam estas positivas ou negativas, são denominados de Inflexões Urbanas. Diante de tais inflexões, por vezes, é possível identificar ideias geradoras de transformação positiva e a partir de então contam com interesse de outros atores ou cidades para sua internalização.

Ideias são criadas e/ou transferidas em um determinado contexto – pensadas ou adaptadas para solucionar questões locais. Patsy Healey, autora que há muito se dedica ao estudo da transferência e circulação das ideias no planejamento e gestão urbana, traz indagações quanto ao conteúdo e consequências que as “*travelling ideas*” podem carregar quando transitam.

In this field, we are continually producing, critiquing, applying and circulating concepts, techniques and practice experiences from one place and time to another. What do such concepts carry with them, as they flow around? How do they fare and what are their consequences in a world of multiple contingencies? What kind of critical antennae and sensibilities should we cultivate as we encounter ‘travelling ideas’ and engage in this circulation[...]. (HEALEY, 2011, p.189)²

Quando tal conhecimento *viaja*, a cada novo ambiente este pode adquirir novas características e interpretações – e a esse fenômeno Patsy Healey (2011) chama de “Fluxo transnacional de ideias de planejamento” (*Transnational flow of planning ideas*). Dentre as possíveis consequências desse fenômeno está a dificuldade de adaptação da ideia no lugar de recepção, como evidenciado na citação a seguir.

But the lesson from research and experience is that the technique could not just be extracted from its context of invention, uprooted and ‘planted’ somewhere else. It arose from a particular ground and context, and might well not transplant easily somewhere else. This suggests that it is helpful to attach some kind of ‘origin narrative’ to planning ideas as they travel from place to place, to help others work

² “Neste campo, estamos continuamente produzindo, criticando, aplicando e circulando conceitos, técnicas e experiências práticas de um tempo e lugar para outro. O que esses conceitos carregam consigo enquanto viajam? Como eles são cobrados e quais as consequências em um mundo de contingentes múltiplos? Que tipo de receptor crítico e sensibilidades devemos cultivar ao se deparar com ‘ideias viajantes’ e nos associarmos nessa circulação[...].” (tradução livre).

out what could be learned from it of relevance to other situations and other contexts (Healey, forthcoming) (HEALEY, 2011, p.190)³

Nessa mesma linha de raciocínio, Ultramar e Duarte (2012) afirmam que “para além da ideia migrada está a discussão sobre como elas migraram, porque o fizeram, qual o caminho e o tempo perseguido, e a quais processos adaptativos se submeteram.” A constatação de todos esses questionamentos é de difícil apreensão, porém, são essenciais para se compreender a complexidade da trajetória das ideias.

Novamente, a trajetória feita pelas ideias e a sua real adaptabilidade a outros locais se tornam foco de questionamento. Segundo Healey (2011, p.194-195):

Looking at what happens when planning concepts and instruments ‘travel’ from place to place helps not only to identify the implicit ‘pasts’ that those of us in the ‘planning community of inquirers’ still carry with us, feeding our dreaming in negative and positive ways. It also helps in understanding what could be the ‘contingent universals’ of the present global era, how to go about learning from the contingent experiences of others, and how to recognize when it is more appropriate to invent home-grown ‘wheels’, that is, endogenously shaped responses to particular situations. Such transnational learning, if undertaken with a sensibility to contingent complexities, should help to make we planners less experientially innocent and to deepen our collective memories.⁴

³ Mas a lição da pesquisa e experiência é que a técnica pode não só ser extraída de seu contexto de invenção, desterrada e ‘plantada’ em outro lugar. Ela nasce de um local e contexto particular, e talvez não seja facilmente transplantada para outro lugar. Isso sugere que é útil anexar uma espécie de ‘narrativa de origem’ nas ideias de planejamento enquanto estas viajam de lugar à lugar, para ajudar outros a entenderem o que poderia ser aprendido e a relevância em relação à outras situações e contextos (tradução livre).

⁴ Perceber o que acontece quando conceitos e instrumentos de planejamento ‘viajam’ de um lugar para o outro, ajuda não apenas a identificar os ‘passados’ implícitos que aqueles de nós da ‘comunidade de questões sobre planejamento’ ainda carregamos conosco, alimentando nossos sonhos em maneiras positivas e negativas. Também ajuda a entender o que poderia ser os ‘contingentes universais’ da atual era global, como reconhecer quando é mais apropriado inventar ‘rodas’ caseiras, ou seja, moldar soluções endogenamente para situações particulares. Esse aprendizado transnacional, se empreendido com

De fato, o panorama geral das ideias e conhecimento sobre a cidade deve ser reconhecido pelos gestores e planejadores do urbano. A simples assimilação e reprodução de ideias sem a real consciência dos impactos no contexto local pode acarretar em resultados pouco ou não eficientes. Para Paulo Rouanet (1996), um pensamento não é universal quando anula as particularidades locais, pelo contrário, só é universal quando tem a força de se integrar ao local de forma concreta e inteligente.

Se há uma narrativa de origem para cada ideia sobre a cidade, logicamente a transferência e/ou trajetória desta deveria acontecer de forma a conectar lugares de origem e de recepção com características semelhantes, compartilhando o interesse na resolução de questões comuns. Mas na prática esse cenário não é o mais observado, especialmente de uma perspectiva histórica. Poder, dominação e influência – esses três fatores são sempre presentes na rede de conhecimento sobre a cidade, ora desempenhando um papel decisivo (e até coercivo) e ora ditando influências de forma indireta. Se tomarmos como exemplo o contexto histórico da América Latina (mais detalhadamente discutido em capítulo específico desta pesquisa), o diálogo vertical estabelecido entre os países centrais colonizadores e os países latino-americanos ditou diversas ideias de planejamento e gestão de cidades no continente. Essa forma de diálogo vertical sempre existiu, seja em períodos anteriores ou posteriores ao colonialismo, adquirindo novas formas e métodos (dependência cultural, financeira, acadêmica, entre outros).

Reconhecidamente, atores ou lugares com poder e influência costumam manipular as relações estabelecidas na rede de acordo com seus próprios interesses – o que muitas vezes resulta em aplicação de ideias pouco ou não eficientes no contexto do lugar de recepção. A citação abaixo reforça a ideia de atores com grande influência manipularem relações na rede de conhecimento:

[...] the development of knowledge and models circulation certainly constitutes an incentive to see cities as hubs located within networks of information and

sensibilidade para complexidades contingentes, deve ajudar a fazer nós planejadores menos experimentalmente inocentes e a aprofundar nossas memórias coletivas (tradução livre).

influences, as societies governed at a distance by transnational companies, travelling consultants and intrusive supranational institutions imposing their norms (Pinson, 2014, p. 1929).

Devido a essa característica da rede de conhecimento, onde lugares e atores usam de suas influências para manipular e incentivar transferências, faz-se necessário que a capacidade crítica seja qualidade essencial aos responsáveis pela gestão e planejamento do urbano. A citação a seguir reflete sobre a renovação e continuidade das ideias e conhecimentos migrados no planejamento e gestão da cidade.

The idea instead carries with it a normative orientation and a tradition of debate, honed by a continual interaction between situated practice experiences and theoretical development. It is contingent both in the way the orientation and debates develop and in working out how the idea may inspire particular practices to develop. This implies that the general ideas we construct about planning as a project need to be continually renewed and refreshed, so that, as it travels, it carries an active capacity to critique and unsettle practices which claim to be planning but which neglect key attributes of the contingently universal planning idea as evolved through critical debate (Healey, 2011, p.200).⁵

Para Healey, a existência de uma ideia ou entendimento universal sobre planejamento está condicionada a capacidade de debate e crítica. Apesar de não ser esclarecido pela autora nessa citação, podemos supor que a comunidade a ser envolvida

⁵ Ao invés, a ideia carrega consigo uma orientação normativa e uma tradição de debate, cercada de uma interação contínua entre experiências práticas situadas e desenvolvimento teórico. É contingente tanto na forma de orientação e desenvolvimento de debates como também na resolução de como a ideia possa inspirar práticas a serem desenvolvidas. Isso implica que as ideias gerais que construímos sobre planejamento como um projeto precisam ser continuamente renovadas, de forma que, enquanto viajam, carregam uma capacidade ativa de criticar e desmontar práticas que dizem ser planejamento, mas que negligenciam atributos chaves da Ideia universal contingente de planejamento como evoluída pelo debate crítico (tradução livre).

nesses debates são aquelas envolvidas com a discussão do urbano – como gestores, planejadores e acadêmicos.

A transferência ou circulação de ideias no Planejamento e Gestão Urbana é um tópico ainda pouco abordado no meio acadêmico, especialmente tratando-se sobre os tipos de relações estabelecidas entre os lugares de origem, recepção e demais atores envolvidos. Para Stone (2001, p.20) “*research remains weak in the consideration of global, international and transnational structures, and whether policy transfer has become more widespread in recent decades*”⁶. Além disso, pouco foi discutido sobre a existência de centralidades em termos de influência e transferência de ideias sobre a cidade nos tempos atuais, quais são essas ideias ou conhecimentos priorizados e de que forma os níveis de gerência urbana absorvem essas informações.

Em muitos campos de conhecimento análogos e complementares ao planejamento urbano, como é o caso das Políticas Públicas, já existe um debate mais estruturado sobre diálogos, transferências e comparações de ideias. A citação a seguir trata sobre os lugares de origem do conhecimento nas Políticas Públicas, revelando que estes existem em concentrações geográficas.

The extant literature also exhibits a doubly entrenched geographic concentration. On the one hand, most writing has been transatlantic comparing the USA and UK. On the other hand, there has been a strong European focus. This tendency may have resulted from a process of lesson drawing from what is 'psychologically proximate' (Rose, 1993) to social scientists in advanced industrial democracies. It results in a 'myopia' that 'inhibits the opportunity for genuine global dialogue' in that the literature is primarily Western ignoring the experiences and lessons to be drawn from developing countries (Nedley, 1999: 1 apud Stone, 2001, p.19)⁷.

⁶ Pesquisa permanece fraca frente a consideração de estruturas globais, internacionais e transnacionais, e quanto as transferências de políticas terem se tornado mais disseminadas nas décadas recentes (tradução livre).

⁷ A literatura existente também exibe uma dupla concentração geográfica, isoladas. Por um lado, muitos escritos tem sido comparações transatlânticas entre Estados Unidos e Reino Unido. Por outro, tem-se dado um forte foco europeu. Essa tendência pode ter resultado de um processo de aprendizagem do que é

A citação de Stone, apesar de se referir a transferência de políticas públicas, também pode ter seu entendimento estendido para outros campos do planejamento e gestão da cidade. Para a autora, existe uma priorização da discussão na literatura de Políticas Públicas em dar foco aos Estados Unidos, Reino Unido e Europa. O diálogo global parece menosprezado – experiências e lições de países em desenvolvimento são muitas vezes ignoradas.

Em determinado momento, muitas cidades de países emergentes passam por processos de urbanização e problemáticas inéditas para os núcleos urbanos de países tradicionais no debate do planejamento e gestão da cidade. Para Freitag (2012), as grandes cidades latino-americanas vivenciam ou vivenciaram um padrão específico de urbanização, a megalopolização – a transformação de uma metrópole em megalópole por meio de um “crescimento descontrolado desregrado da população urbana, que faz transbordar os limites naturais e administrativos da cidade, tornando-a insustentável” (FREITAG, 2012, p.153). A partir desse momento a importação de ideias não deveria vir prioritariamente das centralidades tradicionais até então - como França, Alemanha ou Estados Unidos - pois estas não possuíam exemplos aplicados para a resolução de problemas associados a esse tipo de urbanização. Houve então a tendência de se intensificarem as criações e transferências de ideias entre países tidos como emergentes, especialmente aqueles com similaridades em seus processos de urbanização, como é o caso dos países latino-americanos (alvo de estudo deste trabalho). Aliado ao fato de aumento da “criação de ideias” nos países até então reconhecidos como receptores, também houve um fator externo que contribuiu para a rápida disseminação das ideias: a Globalização. Com a facilidade de comunicação e deslocamentos, a troca de fluxos imateriais - aí incluídas as ideias e conhecimento - se tornou possível de forma mais rápida e múltipla, intensificando essas trocas em nível global.

‘psicologicamente próximo’ para cientistas sociais em democracias industriais avançadas. Isso resulta em uma ‘miopia’ que inibe que a ‘oportunidade de diálogo global genuíno’ e nesse a literatura é principalmente ocidental, ignorando experiências e lições de países em desenvolvimento (tradução livre).

A aproximação de países e cidades – por meio de seus agentes sociais diversos - com similaridades em termos de deficiências e potencialidades é entendida como recomendável para que de fato haja um reconhecimento de referenciais adequados para a transferência de ideias. Nesse sentido, o reconhecimento de pares poderia motivar transferências de conhecimento de forma a favorecer a criação de relações ditas horizontais entre os lugares de origem e recepção das ideias. Porém, apenas a existência da consciência de referências com problemas ou potencialidades similares ainda não indica que realmente exista a predominância de relações horizontais sobre as verticais – mas talvez revele uma tendência que incline a este cenário.

Até que ponto esse cenário de criação e circulação de ideias sobre a cidade latino-americana configura uma rede de conhecimento com trocas relevantes em nível continental? Esse é um questionamento sempre presente ao longo dessa pesquisa. O planejamento e gestão urbana se divide em ciência e prática, e cada uma dessas faces possui diferentes canais de diálogos - formais e informais, tangíveis ou não – o que faz com que a maneira e velocidade das transferências de conhecimento sejam distintas em cada uma delas. A apreensão desse mundo urbano latino-americano e suas eventuais trocas e recepções de experiências de gestão e planejamento da cidade, seja na ciência ou na prática, é o principal interesse dessa pesquisa. A problemática da ausência de uma unidade investigativa pode apontar para a perpetuação do diálogo vertical com os países centrais no que concerne à ciência e pesquisa na América Latina.

Uma rede de conhecimento certamente pode se comportar de forma imprevisível, especialmente por conectar atores e seus lugares com níveis de poder e influência distintos, cada qual com interesses próprios. Além disso, existem diversas formas de se transferir ideias – e muitas acarretam em uma assimilação apenas parcial da ideia original, seja de forma intencional ou não – como é abordado ao longo deste trabalho. Transferências com múltiplos lugares de origem ou de recepção também são possíveis, aumentando ainda mais a complexidade dos diálogos estabelecidos nessa rede de conhecimento.

Nesta pesquisa investiga-se qual o tipo de relação que predomina no recorte de mundo analisado, a América Latina, reconhecidamente com países e cidades com

histórico de urbanização, problemáticas e mesmo potencialidades de transformação semelhantes. Além disso, busca-se a identificação de como se fez a construção das iniciativas urbanísticas estudadas, a partir de que referenciais e, quais seus potenciais de replicabilidade. A identificação se tais processos são particulares para a América Latina, ou se compõem um contexto maior e exógeno, também são alvos da discussão desenvolvida nesse estudo.

A construção do mundo interpretativo desta pesquisa utiliza conceitos de diversas áreas do conhecimento; da geografia, buscou-se a ideia de rede urbana, hierarquia de relações e fluxos (em autores como Rochefort, Santos e Christaller); da ciência política se buscou o referencial de relações de poder e transferência de conhecimento e políticas públicas (em autores como Stone, Rose e Dolowitz and Marsh); da sociologia, se emprestou a noção de ator-rede e transferência de ideias e conhecimento (autores como Latour e Müller); do planejamento urbano se buscou referências quanto ao entendimento das ideias e conhecimentos que atuam no urbano (autores como Healey e Freitag).

Esta pesquisa direciona-se a confirmar se atualmente existem polos ou centralidades geradoras de ideias e conhecimento no Planejamento e Gestão Urbana na América Latina, e se ainda há a perpetuação de diálogos verticais em detrimento dos horizontais, ou se o cenário de circulação de ideias parece anunciar mudanças.

Entre os objetivos desse estudo estão:

- 1) Identificar se há realmente uma rede de conhecimento (epistemológica e prática) latino-americana;
- 2) Identificar se as ideias do planejamento e gestão urbana são dominadas por centralidades específicas, gerando principalmente transferências verticais, ou, se não existem centralidades dominantes e há o predomínio de relações de transferências horizontais, fractais ou parciais, com múltiplos agentes.
- 3) Identificar similaridades e história em comum na América Latina quanto às transferências de ideias sobre a cidade nos tempos dos urbanistas viajantes (final do século XIX e início do século XX) - de menor complexidade na

apreensão das circulações de ideias e conhecimento, porém de grande importância na configuração das cidades latinas;

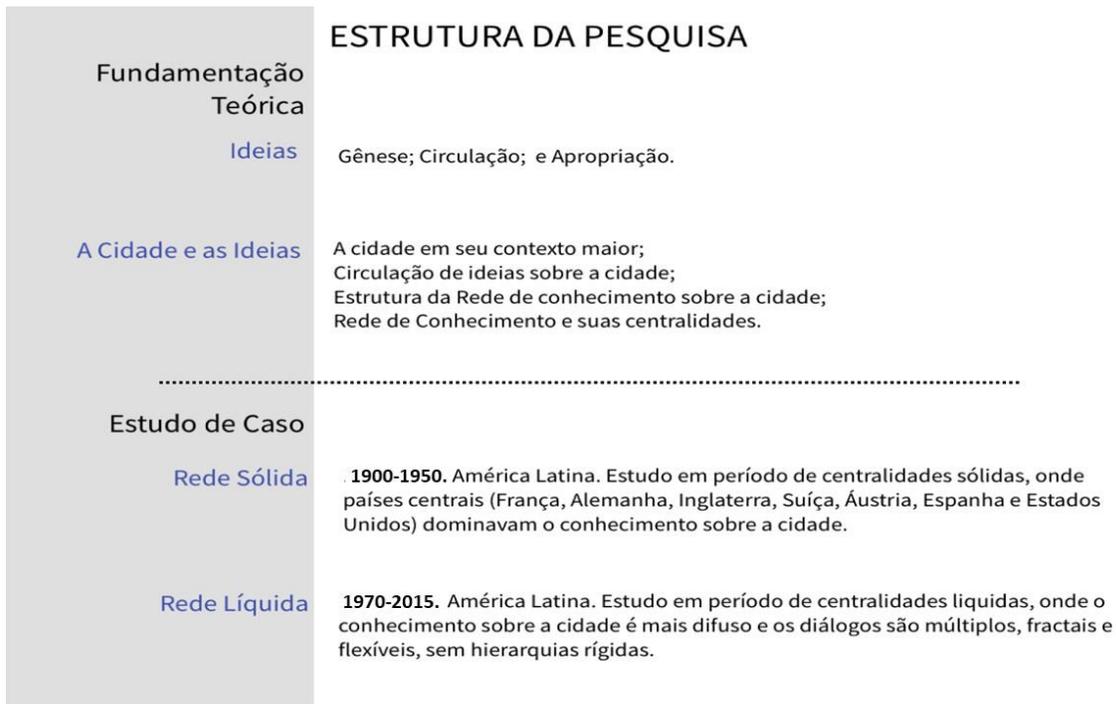
- 4) Identificar os pensadores e ideias com influência mais comumente observadas na geração e circulação de conhecimento no Planejamento Urbano nos dois momentos analisados (1900-1950 e 1970-2010) no estudo de caso, afim de avaliar sua origem e inserção temporal.

A hipótese deste estudo parte da percepção de que as trajetórias feitas pelas ideias sobre a cidade, antes comumente estabelecidas de países centrais para países periféricos, agora são multidirecionais e sem centralidades perceptíveis. Entende-se que as ideias podem ser transferidas no âmbito da prática ou da academia; cada qual com sua velocidade de recepção, mas ambas interligadas e com capacidade de influenciar uma à outra. No domínio do recorte desse estudo de caso, tem-se que apesar da maior liberdade de interação na rede de conhecimento, ainda não existem sólidos diálogos intra-continentais que unifiquem a América Latina como unidade investigativa no campo do planejamento e gestão da cidade.

Em um primeiro momento da pesquisa buscou-se conhecimento teórico, tanto com o intuito de criar o mundo interpretativo desta, como para compor parte do material de análise do estudo de caso. Essa parte se divide em dois grandes capítulos: 1) Ideias: Da gênese, apropriação e circulação; e 2) A Cidade e as Ideias. Em seguida, desenvolve-se o estudo de caso, de natureza bibliométrica, que tem como recorte geográfico e temático a América Latina. Há dois recortes temporais de pesquisa, 1900-1950 e 1970-2010, dois períodos de naturezas muito distintas no que diz respeito ao diálogo de ideias e dinâmica no Planejamento e Gestão Urbana na América Latina. Esses dois períodos distintos estruturam o pressuposto desta pesquisa: de que existem dois momentos distintos em termos de formato de diálogo, um hierarquizado (1900-1950) e outro mais dialógico (1970-2010), ainda que em processo de formação.

A Figura 1 apresenta a estrutura dos temas abordados na pesquisa, tanto na fundamentação teórica quanto no estudo de caso.

Figura 1 -: Estrutura dos temas abordados na pesquisa



Fonte: A autora (2019)

A primeira parte do estudo de caso se refere ao histórico das trajetórias das ideias em tempos de mais fácil apreensão, devido a menor complexidade das formas de diálogo e interação de conhecimento – sendo este durante o período dos “urbanistas viajantes”, ou seja, período em que os profissionais voltados ao planejamento urbano viajavam para os continentes periféricos, no início do século XX. O segundo, se refere ao estudo de um período de alto crescimento populacional das áreas urbanas e com processos de industrialização e metropolização nas grandes cidades latino-americanas. Ambos os recortes investigam a América Latina, o primeiro com foco em casos específicos de grandes capitais continentais, e o segundo com foco nos cinco países de maior população e tradição acadêmica: Brasil, Argentina, México, Colômbia e Chile. A partir da pesquisa histórica dos períodos do Planejamento e Gestão urbana em cada um desses países, por meio da investigação dos trabalhos publicados em revistas científicas, eventos científicos e programas de pós-graduação de qualidade reconhecida, se desenvolveu uma comparação em termos de temas e ideias prioritárias no planejamento e gestão do ambiente urbano.

Entre as conclusões esperadas estão: confirmar as principais centralidades, em outrora, que influenciaram o desenho urbano de grandes capitais da América Latina; a constatação da existência ou não de uma rede de conhecimento sobre planejamento e gestão urbana entre os países latino-americanos; a confirmação ou não do predomínio dos diálogos horizontais de transferência de ideias sobre a cidade na América Latina; e a compreensão do processo de transferências das ideias tanto na prática quanto na academia latino-americana, de forma a entender as diferenças entre ambos.

2 METODOLOGIA

A metodologia resulta de um conjunto de procedimentos a serem utilizados pelo pesquisador na obtenção do conhecimento desejado. Para tanto, é necessária a aplicação de um método, por meio de processos e técnicas, que garanta a legitimidade do saber obtido (YIN, 1994). Com a proposta de identificar possíveis geografias do conhecimento sobre a cidade; ou seja, confirmar ou não a existência de centralidades em termos de exportação de ideias em áreas relacionadas à gestão e ao planejamento urbano; determinou-se cinco grandes etapas de pesquisa, cada qual com seus procedimentos e técnicas metodológicas.

O universo desta pesquisa é a Circulação de ideias na América Latina, sendo que existem dois grandes momentos de análise desta, com recortes temporais e geográficos diferentes. O primeiro momento diz respeito ao período de 1900-1950, onde houve intensa recepção de ideias advindas de países centrais no que concerne o planejamento urbano das grandes capitais do continente latino-americano; e por esse motivo o recorte geográfico é continental, sendo feito estudo de caso em cidades e planos selecionados de acordo com a relevância destes na história urbana da América Latina. O segundo momento é aquele que compreender os anos de 1970 a 2015, período em que houve grande dinâmica nos grandes centros urbanos do continente, tornando urgente soluções urbanas coerentes com a realidade local; nesse caso, buscou-se selecionar os cinco países com maior população e com presença de aglomerações urbanas de mais de cinco

milhões de habitantes, o que significa uma maior complexidade nas cidades, e estes são: Brasil, Argentina, México, Colômbia e Chile.

Esta pesquisa apresenta aspectos qualitativos e quantitativos – por vezes analisando especificidades caso a caso, por vezes analisando números que possam representar a produção científica da área de interesse nos países analisados. Trata-se de uma pesquisa exploratória, que busca a compressão de um fenômeno e formula uma hipótese, de forma a torná-lo mais explícito (GIL, 2002). Para atingir o objetivo de entender a rede de conhecimento sobre a cidade nos dois momentos, fez-se o uso de levantamento bibliográfico; análise de documentos; estudo de caso; e análise de conteúdo.

O estudo de caso é uma análise profunda e exaustivo de um determinado objeto ou grupo de objetos, de forma a alcançar um conhecimento detalhado (GIL, 2002). Esse procedimento técnico foi utilizado em ambos os recortes temporais de interesse, a de Rede de Conhecimento Sólida (1900-1950) e a de Rede de Conhecimento Líquida (1970-2010). Os procedimentos e técnicas adotados constituem-se daqueles relacionados primordialmente a pesquisa bibliográfica, análise bibliométrica e interpretação de dados e documentos. Também foi vastamente utilizada a técnica de análise de conteúdo, com base em variáveis de interesse, em especial para a segunda parte do estudo de caso. A análise de conteúdo faz uma sistematização, em busca de objetivar elementos dispersos e variados com conteúdo extenso (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005).

Essa pesquisa apresenta uma linha de pensamento indutiva, que busca em um primeiro momento confirmar a hipótese da tese. Em seguida, aproximações e generalizações com demais países da América Latina, ou até mesmo com outras áreas periféricas no pensamento urbanístico, são possibilidades almejadas. Este trabalho possui cinco grandes etapas, cada qual com suas características metodológicas, como apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Etapas de pesquisa

ETAPAS/TÉCNICA	DESCRIÇÃO
<p>1 Revisão de Literatura</p> <p>Pesquisa Exploratória e Bibliográfica</p>	<p>Essa etapa faz a revisão de literatura de acordo com os tópicos apresentados no quadro teórico, com intuito de tornar mais preciso o conhecimento do “estado da arte” sobre os temas abordados.</p> <p>São investigados livros, teses, dissertações e artigos relacionados às temáticas de interesse. Para a temática de transferências de ideias usa-se de duas abordagens – aquela ligada a criação e circulação do conhecimento e ideias de forma universal, e aquela relacionada com a transferência de ideias e entendimento destas do ponto de vista do planejamento e gestão urbana. Para a construção do referencial bibliográfico utilizou-se os seguintes critérios:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) autores considerados clássicos na discussão da criação e transmissão de ideias segundo a filosofia; b) artigos recentemente publicados nas dez revistas científicas internacionais melhor categorizadas segundo a SCImago – Journal and Country Ranks, sobre transferências de ideias em áreas relacionadas a planejamento e gestão urbana; c) teses e dissertações inclusas no banco da Coordenação de Aperfeiçoamento Superior - CAPES, selecionadas a partir da busca de palavras-chaves relacionadas aos temas de interesse. d) autores largamente citados nos artigos, teses e dissertações investigados sobre transferência de ideias no planejamento e gestão urbana. e) artigos recentemente publicados em revistas científicas de qualidade reconhecida no recorte da América Latina. f) artigos publicados em anais de eventos científicos com tradição em áreas correlatas ao planejamento e gestão urbana. <p>A coleta de dados desta etapa é de natureza bibliográfica e documental, em especial de fontes primárias. Os artigos investigados são encontrados em plataformas como Scielo, SCImago, Latindex, Redalyc e Elsevier, ou ainda, nos portais online das respectivas revistas científicas das quais pertencem. As teses e dissertações pesquisadas no banco de dados da CAPES estão disponíveis no próprio sistema, sendo as palavras-chaves utilizadas as seguintes: Transferência de ideias no planejamento urbano, urbanismo e circulação de ideias; transferência de ideias no planejamento urbano, <i>travelling ideas and urban planning</i>, <i>flow of ideas and urban planning</i>, <i>flow of knowledge and urban planning</i>, <i>transference of knowledge and urban planning</i>. Para o caso de trabalhos de autores largamente citados, primeiramente buscou-se estes online com a ajuda de ferramentas de busca de sites e trabalhos acadêmicos, a exemplo do Google e Google Acadêmico. Para o caso de livros que não possuíssem versões disponíveis online, buscaram-se estes junto a bibliotecas universitárias ou ainda se adquiriu o exemplar impresso.</p> <p>Essa etapa da pesquisa resulta na fundamentação teórica desta pesquisa – subdividida nos seguintes capítulos: 1) Ideias: Da gênese, apropriação e circulação; 2) A Cidade e as Ideias; e 3) A Rede de Conhecimento sobre a Cidade.</p>

(Continua)

Quadro 1- Etapas de pesquisa

(Continuação)

<p>2 Estudo de Caso</p> <p>Rede de Conhecimento Sólida</p> <p>Urbanistas Viajantes</p> <p>Pesquisa Bibliográfica</p>	<p>Nessa etapa há a investigação da trajetória histórica de ideias com origem em países centrais e recepção nos países latino-americanos, com agente de transferência sendo um urbanista e/ou político renomado. O recorte temporal é a primeira metade do século XX. Para isso, foi feita uma revisão teórica.</p> <p>Para a seleção do material a ser estudado, utilizou-se os seguintes critérios:</p> <p>a) Mínimo de cinco livros e quinze artigos sobre história do planejamento e gestão urbana na América Latina; b) Autores selecionados com base na repercussão de seus trabalhos.</p> <p>A coleta de dados desta etapa é de natureza bibliográfica e documental, em especial de fontes primárias. As informações foram encontradas online ou em bibliotecas universitárias (PUCPR e <i>University of Texas at Austin</i>).</p> <p>Essa etapa da pesquisa resulta em quadros, linhas do tempo e cartogramas que permitam a visualização da trajetória, conteúdo e período das transferências de ideias.</p>
<p>3 Estudo de Caso</p> <p>Rede de Conhecimento Líquida</p> <p>Eventos científicos na América Latina</p> <p>Pesquisa Bibliográfica</p>	<p>Nessa etapa há a investigação dos eventos científicos tradicionais na América Latina, com a intenção de apreender aproximações em termos de prioridades na gestão e planejamento urbano, referenciais mais utilizados (cidades, profissionais e autores), nível de interação entre os países (seja em relação aos autores participantes, seja quanto aos temas de discussão) e seleção de artigos que tratem sobre a história e/ou transferências de ideias no planejamento e gestão da cidade na América Latina.</p> <p>Para a seleção destes eventos, utilizaram-se os seguintes critérios:</p> <p>a) Tradição no debate da temática de interesse, eventos selecionados devem ter o mínimo de 15 anos; b) Ocorrência anual ou bienal; c) Anais de acesso seriado e acessíveis. d) Mínimo de dois eventos analisados por país.</p> <p>A coleta de dados desta etapa é de natureza bibliográfica e documental, em especial de fontes primárias. As informações foram encontradas diretamente nos portais online dos respectivos eventos científicos das quais pertencem, ou foram solicitados por e-mail para os organizadores. Os artigos publicados em anais de eventos científicos foram buscados junto aos portais destes ou de suas instituições realizadoras, porém, nos casos onde não havia disponibilidade online, entrou-se em contato com os responsáveis para solicitar o material necessário (por vezes com sucesso, por vezes sem).</p> <p>Essa etapa da pesquisa resulta em quadros, linhas do tempo e nuvem de palavras que permitam comparações temporais entre os países investigados.</p>

(Continua)

Quadro 1- Etapas de pesquisa

(Continuação)

<p>4 Estudo de Caso</p> <p>Rede de Conhecimento Líquida.</p> <p>Programas de Pós-graduação na América Latina</p> <p>Pesquisa Bibliográfica</p>	<p>Nessa etapa há a investigação dos programas de pós-graduação de maior qualidade na América Latina, em áreas selecionadas, com a intenção de apreender aproximações em termos de prioridades na gestão e planejamento urbano, referenciais mais utilizados (cidades, profissionais e autores), nível de interação entre os países (seja em relação aos autores das teses, seja quanto aos temas de discussão) e seleção de teses que tratem sobre a história e/ou transferências de ideias no planejamento e gestão da cidade na América Latina.</p> <p>Para a seleção destes programas, utilizaram-se os seguintes critérios:</p> <p>a) Programas nas áreas de planejamento urbano, gestão urbana, organização territorial e geografia. No caso de insuficiência de amostra nessas áreas, expandiu-se o recorte para demais áreas que discutem problemas urbanos (como antropologia, ciência política e história);</p> <p>b) Com qualidade de referência segundo as instituições de classificação e controle nacionais;</p> <p>c) Disponibilidade de teses e dissertações online;</p> <p>d) Mínimo de três programas por país.</p> <p>A coleta de dados desta etapa é de natureza bibliográfica e documental, em especial de fontes primárias. As informações e teses foram encontradas diretamente nos portais online dos respectivos programas de pós-graduação das quais pertencem. No caso em que estes não estavam disponíveis online, foi solicitado por e-mail diretamente com a secretaria do programa. Essa etapa da pesquisa resulta em quadros, linhas do tempo e nuvem de palavras que permitam comparações temporais entre os países investigados.</p>
<p>5 Estudo de Caso</p> <p>Rede de Conhecimento Líquida</p> <p>Revistas científicas na América Latina</p> <p>Pesquisa Bibliográfica</p>	<p>Nessa etapa há a investigação das revistas científicas de maior qualidade na América Latina, com a intenção de apreender aproximações em termos de prioridades na gestão e planejamento urbano, referenciais mais utilizados (cidades, profissionais e autores), nível de interação entre os países (seja em relação aos autores publicados, seja quanto aos temas de discussão) e seleção de artigos que tratem sobre a história e/ou transferências de ideias no planejamento e gestão da cidade na América Latina.</p> <p>Para a seleção destas revistas, utilizou-se os seguintes critérios:</p> <p>a) Revistas consideradas de alta qualidade segundo as instituições de classificação e controle de cada país, nos campos de planejamento, gestão urbana e áreas relacionadas;</p> <p>b) Disponíveis em databases de pesquisa;</p> <p>c) Mínimo de três revistas por país.</p> <p>A coleta de dados desta etapa é de natureza bibliográfica e documental, em especial de fontes primárias. As informações foram encontradas diretamente nos portais online das respectivas revistas científicas das quais pertencem. Os artigos publicados foram buscados junto aos portais das revistas ou databases de pesquisa (como Redalyc, Latindex e Scielo). Essa etapa da pesquisa resulta em quadros, linhas do tempo e nuvem de palavras que permitam comparações temporais entre os países investigados.</p>

(Continua)

Quadro 1- Etapas de pesquisa

(Continuação)

<p>6 Estudo de caso</p> <p>Análises Conjuntas</p> <p>Geografias temporais do conhecimento sobre a cidade</p> <p>Pesquisa Qualitativa e Quantitativa</p>	<p>A partir do material coletado nas etapas anteriores do Estudo de Caso, e da história do Planejamento e gestão urbana em um recorte reconhecidamente com similaridades no processo de urbanização, a América Latina, discute-se quais os principais períodos do Planejamento Urbano em cada um dos países analisados.</p> <p>A constatação de uma uniformidade ou não dessa periodização na América Latina faz parte dessa análise.</p>
<p>5 Considerações Finais</p>	<p>Com base em todas as etapas anteriores, faz-se uma leitura final dos resultados e sumariza-se as respostas obtidas para os questionamentos iniciais da tese. Também são discutidas as dificuldades encontradas e possíveis pesquisas futuras.</p>

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Os procedimentos metodológicos do estudo de caso são explicados no capítulo em que este se desenvolve, com maior detalhamento dos procedimentos, critérios e técnicas aplicadas em cada etapa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Fundamentação Teórica desta pesquisa se divide em dois grandes capítulos: As Ideias: da Gênese, Circulação e Apropriação; e As Cidades e as Ideias. Inicia-se, portanto, em uma abordagem mais ampla sobre o que são as ideias e o conhecimento, como elas circulam, em qual ambiente isso acontece e de que forma; para, posteriormente, abordar isso nas áreas correlatas à Cidade, especialmente quanto ao planejamento e gestão desta.

3.1 IDEIAS: DA GÊNESE, CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO

Este capítulo aborda três aspectos essenciais do conhecimento e das ideias: como acontece sua gênese; como estas circulam; e como são apropriadas.

Entre os autores utilizados para debater tais questões estão: Thomas Khun; Roland Barthes; Jean-François Lyotard; e Michel de Certeau. A pretensão desta seção é embasar o entendimento do que configura o conhecimento e as ideias, em qual ambiente e sob quais condições são criadas e circuladas e de que forma são apropriadas por seus receptores. Este capítulo discute esse tema de forma ampliada, sem se restringir à especificidade do urbano. Apesar disso, em alguns momentos se faz algumas referências ou se usa de alguns exemplos sobre questões voltadas à cidade, adiantando algumas interpretações realizadas nessa pesquisa. São três os subitens desse capítulo: A Gênese das Ideias, a Circulação das Ideias e a Apropriação das Ideias.

3.1.1 A Gênese das Ideias

Para Thomas Khun, em **A Estrutura das Revoluções Científicas** a ciência alterna entre períodos de “normalidade” e de “crise”; a ciência em estado de normalidade se insere em um sistema teórico ou “paradigma”. Os resultados obtidos não questionam as escolas teóricas que fundamentam esse sistema. Em esse estado de “normalidade”, ou seja, quando seus princípios mais hegemônicos não são questionados, não se visa à novidade. Os resultados fora de padrão, ou daquilo tradicionalmente feito e entendido, são usualmente considerados erros. A soma de diversos resultados atípicos, distintos de um padrão de replicabilidade, pode gerar questionamentos e implicar na chamada “crise na ciência”, desencadeando novas compreensões capazes de reformularem o sistema teórico e provocando uma quebra de paradigma. Em todas as áreas da ciência pode acontecer essa quebra de paradigma ou “revolução científica” (KHUN, 1998). Segundo o autor, a ciência e o desenvolvimento científico podem ser entendidos sob o seguinte aspecto:

Se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica. O desenvolvimento torna-se o processo gradativo através do qual esses itens foram adicionados, isoladamente ou em combinação, ao estoque sempre crescente que constitui o conhecimento e a técnica científicos (KHUN, 1998, p.20).

É neste contexto que ideias são criadas, inseridas em um sistema de entendimento teórico, gerando um *looping* de paradigmas que se renovam. É certo que as ideias e conhecimentos são criados e renovados a cada instante, com contrapontos e mudanças de perspectivas que se sobrepõem e contradizem. Segundo Barthes (2004, p.270) “[...] em política ainda passa, onde o acontecimento pode ser brutal e imediato; mas, no campo da cultura, nenhuma revolução pode eximir de um longo período de contradições”. Esse ciclo repercute em todo o entendimento científico anterior, readaptando suas

interpretações. Esse pensamento é também perceptível na obra de Khun, como se percebe nas citações a seguir:

[...] a nova teoria implica uma mudança nas regras que governam a prática anterior da ciência normal. Por isso, a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso. É por isso que uma nova teoria, por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca ou quase nunca é um mero incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores (KHUN, 1998, p.26).

O conhecimento não é algo que se acumula de forma contínua, progressiva – mas sim um elemento que se constrói, desconstrói e reconstrói de forma paradoxalmente constante, criando paradigmas interpretativos que dão base para diversas teorias e ideias. Esse processo não invalida os pensamentos precedentes, apenas é uma mudança de contexto e interpretação que transforma essa constelação científica, como a citação abaixo esclarece:

Teorias obsoletas não são científicas em princípio, simplesmente porque foram descartadas. Contudo, esta escolha torna difícil conceber o desenvolvimento científico como um processo de acréscimo. A mesma pesquisa histórica, que mostra as dificuldades para isolar invenções e descobertas individuais, dá margem a profundas dúvidas a respeito do processo cumulativo que se empregou para pensar como teriam se formado essas contribuições individuais à ciência (KHUN, 1998, p.20).

Em meio à discussão sobre o processo histórico e análise deste pelos historiadores, Khun afirma que “em vez de procurar as contribuições permanentes de uma ciência mais antiga para nossa perspectiva privilegiada, eles procuram apresentar a integridade histórica daquela ciência, a partir de sua própria época” (KHUN, 1998, p.20). É dentro desse contexto temporal e espacial de criação de tais ideias que elas podem ser interpretadas de forma mais coerente. Essa forma de análise da história científica gera uma contradição, como mostra a citação de Khun (1998, p.21):

Contudo, esta escolha torna difícil conceber o desenvolvimento científico como um processo de acréscimo. A mesma pesquisa histórica, que mostra as dificuldades para isolar invenções e descobertas individuais, dá margem a profundas dúvidas a respeito do processo cumulativo que se empregou para pensar como teriam se formado essas contribuições individuais à ciência.

A reconstrução paradigmática cria uma incoerência – distorce a forma de interpretação das teorias e conhecimentos prévios, tornando-os aparentemente inválidos. A oposição entre diversas escolas de pensamentos faz da rede de conhecimento um ambiente de contradições e sobreposições. A citação de Khun abaixo discute sobre esse tópico.

[...] os primeiros estágios do desenvolvimento da maioria das ciências têm-se caracterizado pela contínua competição entre diversas concepções de natureza distintas; cada uma delas parcialmente derivada e todas apenas aproximadamente compatíveis com os ditames da observação e do método científico. O que diferenciou essas várias escolas não foi um ou outro insucesso do método — todas elas eram “científicas” — mas aquilo que chamaremos a incomensurabilidade de suas maneiras de ver o mundo e nele praticar a ciência (KHUN, 1998, p.21).

Essa característica da criação das ideias e teorias na ciência demonstra como existe uma dificuldade em se determinar um ponto neutro de interpretação daquilo que se pode ser entendido como válido ou errado. Ainda existem outros fatores a serem considerados no momento da gênese de ideias e conhecimento, como é o caso do motivo e intenção dela.

Nesse caminho, vale destacar o livro **A Condição Pós-moderna**, de Lyotard (1993); nele, o autor defende que quando o conhecimento se transforma em informação, ou seja, quando pode ser arquivado e transferido, ele adquire valor comercial. Usualmente esse conhecimento pertence a grandes corporações ou instituições. Para esse autor, essa mudança de comportamento em relação ao conhecimento se deu após a segunda guerra mundial e em muito devido às transformações tecnológicas. A partir

dessa “mercantilização” do conhecimento, este se exterioriza, deixa de ser algo que pertence ao desenvolvimento da mente e a transformação do indivíduo. O julgamento quanto à qualidade de uma ideia deixa de se basear em quanto ela é verdadeira, mas sim em quão bem ela serve para determinados fins. Uma vez iniciado esse processo, o poder de controle e decisão de quem tem acesso a qual tipo de conhecimento resultam sob a influência, interesse e decisão de grandes corporações ou instituições.

Essa lógica é facilmente identificada ao longo da presente pesquisa, especialmente na descrição de diálogos que envolvem existência e coerção de um centro capaz de difundir conhecimento. Essa característica está mais relacionada com a fase de circulação das ideias, tópico do próximo item.

3.1.2 A Circulação das Ideias

As ideias e o conhecimento são os objetos que circulam; e para isso é necessário um ambiente – um circuito, um sistema ou uma rede. Para a interpretação que interesse a esta pesquisa, é a rede de conhecimento que desempenha essa função. Segundo Buizer et al. (2010), um sistema de conhecimento é uma rede de organizações, atores e objetos que conectam conhecimento e “*know-how*” com ações. A capacidade de conectividade, seja em termos de variedade de ciências ou suas compartimentações, seja em relação à escala das ideias, faz com que essa rede constitua importante meio de troca de conhecimento (Kerkhoff and Szlezak, 2010). É possível analisar e fazer trocas em diversos níveis e áreas, como esclarece a citação de Kalafatis et al. (2015, p.31):

Such interactions across scales can even join largely separated knowledge networks together (e.g. local practitioners and research scientists), stimulating learning opportunities around the development, transfer, and dissemination of knowledge that are a key component of building resilience and adaptive capacity in social ecological systems.⁸

A interação entre redes de conhecimentos de áreas e escalas distintas ajuda na assimilação mais eficiente da informação, já que essa flexibilidade amplia o campo de pesquisa disponível, se ajusta mais facilmente aos lugares de interesse e ao processo de tomada de decisão. Em um *looping*, tais processos, denominados como “*multi-level learning processes*”, criam *feedbacks* que, por sua vez, também criam e recriam novos conhecimentos e ideias recirculadas pela rede, estimulando a aprendizagem para um maior número de participantes (KALAFATIS et al., 2015). Ainda segundo esses autores,

⁸ Tais interações entre escalas podem unificar até mesmo distantes redes de conhecimentos (a exemplo de profissionais locais e pesquisadores científicos), estimulando as oportunidades de aprendizado em torno do desenvolvimento, transferência e disseminação do conhecimento, que são componentes chaves da construção de resiliência e capacidade de adaptação em sistemas sociais ecológicos (tradução livre).

existem diferenças entre sistema e rede de conhecimento, como mostra a citação a seguir.

While conceptually knowledge system and knowledge network frameworks have much in common, they differ on where they place the role of agency and how it affects outcomes. Hence, while in knowledge systems different actors and organizations more purposefully play boundary spanning roles (Lemos et al., 2014a; Buizer et al., 2010), in networks agency may be more fluid, haphazard, and contingent to the contexts where knowledge is generated and used. The way knowledge “travels” and gets tailored to specific decision contexts may depend more on individual initiative than on formal organizational mechanisms at the boundary between knowledge production and use (KALAFATIS et al., 2015, p. 32)⁹

A interpretação apresentada por Kalafatis demonstra que existe uma diferença fundamental entre o entendimento dos autores quanto ao que é sistema e o que é rede. No primeiro, existe um maior controle por parte dos atores e agentes em termos de definir os limites de alcance das ideias e conhecimento. Já no segundo caso, a ação dos atores e agentes é mais fluída, caótica, mais dependente dos contextos de origem e de recepção das ideias (Kalafatis et. al., 2015). Do ponto de vista dessa lógica, pode-se dizer que nos sistemas de conhecimento é mais presente a “estratégia”, conforme entendida por Certeau (1998) – o ato de calcular ou manipular as relações de força, possível a partir do momento que um sujeito com poder (como uma organização ou instituição) pode ser isolado. A “estratégia” postula que existe um lugar de gerenciamento, onde se localiza a

⁹ Embora conceitualmente sistema e rede de conhecimento possuam muito em comum, eles diferem em onde posicionam o papel de agenciamento e em como estes afetam os resultados. Logo, enquanto em sistemas de conhecimento diferentes atores e organizações atuam de forma mais intencional na delimitação de limites de disseminação (Lemos et al., 2014a; Buizer et al., 2010), nas redes o agenciamento pode ser mais fluído, ao acaso e contingente aos contextos de onde o conhecimento é gerado e utilizado. O modo como o conhecimento “viaja” e é costurado em contextos específicos de decisões pode depender mais em iniciativa individual do que em mecanismos organizacionais formais quanto aos limites entre produção e utilização de conhecimento (tradução livre).

base que faz a gestão das relações com os “alvos”, “inimigos”, ou, como mais utilizado mais para frente nessa pesquisa, lugares dominados. Outra associação possível é a de que tais lugares de gerenciamento são as centralidades da rede, enquanto que os lugares dominados representam a área de influência ou área polarizada. Ao mesmo tempo, pode-se concluir que nas redes existe uma fluidez nas relações e diálogos justamente devido ao fato de que a “estratégia” dos atores e agentes é limitada, já que existe uma maior liberdade nas conexões e conseqüentemente uma menor capacidade de controle sobre estas.

Outros conceitos apresentados por Certeau (1998) em **A Invenção do Cotidiano** podem ser adaptados na compreensão da circulação das ideias e conhecimento. Em todo pensamento estratégico, deve-se ter a distinção do lugar “próprio” ou “apropriado” (lugar de poder e querer próprios), do “ambiente” e do “outro”. Na leitura desta pesquisa, o lugar próprio assume a identidade de um lugar de concentração de poder; o ambiente é a rede de conhecimento; e o(s) outro(s) são todos os demais lugares que se envolvem na circulação de ideias. Assim, segundo Certeau, o lugar “próprio”, é “uma vitória do lugar sobre o tempo, o qual permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter para si assim uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias” (1998, p. 99). Essa divisão e distinção entre os espaços permite ao “próprio” “uma prática panóptica a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir, controlar e, portanto, “incluir” em sua visão” (1998, p. 100). Essa interpretação de lugar com capacidade de realizar a prática panóptica se aproxima da leitura de “*oligopticon*” feita nesta pesquisa e apresentada nos itens de estrutura da rede de conhecimento sobre planejamento e gestão urbana.

Certeau nomeia como “poder do saber” a capacidade de um lugar em racionalizar “as incertezas da história em espaços legíveis” (CERTEAU, 1998, p.100). Nas “estratégias” há um tipo específico de saber, relacionado à sustentação e determinação de poder para conquistar um lugar próprio. Como exemplo, o autor afirma que as estratégias científicas e militares são bem-sucedidas quando assimilam lugares próprios

onde há a produção do conhecimento (a exemplo de cidades autônomas; instituições neutras; laboratórios de pesquisa, etc.).

Existe também o contraponto da “estratégia”: “a tática”: definida como “ação calculada determinada pela ausência de um próprio”. Na tática não existe a mesma autonomia do que na estratégia, ela “não tem lugar, se não o do outro” (CERTEAU, 1998, p. 100). A tática é um movimento dentro do campo e sob a visão do inimigo, em um espaço por ele controlado. Nesse sentido, a tática se relaciona à prática realizada pelos fracos e dominados. Esta leitura é de mais difícil adaptação à realidade da rede de conhecimento, especialmente devido a concepção de que não existe lugar “próprio”, apenas a imobilidade e o não-lugar. Ainda assim, poder-se-ia comparar essa prática com a natureza da rede de conhecimento – mutável e imprevisível, sem a presença de lugares “próprios” com capacidade panóptica de ler e controlar todos os “outros”. Ainda em relação à tática, Certeau afirma o seguinte:

Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder (CERTEAU, 1998, p.101).

Essa leitura nos permite interpretar que as estratégias pertencem às centralidades e aos *oligopticons*, os centros concentradores de poder e saber; enquanto que a tática pertence à periferia, aos lugares antes dominados e que se libertam do controle e influência das centralidades. Apesar de para Certeau existir o não-lugar, apenas o campo inimigo, na interpretação dessa pesquisa existem lugares também na tática, mas que não possuem representatividade e tradição na construção e disseminação de conhecimento e ideias. Indiscutivelmente existem relações de poder na rede de conhecimento; e essa interpretação de estratégia e tática é muito simplista para representar a complexidade de uma grande rede com múltiplas relações e diálogos que se formam, transformam e renovam a todo momento.

Independente dos lugares, estratégias ou táticas envolvidas no processo de circulação das ideias, para que estas “circulem” devem ser originadas em algum lugar e

recebidas em outro(s); nem sempre esse é um processo direto e linear – e a contextualização dessa trajetória é tão importante quanto seu conteúdo em si. Certeau define trajetória como um “movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou anacrônico” (1998, p. 98). Essa percepção de trajetória faz com que a leitura de uma ideia ou conhecimento só faça sentido quando compreendida a trajetória de sua circulação – não apenas em termos de lugar de origem e recepção, mas também em termos cronológicos e lugares intermediários. Essa relação entre o contexto de formulação e o contexto de recepção das ideias leva a indagações sobre como é realizada a apropriação desse conhecimento – e é justamente este o tema do próximo item.

3.1.3 A Apropriação das Ideias

Para o filósofo Richard Rorty (1995), não existe uma forma verdadeira de entender ou de representar o mundo; se existe uma informação ou conhecimento bruto, a forma de interpretá-lo depende da razão e da reconstrução que o indivíduo faz sobre este e de como o espelha para o mundo. Segundo esse autor, é impossível acessar a informação bruta – precisa-se de uma forma de interpretação, como o pensamento ou a linguagem. A percepção sobre o conhecimento ou ideia é indissociável dos modos habituais utilizados na distinção do mundo. Não é apenas a forma de se entender uma ideia e conhecimento que dependem dessa percepção, mas também a forma de se apropriar ou se utilizar delas. Este o raciocínio observado na citação abaixo:

Como em literatura é possível distinguir maneiras de escrever, também [...] visto que o imaginário é esse registro do sujeito onde ele cola uma imagem, num movimento de identificação e onde ele se apoia principalmente na coalescência do significante e do significado. Encontramos de novo aqui o tema da representação, da figuração, da homogeneidade das imagens e modelos (BARTHES, 2004, p.296).

O conjunto de significados e significantes, ou mesmo o paradigma adotado pelo indivíduo(s) que se apropria de uma ideia ou conhecimento é essencial na compreensão e interpretação de seu conteúdo. Mas se existe um conjunto comum, também existe uma uniformidade ou mesmo homogeneidade quando comparados indivíduos com contextos semelhantes. Esse fato justifica, em parte, a popularidade e rapidez de disseminação de determinadas ideias, especialmente sob a forma de modelos ou padrões a serem seguidos. Esses grupos de indivíduos com entendimento de mundo semelhante pode ser comparado com os estilos ou “maneiras de fazer” apresentados por Santos na citação a seguir.

[...] nas operações cotidianas podem ser diferenciados estilos, maneiras de fazer. Esses “jeitos” criam um jogo através da estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes. Os árabes em Paris, por exemplo, podem ser

obrigados a morar em um conjunto habitacional do governo, mas acabam por lhe impor as formas de “habitar” que trouxeram do interior da Argélia. O processo de superposição cria um espaço de jogo para os modos de utilizar a ordem restritiva do espaço (SANTOS, 1988, p.26).

Se a interpretação e apropriação de uma ideia ou conhecimento está vinculado com o entendimento de mundo daqueles que a interpretam – então é apenas lógico que sejam possíveis maneiras incontáveis de se apropriar a mesma informação. A citação de Certeau sobre a forma de apropriação que índios e escravos fizeram dos aspectos culturais de seus colonizadores ajuda a exemplificar essa questão.

A usança da colonização permitiu que os índios americanos, mesmo dominados pela força usassem leis, práticas e representações para fins diferentes do dos conquistadores. O exemplo do que os escravos fizeram com a religião católica no Brasil é bem ilustrativo. No caso, houve uma subversão “de dentro” a uma determinação a que nem os índios nem os negros poderiam fugir. O jeito foi metaforizar a ordem dominante; fazê-la funcionar sob outro registro (Certeau, 1998, p. 79)

A citação de Certeau levanta uma outra questão importante: a imposição de uma determinada forma de pensar, modelo, ideia ou conhecimento. Curiosamente, mesmo sob uma imposição rígida, a forma de apropriação pode ser inesperada – já que a reformulação da forma de interpretação de mundo de um grupo de indivíduos não é de fácil realização. Para Rorty (1995), o conhecimento é mais uma questão de diálogo e prática social do que um modo de refletir a natureza. Ou seja, a interpretação do conhecimento e a forma como ele é dialogado interferem diretamente nos resultados de sua apropriação.

Com base nos autores apresentados nesse item, pode-se dizer que o conhecimento é, portanto, limitado a contextos sociais, pela história dos indivíduos e pela forma destes de compreensão do mundo. Quando se trata de ideias voltadas ao planejamento e gestão da cidade essa situação não difere – existem formas variadas de interpretação de um mesmo conhecimento base, sendo que estes circulam dentro de

uma complexa rede por meio de fluxos imateriais. A discussão específica sobre a relação das ideias sobre a cidade e a contextualização destas no seu ambiente de circulação é feito no item a seguir.

3.2 A CIDADE E AS IDEIAS

Ideias são pensadas em um determinado contexto. Condições físico-territoriais, sociedade, política e religião são alguns dos fatores que compõem a cidade e que moldam o pensamento em torno do entendimento de seu formato ideal, seja esse físico ou social. Esse conjunto de determinantes que forma a contextualização da gênese de ideias sobre a cidade. A citação abaixo, retirada do livro **Primeira Lição de Urbanismo**, de Bernardo Secchi, faz uma interessante constatação sobre a história do urbanismo.

A história do urbanismo não é somente uma história de fatos, de projetos de políticas, de suas realizações e de suas consequências, mas é também uma história de ideias e imaginários, daqueles que – eventualmente conflitando entre si – construíram as interpretações da cidade e da sociedade para as quais aqueles projetos e aquelas políticas foram construídas (SECCHI, 2000, p. 10).

A partir do pensamento de Secchi, pode-se concluir que a história do urbanismo é também a história de ideias e imaginários. Seja como ciência ou prática, o urbanismo e o planejamento da cidade têm como principal objetivo buscar soluções para problemas urbanos a partir de ideias. E, como bem lembrado pelo autor, estas são fruto de um determinado contexto, de uma determinada sociedade.

Para prosseguir com essa discussão, se faz necessário adotar interpretações de cidade e urbano, assim como de planejamento urbano, urbanismo e gestão urbana. A citação abaixo, retirada do livro **A Cidade como um Jogo de Cartas**, de Carlos Nelson F. dos Santos, traz uma discussão sobre o que se entende por Cidade.

Afinal, o que são construções e cidades? Por certo não apenas coleções, amontoados de espaços, mas uma qualidade ordenadora que resulta de sua

interação. Cidades só fazem sentido através de padrões (patterns, em inglês) que, ao mesmo tempo, revelam o mundo e permitem percebê-lo (SANTOS, 1988, p.15).

Santos nos induz a enxergar a cidade como um conjunto, um sistema, formado pelas interações entre os espaços e padrões. Esses padrões de relações espaciais não seguem regras específicas e decoradas, eles surgem e são utilizados de forma inconsciente, tal qual a palavra é utilizada na fala, sem grandes preocupações quanto a sua estrutura gramatical e sintaxe (Hillier e Hanson, 1982 apud Santos, 1988).

Há também autores que interpretam a cidade como uma antítese do campo, esse é o caso de Weber. No entendimento desse autor, a cidade é determinada por sua materialidade – ou seja, pela massa compacta de prédios – e a maior parte de seus habitantes se ocupam com a indústria e o comércio (WEBER, 1966). A citação abaixo, de Bernardi, resume a visão de cidade de acordo com a geografia urbana.

[...] para aqueles que veem a cidade sob a ótica da geografia urbana, a primeira constatação é de que o espaço, embora natural, agora é construído e, por conseguinte, artificial, visto que conta com a participação humana para sua montagem. Sob esse aspecto, podemos dizer que o meio urbano é uma construção social, o produto de muitas mãos e, às vezes, de muitas gerações (BERNARDI, 2009, p.254)

A citação acima parece tratar a cidade e meio urbano como sendo sinônimos. Mas, apesar de a cidade ser essencialmente urbana, o contrário não pode ser dito. Muitos autores veem o urbano como uma qualidade, uma característica de estar associado de alguma forma com a cidade – seja com os modos de produção, indústria, comércio ou demais atividades. A citação abaixo esclarece esse raciocínio.

A cidade expressa a divisão socioespacial do trabalho, e Henri Lefebvre propõe pensar sua transformação a partir de um *continuum* que se estende da cidade política ao urbano, onde se completa a dominação sobre o campo. A efetiva passagem da cidade ao urbano foi marcada pela tomada da cidade pela indústria, trazendo a produção – e o proletariado – para o espaço do poder. A cidade, lócus

do excedente, do poder e da festa, cenário privilegiado da reprodução social, ficou, assim, subordinada à lógica da indústria. Sofreu, então, um duplo processo: sua centralidade implodiu sobre si mesma e sua periferia explodiu sobre o entorno sob a forma de tecido urbano, que acabou por carregar consigo o germe da pólis e da civitas. Assim, a práxis urbana, antes restrita à cidade, re-politizou todo o espaço social (MONTE-MÓR, 2000, p.9).

Não existe uma clara separação entre o que é campo e o que é cidade, ou entre o que é urbano e rural. É inegável que todo espaço com ocupação humana possui alguma forma de conexão com cidades e modos urbanos e por esse motivo “cada vez mais as fronteiras entre o espaço urbano e o rural são difusas e de difícil identificação” (MONTE-MÓR, 2000, p. 10). O que não fica claro na literatura é até que ponto essa ligação descaracteriza ou não o rural, já que esse não poderia mais ser visto como simplesmente uma antítese do urbano.

De toda forma, essas interpretações de cidade e de urbano deixam certo de que estas estão profundamente relacionadas com a sociedade e todas as suas formas de organização – produtiva, industrial, comercial e social. A cidade é lócus onde é observada a reunião de diversas modalidades produtivas e sociais, além de uma grande oferta de bens e serviços distribuídos em uma massa densa de espaço construído. Acima de tudo, a cidade está sempre em processo de modificação, submetida a novas apropriações e novos usos, seja por ações planejadas ou não.

Pretende-se dizer, utilizando o termo espontâneo, que muitos dos signos materiais deixados, de intenções e decisões nem sempre coordenadas entre si, de uma sociedade inteira: daquelas assumidas com base em regras ditadas por crenças e imaginários incorporados na tradição; enquanto outros signos são o resultado de decisões e intenções de uma só pessoa, de uma casta ou de um grupo e, eventualmente, de especialistas, que mobilizaram imagens e argumentos que aspiravam ser compartilhados e indiscutíveis (SECCHI, 2006, p.17).

Os signos citados por Secchi são conscientes, deixados por gerações anteriores e podem ser “cidades, vilarejos, casas e barracos isolados, ruas e trilhas, canais galerias,

diques, terraços, desmatamentos, divisão de terrenos rurais e sua destinação a cultivos específicos, linhas de árvores e plantações” (SECCHI, 2006, p.15). No contexto da citação do autor, pode-se entender que estes signos podem ser propositais ou espontâneos – e de ambas as formas são influenciados pelo cenário social em que estão inseridos. Quando propositais, são planejados.

O “Planejamento é o processo de preparar um conjunto de decisões para ação futura, dirigida à consecução de objetivos através dos meios preferidos.” (DROR, 1973, p. 323). No cenário urbano, uma parte importante do planejamento inclui ações relacionadas ao urbanismo. Este, por sua vez, tem como principal forma de expressão os planos de cidades e trabalhos de caráter civil (CHOAY, 2013, p.2). Mas o urbanismo não se resume apenas a esse conjunto de práticas, projetos, teorias e obras – mas sim a uma ciência e prática que acompanha e modifica a o espaço e território das cidades (SECHI, 2006, p.18).

Se por um lado o planejamento está relacionado com a preparação para o futuro, a gestão pode ser entendida como uma preocupação com o presente e a manutenção dos planos e ações. A Gestão Urbana tem como objetivo diminuir os contrastes sociais, conflitos internos à cidade, auxiliar na solução das principais dificuldades e na seleção de prioridades. Associada com a realização de ações com o intuito de gerir e fazer a administração nas organizações (REZENDE; KLAUS, 2005). A Gestão Urbana também pode ser entendida como Governança Urbana, e nesse sentido, “governar torna-se um processo interativo porque nenhum ator detém sozinho o conhecimento e a capacidade de recursos para resolver problemas unilateralmente” (STOKER, 2000, p.93).

No campo do Planejamento e Gestão Urbana, a produção, crítica, circulação de conceitos, técnicas e práticas são essenciais como materiais de ação, seja com vistas para o curto prazo (gestão), seja com vistas ao longo prazo (planejamento). Para muitos, o urbanismo e as formas de gerenciamento do urbano não configuram uma ciência (CHOAY, 2011), mas sim ato empírico. Dessa forma, subentende-se que uma das melhores formas de efetivamente encontrar soluções eficientes é por meio da experiência e observação de casos semelhantes; ou seja, a circulação de ideias e conhecimentos,

assim como seus resultados práticos, fundamentam as bases do planejamento e gestão urbana.

A citação de Healey (2011, p.190) discute sobre a circulação e os tipos de ideias voltadas ao planejamento e gestão urbana.

Today it sometimes seems, to those of us in planning academia and practice, as if we are in a whirlpool of new policy ideas, sometimes swirling about within national political and policy discourse, but often circulating vigorously transnationally and in global networks. There are concepts about spatial form (such as the 'compact city', 'gated communities', 'eco-towns') and about instruments (such as 'micro-credit', 'developer contributions', 'walking school buses', 'equity-share housing'). There are ideas about governance processes (such as 'participatory budgeting', 'community engagement', 'joined-up governance', 'multi-level' governance), or about analytical techniques (such as evaluation methods, local housing market analysis, sustainability indicators, impact assessments). Our theories also travel, shaping what people think the focus of attention in a situation should be (see for example, the influence of 'communicative planning theory', or 'new public management' concepts, or 'neo-liberal hegemony')¹⁰.

Por vezes é difícil fazer a distinção entre planejamento e gestão na literatura; ora parecem estar interligadas, ora parecem desconexas e com velocidades de assimilação diferentes. Sem dúvida, existe uma grande variedade de ideias disponível em uma cada

¹⁰ Atualmente, para nós da academia e prática do planejamento, por vezes parece como se estivéssemos em um redemoinho de ideias de políticas públicas, que ora circula em âmbito de discursos de políticas nacionais, mas frequentemente circula vigorosamente de forma transnacional e em redes globais. Existem conceitos sobre forma espacial (como 'cidade compacta', 'comunidade fechada' e 'eco-cidades') e sobre instrumentos (como 'micro-crédito', 'contribuições de construtoras', '*walking schools buses*', 'habitação de interesse social'). Há ideias sobre processos de governança (como 'orçamento participativo', 'participação comunitária', 'governança participativa', 'governança multi-level') ou sobre técnicas analíticas (como métodos avaliativos, análise de mercado imobiliário, indicadores de sustentabilidade, estudos de impactos). Nossas teorias também viajam, moldando o pensamento das pessoas sobre qual deveria ser a prioridade em cada situação (como, por exemplo, a influência dos conceitos de 'teoria de planejamento comunicativo', 'nova gestão pública' concepts e 'hegemonia neo-liberal') (tradução livre).

vez mais acessível e conectada rede de conhecimento, e o planejamento e gestão podem se apropriar destas de diversas formas. Essas ideias podem ser sobre diversos aspectos – desenho espacial, instrumentos, processos governamentais, técnicas de análise e assim em diante. Para além do teor que essas ideias carregam, existe a discussão sobre quem as criou e por qual razão; Healey também abordou essa questão, como mostra a citação a seguir.

Although for some, the planning idea remains linked to a general human capacity to think about and then act to bring future possibilities into being, and for others, it centres on imagining future urban forms, most in the end conclude that the heart of the planning idea lies in a combined, co-evolving relation between place development and governance processes, between ‘substance’ and ‘process’. Some see the idea of planning attached to a particular institutional location (those performing assigned ‘planning tasks’ in a formal government system), or to a type of specialization, work done by those trained as planners, or to a particular planning instrument, such as a ‘plan’ or ‘land-use regulations’ Healey, 2011 p.197)¹¹.

As ideias urbanas não são apenas resultado da ação de algum indivíduo em pensar sobre o futuro das cidades; quando aplicadas, elas passam por um processo envolvendo instituições governamentais. Para Healey (2011) o ato de governar localmente com uma orientação de planejamento de ação coletiva inclui os seguintes aspectos: orientação para o futuro e crença de que a ação pode moldar potencialidades futuras; ênfase na qualidade de vida e sustentabilidade para todos; ênfase na interdependência e interconectividade entre fenômenos no tempo e espaço; ênfase na

¹¹ Mesmo que para alguns, a ideia de planejamento continue conectada com uma capacidade humana geral de pensar sobre, e depois agir para tornar possibilidade futuras em realidade; e para outros, é centrada em imaginar futuras formas urbanas, para a maioria a conclusão acaba sendo que o aspecto central da ideia de planejamento está em uma relação entre desenvolvimento do lugar e processos de governança, entre ‘substância’ e ‘processo’. Alguns veem a ideia de planejamento associada a uma instituição em particular (aqueles que realizam ‘tarefas de planejamento’ em sistema formal de governo), ou associada a algum tipo de especialização, trabalho realizado por gestores, ou ainda associado a um instrumento participar de planejamento, como um ‘plano’ ou ‘regulação do uso do solo’ (tradução livre).

expansão do conhecimento da ação pública inteligente; comprometimento com a transparência dos processos governamentais (HEALEY, 2010, p.19).

O significado de ideia no planejamento e gestão da cidade é amplo, e pode incluir aspectos metodológicos, políticos, substantivos e com o fator mais importante – possui uma forte particularidade com seu contexto de criação. Quando uma ideia circula, ao ser recepcionada em outro lugar, é necessário que se tenha consciência de que mais do que uma “receita” ou tecnologia a ser copiada, ela é uma possibilidade de aprendizado e de expansão do conhecimento (HEALEY, 2011).

Barreiras físicas e temporais são rompidas, as ideias e conhecimento se comportam como fluxos que viajam em uma extensa rede de cidades e de conhecimento. A lógica dessas trajetórias realizadas pelas ideias pode ter em sua origem diferentes razões, que são brevemente discutidas nesta pesquisa. O item a seguir prossegue com a discussão sobre a cidade e o urbano; porém, relativamente à sua inserção em um cenário mais amplo, com destaque para o aspecto material (consubstanciado no aspecto físico e territorial das redes urbanas) e no imaterial (consubstanciado no aspecto abstrato das redes urbanas).

3.2.1 A Cidade em seu contexto maior: Material e Imaterial

Nessa pesquisa, considera-se que o contexto da cidade pode ser entendido sob duas óticas: a material, representada pelo aspecto físico/territorial da rede urbana; e a imaterial, representada pelo aspecto abstrato (incluindo o conhecimento, informação e ideias) dessa mesma rede. Ambas são facetas que se complementam e interpõe a todo momento. Por vezes os fluxos imateriais usam de objetos materiais para circular; por vezes ideias e conhecimento dão o embasamento para a transformação do espaço físico/territorial. Indissociáveis e essenciais para a existência uma da outra, ambas essas faces se refletem em fixos, fluxos e diálogos que acontecem na rede urbana.

A rede urbana pode ser interpretada como um conjunto de nós, centros urbanos, que se relacionam de forma a criar conexões entre si por onde fluem fluxos (CORRÊA, 1997). No entendimento das redes urbanas, existem alguns fenômenos que definem a forma e trajetória que as conexões entre cidades podem tomar, são eles: centralidade; polarização; área de Influência; e complementaridade.

A centralidade pode ser entendida como espaço de convergência da complexidade e diversidade de funções, representa o lugar de comando e coordenação em relação à rede urbana. Nesta centralidade normalmente há maior diversificação do mercado de trabalho, concentração de atividades em perícia, conhecimento e serviços avançados, evidente progresso tecnológico e expressivo tamanho populacional e econômico (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2005).

Perroux (1961) contribui para desenvolver o conceito de polarização de um lugar central, subjacente à ideia de região. Ele define espaço por sua natureza “econômica” e posição de força ou dominância. Ou seja, a hierarquia urbana é replicada no espaço como um processo de dominação econômica entre regiões, que resulta na existência de localidades-polos e áreas dominadas, embora sua noção de espaço econômico não seja necessariamente contínuo.

Já a Área de Influência é justamente a porção de território que está subordinada a uma determinada centralidade, sendo esta dependente devido a relações comerciais, de oferta de bens e serviços, especialidades técnicas e afins. Isso quer dizer que a cidade-

polo cria vínculos com cidades subordinadas, estas sendo sua área de influência, porém também cria vínculos com centros superiores, sendo ela própria considerada área de influência de outra cidade com nível hierárquico acima do seu.

As redes podem ser compreendidas como um conjunto de “nós” ou hubs que criam conexões entre si, gerando fluxos entre suas articulações. Na visão da rede urbana, esses nós são as cidades – e o nível de conectividade destas está relacionado com aspectos econômicos, culturais, políticos, demográficos e de influência geográfica (Corrêa, 1997). Segundo Pinson,

the city is a place, a site, a territory and a hub through which networks and flux circulate, and in which urban policymaking is both a matter of importing external influence and of localized political struggles to reinterpret and implement the imported items” (2014, p.1929)¹².

Essa rede constitui o ambiente onde a replicabilidade e circulação de iniciativas urbanas se torna possível.

Para Sassen (2013) alguns pontos chave determinam a tendência de centros a se tornarem globais, ou seja, com poder de influência mundial, são eles:

- a) Importância da conectividade social e das funções centrais (existência)
- b) Fusões e alianças internacionais (aumenta poder de influência e ação).
- c) Elites e projetos desnacionalizados. (investidores nacionais podem atuar no mercado internacional sem se prender ao nacional).

As relações estabelecidas dentro da rede urbana, que até meados do século XX eram vistas como hierarquicamente lineares, atualmente são caracterizadas como um padrão de conexões multifocadas, cada centro se articula com diversos outros de níveis variados. *As relações que antes eram verticais passaram também a se tornar horizontais,*

¹² A cidade é um lugar, local, um território e um nó (*hub*) pelo qual redes e fluxos circulam, e no qual a elaboração de políticas é ao mesmo tempo questão de importar influências externas e, de esforços locais em interpretar e implementar tais itens importados (tradução livre).

isso quer dizer que centros de mesmo nível passaram a estabelecer articulações não devido à subordinação, mas sim a complementaridade (CANTARIM, 2014, p.115). A lógica da rede então se configura não apenas na organização escalonada e contínua, como antes foi o padrão predominante, mas em teias que se articulam sem critério hierárquico rígido.

Lencione (2010) classificou duas tipologias de redes: a de proximidade territorial/absoluta e a de proximidade relativa. A primeira obedece a uma lógica territorial e física, como as redes viárias, e são medidas com precisão por escalas de distância e tempo. Nessa lógica topográfica o importante é a fluidez da rede, com conexões rápidas e tamanho dos nós reduzidos. Já o segundo modelo, de proximidade relativa, trata sobre as relações imateriais estabelecidas dentro da rede, como os fluxos de informação, comunicação e alguns serviços e produtos imateriais. Esse tipo de rede permite que centros distantes entre si se conectem sem que a distância seja um fator importante.

A rede de proximidade relativa se aproxima do que, nesta pesquisa, chama-se contexto imaterial da rede urbana, e mais especificamente e parte integrante desse contexto, da rede de conhecimento. A característica de quebra de hierarquia nas relações entre cidades pode ser observada em diversos aspectos da rede, inclusive naquelas que envolvem o conhecimento e as ideias.

Certamente, cidades são lugares que agem como “nós” dentro da rede; especialmente quando lidam com bens materiais ou ideias, ambos itens importantes para o planejamento e gestão urbana. As conexões que permitem fluxos (incluindo a circulação de ideias) são primeiramente e mais facilmente identificadas entre cidades – mas esse fluxo pode adquirir uma escala maior, envolvendo regiões ou países. As ideias em si podem possuir uma certa escala em que devem ser aplicadas – nacional, regional ou urbana – e, a maneira como estas são apresentadas pode influenciar de formas diferentes em cada escala. De fato, aspectos como políticas, instrumentos, conceitos, práticas e legislação influenciam ou afetam a cidade de formas diferentes.

Animadas por fluxos, que dominam o seu imaginário, as redes não prescindem de fixos - que constituem-suas bases técnicas - mesmo quando esses fixos são pontos. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e

fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e não-passivas, as redes não têm em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social. Esse movimento tanto inclui dinâmicas próximas locais, quanto dinâmicas distantes, universais, movidas pelas grandes organizações. Ao mesmo tempo globais e locais, as redes também são unas e múltiplas e "o singular é imediatamente plural", diz D. Parrochia (1993, p. 6) (Santos 1996, p.188).

Milton Santos define Fixos e Fluxos como elementos que fazem parte do espaço físico e imaterial. Fixos são aqueles que não se movem, *permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar* (SANTOS, 1996, p. 61). Exemplos de Fixos são os equipamentos urbanos, portos, aeroportos, centros comerciais, centros de negócios e até mesmo a própria cidade em sua morfologia física. Já os fluxos são móveis e podem atuar e circular por diferentes espaços, *são um resultado direto ou indireto das ações que atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam* (SANTOS, 1996, p. 61-62). Exemplos de fluxos materiais são os próprios indivíduos, produtos, bens, comunicação e o alvo de análise desse estudo - o conhecimento.

O conhecimento, como fluxo imaterial, possui a característica de circular rapidamente diante das possibilidades tecnológicas disponíveis e isso permite uma fluidez no diálogo de ideias de forma sem precedentes. A Globalização certamente é uma das inflexões mais relevantes com impacto na forma em que os fluxos imateriais circulam pela rede urbana de conhecimento. Para a transferência de ideias e conhecimentos esse foi um momento de mudanças, como evidenciado na citação de Parnreiter (2011, p.2):

Yet, since the 1980s important differences have emerged, partly due to technical reasons (think of the new information and communications technologies and of fastened and cheapened transportation), but mainly because of the political reshaping of the relationships between capital and planning, architecture, engineering and real estate firms (Knox/Pain 2010). One aspect of how globalization and planning are specifically tied together (cf. Pezzoli/Afsahr 2001) is that the travelling of planning ideas has speeded up and won intensity, up to 'historically unprecedented' levels (Tait/Jensen 2007, 107). Another feature is that 'planning ideas and practices are not just diffusing from the 'West to the rest', or

from the 'developed' to the 'developing' world, or the 'global North' to the 'South'. There are all kinds of cross-movements', as Healey (2010a, 7) notes.¹³

A globalização, assim como a facilidade de comunicação e locomoção, tornou a transferência de ideias muito mais fácil e rápida. As centralidades de exportação de ideias, antes localizadas na Europa e Estados Unidos, se tornaram questionáveis. Para Healey (2010), o movimento do conhecimento em planejamento urbano não possui uma trajetória única, mas sim uma complexa teia por onde circulam ideias e informações com as mais diversas origens e destinos.

Tecnologia e globalização possuem um papel importante nesse fenômeno de circulação do conhecimento por facilitar o acesso remoto - mas em tempos passados, essa articulação não acontecia de forma tão imediata. Na área de Planejamento Urbano, até meados do século XX, a transferência de ideias ocorria sobretudo por meio de urbanistas e políticos que viajam de lugar a lugar, carregando consigo ideias e conhecimentos adquiridos.

Apesar de existir hoje uma rede de conhecimento estruturada quanto à circulação de ideias no planejamento e gestão urbana, ainda assim existem diversos fatores que influenciam ou impactam na forma como as transferências são feitas. Aproximações ou subgrupos nesse universo maior do conhecimento urbana normalmente assumem partes em sub-redes controladas por organizações ou agências internacionais – e estas nem sempre buscam a troca de conhecimentos e experiências entre países com similaridades

¹³ Desde os anos de 1980, diferenças importantes surgiram, em parte devido a razões técnicas (pense nas novas tecnologias de informação e comunicação e meios de transporte mais rápidos e baratos), mas principalmente por causa da reformulação política das relações entre capital, planejamento e arquitetura, engenharia e firmas imobiliárias (Knox/Pain, 2010). Um aspecto de como a globalização e planejamento são especificamente conectados (cf. Pezzoli; Afsahr, 2001) é o fato de viagens de ideias de planejamento terem ganho mais rapidez e intensidade em um nível sem precedentes na história (Tait; Jensen, 2007, p.107). Outro aspecto é que ideias e práticas de planejamento não estão apenas sendo difundidas do "ocidente para o resto do globo", ou do "mundo desenvolvido para o mundo em desenvolvimento", ou do "norte global para o sul". Existem diversas formas de movimentos cruzados, como notado por Healey (2010^a, p.7) (tradução livre).

de deficiências e potencialidades, mas, sim, disseminam Boas Práticas e Experiências Bem-Sucedidas de acordo com seus próprios padrões e interesses. A citação a seguir reflete sobre esse tipo de iniciativa.

Esforços de replicabilidade de experiências urbanas foram incentivadas por meio de bancos de boas práticas e de esforços de difusão delas. Tais propósitos foram, sobretudo, fomentados por agências internacionais de financiamento (Banco Mundial, por exemplo), instituições não-governamentais (Instituto Polis, por exemplo) e mesmo pelo governo federal brasileiro (Ministério do Meio Ambiente e Ministério das Cidades, dentre outros). Se houve esforço na difusão das boas práticas, pouco se avançou para entender os reais resultados da difusão de experiências e os eventuais problemas de adaptação de ideias migradas. (Ultramari; 2014, p.2-3).

Ao longo dessa pesquisa, busca-se entender o papel das relações de poder e similaridade nesses diálogos, incluindo o exemplo de replicabilidade das chamadas Boas Práticas citado por Ultramari. Esses aspectos são discutidos em maiores detalhes no próximo item dessa pesquisa, que se refere especificamente à rede de conhecimento (parte integrante do aspecto imaterial da rede urbana).

3.2.2 Circulação de ideias na Rede de Conhecimento sobre a Cidade

Uma dinâmica toma lugar junto às redes, “há uma criação paralela e eficaz da ordem e da desordem no território, já que as redes integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros” (SANTOS, 1996, p.189). Há uma miríade de atores e lugares utilizando poder e/ou habilidade para controlar posições dentro dessas complexas redes, O poder público, mercado e a estrutura socioespacial partilham um grande papel nesse sistema com múltiplas escalas (global/local) e lógicas (estável/dinâmico). Criam-se, a partir desse funcionamento das redes, as “verticalidades, esse "espaço" de fluxos formado por pontos, dotado de um papel regulador em todas as

escalas geográficas, enquanto se renovam ou se recriam horizontalidades, isto é, os espaços da contiguidade” (SANTOS, 1996, p. 189).

A discussão sobre porque e como as ideias e conhecimento são transferidos ou disseminados se faz presente em diversos campos da ciência, porém pouco se discute os tipos de relações estabelecidas entre lugares de origem e recepção, atores envolvidos e como isso é absorvido pelo planejamento e gestão urbana. Diversos fenômenos tomam lugar nessa rede de conhecimento sobre a cidade, alterando a forma como os atores e lugares interagem – sendo os principais o Poder e as Barreiras. Como resultado, existem uma variedade de tipos de diálogo, alguns de natureza vertical e outros de natureza horizontal. Esse sub-item trata sobre esses fenômenos e características essenciais na compreensão do funcionamento da circulação das ideias na rede de conhecimento sobre a cidade.

Apesar do fato de a circulação de ideias incluir uma grande variedade de tipos de ideias e conhecimentos a serem transferidos, de acordo com Howlett e Morgan (2001), no nível do planejamento e gestão urbana estas são mais comumente caracterizadas pela mobilidade concreta de conhecimento e práticas com chance de transformar a cidade em sua forma física. Ainda de acordo com ambos autores, ideias inteiras ou parciais podem migrar de forma a manter sua integridade original ou ainda de forma a manter as características originais em termos de utilidade e funcionalidade, mas ter aspectos e novas funções adicionadas (*travelling fruitfully*).

3.2.3 Poder, Boas Práticas e Barreiras

No processo de transformação do território e da cidade há uma séria de complexidades, seja pelos signos carregados pelo espaço, seja pelos atores envolvidos nessas mudanças. A citação a seguir revela algumas dessas problemáticas.

[...] áquilo que designamos como racionalidade em vista de um objetivo, e apesar da ampliação dos direitos de participação política e da secularização dos valores e normas, é difícil acreditar que o processo de continua transformação do

território, cujo o contínuo decantar de novos signos que destroem ou modificam aqueles existentes, aconteça sempre e em todos os lugares de modo racional e, mesmo, que aconteça por meio da interação de uma pluralidade de sujeitos livres de tabus e coerções (SECCHI, 2000, p.17).

Certamente não existe uma racionalidade em todas as transformações territoriais, em especial aquelas que envolvem sujeitos que utilizam de poder para manipular os diálogos de transferência de ideias. Essa é uma particularidade da rede de conhecimento sobre o planejamento e gestão da cidade - nela aspectos políticos e financeiros possuem grande poder de incentivar ou desestimular certas relações. Segundo Peet (2007, p.1):

Power means control, by a person or an institution, over the minds livelihoods and beliefs of others. Power accumulates into systems. With the term “geography of power” I refer to the concentration of power in a few spaces that control a world of distant others¹⁴.

A citação acima esclarece a conexão do poder com controle sobre outros, especialmente em um sistema, onde este se acumula em espaços privilegiados. Essa distribuição do poder acontece de forma geográfica, configurando o que Peet chama de geografia do poder. Poder e situações políticas são alguns dos aspectos que mais afetam o tipo de relação estabelecida entre os lugares e atores envolvidos na transferência de ideias. Em alguns casos, existe a presença de poder ou influência de um dos lugares (origem ou recepção) sobre o outro.

Em casos onde há poder ou influência em um dos lugares envolvidos, que leve a uma resignação ou submissão da outra parte, então se pode dizer que se estabeleceu uma relação desigual, onde um lugar mais influente domina outro. Para esse trabalho, considerou-se esse tipo de relação como vertical, denominação que é explicada e fundamentada no decorrer desta tese.

¹⁴ Poder significa controle, de uma pessoa ou instituição, sobre as mentes, crenças e formas de vida de outros. Poder acumula nos sistemas. Com o termo “geografia do poder”, me refiro ao poder concentrado em poucos espaços que controlam um distante mundo de “outros” (tradução livre).

Porém, existem casos onde predominam relações de similaridade, onde há a busca da transferência com vistas a encontrar países ou cidades com características e problemas semelhantes. Normalmente nesse tipo de transferência, predomina a vontade voluntária das partes, formando uma relação horizontal – nomenclatura fundamentada e explicada ao longo deste trabalho.

A citação abaixo chama a atenção para os contrastes entre relações onde predomina o uso de coerção e relações ditas voluntárias.

A focus on coercion tends to direct a methodological focus on exogenous factors impelling conformity. This can result from structural factors such as global economic integration and financial liberalisation or from agency such as when the IMF imposes conditions on loans. By contrast, a focus on voluntary transfers directs analytical attention to the internal attributes and salient features of polities that ease transfers – similar political ideologies, languages, policy styles, institutions or administrative arrangements. (STONE, 2001, p.19-20)¹⁵.

Para Stone, a coerção tende a incentivar a conformidade baseada em fatores externos – enquanto transferências voluntárias tendem focar em atributos internos e buscar ideias com contextos similares, seja por ideologia política, linguagem, estilo das políticas, instituições ou questões administrativas.

Muitas vezes usam-se de artifícios de coerção ou semi-coerção para disseminar certas práticas, principalmente por meio de liberação de fundos. Agências e organizações internacionais, como o Banco Mundial, são os principais intermediadores que fazem a disseminação das chamadas Boas Práticas, utilizando seu poder coercivo. Boas práticas são entendidas como práticas bem-sucedidas e passíveis de replicação em outras condições ou lugares (ROSE, 2005 apud POJANI; STEAD, 2015). Normalmente os

¹⁵ Um foco em coerção tende a direcionar o foco metodológico para fatores exógenos, impelindo conformidade. Isso pode ser resultado de fatores estruturais, como a integração da economia global e liberalização financeira, ou de agência, como quando o FMI impõe condições para empréstimos. Em contraste, um foco em transferências voluntárias direciona atenção analítica para atributos internos e salienta aspectos de políticas que facilitam transferências – ideologias políticas similares, idioma, estilo de política, instituições ou arranjos administrativos (tradução livre).

interlocutores que auxiliam na disseminação dessas boas práticas são organizações ou agentes de nível internacional – tal qual o Banco Mundial, Organização das Nações Unidas, Comitê Olímpico e assim por diante. Comumente, as Boas práticas são transferidas não de forma simples, apenas entre o lugar de origem e o lugar de recepção – mas sim disseminadas por uma organização ou agência internacional. A difusão de ideias pode ser entendida como forma não linear de circulação ou transferência do conhecimento.

Em muitos casos, a iniciativa de transformar ações, programas e projetos em ideias a serem transferidas como bons exemplos são feitas por agências governamentais em uma tentativa de melhorar sua reputação política (POJANI; STEAD, 2015). Ainda existem casos em que o interesse de disseminação de boas práticas pertença a grupos que divulgam soluções que lhes convêm - como lobbyists, grupos jurídicos ou *think thanks*. (POJANI; STEAD, 2015). Ou seja, nem sempre as ideias consideradas como Boas Práticas são realmente soluções adequadas e com potencial de transferência para condições e lugares diferentes daquele dos quais se originaram.

As citações a seguir enfatizam essa característica da transferência de ideias no planejamento e gestão do urbano.

Indeed, coercion is sometimes masked. The language adopted by leading World Bank figures and in its official documents is revealing. It is the apolitical language of 'diffusion' and 'sharing knowledge' (Stiglitz, 2000) alongside the technical or neutral terms of 'best practice' and 'bench-marking' (STONE, 2001, p.19)¹⁶.

A prática de difusão de ideias por meio de coerção ou semi-coerção costuma normalmente ser de forma velada, como sinalizado por Stone, e principalmente utilizando-se de oportunidades de financiamento. A motivação para o “aprender” com o “outro”, ou transferência de conhecimento, costuma ser muitas vezes vinculado a oportunidades de financiamento e empréstimos. Por vezes, razões políticas apenas

¹⁶ De fato, coersão por vezes é mascarada. O idioma adotado por líderes do Banco Mundial e por seus documentos oficiais é revelador. Ele reside no apolítico idioma de “difusão” e “conhecimento compartilhado” (Stiglitz, 2000) junto ao técnico e neutro termo de “Boas Práticas” e “Avaliação Corporativa” (tradução livre).

legitimizam decisões que já foram tomadas por instituições e organizações que detêm poder na rede de conhecimento, e que agem como disseminadoras de Boas Práticas (POJANI; STEAD, 2015). Para além da real capacidade de replicabilidade de algumas ideias, ainda existem outras questões que podem influenciar as transferências feitas por meio de Boas Práticas, como evidencia a citação a seguir:

However, a number of studies have observed distortions and irrational or unpredicted outcomes both in the way best practice information is 'sent' and in the way it is 'received', leading some commentators to express reservations about some of the assumed merits of 'best practices' (POJANI; STEAD, 2015)¹⁷.

A citação de Pojani e Stead pode ser associada com o conceito de *Transnational Flow of ideas* de Patsy Healey. Essa autora sugere que muitas das ideias envolvidas na rede de conhecimento da área de planejamento urbano tendem a se moldar de acordo com seus lugares de origem e os canais pelos quais estes viajaram. Ou seja, a realidade para a qual a ideia foi pensada possui especificidades próprias, que devem ser repensadas e adaptadas em caso de transferência. Além disso, intermediadores ou lugares de recepção podem alterar substancialmente aspectos da ideia original, transformando-a (HEALEY, 2011). Isso faz com que seja necessário ter a ciência da trajetória pela qual as ideias foram transferidas e quais os interesses dos atores envolvidos, especialmente para avaliar qual o potencial e impacto desta nos lugares de recepção – e isso também pode ser dito para as ideias consideradas como Boas Práticas.

Mesmo para os casos de transferências estabelecidos entre lugares de mesmo nível de influência e que possuam similaridades, ainda assim existem certos obstáculos que dificultam ou impactam no resultado final da concretização das ideias. É o caso das chamadas barreiras na literatura de políticas públicas – são obstáculos que dificultam a transferência de políticas e aprendizagem (DOLOWITZ; MARSH, 2000). Essas barreiras são classificadas em:

¹⁷ Contudo, uma variedade de estudos observa distorções e resultados irracionais ou imprevisíveis, tanto na forma com a qual o conteúdo da “Boa Prática” é transmitido, quanto em como é recebido, levando alguns críticos a expressar reservas quanto alguns dos presumidos méritos das “Boas Práticas” (tradução livre).

- a) cognitiva – obstáculos em fase pré-decisão, como falta de pesquisa, cultura, complexidade ou idioma;
- b) obstáculo estrutural – como falha em mobilizar elites, falta de tecnologia, recursos ou recursos humanos;
- c) opinião pública – como opinião da elite, veiculação de mídia ou constituintes.

Essas barreiras podem ter efeitos diversos sobre a transferência de ideias, especialmente sob a forma de *Immobilities*, mobilidade limitada ou transformação das políticas, programas ou ações. Comumente utilizada na literatura de ciência política e políticas públicas, essas nomenclaturas se referem a fenômenos onde certas pessoas, dados ou objetos não se movem, ou apenas movem de forma parcial, e isso gera pontos de sombra que reduzem a completude da transferência – ou até mesmo causam a modificação de aspectos importantes da ideia original (MÜLLER, 2015a).

A presença de barreiras pode ser encontrada na circulação de ideias de todos os tipos, verticais ou horizontais, difusas ou diretas, e isso pode fazer com que o resultado seja diferente do esperado. O poder, novamente desempenha um papel importante, já que *Immobility*, para Franquesa (2011), é uma relação social onde poder está tanto refletido como reforçado em relação a fluxos, movimentos e interconexões (OÂNCA, 2015).

3.2.4 Estrutura das Redes de Conhecimento

A circulação do conhecimento sempre existiu, mas a partir dos anos de 1990 esse processo foi facilitado devido ao “*development of networks and the rise of global consultocracy*”¹⁸ (PINSON, 2014, p.1929), que tornou a transferência das ideias e as

¹⁸ Desenvolvimento de redes e surgimento da consultocracia global (tradução livre).

comparações instrumentos básicos de governança. Diversos atores, agentes e lugares tomam posições específicas em uma rede instável – relações de poder e influência mudam constantemente o formato de tais articulações, gerando resultados e ações inesperadas. A instabilidade é uma característica marcante da rede de conhecimento, “*Networks may be stable in some instances, but shift shape and transform in others*”¹⁹ (MÜLLER, 2015a, p. 324).

Robert Schwarz (1981) escreveu sobre como ideias liberais vindas dos países do norte serviram para dar base a uma ideologia de dependência no contexto brasileiro; Sérgio Paulo Rouanet (1996, apud TRINDADE, 2000) retornou a essa mesma discussão com a afirmação de que um pensamento não é universal quando anula as particularidades locais, mas que, ao contrário, é universal quando consegue conciliar e se adaptar a elas de forma concreta e eficiente. Milton Santos talvez nunca tenha usado a expressão Circulação de ideias entre as suas principais publicações sobre os fluxos na constituição do espaço social, físico e imaterial, mas apesar do fato dele não utilizar a palavra “ideia” na lista de exemplos de fluxos, fica claro que esta se encaixa nessa lista: pessoas, produtos, bens, comunicação e conhecimento. Esse entendimento remete também àquele da rede urbana, como observado por Corrêa (1997), que compreende os fluxos com aderência concreta com suas realidades construídas e atributos fixos.

A discussão sobre a rede de conhecimento, sua estrutura, funcionamento e elementos que a compõem ainda é um tema pouco explorado na literatura científica, especialmente na área do planejamento e gestão urbana. Por esse motivo, recorreu-se nessa pesquisa a buscar referências sobre tal assunto em outros campos da ciência que estudam fenômenos urbanos – Ciência Política, Políticas Públicas, Geografia e Sociologia. Certamente existem contribuições importantes em cada uma dessas áreas, que, com as devidas adaptações quanto a escala e natureza dos fluxos, ajudam a racionalizar a rede de conhecimento. Os elementos essenciais na discussão sobre a rede de conhecimento são em torno dos objetos e agentes de transferência, atores e os tipos de relação ou

¹⁹Redes podem estáveis em alguns momentos, mas em outros, mudam de forma e se transformam (tradução livre).

diálogo. Esse item sintetiza o entendimento de cada um desses elementos de acordo com a literatura, adaptando, quando necessário, para a realidade da rede de conhecimento.

Para se constituir uma rede de conhecimento, um lugar de origem e um lugar (ou lugares) de recepção devem existir: “*The policy transfer metaphor implies a direct exchange process between exporting and importing countries*”²⁰ (STONE, 2004, p.7-8). O que Stone considera como país exportador e país importador se assemelha ao que outros autores chamam de lugar de origem e de recepção; a diferença é a imposição de uma escala para a aplicação do conhecimento. Na ciência política e políticas públicas é comum a discussão da circulação do conhecimento e ideias que são aplicadas em nível nacional – mas estas podem e são também assimiladas nas escalas regional e local. Para Pojani e Stead (2015), a direção da transferência de política está relacionada com o fato desta ocorrer dentro de uma nação ou entre diferentes nações e isso pode ter um grande impacto no resultado final da transferência. Esses autores ainda apresentam três escalas que afetam a transferência de política: macro (global e transnational); mezzo (Estado) e micro (local e organizacional). Cada uma dessas possui diferentes razões e formas de produzir a circulação de ideias e conhecimento, assim como a motivação para que esta aconteça normalmente acontece devido a uma mistura de fatores presentes nas três escalas.

Na literatura sobre a circulação e transferência de ideias e conhecimento na política pública percebe-se que a escala mais discutida é aquela considerada macro, especialmente a *cross-national*. Na transferência entre países distintos, existem certas complexidades, como as barreiras construídas em torno de diferenças políticas, culturais e econômicas, idioma e distinções geográficas (POJANI e STEAD, 2005; OANCÃ, 2015; STONE, 2004). Nessa pesquisa, as ideias e conhecimento de maior interesse são aqueles voltados às áreas de planejamento e gestão urbana, que tomam lugar em uma escala muito menor – a da cidade, ou a um grupo limitado delas. Por essa razão, apesar

²⁰ A metáfora de transferência de política implica um processo de troca direta entre países de importação e exportação (tradução livre).

de lugar de origem e recepção poder representar a escala macro, mezzo e micro, a de interesse dessa pesquisa é a microescala.

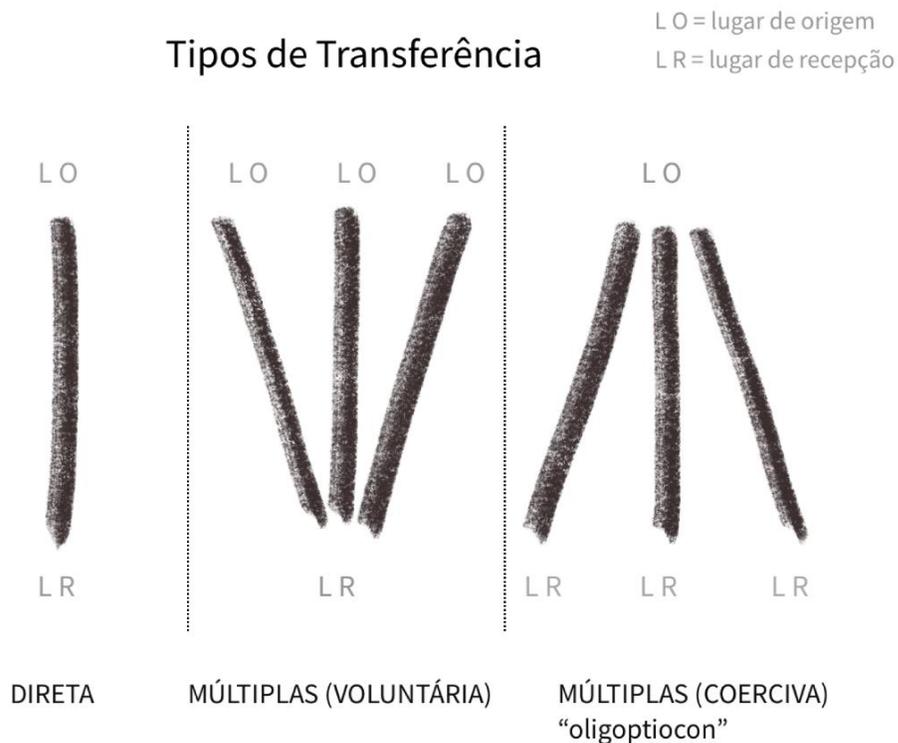
Na literatura sobre circulação e transferência de ideias sobre política pública, planejamento e gestão urbana existem diversas classificações sobre os tipos de diálogos estabelecidos entre as partes na rede de conhecimento. Difusão, convergência, aprendizagem e transferência são as principais nomenclaturas, sendo que muitas vezes estas podem se sobrepor em um mesmo diálogo. Todos esses processos podem acontecer entre indivíduos, entre e dentro de organizações e por meio de redes. Nesse contexto, as redes desempenham um importante mecanismo por onde a transferência de ideias e práticas se torna possível (STONE, 2001).

A relação estabelecida entre os lugares de origem e recepção das ideias não acontece de forma simples, como uma transferência de A para B linear e com objeto pré-definido (MÜLLER, 2015b, p.195). Diversos atores, agentes e lugares podem interferir na forma com que o conhecimento é transmitido e utilizado. Em alguns casos, um lugar central, próximo do conceito de “*oligopticon*” (LATOUR, 1987; MÜLLER, 2015b), esse centro possui visibilidade e coordena diversas conexões dentro da rede (MÜLLER, 2015b). O “*oligopticon*” é um lugar normalmente controlado por uma instituição ou organização poderosa e desempenha tripla função na rede de conhecimento: 1. Absorve conhecimento e ideias no campo científico de interesse; 2. Processa, seleciona e interpreta todo o conhecimento absorvido e; 3. Dissemina conhecimento e ideias para área polarizada da rede. Isso significa que o “*oligopticon*” não é apenas um lugar, já que é necessário um ator ou agente para organizar essas três funções e estruturar as conexões de diálogo de conhecimento. Esse ator/agente pode ser uma organização, instituição ou grupo com poder – e é ele que determina quais objetos irão ser disseminados por cada conexão, quais lugares farão parte dessa rede e assim por diante. Exemplos de organizadores de redes nesse formato (*oligopticon*) são os comitês de mega-eventos e as organizações internacionais especializadas (transporte, mercado, etc.).

Na visão da geografia, lugar central está normalmente relacionado com a noção de que este centro possui uma grande influência sobre determinada área polarizada, em

especial devido a sua oferta de bens e serviços especializados (CHRISTALLER, 1966). Poder político e econômico, concentração de empresas e importância como “hub” conector dentro da rede (em termos de transporte, por exemplo) são outros aspectos relevantes na identificação de hierarquias dos lugares dentro da rede urbana. Conhecimento também é um tipo de especialização, e, normalmente, a presença de universidades renomadas com grande variedade de cursos é um bom indicador de centralidade. Apesar de os “*oligopticons*” comumente se localizarem em cidades ou países de alta posição hierárquica na rede urbana, eles não necessariamente estão submetidos ao conceito de lugar central como compreendido na geografia em teorias como a de Christaller. Nessa pesquisa, a expressão lugar central - quando utilizada para se referir a um “*oligopticon*” – se refere a um lugar com maior centralidade em termos de conhecimento e recursos (econômico, político, profissional, etc.), para criar e distribuir suas ideias. A Figura 2 apresenta os tipos de transferência de ideias mais comuns – direta, múltipla voluntária e múltipla coercitiva (oligopticon).

Figura 2 - Tipos de transferência de ideias mais usuais



Fonte: A autora (2019)

Como já citado em capítulos anteriores, para que a circulação de ideias aconteça, é necessário que existam lugares de origem e de recepção. Além desses, ainda existem os “*oligopticons*” (ou organizadores de redes), que disseminam as ideias e conhecimento para sua área polarizada ou de influência. Por último, os lugares centrais são aqueles considerados com maior nível de centralidade quanto à gênese e disseminação de conhecimento. O

Quadro 2 resume a descrição de cada um desses lugares.

Quadro 2 – Descrição dos lugares da Rede de Conhecimento

LUGAR	DESCRIÇÃO
Lugar de Origem	Cidade, região ou país que gerou conhecimento e ideias.
Lugar de Recepção	Cidade, região ou país que recebeu conhecimento e ideias.
Organizador de Rede (<i>Oligopticon</i>)	Concentra, processa e recircula conhecimento de determinado campo científico. Normalmente utiliza da difusão de ideias e conhecimentos sobre sua área polarizada.
Lugar central	Cidade, região ou país com alta centralidade em termos de conhecimento especializado e melhores recursos para investigar, criar e circular ideias.
Área Polarizada (Influência)	Grupo de lugares de recepção que recebem ideias e conhecimento de um lugar central ou <i>oligopticon</i> .

Fonte: A autora (2019)

Como já citado nesta pesquisa, para a área de Planejamento urbano, as ideias a serem transferidas podem ser conceitos, técnicas, instrumentos ou a própria compreensão do que se entende por planejamento (HEALEY, 2011). Para os campos da política pública e ciência política, pode-se somar a essa lista políticas, instituições, ideologias, justificativas, atitudes, ideias e mesmo fracassos (como forma de aprendizado negativo) (DOLOWITZ 1997 apud STONE, 2004). Esses objetos são imateriais e representam as ideias e conhecimento – mas para que estes circulem, é necessário um veículo, que em muitos casos é material. Esse veículo pode ter dois tipos de natureza: agente ou objeto. O agente de transferência, segundo Stone (2004), pode ser um profissional, político, pesquisador, instituição ou uma organização. Para Latour (1993, 2005 apud MÜLLER, 2015), pessoas, documentos e arquivos são exemplos de

intermediadores ou mediadores que fazem a conexão entre atores. Os intermediários são agentes ou objetos que transportam o conhecimento e ideias sem modifica-los, são *“mobile material delegates that transport meaning without transforming it from site to site and are able to extend the spatial reach”*²¹ (LATOURE, 2005 apud MÜLLER 2015, p.39). Os mediadores, por outro lado, são atores que podem ser *“travelling people or things that make knowledge mobile but at the same time distort and modify the meaning or the elements they are supposed to carry”*²² (LATOURE, 2005, apud MÜLLER, 2015, p. 39). É importante ter em mente que em toda a circulação de conhecimento este precisa ser interpretado no lugar de recepção ou no centro de um *“oligopticon”*. Em muitas ocasiões, essa interpretação faz necessária a ajuda de um especialista no assunto, profissional ou pesquisador com capacidade para entender e adaptar o conhecimento adquirido.

O Quadro 3 resume o que se considera nesta pesquisa como objeto ou agente de transferência – dividido em material e imaterial.

Quadro 3 – Descrição dos objetos e agentes de transferência de ideias

OBJETO OU AGENTE DE TRANSFERÊNCIA	DESCRIÇÃO
Imaterial	Conceitos, técnicas, instrumentos, compreensão geral de planejamento, políticas, instituições, ideologias, justificativas, atitudes, ideias e aprendizado.
Material	Pessoas, documentos, livros, videos e arquivos. Agem como intermediários ou mediadores de conhecimento.

Fonte: A autora (2019)

Esses objetos e agentes de transferência por vezes possuem sua circulação promovida em arenas – reuniões ou atividades onde as trocas de conhecimento se tornam possíveis, como conferências e workshops (OANCÂ, 2015). Nas arenas, objetos e agentes materiais e imateriais são agrupados com a intenção de disseminar ideias e conhecimento. Pessoas, instituições e organizações podem desempenhar um papel de

²¹ Representantes materiais móveis que transportam significado sem transformá-los, de lugar em lugar, e que são capazes de expandir o alcance espacial (tradução livre).

²² Pessoas ou coisas viajantes que fazem o conhecimento ser móvel, mas ao mesmo tempo, distorcem e modificam os significados ou elementos que supostamente carregam (tradução livre).

ator ativo no processo de circulação do conhecimento: “*key actors in the mechanics of policy transfer are international organisations and non-state actors such as interest groups and NGOs, think tanks, consultant firms, law firms and banks*”²³ (STONE, 2004, p.7). Para Stone, existem três sets de atores: governamentais, organizações internacionais e os setores não-governamentais.

Quadro 4 – Descrição dos tipos de atores da Rede de Conhecimento

ATORES	DESCRIÇÃO
Governamentais	Burocratas, políticos e técnicos de agências governamentais.
Não governamentais	Grupos de interesse, Organizações não-governamentais, <i>think tanks</i> , firmas de consultoria, instituições de financiamento, instituições de ensino, centros de pesquisa.
Organizações Internacionais	Organizações internacionais, instituições supranacionais.

Fonte: A autora (2019)

A transferência de ideias pode acontecer entre diferentes lugares e atores, sem regras que definam como e quem se envolve nesse processo: “*Rather than bilateral horizontal transfers between states, policy transfers can occur vertically between states and international organisations or between transnational non-state actors*”²⁴ (STONE, 2004, p.7-8). Stone considera que a relação horizontal acontece quando o diálogo se forma entre Estados e isso reflete a escala estudada por essa autora na política pública – *cross-national*. Esse conceito pode ser adaptado para outras escalas, inclusive a de interesse desta pesquisa – a cidade e a rede urbana. Segundo a perspectiva das políticas públicas, especialmente a apresentada por Stone (2004), a hierarquia está relacionada com poder, jurisdição e governo. Já para a visão da geografia, relações verticais e horizontais entre cidades estão associadas com o nível de centralidade destas. Para os estudos sobre

²³ Atores chaves nos mecanismos de transferência política são organizações internacionais e atores não governamentais, como grupos de interesse e ONGs, think tanks, firmas de consultoria, firmas jurídicas e instituições financeiras (tradução livre).

²⁴ Mais do que transferências horizontais bilaterais entre Estados, transferências políticas podem ocorrer verticalmente entre Estados e organizações internacionais, ou entre atores não governamentais de forma transnacional (tradução livre).

redes urbanas, a relação vertical é aquela que acontece em um sistema com hierarquia rígida, onde uma cidade com alto nível de centralidade possui influência sobre outra(s) que são polarizadas. As relações horizontais, por sua vez, acontecem quando a conexão se dá entre cidades com nível de centralidade similares: elas se relacionam porque podem se complementar (CAMAGNI; SALOME, 1993). Por vezes a relação horizontal se forma devido a um interesse mútuo – como por exemplo, cidades com foco turístico com proximidade física e que se beneficiariam em se conectar (FERRÃO, 1992). Diferente do entendimento de relação vertical e horizontal utilizado nas redes urbanas, para a rede de conhecimento as conexões podem acontecer não apenas entre cidades e lugares, mas também entre atores.

A forma do diálogo e o número de atores e lugares envolvidos pode revelar a natureza da relação estabelecida entre as partes – se é vertical ou horizontal. Difusões, por exemplo, onde existe um ator/lugar que concentra o conhecimento e faz a disseminação deste para múltiplos lugares, costuma ser uma relação vertical, com presença de dominação de um lado e submissão por outro. Por outro lado, transferências do tipo “lesson-learning”, de aprendizado, costumam ser voluntárias e podem representar um diálogo horizontal, onde se busca referenciais com similaridades, seja em termos de problemáticas ou de contexto (social, político e econômico).

A relação ou diálogo vertical normalmente acontece porque um dos lugares envolvidos possui influência ou domínio sobre o(s) lugar(es) receptor(es) da ideia. Poder significa controle, seja de uma pessoa ou de instituição, sobre a mente, modo de vida e crença de terceiros (PEET, 2007 apud MÜLLER, 2015). O comando sobre recursos como capital, forças militares, regras e mesmo o conhecimento e *expertise* técnico são a essência do poder. Normalmente a presença desses recursos está localizada em lugares privilegiados, onde concentra-se o poder (PEET, 2007). Não raro, coerção e semi-coerção são utilizadas no diálogo entre atores/agentes e lugares de origem e recepção – especialmente nos casos onde este tem como intermediador um “*oligopticon*”.

O uso de coerção e semi-coerção está ligados com o diálogo vertical, já que significa que poder está sendo utilizado para forçar a circulação de conhecimento em uma determinada trajetória. O mesmo não pode ser dito da transferência voluntária; nesses

casos o diálogo possui a tendência de ser horizontal, já que normalmente é motivado pela similaridade entre os lugares de origem e recepção da ideia. Mas às vezes a transferência voluntária pode acontecer em um diálogo vertical também, quando existe o desejo de copiar ou aprender uma lição do lugar de origem escolhido, ou ainda porque uma postura competitiva foi adotada, levando a busca de boas práticas realizadas em países e cidades centrais, com maior conhecimento, expertise e técnica (DOBBIN et al., 2007; POJANI; STEAD, 2015; ROSE, 2005; STONE, 2001).

O diálogo horizontal costuma acontecer em situações em que existe similaridade ou complementariedade entre os lugares de origem e recepção. Na discussão sobre a circulação do conhecimento, alguns autores defendem que a proximidade territorial, mesmo idioma e fatores emocionais podem, por vezes, ter uma influência maior do que conhecimento técnico e recursos financeiros (POJANI; STEAD, 2015). A similaridade aqui mencionada pode ser no contexto cultural, territorial, econômica, política ou mesmo em termos de problemas urbanos que necessitam de resolução. Ainda existe a possibilidade de a similaridade ser em termos de nível de centralidade, influência e poder das partes que formam o diálogo – como na visão da rede urbana e geografia. O Quadro 5 resume a descrição das relações verticais e horizontais da Rede de Conhecimento.

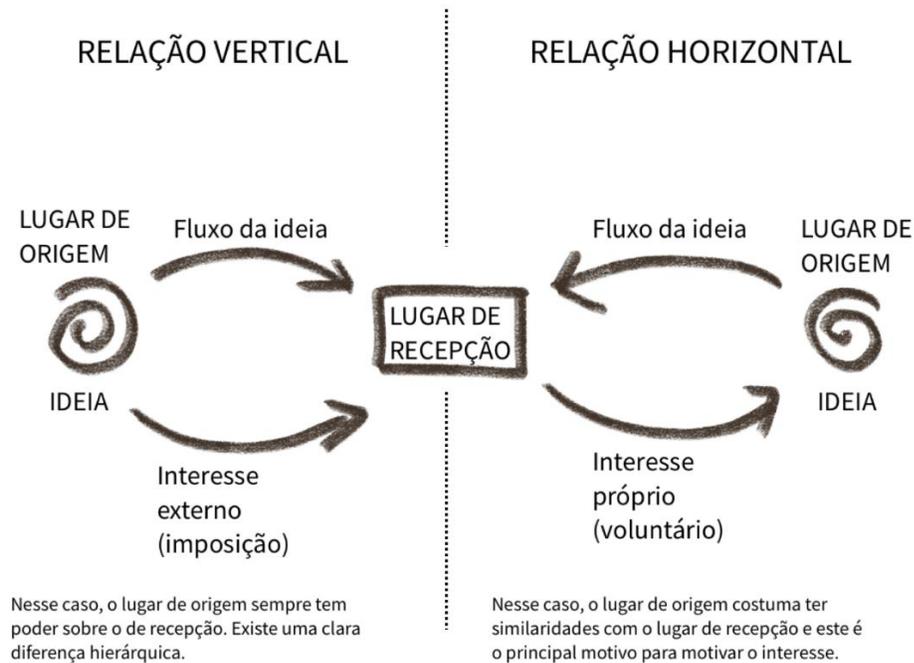
Quadro 5 – Descrição das relações da Rede de Conhecimento

RELAÇÃO	DESCRIÇÃO
VERTICAL	Normalmente possui a presença de poder, influência e domínio. Pode ser um diálogo direto entre os lugares de origem e recepção ou pode compor área polarizada por um “ <i>oligoptcon</i> ”. Pode ser coerciva, semi-coerciva ou voluntária.
HORIZONTAL	Presença de similaridade, normalmente associada com a transferência voluntária. Pode acontecer devido à similaridade de problemas urbanos ou similaridade de contexto cultural (incluindo mesmo idioma), político, econômico e territorial. A similaridade também pode ser em termos de centralidade, influência e poder.

Fonte: A autora (2019)

Duas figuras resumem a forma e os interesses envolvidos nos diálogos verticais e horizontais: Figura 3 e Figura 4.

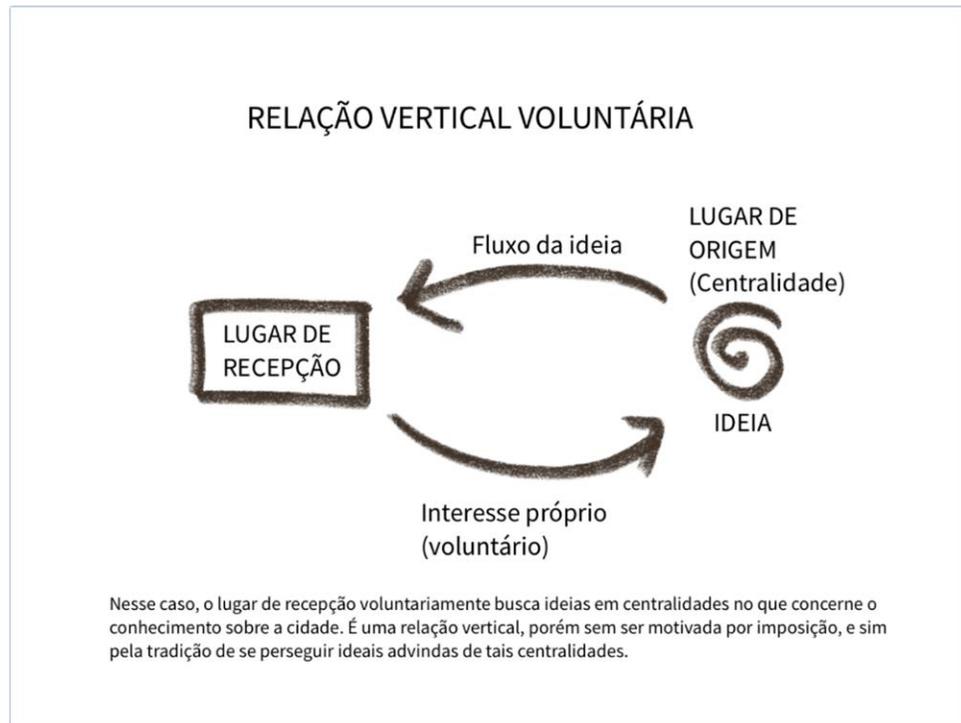
Figura 3 - Relação ou diálogo – vertical e horizontal



Fonte: A autora (2019)

O diálogo vertical sempre acontece entre lugares de origem e recepção com diferença hierárquica – sendo o lugar de origem aquele de posição mais elevada. Por algum motivo, este possui poder ou influência sobre o receptor, e é esse fato que motiva a transferência. Porém há duas formas de essa influência acontecer: em uma, existe um interesse externo ao lugar de recepção, a ideia é imposta de forma coerciva ou semi-coerciva; e em outro, o interesse parte de forma voluntária do lugar de recepção, devido a uma relação de dependência no que concerne ao conhecimento do lugar de origem, como mostra a Figura 4.

Figura 4 - Relação e diálogo – vertical voluntária



Fonte: A autora (2019)

A Rede de Conhecimento não é sempre previsível, especialmente porque a circulação das ideias possui várias formas de acontecer – integral, parcial, direta, multifocal e assim por diante. Mobilidades parciais, ou mesmo “*immobilities*” podem acontecer, sejam intencionais ou não; tendo um impacto sobre o resultado final da transferência (DOBBIN et al, 2007; DOLOWITZ; MARSH, 2000; MÜLLER, 2015; OANCĂ, 2015).

A discussão aqui apresentada sobre a estrutura da rede de conhecimento serve para reforçar o fato de que este ainda é um tópico que está lentamente crescendo na comunidade científica, com muitos aspectos ainda pouco analisados. Todas as categorias mencionadas nesta pesquisa buscam racionalizar a complexidade da rede de conhecimento no campo do planejamento e gestão da cidade.

É importante ter em mente que a rede é um objeto mutante, sensível à pressão de forças como poder, centralidade e similaridades. Em alguns casos, as categorias aqui apresentadas talvez não sejam suficientes para organizar os elementos da rede e compreender os fenômenos de circulação das ideias, sendo necessárias novas análises.

3.2.5 Rede de Conhecimento sobre a Cidade

A rede de conhecimento sobre a cidade possui dois grandes momentos passíveis de identificação: aquele com centralidades bem definidas, com a criação das ideias em países centrais como Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra e recepção dessas em países periféricos; e aquele sem centralidades definidas, onde existe uma consciência quanto às particularidades locais e a necessidade de adaptação de ideias criadas em contextos distantes.

A consolidação de instituições de ensino e pesquisa em urbanismo e planejamento urbano nos países tidos como periféricos associada às novas demandas únicas dessas cidades abriram caminho para a renovação das formas de pensar (e replicar) ideias. Ainda presente, a herança do colonialismo continua afetando os diálogos estabelecidos na rede de conhecimento, mas agora assumindo outras faces. Sobre essa questão, a citação de Boucher reforça o papel que a história, influência e diferenças entre as cidades têm na trajetória da urbanização destas:

Cities throughout the world have highly variegated histories. They are constituted and composed at the intersection of diverse influences and conditions. While this is equally the case for cities of the Global South, their trajectories of urbanization are marked by the colonial difference. Spaces, resources and bodies were rendered available to the instantiation of an externally configured modernity and enrolled into the circuits of accumulation where a net loss of things in their flows northwards necessitated irregular and always insufficient compensation. Colonialism engineered various instabilities. For example, labor was frequently displaced and urban residence always temporary. Cities were domains of a particular kind of emplacement, one where distinctions between citizen and subject could be marked, where the mobility of 'native' ideas, bodies, and economies could be controlled and where the signs of modernity could be inscribed (BOUCHER et al, 2009, p. 990)²⁵.

²⁵ Cidades ao redor do mundo possuem passados variados. Elas são constituídas e compostas em meio a diversas condições e influências. Embora esse também seja o caso das cidades do sul global, suas

Essas relações de poder, colonialismo e heranças pós-coloniais são os principais aspectos que ditam as centralidades e as formas de diálogos na rede de conhecimento. Para Boucher (2008, p. 991) “*the strange language of urbanization is legible only if power relations are understood spatially and temporally*” – essa lógica é válida não apenas para a escala das cidades, mas também para as redes urbanas em todos os seus aspectos materiais e imateriais.

Em se tratando da rede de conhecimento, parte importante do aspecto imaterial da rede urbana, é fato que essas variáveis – como poder, formação de centralidades e estabelecimento de diálogos – nem sempre seguem um padrão ou acontecem de forma previsível. Em muitos casos, o que se percebe é contrário, uma forte inconstância na circulação e na adaptabilidade das ideias – como defendido por MÜLLER (2015a, p.330).

These networks, however, are often precarious. They have holes and may start to fray at the edges, elements are enrolled into other networks, and circulation may not follow the prescribed conduits. This is what the concept of topological multiplicities encapsulates: despite the elaborate apparatus for capturing and circulating knowledge that the IOC has developed, some knowledge continues to escape being brought back home, but rather creates separate flows of knowledge flows bypassing the IOC. These bypasses limit the possibilities of enrollment since alternative sources of knowledge exist to fill the need for knowledge and shape action and, as a consequence, enrollment often remains partial and selective²⁶.

trajetórias de urbanização foram marcadas por diferenças coloniais. Espaços, recursos e corpos foram disponibilizados para uma instanciação de uma modernidade externamente configurada e atrelada aos circuitos de acumulação onde uma perda de elementos em fluxos para o norte precisavam de compensação, irregular e sempre insuficiente. Por exemplo, trabalho era frequentemente deslocado e residências urbanas eram temporárias. Cidades eram domínio de um tipo particular de colocação, onde distinções entre cidadãos e sujeitos podiam ser notadas, onde a mobilidade de ideias ‘nativas’, corpos e economias podiam ser controladas e onde os sinais de modernidade podiam ser inscritos (tradução livre).

²⁶ Essas redes, contudo, são frequentemente precárias. Elas possuem vazios e podem se tornar mais frágeis em suas bordas, elementos são incluídos em outras redes, e a circulação pode não seguir os circuitos intencionais. Esse é o que o conceito de multiplicidades tipológicas engloba: apesar do elaborado

A citação acima se refere às limitações que uma rede estabelecida por um “*oligopticon*” pode e inevitavelmente irá encontrar. As ideias e conhecimento podem circular por caminhos e trajetórias inesperadas, sofrer adaptações, se fragmentar e recircular. Ainda sobre esse tema, Müller afirma que:

Conceived as intermediaries—faithful transmitters of meaning—objects often turn into mediators that produce new meaning when knowledge is transferred across space and time. Thus, the very process that enables governing at a distance—the abstraction of knowledge from its contexts and the conversion into material form to enroll others—is at the same time one of its most significant limitations in preventing it from adjusting to new contexts. Stabilization and destabilization are thus two sides of the same coin: each attempt at stabilizing a network [...]. Networks can thus become fluid at times, when elements leave them, do not pass through the obligatory passage points, and become [...] (MÜLLER, 2015a, p.332).

Todo o processo que permite transmitir o conhecimento à distância, envolvendo objetos que carregam tais ideias, também permite com que novas interpretações e ajustes sejam realizados em diferentes contextos. Essa dupla característica faz com que as redes sejam instáveis ou “fluídas”, como descreve o autor.

Logo, são três situações que somadas formam o cenário de transformação da rede de conhecimento atual: o primeiro é a maior independência dos países antes periféricos em relação aos centrais – especialmente quanto ao desenvolvimento de pesquisa sobre a cidade; o segundo são as novas demandas e problemas que surgiram nas cidades dos países emergentes, diferentes daquelas observadas nos países centrais; e a terceira é a própria natureza da rede de conhecimento, que permite uma maleabilidade e adaptabilidade das ideias. Esses três aspectos marcam um novo momento no

aparato para capturar e circular conhecimento que o IOC desenvolveu, alguns conhecimentos continuam falhando em retornar a sua origem, e, ao invés, criam fluxos separados que contornam o IOC. Isso limita as possibilidades de associações, já que fontes alternativas de conhecimento existem para preencher a necessidade por conhecimento e moldam ações, e como consequência, associações normalmente permanecem parciais e seletivas (tradução livre).

funcionamento da rede, configurando o que nessa tese se nomeou “Rede de Conhecimento Líquida”. Em contraponto ao período anterior, nomeado “Rede de Conhecimento Sólida”.

Bauman, em seu livro **Modernidade Líquida**, define “fluidez” como uma característica dos líquidos e gases em que estes não conseguem resistir a “uma força tangencial ou deformante quando imóveis” que faz com que sofram mudanças constantes em sua forma devido a essa tensão (BAUMAN, 2000, p.7). Os líquidos são uma variedade de fluídos, que diferente dos sólidos, não são formalmente estáveis. “Os fluídos não fixam o espaço nem prendem o tempo”, eles “não se atêm a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles o que conta é o tempo” (BAUMAN, 2000, p.9). Já os sólidos não possuem essa mesma relação com o tempo – por vezes até o suprimem – mas em termos espaciais eles são claramente definidos e resistentes a impactos. É com base nessa qualidade dos líquidos de ser leve, móvel e inconstante, que o autor defende que tais características se aproximam da fase de modernidade. A citação abaixo descreve esse momento:

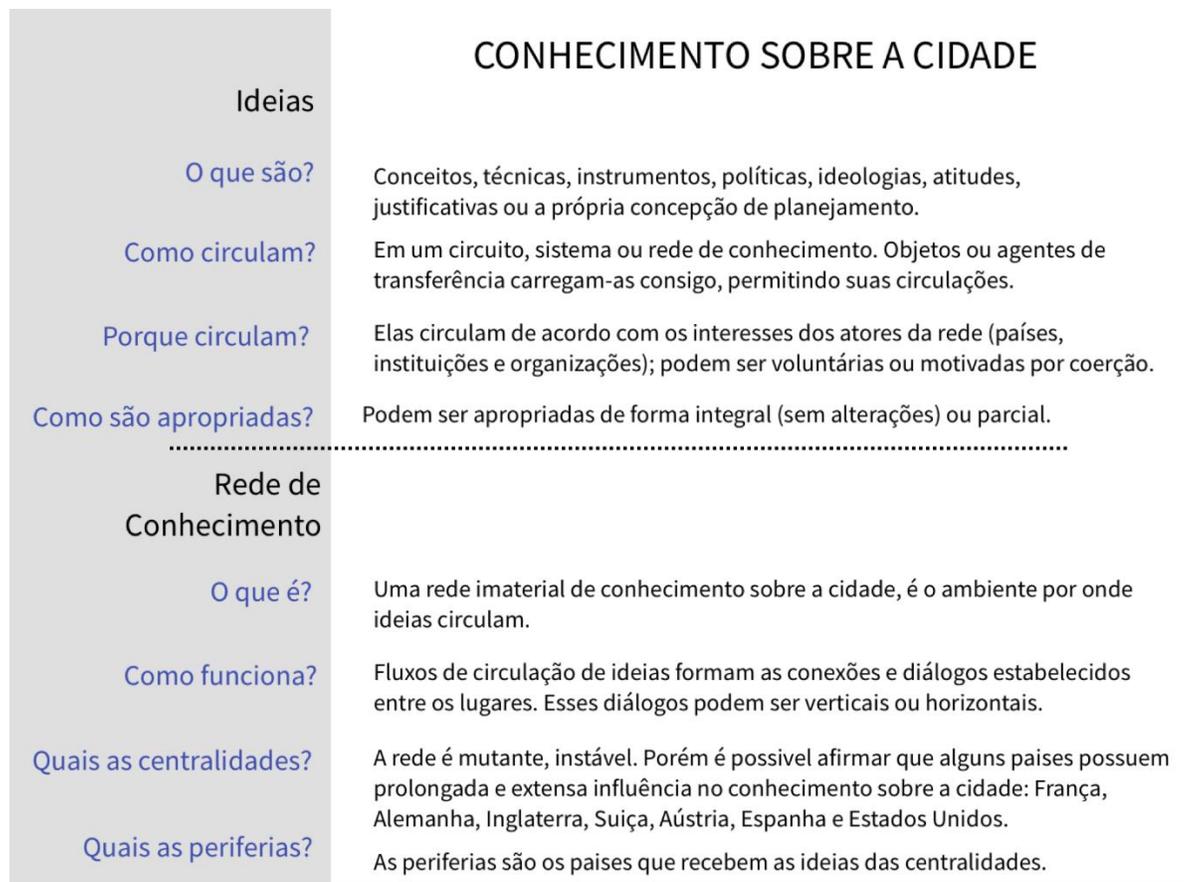
O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de “quebrar a forma” na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompendo de fronteiras e capaz de tudo desmoronar (BAUMAN, 2000, p. 13).

É possível reconhecer o momento de quebra da hierarquia da rede urbana, já descrita nesta pesquisa, como uma parte dessa liquefação da modernidade descrita por Bauman. Seus efeitos, visíveis tanto em seu aspecto material quanto imaterial, tornaram os diálogos de ideias e conhecimentos mais desregrados, maleáveis e complexos. Ainda segundo Bauman (2000, p. 14).

Hoje os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir.

Essa natureza de maior liberdade, menor controle por parte de configurações pré-estabelecidas é o que essa pesquisa propõe que se repete na realidade da rede de conhecimento em seu momento atual. A Figura 5 resume as questões centrais em torno do conhecimento sobre a cidade: a natureza das ideias e a Rede de Conhecimento.

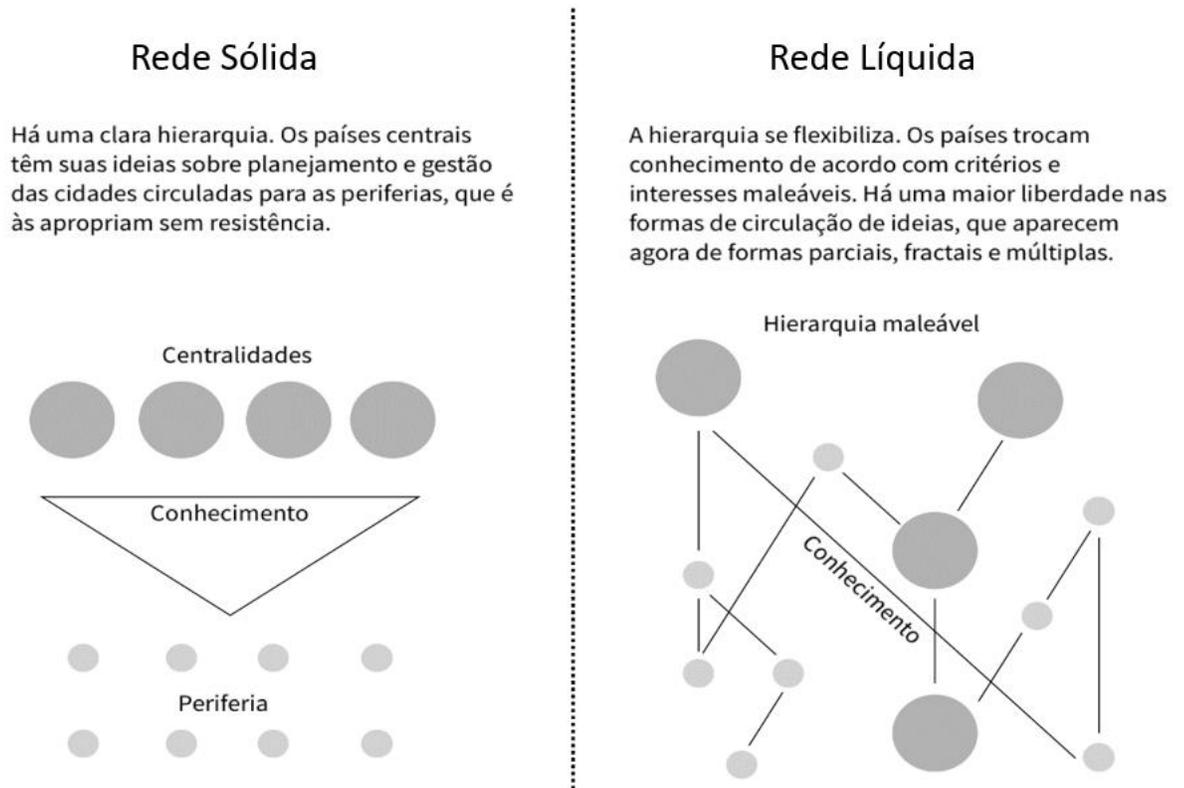
Figura 5 – Diagrama: Conhecimento sobre a cidade, ideias e Rede de Conhecimento



Fonte: A autora (2019)

Os dois momentos da Rede e Conhecimento identificados neste item –sólida e líquida – tem suas características resumidas na Figura 6.

Figura 6 - Características das Redes Sólida e Líquida



Fonte: A autora (2019)

Ambos os tipos de centralidades são discutidos com mais detalhes nos próximos itens.

3.2.5.1 Rede Sólida

Alguns autores defendem que em determinado momento se inicia uma crença de que existe uma ideia universal, um caminho certo para se atingir o desenvolvimento econômico e social que pudesse ser generalizado para qualquer lugar. Nessa concepção de que o desenvolvimento é algo linear, as ideias sobre planejamento e gestão da cidade funcionam como uma forma de se manter dentro dos trilhos; e circulam de um lugar para o outro sendo consideradas igualmente válidas em todos. Mas essa universalização do entendimento do planejamento e gestão urbana começa a ser questionada no momento

em que se reconhece a real complexidade do caminho a ser seguido em prol do desenvolvimento. A validade universal da concepção de caminhos para se atingir o planejamento e gestão de forma ideal não passa de uma ilusão. Esse tipo de pensamento perdurou durante muito tempo, como é possível perceber na citação a seguir.

Back in the mid-20th century, a simple uprooting and transplanting transfer process could be justified by the belief in a single, ‘universally valid’ pathway for human social development.⁹ Societies or countries were conceived as at different stages of development. Through the technology of planning, their development could be speeded up, to help them catch up with the ‘most developed’ societies. We know this now as the ‘modernization’ project. There has been some very interesting historical work in the planning field analysing what happened when such ideas – from the US, from France and Germany, and from the UK – were promoted in countries such as the Lebanon, India, Sri Lanka and China. In many parts of the world, the imported practices of land-use zoning and forms of ‘masterplanning’ are now considered as alien implants by imperial colonizers which have become used and abused by elites to bolster their own positions, but have very little relevance to the very many living in informal settlements in rapidly expanding cities (HEALEY, 2011, p.12)²⁷.

Por muito tempo as ideias sobre planejamento e gestão advindas de lugares centrais eram consideradas como caminhos certos para alcançar o desenvolvimento,

²⁷ Durante a metade do séc. XX, processos de transferência que apenas “desenterravam e transplantavam” podiam ser justificadas pela crença em um único caminho de “validade universal” para o desenvolvimento social humano. Pela tecnologia do planejamento, esse desenvolvimento poderia ser acelerado, para auxiliar a alcançar o nível de sociedades ‘mais desenvolvidas’. Nós conhecemos isso hoje como projeto de ‘modernização’. Há alguns trabalhos históricos muito interessantes no campo do planejamento, analisando o que aconteceu quando tais ideias – com origem nos Estados Unidos, França, Alemanha e Reino Unido – foram promovidas em países como Líbano, Índia, Sri Lanka e China. Em muitas partes do mundo, as práticas importadas de zoneamento do uso do solo e formas de “plano diretor” são hoje consideradas implantes alienígenas por colonizadores imperiais que se tornaram acostumados e abusaram das elites para reforçar suas próprias posições, mas possuem pouca relevância para a maioria que vive em assentamentos informais em cidades em intensa expansão (tradução livre).

diminuindo o abismo social, cultural e econômico entre as cidades de países periféricos e as cidades dos países referenciais (como Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e França).

Ideias sobre a cidade se transformaram em receitas, modelos possíveis de serem implantados em qualquer cidade, independente das particularidades locais. Choay (2013), em seu livro “O Urbanismo – Utopias e Realidades, uma Antologia”, reúne as principais teorias e modelos sobre o planejamento e gestão da cidade. O próprio nome da publicação já sugere o que a autora acaba por concluir; muitas ideias consagradas na história do urbanismo não passam de utopias que jamais funcionariam em cidades reais. Para a Choay, “o urbanismo não questiona a necessidade das soluções que preconiza” (2013, p. 2), pelo contrário, ele tem a pretensão de ser uma “ciência” universal. Le Corbusier, reconhecidamente um dos maiores arquitetos e urbanistas do modernismo, acreditava que existia um “ponto de vista verdadeiro” – e o “Plan Voisin”, sua proposta para o remodelamento de parte de Paris retrata esse tipo de pensamento. Esse plano, também conhecido como “cidade para três milhões de habitantes” previa a completa derrubada das edificações existentes e a construção de altas torres em forma de cruz, cercadas por áreas verdes e largas avenidas.

A reprodução de ideias parecia uma ação tentadora para os urbanistas e gestores no final do século XIX e início do século XX – período com forte circulação de ideias em torno do planejamento e gestão da cidade. Esse cenário foi recorrente nas cidades latino-americanas, assim como em diversos países emergentes – ainda culturalmente muito vinculadas com a Europa e Estados Unidos. Para Arturo Almandoz (2003), no período entre 1850-1950 existiram três grandes momentos na circulação de ideias sobre urbanismo e planejamento de cidades: O primeiro é a Reforma Urbana da segunda metade do século XIX; o segundo é a “Belle Époque” marcada pelo Higienismo, desenho urbano e expansão residencial; e o terceiro é a americanização e cristalização do urbanismo na América Latina.

No primeiro momento, de Reforma Urbana, Almandóz afirma que o símbolo da modernização foi a reforma de Paris realizada pelo barão Haussmann – e essa ideia foi circulada em diversas cidades latino-americanas. Almandóz (2003) afirma que para Sica

é identificável ao menos dois tipos de “Hausmanização” na América Latina: uma ligada a sistematização da estrutura urbana das capitais (especialmente pós era colonial e na 2ª metade do século XIX) e outra voltada a renovação e expansão das cidades latino-americanas (especialmente até a 2ª guerra mundial). Grandes parques e largas avenidas estão entre as principais ideias consolidadas nas cidades latino-americanas – alguns exemplos são o Paseo de La Reforma (Cidade do México), Parque Palermo e Avenida de Mayo (Buenos Aires), Paseo del Prado e Avenida Agraciada (Montevideo), Parque Forestal e Cerro Santa Lucía (Santiago), Boulevard Guzmán Blanco e Paseo El Calvario (Caracas).

No Brasil, ao menos duas cidades foram explicitamente influenciadas pelo remodelamento de Paris feito por Haussmann – é o caso do Rio de Janeiro, redesenhado tendo em vistas preocupação sanitária, por Pereira Passos (1905-1910) e Carlos Sampaio (1920-1922); e de São Paulo, que foi modificada por Prestes Maia (1938-1945) de forma criar grandes avenidas abertas, túneis e elevados. Esse cenário se repetiu não apenas no Brasil, mas também em diversos outros países periféricos.

O segundo momento, da “*Belle Époque*” foi marcado pelo desejo de reproduzir três tendências urbanísticas europeias: reforma sanitária; renovação urbana; e expansão residencial. A questão é que as capitais latino-americanas não possuíam os mesmos problemas (especialmente quanto à presença de indústrias e insalubridade), ao menos não em mesmo nível, que as cidades de origem de tais ideias. Segundo Almandóiz, na historiografia do urbanismo e planejamento das cidades latino-americanas foram feitas comparações de governantes que se assemelhavam ao Barão Haussmann em termos de ações desenvolvidas e tipo de ideias aplicadas, como mostra a citação a seguir.

The rulers of some cities were compared to the Prefect of the Seine, what allow us to see them as Creole Haussmanns. Torcuato de Alvear, mayor of Buenos Aires (1883–1886), became known in his own time as the Argentine version of the Baron. Benjamín Vicuña Mackenna, mayor of Santiago, had also proposed, in the early 1870s, a transformation plan for the capital, which was influenced by Haussmann's Paris; though the plan was approved in 1892, it was not finally implemented. Guzmán Blanco's urban reforms in 1870s and 1880s Caracas were also associated with Napoleon III's grands travaux, though the ambitious

principles of the Baron's urbanism were difficult to apply to the tiny capital. Having studied in Second-Empire Paris and taken part in the design of a planning scheme for Rio de Janeiro in the mid-1870s, Francisco Pereira Passos was also supposedly inspired by the Baron's ideas for the inauguration of the Avenida Central (1905) and other transformations of the 'Cidade Maravilhosa', when he became Prefect of Rio during the Presidency of Rodrigues Alves (ALMANDOZ, 2003, p.7)²⁸.

A influência das ideias europeias, especialmente as francesas, teve uma grande repercussão nas capitais latino-americanas. Além das ideias haussmannianas, ainda pode-se destacar o conhecimento acadêmico do *Institut d'Urbanisme* da *Université de Paris* e a *École de Beaux Arts*, ambos com circulação efetiva na América Latina. Para Almandoz (2003), durante o período da “*Belle Époque*” a França foi o país central com mais forte disseminação de ideias entre os países latino-americanos, sendo Paris o exemplo máximo de urbanismo. Alguns autores defendem que ideias inglesas, como a cidade-jardim, não foram absorvidas pelo urbanismo da América Latina, salvo poucas exceções (como o caso de bairros como Jardim América, em São Paulo). As manifestações mais próximas às cidades jardins são os subúrbios residenciais projetados para as classes média e trabalhadora – como o Cerro em Havana; Palermo e Belgrano em Buenos Aires; Pocitos e Carrasco em Montevideo; Flamengo e Botafogo no Rio de Janeiro; e Colonia Balbuena na Cidade do México.

²⁸ Os líderes de algumas cidades eram comparados com o prefeito do Sena, o que nos permite vê-los como Haussmanns Crioulos. Torcuato de Alvear, prefeito de Buenos Aires (1883-1886), se tornou conhecido em seu tempo como a versão argentina do Barão. Benjamín Vicuña Mackenna, prefeito de Santiago, também propôs, no início da década de 1870, um plano de transformação para a capital que também foi influenciado pela Paris de Haussmann; apesar de o plano ter sido aprovado de 1892, ele não foi implementado. A reforma urbana de Guzmán Blanco para Caracas, nas décadas de 1870 e 1880, também foram associadas com os grandes trabalhos de Napoleão III, apesar de os ambiciosos princípios do urbanismo do Barão serem de difícil aplicação na pequena capital. Francisco Pereira Passos, tendo estudado em Paris do segundo império e participado do design de esquemas de planejamento para o Rio de Janeiro na década de 1870, também foi supostamente inspirado pelas ideias do Barão para a inauguração da Avenida Central (1905) e outras transformações da 'Cidade Maravilhosa', quando ele se tornou prefeito do Rio, durante a presidência de Rodrigues Alves (tradução livre).

O terceiro período, de americanização e consolidação do urbanismo na América Latina, é marcado pela emergência de novo planejamento devido ao rápido crescimento e espraiamento das capitais. As primeiras gerações de arquitetos e urbanistas formados em faculdades e universidades latino-americanas começam a surgir, assim como jornais e revistas sobre os problemas urbanos do continente – como é o caso do “*La Ciudad*” (1929, Buenos Aires); “*Planificación*” (1927, México); e “*Urbanismo y Arquitectura*” (1939, Chile). Essas instituições e novos profissionais trouxeram novas perspectivas de pensar a cidade, tornando menos expressiva a reprodução das ideias europeias. Almandoz identifica esse período como o de consolidação do Urbanismo na América Latina – como explicado na citação a seguir.

Confirming the importance that administrative changes had for the consolidation of planning – as Sutcliffe demonstrated had happened in industrial countries before 1914 – Latin America's technical planning apparatus did not take shape until the second half of the 1920s when urban problems became a public issue. Most of the national or municipal offices of urban planning in Santiago, Montevideo, Buenos Aires, Mexico City, Rio, Lima, Bogotá and Caracas were a joint effort between local and national governments, new professional associations, and urban research centres. Some acting at the same time as administrative heads, urban designers and promoters, a new generation of indigenous urban planners and designers would emerge from these offices in charge of elaborating the first plans for the emerging metropolises, including Carlos Contreras in Mexico City, Mauricio Cravotto in Montevideo, Carlos della Paolera in Buenos Aires, Francisco Prestes Maia in São Paulo, Pedro Martínez Inclán in Havana, and Leopoldo Martínez Olavarría in Caracas. Benefiting from both the specialization and diversity of the professional milieu, other trends of European urbanism, different from those of the Beaux-Arts tradition, were incorporated into the planning agendas of the new institutions, which often involved the visit of famous urbanists as advisers for the first plans of Latin American capitals (ALMANDOZ, 2003, p. 10)²⁹.

²⁹ Confirmando a importância de que mudanças administrativas tinham para a consolidação do planejamento – como Sutcliffe demonstrou que aconteceu em países industriais antes de 1914 – O aparato de planejamento técnico da América Latina não tomou forma até a segunda metade dos anos de 1920,

Foi nesse período que Le Corbusier teve suas ideias difundidas em diversas cidades de países da América do Sul, incluindo Buenos Aires, Montevideo, Assunção e Rio de Janeiro. Por vezes, Le Corbusier possuiu um papel ativo como urbanista e planejador – como no caso do Plano de Buenos Aires (feito por ele, Jorge Ferrari e Juan Kurchan); e por vezes, teve um papel indireto, porém decisivo, disseminando ideias no meio acadêmico e profissional dos países visitados. Brasília é um exemplo de cidade planejada seguindo princípios disseminados por Le Corbusier, mesmo que ele não tenha desenhado uma linha de seu projeto; em sua viagem ao Brasil, Le Corbusier se aproximou de Lúcio Costa e de Oscar Niemeyer, ambos responsáveis por idealizar o desenho urbano e arquitetônico da cidade.

Le Corbusier visitou o Brasil em 1929, influenciado por seu amigo Blaise Cendrars, nome importante no contexto artístico e envolvido no meio de figuras como Tharsila do Amaral e Oswald de Andrade. Já nesta primeira visita o arquiteto desenvolve uma ideia de plano urbanístico para o Rio de Janeiro, em forma de cidade linear e fazendo uso de auto-estradas, deixando a natureza o mais livre possível (FONSECA, 2002). Em 1936, Le Corbusier volta ao Brasil, dessa vez convidado para ministrar um curso de cinco semanas para a equipe de arquitetos (Lúcio Costa, Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos e Oscar Niemeyer) responsável pelo projeto do Ministério

quando problemas urbanos se transformaram em dilemas públicos. A maioria dos escritórios nacionais ou municipais de planejamento urbano em Santiago, Montevideo, Buenos Aires, Cidade do México, Rio, Lima, Bogotá e Caracas eram esforços conjuntos entre governos locais e nacionais, novas associações profissionais e centros de pesquisa urbana. Alguns agindo simultaneamente como líderes administrativos, idealizadores e promotores do urbano, uma nova geração de arquitetos e urbanistas iria emergir desses escritórios responsáveis pela elaboração dos primeiros planos das grandes metrópoles, incluindo Carlos Contreras na Cidade do México, Maurício Cravotto em Montevideo, Carlos dela Paolera em Buenos Aires, Francisco Prestes Maia em São Paulo, Pedro Martínez Inclán em Havana e Leopoldo Martínez Olavarría em Caracas. Se beneficiando tanto da especialização e diversidade dos fundos profissionais, outras tendências de urbanismo europeu, diferentes da tradicional Beaux-Arts, foram incorporadas nas agendas de planejamento dessas novas instituições, que frequentemente envolveram a visita de urbanistas famosos para aconselhar nos primeiros planos das capitais da América Latina (tradução livre).

da Educação. O projeto arquitetônico do Ministério da Educação seguiu os preceitos defendidos pelo arquiteto franco-suíço.

Além da grande influência do arquiteto franco-suíço no Brasil, outros países da América Latina foram diretamente influenciados por seus preceitos, a exemplo da Argentina.

Paralelamente, tenta-se aplicar as ideias de Le Corbusier que se concretizaram no Plano Diretor de Buenos Aires, elaborado em Paris no ano 1938, no escritório da Rue de Sévres, com a participação de Jorge Ferrari Hardoy (1914 - 1976) e Juan Kurchan (1913 - 1972), enviados pela Prefeitura da capital. Publicado em 1947 (LE CORBUSIER, 1947), esse plano não saiu do papel e pouco do seu conteúdo foi utilizado. Nem os novos centros cívicos e esportivos, nem os quarteirões da Ville Verte, nem o sistema em funil das rodovias de tráfego rápido que culminavam no velho centro, nem o elevador na Avenida Nove de Julho foram construídos. A proposta que mais se aproximou dos projetos realizados nas últimas décadas foi a concentração de escritórios à beira do Rio da Prata. Na sua visão metafórica da importância dos “capitães da indústria” no desenvolvimento econômico do país, ele criava uma ilha artificial para localizar os arranha-céus cartesianos, que hoje coincidem com os prédios altos de Catalinas Norte e de Porto Madero (GOMES, 2009, p.102-103).

O legado das ideias europeias absorvidas nesse período nas cidades latino americanas vai além dos preceitos de Le Courbusier, CIAM e Carta de Atenas. O alemão Werner Hegemann, por exemplo, visitou Buenos Aires em 1931, recebido pela instituição “*Los Amigos de la Ciudad*”. Esse urbanista analisou as soluções propostas anteriormente por outros visitantes, criticou a densidade permitida na capital argentina e fez uso de sistemas de parques como elemento estrutural no planejamento desta. Karl Brunner (austro-alemão) também teve um importante papel no pensamento racionalista da cidade latino americana, tendo contribuído nos planos de Santiago (1933) e Bogotá (1940), além de ter traduzido o livro “Manual de Urbanismo” (1939), texto reconhecido e com grande repercussão em todo o continente. Mas é após a segunda guerra mundial que novos caminhos no tratamento e resolução dos problemas urbanos se tornam mais evidentes –

especialmente pela disseminação do funcionalismo das técnicas norte-americanas (ALMANDÓZ, 2003).

The end of the phase of predominance of European urbanism was clearly perceived by Francis Violich in his tour across Latin American capitals. When he met some of the local colleagues on his 1941–1942 journey, the Californian planner noticed that Latin professionals were 'European-trained, or prepared for the technical field in their own country by European-trained professors.' In addition to their thorough technicality, Latin professionals frequently had 'a broader understanding of their own and related fields than would be provided in similar training in the United States.' More than their North American colleagues, Latin urbanists also tended 'to philosophize about the significance of the city's pattern, about the broad human objective of planning.' Knowing European capitals 'by heart', most of the planners Violich talked to were still influenced by the philosophical and artistic tradition of French urbanism, epitomized in books such as Poëte's *Paris. Son évolution créatrice* (1938), which the visitor found in some of the planners' libraries. Thus, even in the early 1940s, the urbanist mission of France in Latin America was not only proclaimed by Le Corbusier, by representatives of the EFU or by the French historians, but also confirmed by a North American planner. However, the missions of European urbanism were not to last for long, at least among the 'younger practising architects and planners', who started to 'look towards the United States rather than to Europe (ALMANDÓZ, 2003, p. 19)³⁰.

³⁰ O final da fase de predominância do urbanismo europeu foi claramente identificado por Francis Violich em sua jornada pelas capitais latino-americanas. Quando ele encontra com alguns colegas locais em sua viagem de 1941-1942, o planejador californiano nota que profissionais latino-americanos eram 'treinados ao formado europeu, ou preparados em seus próprios países por professores treinados na Europa ou em moldes europeus'. Além de sua tecnicidade minuciosa, profissionais latino-americanos frequentemente tinham um 'entendimento ampliado de seu campo e correlatos comparado ao praticado em treinamentos similares nos Estados Unidos. 'Mais do que seus colegas norte-americanos, urbanistas latino-americanos tendiam a 'filosofar sobre o significado do padrão da cidade, sobre o objetivo humano maior do planejamento'. Conhecimento as capitais europeias profundamente, muitos dos planejadores que Violich conversou eram ainda influenciados pelas tradições filosóficas e artísticas do urbanismo francês, epitomizado em livros como a Paris de Poëte em *Son évolution créatrice* (1938), que o visitante encontrou

De fato, no planejamento urbano, buscavam-se mais referências externas do que se criavam novas ideias na América Latina. Esse panorama intensificou a sua modificação quando os países latinos americanos começaram a sofrer com o alto crescimento populacional de suas áreas urbanas devido à industrialização e a migração campo-cidade, processo que teve seu ápice na década de 1970. Houve uma intensa crise nas grandes cidades devido à falta de infraestrutura, mobilidade, habitação e saneamento para atender aos novos residentes. Tal processo gerou diversas ocupações clandestinas anexadas aos tecidos urbanos de parte das grandes cidades latinas. O planejamento e a gestão urbana tornaram-se mais urgentes do que nunca, e, foi a partir de então que os países latinos começaram a criar e exportar ideias de forma efetiva.

Outros urbanistas também tiveram grande influência sobre os países da América Latina, como é o caso de Alfred Agache no Brasil, Werner Hegemann na Argentina ou Augusto Guidini em Montevideo, mas a maioria destes não tiveram suas ideias tão disseminadas na América Latina quanto as de Le Corbusier (LIERNUR; PSICHEPIURCA, 2012).

Não foram apenas urbanistas que tiveram grande influência no planejamento e gestão das cidades, mas também filósofos, antropólogos, geógrafos, sociólogos e outros profissionais e acadêmicos das ciências Sociais e Humanas. Manuel Castells, com seu livro **Questão Urbana**, e Henri Lefebvre, com **Direito à Cidade**, tiveram suas ideias amplamente absorvidas pelo planejamento e gestão urbana da América Latina – especialmente porque ambos se aproximam da perspectiva política de justiça social, comum a diversos países da América Latina nas últimas décadas (FREITAG, 2015).

Em outros casos, as ideias e conhecimento foram introduzidos não por urbanistas, acadêmicos, políticos ou gestores; mas sim pelo setor privado. Em São Paulo, dois

na biblioteca de alguns planejadores. Logo, mesmo no começo da década de 1940, a missão urbanista francesa na América Latina não era apenas proclamada por Le Corbusier, por representantes do EFU ou por historiadores franceses, mas também confirmada por planejadores norte-americanos. Contudo, as missões do urbanismo europeu não durariam muito, pelo menos entre os ‘jovens arquitetos e planejadores’ que começaram a ‘olhar em direção aos Estados Unidos ao invés da Europa’ (tradução livre).

exemplos ilustram esse cenário: a inglesa “*Light Company*”, que possuía monopólio da distribuição de luz no Brasil por décadas; e a *Cia City (City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited)*, empresa responsável pelo desenho de diversos bairros da cidade (a partir da ideia de cidade jardim), também de origem inglesa. A “*Light Company*” teve influência na escolha do transporte urbano praticado na cidade nos anos de 1920, quando o bonde elétrico foi o principal meio de rápida locomoção (FREITAG, 2015).

Esses exemplos servem para demonstrar como a circulação das ideias aconteciam de uma forma vertical, fosse pelo poder de uma instituição, ator ou agente, ou fosse pela própria crença dos países periféricos de que o conhecimento produzido nos países centrais traria a solução de todos os problemas urbanos locais, a despeito de todas as diferenças contextuais.

Essa lógica de pensar o urbanismo e o planejamento da cidade como ciência universal deu espaço para uma aparente interminável dependência científica, cultural e técnica dos países periféricos em relação aos centrais. Para Healey (2011, p.88), isso fazia parte do mito da “modernização”, como explicitado na citação a seguir.

In the past, our conception of such flows was underpinned by linear and singular models of development pathways – the ‘modernization’ myth. This rendered them apparently benign and positive contributions to ‘development’. Today, such concepts have been replaced by a recognition of contingency and complexity, which highlights the particular histories and challenges of localities in different parts of the world, and the damaging consequences when external ideas about planning and development are planted upon specific histories and geographies (HEALEY, 2011, p.88)³¹.

³¹ No passado, nossa concepção de tais fluxos era sustentada por modelos lineares e singulares de caminhos para o desenvolvimento – o mito da ‘modernização’. Hoje, esses conceitos foram substituídos pelo reconhecimento de contingência e complexidade, o que destaca histórias particulares e desafios de localidades em diferentes partes do mundo, e a danosa consequência de quando ideias externas sobre planejamento e desenvolvimento são plantadas sobre histórias e geografias específicas (tradução livre).

Essa forma linear e universal de pensar o urbanismo e o planejamento não são mais hegemônicos; e hoje se reconhece a complexidade da transferência de ideias, especialmente quanto às consequências de sua assimilação no lugar de recepção. Healey (2011) defende que a circulação de ideias é mais eficiente se tais ideias são levadas em conta como narrativas no contexto local – especialmente quanto aos problemas, cultura e demais particularidades. – e não como boas práticas, como técnicas universais e aplicáveis a qualquer situação.

3.2.5.2 Rede Líquida

As ideias e o conhecimento são formulados em um determinado contexto, com particularidades únicas do lugar onde foram criados. A reprodução de planos, projetos e políticas se mostrou ineficiente como forma de solucionar os problemas urbanos dos países periféricos – já que estes eram muito distantes da realidade das cidades de origem das ideias.

Um exemplo de problemática urbana vivenciada em grandes cidades dos países periféricos é a existência de criminalidade em favelas. Em artigo de Yazdani, Bercovitch e Charles-Voltaire (2015), apresenta-se um caso de transferência de ideia específica sobre esse problema: da experiência da denominada VIVA RIO (ONG brasileira ligada ao combate da violência em favelas) para a área de Port-au-Prince no Haiti, afetada pelo grande terremoto de 2010. Esse foi um diálogo incentivado pela similaridade entre ambas cidades, e com presença de interlocutor comum. O repasse da ideia aconteceu por meio de consultoria, gerenciamento e realização direta da VIVA RIO. Esse tipo de transferência não seria possível de acontecer entre cidades com características muito distantes - já que a diferença nos contextos de origem e recepção das ideias poderia não só inviabilizar o sucesso da aplicação da ideia, mas também não ter qualquer relevância para a cidade receptora.

Para Healey (2011, p.190) *“it is helpful to attach some kind of ‘origin narrative’ to planning ideas as they travel from place to place, to help others work out what could be*

*learned from it of relevance to other situations and other contexts*³²". Essa narrativa de origem descrita pela autora serve para contextualizar a ideia em seu lugar de criação, permitindo fazer comparações com a realidade local dos lugares que absorvem esse conhecimento. A autora descreve esse processo como "*when a concept, technique or instrument is extracted from its place of 'origin', packaged up with a surrounding narrative, circulated around and translated into the particular circumstances of a different locale*" (HEALEY, 2011, p.191).

Outros autores também defendem essa interpretação de que o contexto de formulação das ideias forma um vínculo entre o lugar de criação e a essência desse conhecimento. É o caso de Agnew (2007) e de Kuus (2015), como possível perceber na citação a seguir.

Where knowledge is produced and where it circulates is integral to its effects. Knowledge claims about places should be examined not only in terms of what they purport to do – as know-how – but also with respect to how they are produced in particular places and projected onto other places – as know-where (Agnew, 2007, apud KUUS, 2015 p. 433)³³.

Essa concepção de que existe não apenas o *know-how*, mas também um *know-where*, ou seja, um entendimento do lugar de origem e do vínculo que essa ideia possui com seu contexto, torna a similaridade entre os lugares de origem e recepção um fator cada vez mais decisivo na circulação de conhecimento. Sem uma leitura real das características locais, tanto na origem quanto no de recepção, a transferência possui menos chances de obter sucesso em sua aplicação.

³² É prestativo inserir algum tipo de 'narrativa de origem' para ideias de planejamento enquanto estas viajam de lugar a lugar, para auxiliar outros a entender o que pode ser aprendido de relevante com elas para outras situações e contextos (tradução livre)

³³ Onde conhecimento é produzido e onde ele circula é integral para seu efeito. Reivindicações de conhecimento sobre lugares devem ser examinadas não apenas em termos de o que se propõe fazer – como *know-how* – mas também com respeito a como é produzido em lugares em particular e projetados em outros lugares – como *know-where* (tradução livre).

A rede de conhecimento atual permite uma maior maleabilidade no processo de circulação das ideias, sem hierarquias rígidas ou circuitos fechados. Como já mencionado anteriormente, poder, aspectos históricos e similaridades são aspectos que influenciam nos diálogos estabelecidos, mas a forma e a liberdade das conexões se expandiram. Autores como Lemos (et al. 2014 apud KALAFATIS et al., 2015) e Buizer (et al., 2010) defendem que existem diferenças entre sistemas de conhecimento e redes de conhecimento. O primeiro destes é mais fechado, os atores e organizações possuem maior controle sobre os limites da disseminação das ideias; já o segundo é mais fluído, não há regras específicas sobre onde as ideias são geradas e aonde serão assimiladas, assim como o número de lugares envolvidos nesse processo. Pinson (2014) afirma o seguinte sobre a literatura de transferência de ideias na área de Política Pública:

This literature is described as being mainly concerned with national and international elites, and as considering ‘transfers’ as a one-way and asymmetrical process of literal application of models coming from dominant places/actors to dominated ones. That might be true for the first generation of research on policy transfer, but much less so for subsequent work. Indeed, more recent research, conducted in a more sociological approach, has put aside a literal vision of transfer as mere replication of imported solutions (PINSON, 2014, p. 1929)³⁴.

Isso mostra que, apesar de a pesquisa sobre a transferência e circulação das ideias ser ainda um tópico relativamente recente no planejamento, gestão urbana e em áreas correlatas (tal qual a política pública e a geografia), existe uma mudança em termos da compreensão desses fenômenos de forma mais fluída, líquida – ou seja, sem regras definidas e imprevisível.

³⁴ A literatura é descrita como sendo principalmente preocupada com elites nacionais e internacionais, e por considerar ‘transferências’ como um processo unidirecional e assimétrico de literal aplicação de modelos que advém de lugares/atores dominantes para aqueles dominados. Isso talvez seja verdade para a primeira geração de pesquisas em transferências de políticas públicas, mas não tanto para os trabalhos subsequentes. De fato, pesquisas recentes, conduzidas em uma abordagem mais sociológica, deixou de lado a interpretação literal de transferência como uma mera replicação de soluções importadas (tradução livre).

Ainda é importante ressaltar que esse movimento de circulação de ideias não acontece apenas entre o lugar de origem inicial diretamente para os lugares de recepção – atores, agentes e lugares intermediários podem criar uma teia por onde esse conhecimento se adapta, transforma e recircula. Para Ward, esse fenômeno cria “*a complex international history that reflected more than one national tradition; they were synthesised products of an international planning community*”³⁵ (WARD, 2010, p. 66).

Nesse sentido, alguns autores, como Parnreiter (2011) defendem que essa recirculação e adaptação que as ideias e o conhecimento fazem a cada lugar de origem e recepção que passam faz com que o planejamento seja de fato universalizado. Contraditório, quando comparado ao entendimento de Planejamento Universal apresentado por Healey (2011, p.190):

However, there has been a major shift in the past century in the planning academy and in the social sciences generally from a conception of a universally valid, linear pathway to economic and social development, linked to a set of technologies, to a recognition of the diversity of ways in which ‘development’ happens in particular places. In a linear development conception, the idea of planning was part of the package of forms of societal guidance which sought to keep development ‘on track’. Planning concepts and practices could be and were borrowed from one place to another with few qualms. Once we recognize the complexity and contingency of development pathways, then the ‘universal validity’ of both the idea of planning and particular planning experiences are called into question (Healey, 2011, p.190)³⁶.

³⁵ Uma história internacional complexa que refletia mais de uma tradição nacional, eram produtos sintetizados de uma comunidade de planejamento internacional (tradução livre).

³⁶Contudo, existiu uma grande mudança no século passado na academia de planejamento e nas ciências sociais em geral, de uma concepção de um caminho universalmente válido e linear de desenvolvimento econômico e social, ligado a uma série de tecnologias, para o reconhecimento de uma diversidade de caminhos pelos quais ‘desenvolvimento’ acontecem em lugares particulares. Na concepção de desenvolvimento linear, a ideia de planejamento era parte de um pacote de formas de assistência societal que intencionavam manter o desenvolvimento ‘nos trilhos’. Conceitos e práticas de planejamento podiam e eram emprestadas de um lugar para outro com poucos critérios. Uma vez que reconhecemos a

Para a autora o sentido de universal é na padronização do que se entende como caminho para se atingir o desenvolvimento, enquanto para Parnreiter significa a contribuição de diversos lugares distintos na transformação de uma ideia. O autor afirma que universal tem a conotação de que o conhecimento surgiu de múltiplas tradições nacionais (PARNREITER, 2011).

É certo afirmar que hoje a rede de conhecimento sobre planejamento e gestão da cidade é muito mais ampla, interconectada, aberta e sujeita a forças e diálogos cada vez mais imediatos. A complexidade de análise dessas relações estabelecidas na rede é de difícil apreensão devido a sua rápida mutabilidade. A capacidade de conexão a essa rede possui um papel maior e mais decisivo na definição na formação de centralidades e natureza dos diálogos estabelecidos do que a distância física entre os centros conectados, como evidenciado nas citações de Müller (2015a, p.335).

Instead of assuming discrete vertical scale levels – global, national, local ‘the words “local” and “global” offer points of view on networks that are by nature neither local nor global, but are more or less long and more or less connected’ (Latour, 1993: 122). According to ANT, there is no a priori distinction between local and global, close and distant forces: the construction of relations is what brings space and scale into being in the first place³⁷.

Esse já é um argumento utilizado por outros autores, como Sassen e Camagni, na discussão do nível de conectividade das cidades em uma rede urbana. Sendo parte

complexidade e contingência dos caminhos de desenvolvimento, então a ‘validade universal’ da ideia de planejamento e de experiências particulares de planejamento são questionadas (tradução livre).

³⁷ Ao invés de assumir escala discreta de níveis verticais – global, nacional, local ‘as palavras “local” e “global” oferecem pontos de vista em redes que são por natureza nem local ou global, mas mais ou menos longa ou mais ou menos conectada’ (Latour, 1993: 122). De acordo com ANT, não há distinção a priori entre local e global, forças próximas ou distantes: a construção de relações é o que faz lugares e escalas existirem em primeiro lugar (tradução livre).

indissociável da rede urbana, o aspecto imaterial do conhecimento e ideias também é afetado por essa lógica. Ainda sobre esse assunto, Müller afirma o seguinte:

Against the claim that learning requires close physical proximity and face-to-face interaction, this perspective argues that knowledge does not fit 'into neat scalar or territorial bundles', but needs to be imagined 'topologically, where the folds and undulations of lines drawn as contours bring into close proximity sites that might appear distant and unconnected on a linear plane' (Amin and Cohendet, 2004: 12, 93). (MÜLLER, 2015a, p.336)³⁸.

Essa característica da rede, especialmente no tratamento dos fluxos imateriais, faz com que a maleabilidade e possibilidades de conexões se multipliquem e tornem mais complexas. Os países e cidades antes dominados, agora possuem mais liberdade para dialogarem com lugares outros que não aqueles de centralidades tradicionais. Com o intuito de se investigar esse fenômeno em suas especificidades, desenvolveu-se o estudo de caso apresentado a seguir, com foco de análise em países selecionados da América Latina.

³⁸ Ao contrário da afirmação de que aprendizagem necessita de proximidade física e interação face-a-face, essa perspectiva argumenta que conhecimento não se enquadra 'em claros limites escalares e territoriais', mas precisam ser imaginados 'topologicamente, onde as dobras e ondulações das linhas são desenhadas como curvas que aproximam lugares que podem parecer distantes e desconectados em um plano linear (tradução livre).

4 ESTUDO DE CASO: TRANSFERÊNCIAS E CIRCULAÇÕES DE IDEIAS NA AMÉRICA LATINA

O estudo de caso aqui proposto se divide em duas análises correspondentes aos dois grandes períodos da circulação das ideias na rede de conhecimento sobre o pensar da cidade: Rede Sólida e Rede Líquida.

Ambas as análises são de natureza bibliométrica e seu recorte geográfico é a América Latina. Para a análise da Rede Sólida fez-se uma pesquisa histórica com base em autores reconhecidos na discussão da história urbana latino-americana, e, foi a partir desta pesquisa, que se selecionou o conjunto de cidades a serem investigadas em mais detalhes. Já para a etapa de análise da Rede Líquida utilizou-se como recorte os cinco países do continente - Brasil, México, Argentina, Colômbia e Chile - selecionados com base em dois critérios: maior população e maior relevância acadêmica.

As duas etapas, apesar de possuírem o mesmo objetivo de compreender o funcionamento e principais ideias e prioridades da rede de conhecimento, possuem uma forma de aproximação e investigação bem diferentes. Parte-se do pressuposto de que no primeiro período, de Rede Sólida, a circulação de ideias acontecia de uma forma mais direta e de fácil apreensão – sendo comum elas serem transferidas por meio de urbanistas e/ou políticos que viajavam entre os países levando seu conhecimento. Já no período de Rede Líquida, os diálogos adquirem maior complexidade e intensidade, com possibilidades diversas de formas de disseminação e de fluxos, sendo possível e frequentes transferências parciais e multidirecionadas. Por esse motivo, optou-se por realizar uma análise de caso a caso para o período de Rede Sólida, a partir de uma pesquisa da história urbana da América Latina e identificação dos principais urbanistas estrangeiros que influenciaram efetivamente o planejamento urbano de grandes cidades latino-americanas. Já para o período de Rede Líquida optou-se por fazer a pesquisa por meio da investigação da produção acadêmica em cinco dos principais países em termos de população (e conseqüente presença de maiores aglomerações urbanas) e com maior relevância em investigação científica.

Os diálogos estabelecidos entre os lugares de origem e recepção das ideias podem ser de duas naturezas: vertical ou horizontal. O primeiro caracterizado pelo poder de uma das partes exercido sobre a outra, onde há uma distinção de hierarquia; e o segundo é aquele motivado pela similaridade entre as partes, sem uma clara diferença hierárquica. Reconhecidamente a América Latina foi palco de diálogos verticais no que se refere à teoria e prática do planejamento e gestão da cidade; porém quais foram as principais centralidades com poder sobre o conhecimento circulado no continente?; e, esse cenário se alterou quando da transformação das cidades latino-americanas em uma realidade sem precedentes nos países centrais, intensificando as transferências de ideias entre cidades e países com questões similares? Essas duas perguntas centrais guiam as etapas deste estudo de caso, e, junto aos objetivos desta pesquisa, ajudaram a compor os passos metodológicos adotados.

A metodologia e técnicas de pesquisa para o estudo de caso são apresentados a seguir.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que permite analisar em detalhes um ou vários objetos ou tópicos de interesse. No caso desta pesquisa, foram duas etapas, cada qual com seu foco e recorte temporal e geográfico. A primeira, de análise da Rede de Conhecimento Sólida, parte de análises de casos específicos de planos e urbanistas estrangeiros que foram reconhecidamente influentes no continente latino-americano durante o período de 1900-1950 – em qualquer que fosse o país do continente. Já a segunda etapa tem como recorte temporal o período de 1970-2010 – devido a ser um intervalo onde vivenciou-se na América Latina um processo de acelerada dinâmica de crescimento populacional e conseqüente saturamento das estruturas urbanas nas grandes cidades. O recorte geográfico para esta etapa foi mais específico: Brasil, México, Argentina, Colômbia e Chile – devido a estes possuírem alta população, presença de

grandes aglomerações urbanas e maior relevância no que diz respeito ao estudo científico da cidade.

O Quadro 6 traz a relação dos recortes geográficos adotados em ambas as etapas deste estudo.

Quadro 6 - Recorte de pesquisa adotados nas duas etapas do Estudo de Caso

ETAPA 1: REDE SÓLIDA	ETAPA 2: REDE LÍQUIDA
Critério: O critério de seleção das cidades/planos/urbanistas selecionados para pesquisa foi a recorrência e a relevância dada a estes na literatura da história urbana da América Latina. Estes casos de planos são aqueles que apresentam clara influência de urbanistas de origem em países centrais – os urbanistas viajantes.	Critério: O critério de seleção para os países foi selecionar aqueles com maior dinâmica e complexidade nas aglomerações urbanas. Presença de cidades com mais de 5 milhões de habitantes e alta população foram os principais critérios. Da mesma maneira, a relevância da produção acadêmica em áreas relacionadas ao estudo da cidade também foi essencial.
Cidades selecionadas: Buenos Aires; Bogotá; Caracas; Havana; Montevideu; Rio de Janeiro; Santiago do Chile; e São Paulo.	Países selecionados: Brasil; México; Argentina; Colômbia; e Chile.

Fonte: A autora (2019)

No estudo da Rede Sólida fez-se o estudo de caso para cada uma das cidades que tiveram planos e/ou influência de urbanistas estrangeiros relevantes na história urbana da América Latina. Dessa forma, ao analisar conjuntamente todas as informações obtidas para todos os casos, é possível determinar um cenário de ideias estrangeiras recorrentes e de centralidades de conhecimento dominantes. Os detalhes quanto a quais são os planos e urbanistas que influenciaram cada cidade são apresentados no item de Rede de Conhecimento Sólida.

Já no estudo da Rede Líquida o intuito foi investigar o mesmo conjunto de informações quanto à produção acadêmica dos cinco países selecionados, para então realizar um estudo comparativo que permita identificar similaridades nos processos, prioridades e grandes eventos no planejamento e gestão da cidade. Trata-se de um período de urgência dos problemas urbanos devido ao crescimento acelerado da população, seja pela rápida evolução tecnológica e de comunicação em nível global.

Ambos fatores contribuíram para a intensificação da transferência de ideias e conhecimento, por um lado devido aos surgimentos de problemas urbanos de difícil resolução e a busca por exemplos de soluções bem-sucedidas, e por outro, a maior facilidade de comunicação e troca de informações por meio de novas tecnologias. Essa segunda análise também investiga o grau de interação internacional (especialmente com demais países latino-americanos) da academia e ciência de cada um dos países.

Ambas as etapas se apoiam em pesquisa documental, de livros, artigos e teses. A etapa de rede sólida se apoia no conteúdo de livros e artigos selecionados, de autores renomados na discussão da história urbana latino-americana, e que tratem de informações (textos, imagens, cartogramas e desenhos) relevantes sobre os planos e urbanistas viajantes que influenciaram o planejamento urbano e o pensar a cidade no período de análise. Já a etapa de rede líquida é pautada primariamente em cima de uma análise de conteúdo das últimas edições de eventos científicos, revistas científicas e teses de doutorado defendidas em programas de pós-graduação de alta qualidade. Esta análise tem como aspectos principais de análise todas as informações que deem pistas sobre as temáticas discutidas ao longo dos anos; os autores e ideias mais recorrentes; e o grau de internacionalização.

A escolha pelo continente da América Latina foi baseada na similaridade em termos de problemas urbanos, contextos culturais, históricos, políticos e econômicos – fatores que contribuem para o estabelecimento de relações horizontais de transferência de ideias. Cada uma dessas etapas do Estudo de Caso possuem uma relação de procedimentos realizados para se obter os resultados desejados.

Para a etapa de Rede Sólida, reconhecidamente dominado pelos diálogos verticais entre os países centrais e periféricos, a leitura serve para identificar a diferença nas formas das relações dentro da rede de conhecimento em um tempo em que não só o entendimento do planejamento e gestão da cidade era diferente, mas também as tecnologias e formas de comunicação. Espera-se que esta etapa possa responder quais foram as ideias de planejamento urbano mais influentes e de quais países centrais estas se originaram. Também se tem o objetivo de identificar os atores/agentes envolvidos

nesse processo, e como as cidades latino-americanas foram efetivamente influenciadas por tais ideias estrangeiras sobre planejamento e gestão da cidade.

Esta primeira etapa do estudo de caso teve como fonte de pesquisa principal a biblioteca do *Tereza Lozano Long Institute of Latin America - LLILAS* da *University of Texas at Austin*³⁹ A biblioteca LLILAS é uma das principais referências em termos de acervo sobre América Latina, e durante a estadia em Austin foram selecionados, salvos, scaneados e lidos diversos títulos sobre a história urbana do continente (ver item Rede de Conhecimento Sólida p. 105). Os procedimentos e resultados esperados para essa etapa estão listados no Quadro 7.

Quadro 7 - Procedimentos e resultados esperados - Rede de Sólida

PROCEDIMENTOS E RESULTADOS ESPERADOS – REDE SÓLIDA
<p>Procedimentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Revisão teórica com base na seleção de ao menos 5 livros e 15 artigos sobre história do planejamento urbano na América Latina, disponíveis nas bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e da <i>University of Texas at Austin</i>. 2. Realização de fichamento para cada uma das leituras, contendo as principais ideias, planos, atores e cidades envolvidas. Os casos mais relevantes de circulação de ideias no planejamento urbano latino-americano são selecionados para responder as questões de interesse. 3. Duas representações visuais contendo as informações encontradas: um cartograma mostrando os lugares de origem e de recepção das ideias na América Latina; e uma linha do tempo contendo os fatos mais relevância no cenário latino-americano. 4. Realização de artigo baseado nesta etapa da pesquisa. <p>Resultados esperados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Fichamento para cada uma das leituras. 2. Fichamento para cada uma das cidades e seus planos referenciais. 3. Cartogramas e linha do tempo que permitam identificação das circulações de ideias mais relevantes.

Fonte: A autora (2019)

³⁹ Instituição onde foi feito um período de quatro meses de doutorado sanduíche, sob supervisão do professor Peter Ward na *LBJ School of Public Affairs*. Peter Ward possui experiência com comparativo de políticas e projetos em países da América Latina e aconselhou, junto do professor Fernando Lara, na escolha de autores, livros e artigos para a etapa de Rede de Conhecimento Sólida.

Enquanto esta primeira etapa deve confirmar as centralidades e as principais ideias estrangeiras absorvidas no planejamento urbano da América Latina em um período de Rede de Conhecimento Sólida e hierárquica; a segunda etapa deve vir a elucidar em que grau esse cenário se alterou ao longo do período de maior dinâmica de crescimento e modificação das grandes cidades latino-americanas.

Para isso, a etapa de Rede de Conhecimento Líquida buscou identificar as prioridades da gestão e planejamento urbano para cada um dos países analisados durante o segundo recorte de pesquisa. Nuvens de palavras-chaves resumem os temas mais discutidos por país em cada um dos veículos científicos investigados. Adicionalmente, fez-se a análise da porcentagem de pesquisadores estrangeiros que participaram dos eventos científicos ou que publicaram em revistas científicas em cada país. Para o caso dos programas de pós-graduação, analisa-se a porcentagem de pesquisas que possuem suas amostras ou alvos de investigação em países diferentes daquele ao qual pertencem.

O critério de seleção para cada uma das três análises desta segunda etapa do estudo de caso seguiu a lógica mostrada no Quadro 8.

Quadro 8 - Critérios de seleção da etapa de Rede Líquida

CATEGORIA	CRITÉRIO DE SELEÇÃO
Eventos científicos	Tradição no debate da temática de interesse, eventos selecionados devem ter o mínimo de 15 anos, com ocorrência anual ou bienal, todos eles com anais de acesso seriado e acessíveis. Mínimo de dois eventos analisados por país.
Programas de pós-graduação	Programas nas áreas de planejamento urbano, gestão urbana e organização territorial e considerados de referência segundo as instituições de classificação e controle nacionais. Mínimo de três programas por país. Brasil: Programas com qualidade 5 ou superior, segundo a CAPES. Argentina: Programas com qualidade superior a B, segundo a CONAUS. México: Programas com qualidade de competência internacional, segundo o CONACYT. Colômbia: Programas com qualidade Acreditado, segundo o CNA. Chile: Programas com qualidade Acreditado, segundo o CNED.
Revistas científicas	Revistas consideradas de alta qualidade segundo as instituições de classificação e controle de cada país, nos campos de planejamento, gestão urbana e áreas relacionadas. Adicionalmente, devem estar disponíveis em databases de pesquisa. Mínimo de três revistas por país. Brasil: A2 ou superior, segundo Qualis/CAPES, e disponível na plataforma Redalyc ou Scielo. Argentina: revista integrante do Núcleo Básico de Revistas Científicas Argentinas/CONICET, e disponível na plataforma Redalyc ou Scielo. México: revista integrante do índice de Revistas Mexicanas de Investigación Científica y Tecnológica/CONACYT, e disponível na plataforma Redalyc ou Scielo. Colômbia: A2 ou superior, segundo Publindex, e disponível na plataforma Redalyc ou Scielo. Chile: revista integrante do Índice de revistas chilenas da Comisión Nacional de Investigación Científica y Tecnológica/ CONICYT e disponível na plataforma Redalyc ou Scielo.

Fonte: A autora (2019)

As técnicas de pesquisa utilizadas são a exploratória e descritiva e a coleta dos dados utilizada é de documental e bibliográfica; sendo as principais fontes de informação os portais das instituições de qualificações em cada país, tanto para os programas de pós-graduação, quanto para as revistas científicas, portais das universidades selecionadas, portais dos eventos científicos e databases de revistas científicas – Scielo e Redalyc. A disponibilidade dos dados é um importante critério de seleção, sendo essencial na determinação da escolha dos objetos de pesquisa.

Para cada uma das três análises desta etapa, estabeleceram-se os procedimentos e resultados esperados (Quadro 9).

Quadro 9 - Procedimento e resultados esperados - Rede Líquida

ANÁLISES	PROCEDIMENTOS E RESULTADOS ESPERADOS
Eventos científicos	<p>Procedimentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificação dos eventos acadêmicos a serem investigados em cada um dos países, com descrição de volume de artigos apresentados, temas prioritários em cada ano, origem dos trabalhos e dos pesquisadores e instituição organizadora. 2. Realização de análise, quadros e gráficos por evento e quadros síntese com análise do ponto de vista da organização e perfil de cada um dos eventos. 3. Seleção de todos os artigos de todos os eventos que debatam o processo de urbanização nacional em grandes linhas, ou seja, com a perspectiva de longos períodos históricos, destacando sempre os processos mais recentes e constituídos a partir dos anos 1970. 4. Leitura integral dos artigos selecionados, minimamente cinco por evento, de forma a permitir uma síntese dos processos históricos nacionais. <p>Resultados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quadros resumo para cada um dos eventos. 2. Mapeamento bibliométrico dos autores referenciais utilizados pelos artigos selecionados e verificação das recorrências (autorais e de origem das referências urbanas/cases mencionados de cidades estrangeiras). 3. Síntese histórica para cada um dos países de forma resumida e sempre se referenciando aos artigos selecionados.
Programas de pós-graduação	<p>Procedimentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificação dos programas de pós-graduação a serem investigados em cada um dos países, com descrição de volume de alunos, linhas de pesquisa, formas que são avaliados, teses e dissertações defendidas e temas de estudo mais recorrentes. 2. Seleção de teses e dissertações que debatam o processo de urbanização nacional em grandes linhas, ou seja, com a perspectiva de longos períodos históricos, destacando sempre os processos mais recentes e constituídos a partir dos anos 1970. 3. Leitura integral de, no mínimo, uma tese por programa, de forma a permitir uma síntese dos processos históricos nacionais. <p>Resultados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quadros para cada um dos cinco programas nacionais. 2. Mapeamento bibliométrico dos autores referenciais utilizados nas teses e dissertações selecionadas e verificação das recorrências (autorais e de origem das referências urbanas/cases mencionados de cidades estrangeiras). 3. Síntese histórica para cada um dos países de forma resumida e sempre referenciando-se às teses selecionadas.
Revistas científicas	<p>Procedimentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificação das revistas científicas a serem investigadas em cada um dos países, com descrição do número de edições, volume de publicações e temas prioritários. 2. Seleção de artigos que debatam o processo de urbanização nacional em grandes linhas ou seja, com a perspectiva de longos períodos históricos, destacando sempre os processos mais recentes e constituídos a partir dos anos 1970. 3. Leitura integral de, no mínimo, cinco artigos por país, de forma a permitir uma síntese dos processos históricos nacionais. <p>Resultados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mapeamento bibliométrico dos autores referenciais utilizados nos artigos selecionados e verificação das recorrências (autorais e de origem das referências urbanas/cases mencionados de cidades estrangeiras). 2. Síntese histórica para cada um dos países de forma resumida e sempre referenciando-se aos artigos selecionados.

Fonte: A autora (2019)

Após a realização das três análises parciais do estudo de caso, parte-se para uma análise integrada. Também resulta desta etapa, uma linha temporal com principais eventos, planos e inflexões urbanas identificadas na América Latina, com base nas sínteses histórias de cada uma das análises parciais (eventos, programas e revistas). Essa etapa do estudo de caso deve incluir uma leitura conjunta da Rede de Conhecimento Líquida, com definição de temas de discussão prioritários em cada país. A partir deste material, espera-se identificar similaridades e especificidades naquilo que diz respeito aos processos de urbanização das grandes cidades do continente – que talvez apontem para um entendimento de uma realidade urbana maior que possa ser julgada como latino-americana.

Finalmente, essa parte do estudo de caso deve se aproximar de generalizações, determinações de especificidades e eventuais transferências de ideias entre as cidades do continente e/ou o vínculo das suas gestões a modelos sempre advindos de países centrais, com destaque para França, Inglaterra e Estados Unidos – confirmando ou não a predominância de relações horizontais sobre as chamadas relações verticais.

A contextualização principal desse estudo de caso é que, ao longo do século XX, a circulação de ideias sobre a cidade mudou de formato de diálogo. Com um início, bastante criticado, de diálogo vertical, com imposições e replicabilidades inegáveis, hoje o cenário indica maior presença de diálogos horizontais e relações independente entre cidades do continente. As razões por trás dessas mudanças, assim como o grau destas são questões sempre presentes nesta pesquisa.

O estudo das análises de ambas etapas propostas permite uma leitura capaz de responder aos objetivos desta pesquisa. A despeito da amostra de apenas cinco países para a segunda etapa, algumas generalizações para os demais países latino-americanos podem ser assumidas.

4.2 REDE DE CONHECIMENTO SÓLIDA

A Rede de Conhecimento Sólida é caracterizada por transferências de ideias sobre a cidade e urbanismo em uma estrutura hierárquica, onde centralidades definidas exercem sua influência sobre localidades periféricas. A América Latina é historicamente um continente colonizado por países europeus e vinculados culturalmente a estes em diversos sentidos – e isso se refletiu na prática do urbanismo e gestão de cidades. O período analisado neste estudo de caso é de 1900-1950 – com intensa atividade em termos de realização de novos planos nas capitais latino-americanas, quase sempre subjugados a ideias de grandes urbanistas europeus. Esse é um tempo onde os diálogos eram mais diretos – as ideias costumavam viajar junto de seus interlocutores, que na maioria dos casos eram também seus autores. Foram diversos os casos de “urbanistas viajantes” que vieram para o continente latino-americano para participar de planos para as grandes capitais. Além disso, alguns destes urbanistas também se envolveram com a academia e/ou prática do planejamento urbano na América Latina, influenciando gerações de arquitetos nos países por onde passaram.

Esta etapa do estudo de caso contribui para o entendimento teórico sobre a transferência e circulação de ideias no planejamento e gestão da cidade, especialmente no que diz respeito aos diálogos verticais. O foco recaí em entender como aconteceram essas transferências durante o período dos urbanistas viajantes e quais foram as principais contribuições estrangeiras no planejamento das cidades latino-americanas.

A seleção de artigos e livros dessa etapa foi escolhida de acordo com o acervo disponível nas instituições Pontifícia Universidade Católica do Paraná e *University of Texas at Austin*. Deu-se preferência para autores considerados referenciais na discussão da história urbana do continente latino-americano e à livros e artigos que tratassem especificamente de grandes planos urbanos e a influência de urbanistas estrangeiros em suas formulações. A intenção inicial era obter uma lista de ao menos cinco livros e 15 artigos para realização de leitura e fichamento, porém essa seleção foi ampliada devido a quantidade de correspondências relevantes que foram encontradas. O Quadro 10 apresenta os autores e obras selecionadas.

Quadro 10 - Artigos e Livros selecionados para a etapa de Rede Sólida

AUTORES SELECIONADOS	LIVROS ARTIGOS
Arturo Almandóz	(1999). Revisão da historiografia urbana na América Hispânica, 1960-2000. (2002). Planning Latin America's Capital Cities, 1850-1950. (2003). The Emergence of Modern Town Planning in Latin America – after a Historiographic Review. (2007). Modernização Urbanística na América Latina, Ideias Estrangeiras e Mudanças Disciplinares, 1900-1960. (2008). Entre libros de historia urbana: Para una historiografia de la ciudad y el urbanismo en América Latina.
Arturo Escobar	(1995). Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World.
Anibal Quijano	(1975). The Urbanization of Latin American Society. (2000). Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America. (2002) The Return of the Future and Questions about Knowledge.
Eloisa Petti	(2009). Circulação de ideias e academicismo: os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, entre 1920 e 1940. (2010). As ideias estrangeiras criando cidades desejáveis na América do Sul: do academicismo ao modernismo.
Enrique Dossel	(1995). The Invention of the Americas: Eclipse of "the Other" and the Myth of Modernity, Continuum Intl Pub Group.
Felipe Hernandez	(2005). Transculturalism: Cities, Spaces and Architectures in Latin America.
Fernando Lara/ Luiz E. Carranza	(2015). Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia.
Jorge E. Hardoy	(1975) Urbanization in Latin America: Approaches and Issues.
Jorge Francisco Liernur e Pablo Pschepiurca	(2012). La Red Austral – Obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en La Argentina (1924-1965).
Luis Rallo Romero	(2004). América Latina: As cidades e as idéias.
Roberto Segre	(2009). Mestres e discípulos no urbanismo latino-americano (1920-1960): Buenos Aires e Havana, duas cidades paradigmáticas.
Zuleide Casagrande de Paula	(2005). Jardim América: de Projeto Urbano a Monumento Patrimonial (1915 a 1986).
Walter Mignolo	(1995). The Americas: Loci of Enunciations and Imaginary Constructions. (1999). Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges and Border Thinking

Fonte: A autora (2019)

Com base nas leituras acima, fez-se a seleção de urbanistas viajantes e planos referenciais para análise. Optou-se pelos casos, cidades e urbanistas mais recorrentes na literatura sobre a história urbana da América Latina no período de interesse. O resultado dessa seleção é apresentado no Quadro 11.

Quadro 11 - Cidades, Planos e Urbanistas estrangeiros selecionados

CIDADES SELECIONADAS	URBANISTAS ESTRANGEIROS	PLANOS REFERENCIAIS
Buenos Aires	Joseph Antoine Bouvard	Conjunto de avenidas diagonais, 1907.
	J.C.N. Forestier	Projeto paisagístico para embelezamento da cidade, 1925.
	Le Corbusier	Plano Diretor de Buenos Aires, 1938.
	Léon Jaussely	Planos Regionais, 1926.
	Werner Hegemann	Regulamentações Urbanas e propostas academicistas, 1931.
Bogotá	Le Corbusier	Plano urbano com manifesto funcionalista, 1950.
	Karl H. Brunner	Planos Urbanos e consultas sobre habitação social e base legislativa, 1933.
Caracas	Maurice Rotival	Plano diretor de Caracas com características acadêmicas, 1937.
Havana	J.C.N. Forestier.	Plano diretor e projeto paisagístico para embelezamento da cidade, 1924.
Montevidéu	Augusto Guidini	Plano regulador focado em Avenidas, 1911.
Rio de Janeiro	Alfred Agache	Plano monumentalista para extensão, embelezamento e remodelação, 1927.
Santiago do Chile	Ernest Coxhead	Plano Urbano com visões academicistas, 1913.
	Karl H. Brunner	Plano racionalista e contextualizado, 1934.
São Paulo	Barry Parker e Raymond Unwin (Companhia City)	Jardim América, 1915.
	Joseph Antoine Bouvard	Propostas monumentalistas e expansivas, 1911.

Fonte: A autora (2019)

Para cada uma destas cidades foram analisadas as informações dos planos e urbanistas viajantes que as influenciaram, com destaque para a identificação de ideias e modelos transferidos. Essa etapa tem a intenção de confirmar quais as centralidades mais dominantes no contexto histórico de 1900-1950 no pensamento urbanístico do continente latino-americano, e quais foram as ideias mais repercutidas e com real respaldo nos planos e projetos urbanos. Desta etapa também resultam quadros com modelos/ideias centrais no campo de planejamento de cidades e cartogramas contendo os itinerários de origem e destino dos urbanistas viajantes e suas ideias.

A participação de urbanistas europeus em planos urbanos na América Latina foi algo recorrente, indicando que o motivo para tal faz parte de um contexto maior, comum aos seus países integrantes. Por essa razão, antes de se discutir ideias, urbanistas e planos específicos, essa pesquisa aborda questões contextuais que levaram a esse cenário.

4.2.1 As cidades da América Latina no começo dos 1900s

Durante a primeira metade do século XX, a Europa foi a vanguarda em termos de ideias de planejamento urbano e atuava como centralidade na rede de conhecimento sobre o urbano. Urbanistas europeus viajaram para a América Latina, participando diretamente em Planos e influenciando profissionais locais. Essa influência transformou não apenas as capitais latino-americanas, mas também o cenário acadêmico e profissional do urbanismo local. Vários são os motivos que desencadearam esse processo. Um deles é o nível de desenvolvimento das comunidades acadêmicas; os países centrais possuíam um número maior de universidades e de institutos de planejamento urbano, com anos de tradição. Além disso, os países europeus já haviam passado por processos de urbanização e industrialização – experiência que só aconteceria na América Latina décadas depois. Mas, acima de tudo, países europeus possuíam um forte vínculo com países latino-americanos, seja devido a fortes laços culturais (como é o caso da França), seja devido a um impacto econômico (como é o caso do Reino Unido), ou ainda devido à laços históricos que remontam aos tempos coloniais (como Portugal e Espanha). Após a segunda guerra mundial, o Estados Unidos também se tornou uma centralidade com influência sobre a América Latina, mas seu legado só se tornaria consistente décadas depois (ALMANDÓZ, 2002).

No início do século XX a rede de conhecimento sobre a cidade possuía uma clara hierarquia – onde países europeus e Estados Unidos se destacavam por terem mais poder e influência. Nesse período, ideias advindas de cidades europeias eram vistas como sinônimo de modernidade e desenvolvimento; a Paris de Haussmann e a *Ville Radieuse* de Le Corbusier são exemplos de modelos que foram considerados como exemplos a serem seguidos. Soluções urbanas europeias eram vistas como a única maneira de se atingir um desenvolvimento baseado em um mundo civilizado e moderno, era o caminho de transformação desejado na maioria dos países periféricos. Ou, como Healey (2011) bem coloca, era o “mito da modernização”.

Uma vez que países latino-americanos se tornaram independentes, logo se dedicaram em perseguir exemplos estrangeiros de civilização moderna como sinônimo

de progresso e modernidade. As elites locais desejavam que suas cidades tivessem “ares” europeus, refletindo ideias urbanas tais quais pensadas em capitais europeias. Por outro lado, urbanistas europeus estavam entusiasmados com a oportunidade de disseminar suas ideias em novos territórios. Nesse sentido, a América Latina era como um grande laboratório, onde o certificado de procedência das ideias servia como permissão para condução de experimentos (ALMANDÓZ, 2002; QUIJANO, 1975).

. No começo do século XX, a transferência de ideias sobre a cidade acontecia principalmente devido ao papel de grupos específicos de pessoas; políticos, urbanistas e outros especialistas que carregavam tal conhecimento e convenciam possíveis receptores. Urbanistas viajantes, políticos e líderes da comunidade foram os principais veículos de ideias sobre a cidade até meados do século XX (ALMANDÓZ, 2008; GOMES, 2009).

A América Latina recebeu diversos urbanistas viajantes europeus, por vezes eles participaram em planos urbanos, por vezes influenciaram arquitetos e urbanistas locais por meio de participação em seminários e eventos no país receptor. Essas influências certamente contribuíram com a forma urbana das capitais latino-americanas naquele momento em que elas buscavam se renovar; mas não parou apenas nisso. O campo acadêmico e prática profissional de arquitetura e urbanismo também teve um enorme impacto com a recepção de urbanistas viajantes e as ideias estrangeiras (ALMANDÓZ, 2008). O resultado foi uma geração de profissionais influenciados por modelos urbanos europeus. Mesmo ferramentas e procedimentos atuais utilizados em cidades latino-americanas são reminiscências de ideias de planejamento e gestão urbana com origem na Europa. Alguns exemplos são as legislações de uso do solo, a adoção de práticas neoliberais e desenhos voltados para embelezamento e planos estratégicos.

De acordo com Quijano (1975, p.128), “To a great extent, the history of the Latin American countries may be regarded as the history of their dependence”⁴⁰. A cidade é como um organismo em constante mutação, e como tal é possível utilizar de uma análise

⁴⁰ Em grande medida, a história dos países latino-americanos pode ser considerada como a história de sua dependência (tradução livre).

histórica para identificar elementos e razões que lhe deram forma. Diferentes impactos sobre a cidade latino-americana foram resultado de períodos históricos; como colônias de países ibéricos, muitas capitais tiveram seu traçado urbano inicial imposto por Portugal e Espanha. As colônias da América hispânica herdaram o traçado de tabuleiro; enquanto que a América lusófona herdou a praça como elemento central da organização urbana, muitas vezes associada a um traçado de ruas irregular (BENEVOLO, 2014). Esse foi o início de uma longa relação de dependência entre a América Latina e a Europa. Mesmo após a independência dos países latino-americanos, essa relação perdurou, mesmo que mudando os países europeus na outra ponta do diálogo.

De forma contraditória, para celebrar suas liberdades, os países recém independentes buscaram referência em seus antigos colonizadores e seus pares para redesenhar suas cidades e arquitetura. Após tempos coloniais, as relações de dependência mudaram em termos de centralidades e razões pelas quais ocorreram, mas a característica de se manter em um formato vertical persistiu. O desenho urbano, sociedade e ideais de desenvolvimentos da América Latina continuavam inspirados em modelos eurocêntricos. Em nível local, os representantes de poder e as elites buscaram modelos de civilização sempre em países centrais; a busca da modernidade não poderia vir dos países “novos” e periféricos.

Essa relação de dependência observada entre a América Latina e a Europa não é monolítica. Em certas disciplinas mais do que outras, é possível perceber inovações locais ou esforços em criar soluções inovadoras. López-Alves (2001), em seu estudo sobre a formação das nações latino-americanas, é cauteloso em afirmar que:

Theories of modernization, globalization, and dependency have assigned a clear role to Latin America: the region has been seen as dependent, exploited, and institutionally weak. In these theories, modernization and globalization are seen as forces generated elsewhere; the region, in these views, has merely tried to "adjust" and "respond" to these external influences. [...] While there is very good empirical evidence that supports these views, the essay argues that these

theories need some correction. Latin America has been an innovator and a modernizer in its own right, [...] (2001, p. 244)⁴¹.

No início do século XX, os países recém independentes estavam se inserindo em um mercado econômico internacional, já dominado e seguindo a lógica de interesses de países centrais (com maior nível de sofisticação em finanças e estruturas de serviço). Essas relações comerciais, no que diz respeito à forma das cidades, incluiu a participação de urbanistas viajantes (e seus escritórios), mas também de companhias com interesse em vender, implementar e gerir serviços públicos.

Latin American countries used to export products such as meat, cereals, wool and hides, coffee, cacao, fruits and other raw materials to Europe. Also, they would import refined goods such as textiles, tools, metals, machinery and drinks. This relation between the Latin America and Europe made it convenient to European countries to invest in certain services in Latin American countries – such as banks, railroads, insurance companies, ports, construction, urban and communication services - this way they could assure a continuous flow of trading with those countries (HARDOY, 1975, p.47)⁴².

Após a independência dos países latino-americanos ter acontecido, no início do século XIX, a Inglaterra e a França logo assumiram o papel de principais influenciadores

⁴¹ Teorias de modernização, globalização e dependência definiram um claro papel à América Latina: a região vem sendo vista como dependente, explorada e institucionalmente fraca. Nessas teorias, modernização e globalização são vistas como forças geradas em outros lugares; a região, nessas interpretações, meramente tentou se “ajustar” e “responder” a essas influências externas. [...] Enquanto existe boa evidência que suporte essas visões, o ensaio argumenta que essas teorias precisam de algumas correções. A América Latina tem sido inovadora e modernizadora de sua própria maneira [...] (tradução livre).

⁴² Os países latino-americanos costumavam exportar produtos como carne, cereais, lã e couro, café, cacau, frutas e outros materiais brutos para a Europa. Eles também importavam bens refinados, como tecidos, ferramentas, metais, maquinário e bebidas. Essa relação entre América Latina e Europa fez ser conveniente para os países europeus investir em certos serviços nos países latino-americanos – como em instituições bancárias, serviços de trens, companhias de seguro, portos, construção, serviços urbanos e de comunicação – dessa forma, eles podiam se assegurar que o fluxo de trocas com tais países seria contínuo (tradução livre).

antes desempenhado por Portugal e Espanha. A forma desse diálogo de dependência também mudou; deixou de ser uma transferência de ideias imposta e restrita, tornando-se um diálogo ainda vertical, porém desejado e valorizado por ambos os lados. Muitas vezes, a transferências de ideias sobre a cidade significava dar continuidade a laços de transações econômicas ou mesmo satisfazer os desejos da burguesia local. Nesse novo tipo de diálogo, dependência não significa necessariamente uma relação antagonista e imposta; na verdade, e paradoxalmente, pode revelar um alinhamento de interesses entre as elites locais e países centrais envolvidos. Dessa forma, interesses e benefícios econômicos eram garantidos para ambos os lados; ao mesmo tempo que grupos hegemônicos perseguiam seus ideais de mundo civilizado reproduzidos em centralidades.

De acordo com Quijano (1975), no contexto da dependência, apesar de os centros de poder se encontrarem normalmente fora do contexto geográfico das sociedades dependentes, eles podem modificar estruturas existentes e eventos dentro delas. Ou seja, as transformações nas capitais latino-americanas aconteceram tanto por fatores externos, quanto internos.

[...] the centers of power therefore have interests and support within these societies, and some similarities with them. Hence not all that exists or takes places in a dependent society is simply a reflection of the adjustments and problems that stem from the struggle with external obstacles; it is the direct and indirect result of the dependence manifesting itself from within, with an impact that is “in”, not merely “on”, the internal organization of the weaker societies. Dependence does not affect a dependent society, only, or even mainly, externally. It acts within, shaping and directing the society’s fundamental trends and the nature of its power structures, which thus form part of the pattern of dependence (p. 124)⁴³.

⁴³ [...] logo, os centros de poder possuem interesses e apoio dentre essas sociedades, e algumas similaridades com elas. Por essa razão, nem tudo que existe ou acontece em uma sociedade dependente é reflexo simplesmente de ajustes e problemas que derivam de esforços com obstáculos externos; é o resultado direto e indireto da dependência se manifestando desde o interior, com um impacto que é “dentro”, não apenas “sobre”, a organização interna das sociedades mais fracas. Dependência não afeta a sociedade dependente, apenas, ou talvez principalmente, externamente. Ela atua desde o interior, moldando e direcionando as tendências fundamentais da sociedade e a natureza de suas estruturas de poder, o que então forma parte do padrão da dependência (tradução livre).

Os países da América Latina possuem uma longa tradição de exportar recursos minerais e produtos de agricultura para os mercados europeus. Para assegurar essa exploração dos recursos naturais, países da Europa começaram a investir em economias latino-americanas e em serviços e estruturas urbanas de suas cidades. Esse investimento tinha a intenção de prover condições para necessidades operacionais. Os principais alvos eram transportes e utilidades públicas em cidades que faziam parte de rotas de exportações (YUJNOVSKY, 1975; QUIJANO, 2000). A Inglaterra foi o país com maior influência econômica e volume de investimentos na América Latina, sendo que diversas companhias britânicas forneceram serviços urbanos para cidades latino-americanas, como é o caso da *Light* e a empresa de trens urbanos em São Paulo (DE PAULA, 2005).

Enquanto isso, a França dominava o cenário de influência cultural: “*France was acknowledge as the guiding muse of Latin America*”⁴⁴ (ALMANDÓZ, 2002, p.4). Isso explica o fato de as ideias (urbanísticas e arquitetônicas) francesas serem tão apreciadas pelas elites locais, não necessariamente pelos seus atributos técnicos, mas sim de acordo com seu lugar de origem. Esforços de tornar as cidades latino-americanas em reproduções de Paris se tornaram frequentes, independente dos contextos sociais, econômicos, ou de formas urbanas originais. As transferências de ideias não eram apenas baseadas em um diálogo vertical, mas também em uma seleção de modelos específicos a serem copiados. Em determinado momento, capitais latino-americanas passaram a competir entre si em uma tentativa de alcançarem o atributo de cidade mais “europeia” da América Latina.

‘the Europeanization’ of Argentina’s urban society was already evident; all Europeans arriving in Buenos Aires believed that they were in Parisian salons,

⁴⁴ A França era reconhecida como a musa inspiradora da América Latina (tradução livre).

since not even the characteristic French petulance was lacking” (ALMANDÓZ, 2002, p. 33)⁴⁵.

O fato de Paris ter se transformado em modelo cultural e intelectual motivou diversos latino-americanos a viajarem para a capital francesa, e isso possivelmente resultou, mesmo que em menor escala, transferências nos dois sentidos. Streckert (2012) aponta para um possível, mesmo que frágil, indício dessa relação.

Paris was a center of Latin American culture and politics between Independence and World War II. For more than 100 years the city attracted members of the intellectual, political and social elite from every Latin American country. [...] In the course of this development, Latin American intellectuals, politicians and rich families did not content themselves with the import of French goods and ideas but undertook personal voyages to the center of the admired culture. Journeys to Paris virtually became an obligation for everyone interested in progress or belonging to the elite (Streckert, 2012, p.182)⁴⁶.

Para além dessa subordinação cultural, ainda cabe ressaltar que os países latino-americanos passavam por um período de recepção de um enorme número de imigrantes, principalmente da Europa e Ásia. Essas novas nações, recém independentes e em formação em termos de identidade, necessitavam de novos símbolos – materiais e imateriais. Nas cidades, as intervenções urbanas foram as mais adotadas com esse propósito. Esse processo se repetiu, ao longo do século XX, também em países recém independentes em outros continentes – como na África, Austrália e Ásia – sendo que as

⁴⁵ A “Europerização” da sociedade urbana da Argentina era já evidente; todos os europeus que chegavam em Buenos Aires acreditavam estar em Salons parisienses, já que não faltava nem mesmo a característica petulância francesa (tradução livre).

⁴⁶ Paris era o centro de política e cultura latino-americana entre a Independência e a Segunda Guerra Mundial. Por mais de 100 anos, a cidade atraiu membros das elites intelectual, política e social de todos os países da América Latina. [...] No curso desse desenvolvimento, os intelectuais latino-americanos, políticos e famílias ricas não se contentaram em importar produtos e ideias francesas, realizando também viagens pessoais para o admirado centro cultural. Jornadas à Paris se tornaram virtualmente obrigatórias para qualquer integrante das elites ou interessado no progresso (Tradução livre).

ideias relacionadas ao movimento modernista foram as de maior disseminação nesse período (HALL, 2014).

Na América Latina, a recepção de ideias estrangeiras estava vinculada com a concentração de progresso econômico – especialmente concentrado na costa do oceano Atlântico e no Chile (YUJNOVSKY, 1975; QUIJANO, 2000). Além de países europeus concentrarem seus investimentos e companhias em cidades estratégicas nessas áreas, também houve iniciativas próprias das capitais latino-americanas em recorrer a soluções urbanas europeias. Essa busca foi motivada principalmente por instituições de planejamento urbano que estavam surgindo pelo continente; onde ações como convidar especialistas de países centrais era uma prática comum em seus anos iniciais. O resultado disso foi a participação de diversos urbanistas europeus em planos urbanos para as principais cidades da América Latina, assim como seus envolvimento com a academia e profissionais locais. Gutiérrez (1996) se refere a esse ciclo como “genealogia de visitantes urbanos”, que perdurou até a segunda guerra mundial. Após a segunda guerra, os Estados Unidos tomam lugar junto à Europa como uma centralidade em termos de conhecimento urbano, submetendo as cidades latino-americanas a um novo ciclo de influência. As principais capitais da América Latina começaram então a vivenciar períodos de transformações – passando de cidades “burguesas” para grandes metrópoles, seguindo os moldes de Nova York e Chicago (ALMANDÓZ, 2002).

Foi a partir da segunda metade do século XX que sinais de maiores complexidades urbanas se tornaram mais claras, o que modificou cidades latino-americanas. Em alguns casos, esse processo aconteceu ainda mais cedo, como nos exemplos de Buenos Aires e São Paulo, que passaram por um boom demográfico e econômico entre as décadas de 1920 e 1930. Em frente a essa situação, os governos locais se esforçaram em criar instituições voltadas ao planejamento urbano; em trazer urbanistas estrangeiros; e em investir em centros de pesquisa e associações profissionais. Urbanistas europeus renomados foram convidados, especialmente por tais instituições, e tiveram suas ideias incorporadas em suas agendas de planejamento e em planos urbanos. Esses esforços resultaram na confirmação da primeira geração de profissionais nativos: Carlos Contreras, na Cidade do México; Mauricio Cravotto, em Montevideo; Carlos della

Paolera, em Buenos Aires; Francisco Prestes Maia, em São Paulo; Pedro Martínez Inclán, em Havana; e Leopoldo Martínez Olavarría, em Caracas. Tais instituições de planejamento urbano, assim como os arquitetos e urbanistas locais, foram muito influenciados pelo conhecimento criado e disseminado por países centrais no que concerne a cidade.

O desenvolvimento da academia da América Latina no campo da arquitetura e urbanismo também dava seus primeiros passos nesse período, com a criação de cursos nas principais universidades locais. Periódicos científicos na área também começaram a surgir e ganhar destaque, como é o caso dos: ***La Ciudad***, 1929, em Buenos Aires; ***Planeación***, 1927, e ***Casas***, 1935, no México; ***Ciudad y Campo***, 1939, em Lima; ***Zig-zag*** e ***Urbanismo y Arquitectura***, 1939, no Chile; e ***Revista Técnica del Concejo Municipal del Distrito Federal***, 1939, em Caracas. Conferências e eventos acadêmicos também se tornaram mais usuais, como: ***Congressos Pan-americanos de arquitetos*** nos anos de 1920, ***Congresso Nacional de Arquitetura e Urbanismo***, 1934, em Santiago do Chile; ***Primeiro Congresso Internacional***, 1935, em Buenos Aires; ***Primeiro Congresso Interamericano de Municipalidades***, 1938, em Havana; e o ***Segundo Congresso Interamericano de Municipalidades***, 1941, em Santiago (ALMANDÓZ, 2002; 2007).

Após a Primeira Guerra mundial e a grande depressão, as capitais da América Latina sofreram com um crescimento descontrolado devido ao processo de industrialização. Tal situação desencadeou migrações campo-cidade, desigualdade, segregação e sobrecarregamento de estruturas urbanas. Essa realidade mudou as prioridades das instituições de planejamento urbano e das esferas governamentais – o desejo de se tornar uma “cidade europeia” foi deixado de lado, substituído por uma nova demanda de soluções para as adversidades econômicas, sociais e territoriais.

The system of city structuring adopted in Latin America is reflected in many problems, which are more evident in the growing metropolises. Land is not used efficiently as a resource. Very high densities and congested centers result from competition for accessible locations, while great sections of the city have very low densities and countless vacant lots. The city's expansion takes place in rural areas of high productivity, and urban agglomerations make food supplies more expensive. There is also occupation of flooded or dangerous areas, mixing of

incompatible land uses, absence of open space, air and water pollution, and destruction of the natural landscape and the cultural and historical heritage. Transport systems do not take advantage of the possibilities of each transportation mode. What must be stressed is that dominant groups in urban society are also affected by many of these problems merely through living in the city (YUJNOVSKY, 1975, p.214)⁴⁷.

Eventos em escala local e global certamente influenciaram os diálogos de ideias estabelecidos entre a América Latina e países ao redor do mundo; porém, relações de dependência resistiram com o passar do tempo, mesmo que adquirindo novos formatos. Pode-se identificar alguns períodos históricos e os diálogos principais quanto às ideias sobre a cidade: Era Colonial, sob a influência direta dos colonizadores (Espanha e Portugal); o período pós-independência, com início no começo do século XIX até o final dos anos de 1940, com clara dependência cultural e econômica em países europeus; e, a partir de então, um período sob influência econômica e cultural nos Estados Unidos, somando-se a lista dos já relacionados países centrais.

O foco dessa parte do estudo de caso recai sobre a prática das visitas de urbanistas viajantes às cidades latino-americanas durante o período de 1900-1950. O próximo item discorre sobre os casos analisados, catalogando as principais ideias, modelos e países de origem das ideias mais influentes nas cidades da América Latina.

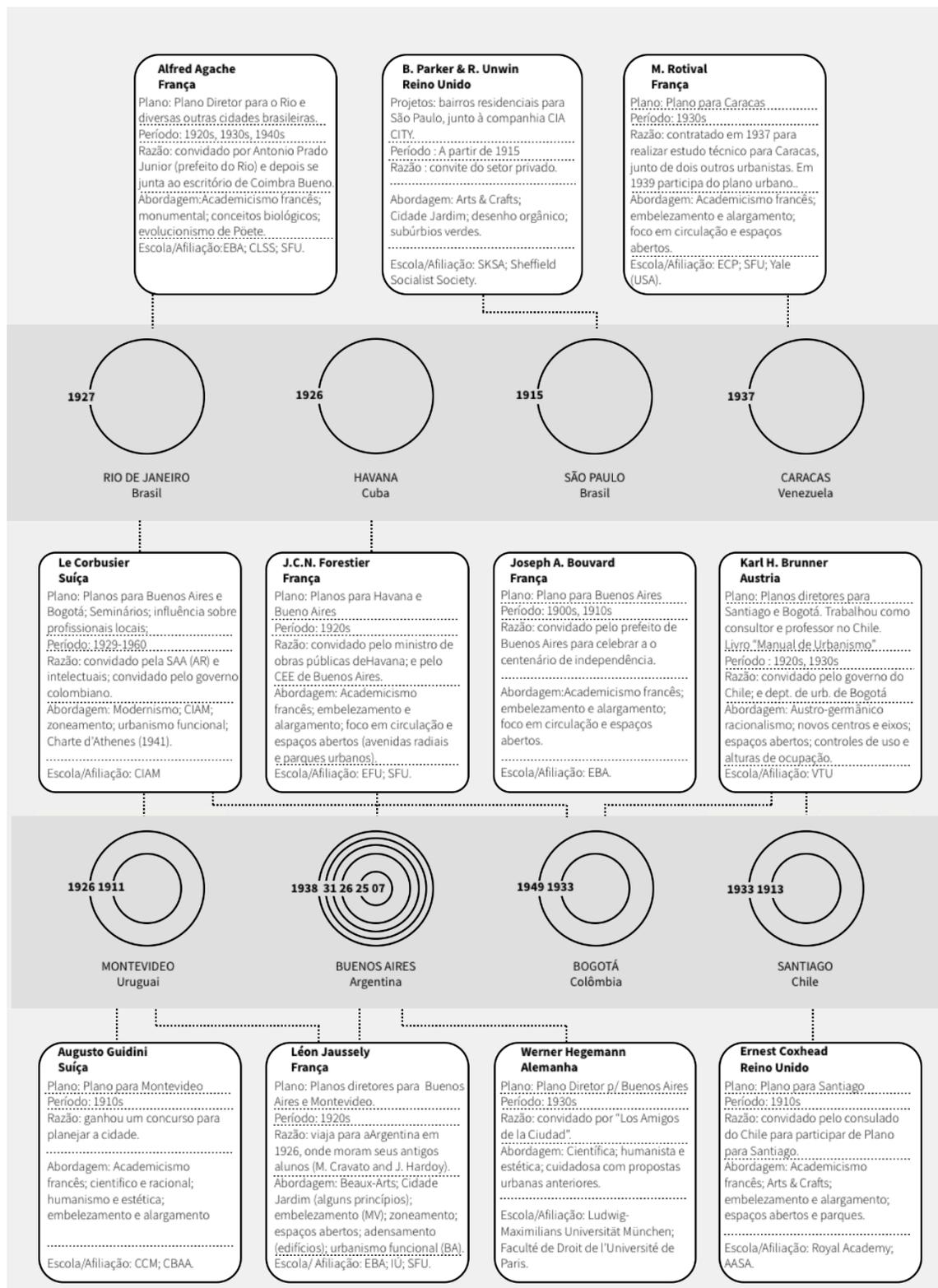
⁴⁷ O sistema de estruturação urbana adotado na América Latina se refletia em muitos problemas, especialmente evidentes nas metrópoles em expansão. Solo urbano não era usado eficientemente como recurso. Densidades muito altas e centros congestionados resultam de competição por localização acessível, enquanto grandes setores da cidade possuem densidade baixíssima e diversos lotes vagos. A expansão da cidade acontece em áreas rurais de alta produtividade, e aglomerações urbanas tornam os suprimentos mais caros. Há também a ocupação de áreas de risco ambiental ou de enchentes, mistura de usos do solo incompatíveis, falta de espaços abertos, poluição do ar e das águas, e destruição das paisagens naturais, culturais e patrimônio histórico. Os sistemas de transporte não se beneficiam de possibilidades de diversos modais. O que deve ser ressaltado é que grupos dominantes da sociedade urbana também são afetados por muitos desses problemas, simplesmente por morarem na cidade (tradução livre).

4.2.2 Urbanistas Viajantes e suas ideias para a América Latina

Recorrer à países europeus para buscar ideias de planejamento urbano já havia se tornado uma tradição, parte de um cenário cultural maior. Apesar de a criação de universidades na América Latina remontar desde tempos coloniais no século XVI, elas apenas começaram a se tornar conhecidas e respeitadas após o início do século XIX, e sob direta influência europeia. Nesse momento de campo acadêmico em formação, muito antes do surgimento do planejamento urbano como um tópico de pesquisa, convidar urbanistas estrangeiros para aconselhar e ajudar em planos urbanos era um consenso comum e uma necessidade técnica. Esse interesse mútuo entre as duas pontas do diálogo foi um fato atestado por autores como Gutiérrez, 1996; Almandóiz, 2002; Romero, 2004; e Gomes, 2009.

Urbanistas viajantes que chegavam na América Latina agiam como dignatários das escolas das quais pertenciam e representantes de modelos urbanísticos europeus. A Figura 7 sintetiza os urbanistas selecionados e seus vínculos institucionais mais conhecidos. Cada círculo e ano representam um plano urbano realizado com participação de urbanistas viajantes, mas cabe lembrar que transferência de ideias aconteceram não apenas de formas diretas e explícitas. Esse é o caso da influência de Le Corbusier, com suas palestras, desenhos e aproximação com profissionais locais em cidades como o Rio de Janeiro e Montevideo. Por esse motivo, algumas dessas conexões menos óbvias estão representadas na figura, mesmo que o urbanista em questão não tenha participado diretamente em um plano para a respectiva cidade.

Figura 7 - Cidades receptoras de ideias/planos e urbanistas viajantes



Fonte: A autora (2019)

Figura 8 - Urbanistas viajantes e seus destinos na América Latina



Fonte: A autora (2019)

Muitos desses urbanistas viajantes carregavam ideias que tinham como origem o mesmo país, escola e linha de pensamento – normalmente de centralidades dominantes na discussão sobre a cidade. A França é o caso mais notável: cinco dos doze urbanistas selecionados nasceram no país; e um total de sete urbanistas carregavam ideias de escolas francesas. No curto período de 1900 até 1920, ideias vinculadas ao academicismo francês se fizeram presentes em cinco cidades receptoras: Buenos Aires, Montevideo, Santiago, Rio de Janeiro e Havana. Buenos Aires por si só recebeu três urbanistas representantes de ideias francesas (Bouvard, Forestier e Jaussely), enquanto que Montevideo recebeu dois (Guidini e Jaussely). Havana teve sua influência inspirada no academicismo francês de forma tardia, no final da década de 1930, pelo urbanista Maurice Rotival. Na literatura, as ideias urbanísticas dominantes originadas na França aparecem com diversos nomes: *Belle Époque*, *Beaux-Arts*, *Haussmannienne*, Urbanismo Progressivo, ou simplesmente Academicismo Francês (GUTIÉRREZ, 1996; ALMANDÓZ, 2002; CHOY, 2003). Por muitas décadas, Paris foi considerada o grande exemplo do movimento *Beaux-Arts* e urbanismo progressista; ela foi considerada como inspiração por diversas cidades de países periféricos. Cidades que adotaram ideias inspiradas nas escolas francesas eram vistas como “burguesas”, pertencentes às classes dominantes e representantes de progresso econômico diante de seus pares no continente (PANERAI et al., 2013).

No desenho urbano, essa corrente urbanística tem como características: ruas e avenidas organizadas de forma racional, com largas artérias que facilitassem a circulação e higiene (aos moldes haussmanianos); estética é altamente valorizada, sendo a monumentalidade e simetria elementos chaves; espaços verdes e bulevares eram frequentemente alinhados com principais eixos de circulação e nodos, o que permitiria mais ar puro e exposição solar (aos moldes higienistas). A hierarquia viária e de estruturas públicas seguia uma organização sistemática, alinhadas com funções urbanas (PANERAI et al., 2013). No Academicismo Francês, não se tinha uma preocupação em se preservar características urbanas anteriores. De fato, um desejo de se libertar de tal herança urbanística foi predominante nessa linha de pensamento (CHOAY, 2013).

Dentre os urbanistas viajantes selecionados que carregavam ideias do academicismo francês, o primeiro a visitar e participar em plano na América Latina foi Joseph A. Bouvard, durante a década de 1900. Bouvard foi convidado pelo prefeito de Buenos Aires para idealizar um plano para a cidade, em celebração ao centésimo aniversário de independência da Argentina. Em seu plano, o urbanista planejou diversas largas avenidas com rotatórias e bulevares em diagonal que conectavam os principais pontos focais da cidade (como parques, praças e monumentos). Tais ideias refletem lições aprendidas e transformadas em modelos universais pela *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* (ALMANDÓZ, 2007; PETTI, 2009).

Com uma linha de ação semelhante a Bouvard, o urbanista suíço Augusto Guidini ganhou um concurso para planejar a cidade de Montevideo, no Uruguai. Nesse plano, de 1911, Guidini teve como objetivos centrais o embelezamento e a orientação do crescimento urbano. Espaços verdes, pontos focais, monumentalidade, largos bulevares e um malha bem organizada fazem parte das estratégias adotadas em seu plano. A escolha por Guidini e suas ideias atesta o desejo uruguaio de reproduzir ares europeus, especialmente de Paris, em sua capital. Guidini nasceu na Suíça, em 1853 e era membro da *Commissione Conservatrice dei Monumenti di Milano* e da *Commissione delle Belle Arti e Antichità* (CARMONA, 2002; GOMES, 2009).

Em 1913, o urbanista inglês Ernest Coxhead foi convidado pelo governo chileno para realizar um plano para a capital Santiago. Coxhead tinha uma linha de ação alinhado com os preceitos do academicismo francês, e em suas propostas ele almejou a orientação do crescimento urbano e largos bulevares em um *grid* diagonal com pontos de conexão com interseções e rotatórias. Ernest nasceu em 1863 e foi aluno da *Royal Academy* e *Architectural Association School of Architecture*, em Londres, ele também tomou parte do movimento Arts & Crafts (ALMANDÓZ, 2007; LEMOINE, 2007; PETTI, 2010).

Em seguida, na década de 1920, três outros urbanistas vinculados à escola francesa viajaram para a América Latina e tomaram parte em planos de grandes cidades. Forestier foi convidado a realizar um plano pelo ministro de obras públicas de Havana, em 1926. Em sua proposta, ele utilizou de um *grid* de largas avenidas verdes, parques,

praças e monumentos (ALMANDÓZ, 2007; SEGRE, 2009). Assim como outros urbanistas franceses, ele também propôs um desenho de avenidas diagonais que conectavam importantes pontos focais da cidade. Além da influência da escola academicista francesa, de acordo com Lejeune e Menocal (1996), ele também carregava ideias que iam de acordo com preceitos de paisagismo de Olmsted. Forestier estudou na *École Polytechnique*, *École de Nancy Forêt* e foi co-fundador da *Société Française des Urbanistes* (ALMANDÓZ, 2002; PETTI, 2009; SEGRE, 2009). Essa mesma associação, *Société Française des Urbanistes*, é a principal referência de Père Louis-Hoseph Lebreton (1897-1966), que exemplifica a persistência da presença francesa entre os países da América Latina (PONTUAL, 2016).

Léon Jaussely foi outro urbanista francês que pertenceu a *École de Beaux-Arts* e foi membro do *Institut d'Urbanisme* and *Société Française des Urbanistes*. Jaussely visitou e fez propostas para as cidades de Buenos Aires e Montevideo, em 1926. Para cada uma, suas abordagens mudaram em termos de linhas de pensamento urbanístico, mas ambas seguiam preceitos europeus. Para Montevideo, as ideias de Jaussely seguiam a linha do movimento *Beaux-Arts* e, em menor grau, da Cidade Jardim (quanto a expansão urbana). Para Buenos Aires, ele seguiu ideias mais funcionais, utilizando de zoneamento e uma combinação de alta densidade e espaços abertos livres (ALMANDÓZ, 2002; PETTI, 2009; LIERNUR; PSCHUPIURCA, 2012).

Alfred Agache foi um urbanista formado pela *École de Beaux-Arts* de Paris e foi membro da *Société Française des Urbanistes*. Ele veio para a América Latina em 1927, convidado pelo prefeito do Rio de Janeiro para elaborar um plano urbano para a cidade. Suas propostas para a capital buscavam embelezamento e higienismo, organizavam as funções urbanas (incluindo a criação de um centro cívico). Após sua contribuição com o plano do Rio de Janeiro, Agache se juntou ao escritório de Coimbra Bueno, onde ficou trabalhando durante quatro anos – durante esse período, ele participou de planos urbanos para diversas cidades brasileiras (ALMANDÓZ, 2007; PETTI, 2009; 2010).

O último urbanista representante da escola francesa foi Maurice Rotival, escolhido para participar do plano de Caracas na década de 1930. Ele se graduou na *École Centrale de Paris* e foi membro da *Société Française des Urbanistes*; ele também foi

professor da Universidade de Yale, nos Estados Unidos (RUANO, 2003; PETTI, 2009; NJOH, 2016). A proposta para o plano de Caracas é de 1937, e nela Rotival propõe uma larga Avenida monumental cruzando a cidade em um eixo norte/sul. O traçado original em formato de tabuleiro não sofreu grandes alterações nesse plano – apenas alguns melhoramentos e extensões. Assim como demais planos embasados na escola francesa, nesse o higienismo era um dos principais elementos, e para tal, largas avenidas em diagonal foram utilizadas em associação à parques e espaços verdes (Ruano, 2003).

Ideias francesas sobre a cidade tiveram um papel hegemônico na América Latina nesse período, mas não foram as únicas. Ainda no início de 1900, os urbanistas britânicos Parker & Unwin vieram para São Paulo para participar do desenho de novos bairros e loteamentos na cidade, realizados pela companhia CIA CITY. Suas ideias eram alinhadas com os princípios da Cidade Jardim, sendo que eles são os responsáveis por transformar tal linha de pensamento (inicialmente idealizada por Ebenezer Howard) em desenho urbano. Dentre os urbanistas analisados, os dois foram os únicos que viajaram não a convite de instituições governamentais, mas sim da iniciativa privada. O envolvimento do setor imobiliário permitiu com que muitas ideias rapidamente saíssem do papel, resultando na realização de diversos bairros da cidade de São Paulo; como o Jardim América, Pacaembu e Butantã. O desenho urbano de Parker & Unwin seguia os preceitos da Cidade Jardim, valorizando um traçado orgânico e arborizado, com presença de espaços verdes compartilhados no interior das quadras (ALMANDÓZ, 2002; DE PAULA, 2005).

Além da Cidade Jardim, outra alternativa ao academicismo francês também foi trazida para a América Latina – o pragmatismo austro-germânico. Seus representantes foram o austríaco Karl H. Brunner e o alemão Werner Hegemann. O urbanista Brunner teve grande influência sobre o urbanismo latino-americano, não apenas com a idealização de planos para duas grandes capitais da América Latina (Santiago e Bogotá), mas também com seu envolvimento na academia local e literatura urbanística. Para o plano de Santiago (1933), Brunner idealizou novos centros e eixos conectando setores da cidade, ao mesmo tempo que valorizava e criava espaços verdes urbanos. Sua linha de ação foi racionalista e funcional, remontando a uma genealogia que inclui urbanistas

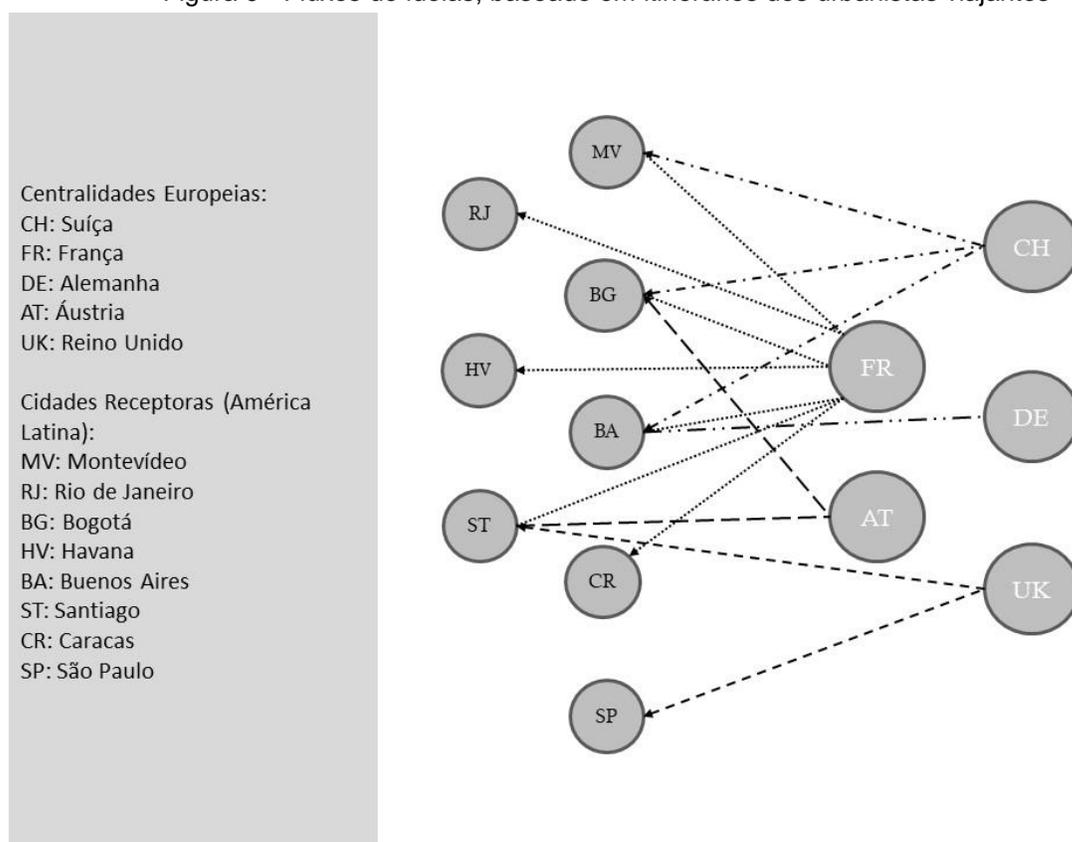
como Sitte e Wagner (PETTI, 2009; ALMANDÓZ, 2002). Para a capital da Colômbia, Bogotá, Brunner se preocupou em estudar o espaço urbano existente minuciosamente, para então propor suas soluções baseado em tal análise. Sua proposta se preocupou com questões sanitárias, trouxe restrições de uso do solo, melhoramentos para infraestruturas urbanas, novas áreas residenciais, e um eixo central norte/sul que passava pelo centro político e religioso. Na década 1930, Brunner se envolveu em consultorias em planejamento urbano para instituições chilenas; e como professor universitário – confirmando sua influência para além de suas proposições de desenho urbano. Brunner foi autor do livro *Manual de Urbanismo* (1939), que logo se tornou uma das principais referências para urbanistas e gestores urbanos da América Latina (ALMANDÓZ, 2007; PETTI, 2009). Também durante a década de 1930, o urbanista alemão Werner Hegemann, convidado pelos *Los Amigos de la Ciudad* para visitar Buenos Aires, realizou um plano para essa cidade. Suas ideias eram pragmáticas e conciliavam racionalismo científico e humanismo, além de valorizar aspectos estéticos urbanos e serem cautelosas em relação a propostas urbanísticas anteriores (ALMANDÓZ, 2002).

A última corrente urbanística observada nos casos de análise, foi o movimento modernista. A partir da década de 1930 ideias relacionadas ao planejamento urbano modernista se alastraram pela América Latina, principalmente sob a influência de Le Corbusier, o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) e a Carta de Atenas. Le Corbusier nasceu na Suíça, e mais tarde naturalizou-se francês. Sua primeira viagem à América Latina foi em 1929, devido a um convite feito pela *Sociedad de Amigos del Arte* e por intelectuais locais que ele conheceu na França (LIERNUR; PSCHEPIURCA, 2012). Le Corbusier se aproximou de diversos profissionais da arquitetura e urbanismo, influenciando-os a adotar estratégias modernistas. Sua primeira participação em plano urbano na América Latina foi em 1938 – nesse ano, o urbanista tomou parte em plano para Buenos Aires e para Bogotá. Suas ideias urbanísticas tinham um apelo funcional e modernista, utilizando de coerência, zoneamento, densificação urbana e espaços abertos (ALMANDÓZ, 2002; CHOAY, 2013). Em seu plano para Buenos Aires (1938), Le Corbusier propôs a densificação da cidade; revitalização da zona

sul; incorporação de áreas de lazer; melhoramento da circulação; e incorporou cidades satélites como *Flores*, *Belgrano* e *San Isidro*. Circulação é um dos elementos chaves do urbanismo modernista, e para Buenos Aires, Le Corbusier criou um sistema viário em formato de funil, conectando os bairros com as áreas centrais da cidade. Para Bogotá (1949), Le Corbusier utilizou de princípios de zoneamento, densificação e organização viária hierárquica (ALMANDÓZ, 2002; LIERNUR; PSICHEPIURCA, 2012). Nenhuma de suas propostas chegou a ser implementada, porém planos posteriores resgataram algumas de suas ideias.

Para tornar mais fácil a leitura dos países de origem dos urbanistas viajantes, fez-se a Figura 9, que mostra os países de origem deles no lado direito, enquanto que no lado esquerdo estão as cidades receptoras. As conexões revelam os diálogos estabelecidos por meio de tal urbanistas.

Figura 9 - Fluxos de ideias, baseado em itinerários dos urbanistas viajantes



Fonte, A autora (2019)

A transferência de conhecimento não é um fenômeno facilmente medido, mas certamente durante o período de 1900-1950, uma das principais formas de sua disseminação foi por meio dos urbanistas viajantes. Essa parte do estudo de caso confirmou os países tidos como centrais e com maior influência sobre a América Latina no período de análise: França, Suíça, Alemanha, Áustria e Reino Unido. Na literatura, muito se fala sobre uma posterior influência dos Estados Unidos, mas com formas de disseminação de ideias e período de respaldo diferentes, e, portanto, fora daquele analisado nessa tese. Os modelos urbanísticos carregados pelos urbanistas viajantes durante 1900-1950 podem ser reduzidos a quatro principais linhas: Academicismo Francês; Cidade Jardim; Pragmatismo austro-germânico; e Modernismo.

Não raro, alguns urbanistas carregavam ideias de mais de uma linha. Princípios associados a Cidade Jardim, por exemplo, estavam presentes em propostas de Alfred Agache para o Rio (para os bairros de Ipanema, Copacabana e Leblon), e em cidades satélites propostas por Jaussely para Buenos Aires (GUTIÉRREZ, 1996; PETTI, 2009). Fez-se nessa pesquisa um esforço em classificar os urbanistas viajantes de acordo com as linhas de ação mais perceptíveis em seus planos, mas é importante considerar que existe uma singularidade no trabalho de cada um, e, algumas vezes, uma mistura de conhecimentos com diferentes origens. Ideias, como definidas por Healey (2011), incorporam novos significados e interpretações a cada lugar que viajam e circulam. Se as ideias podem ser modificadas de lugar em lugar para o qual viajam, também pode-se supor que elas podem ser modificadas com o passar do tempo e de acordo com a interpretação de quem as adotam. As linhas de pensamento abordadas nesse estudo de caso tiveram um grande alcance, as ideias vinculadas a elas circularam por boa parte do globo. Mas, elas também foram influenciadas por lugares, contextos e novas interpretações em cada destino.

Na América Latina e em demais regiões periféricas do globo, se percebeu uma apropriação e reinterpretação do movimento modernista. Pode-se destacar os exemplos de arquitetura e planejamento urbano de Brasília (Brasil), Casablanca (Marrocos), e Chandigarh (Índia) (LARA, 2018; AVERMAETE; CASCIATO, 2014).

Esse fato constitui um importante tópico de discussão que reitera a ideia de um persistente diálogo vertical ou a reinterpretação de uma influência universal e unidirecional dos países centrais em direção aos periféricos. A apropriação e recirculação de ideias, pode, em determinado momento, dizer mais a respeito dos lugares que as modificaram do que de suas origens iniciais.

Os urbanistas viajantes exerceram seus conhecimentos de forma dogmática, com pouca ou nenhuma oposição local aos princípios que carregavam. Esse fato reafirmou a dominância das ideias hegemônicas europeias, o que contribuiu para que o a transferência acontece em apenas um sentido: da centralidade para a periferia. Pouco ou nenhum conhecimento novo foi adquirido por tais urbanistas viajantes devido à interação com profissionais locais na América Latina, sendo pouco recorrente na literatura menção às transferências de ideias do sentido periferia-centralidade nesse período. Outra questão não completamente clara é a posição das elites quanto às soluções importadas diante de possíveis soluções de urbanistas nativos. O convite feito por governantes e elites à urbanistas estrangeiros para visitarem e criarem planos para suas cidades não necessariamente confirma ou desmente tal posicionamento em relação aos profissionais nativos; é acima de tudo uma resposta a falta de especialistas no continente. Cabe comentar que, pelas mãos de urbanistas estrangeiros, houve uma circulação de ideias urbanísticas na América Latina – o exemplo de uma cidade por vezes acabava por incentivar outras a assumirem os mesmos princípios de planejamento urbano.

Certamente, durante o recorte temporal de análise, a América Latina constituía um grande laboratório onde urbanistas podiam testar teorias europeias surgidas no século XIX e XX. Os países latino-americanos estavam em uma fase de crescimento econômico e populacional, o que incentivou um desejo de mudança em suas cidades. As elites e governantes locais, talvez devido a uma longa tradição, se voltaram à cultura europeia para buscar referências – incluindo arquitetônicas e urbanísticas. Durante muito tempo, a principal preocupação das cidades latino-americanas foi a reprodução de modelos urbanísticos europeus e seus modos de vida. Esse cenário se repetiu em diversos círculos – desde a população geral, até a comunidade técnica e acadêmica. As

transferências de ideias se materializaram em planos, projetos, leis e praxis profissional – tudo possível devido ao interesse mútuo entre as partes transnacionais envolvidas. As visitas de urbanistas viajantes de países centrais tiveram resultados muito além de planos para as cidades, muitos participaram de eventos, palestras, entrevistas, documentos escritos e atividades acadêmicas; o que adicionou meios diversos para a transferência de ideia (GOMES, 2009).

O academicismo francês definitivamente teve um papel de destaque no planejamento urbano da América Latina, especialmente durante as décadas de 1900 a 1930. Até esse período, as influências européias que chegaram à América Latina seguiam princípios academicistas e com clara aderência em suas regras. De forma um tanto mais maleável, ideias relacionadas à Cidade Jardim surgiram de forma pontual no continente – bairros específicos de São Paulo foram planejamentos seguindo tal modelo, a partir da iniciativa privada. Influências indiretas também surgiram em outras capitais da América Latina, diluídas em meio a planos que carregavam outras linhas de abordagem urbanística.

A partir de 1930, ideias de outras escolas da Europa ganham espaço no continente: pragmatismo/racionalismo e modernismo. Tais abordagens se tornaram populares na América Latina, e logo diversos países fizeram esforços para introduzir suas ideias nas grandes cidades. Desta vez, ideias transferidas não se restringiam apenas a planos realizados por urbanistas europeus, mas também pelo fato de profissionais locais se apropriarem e modificarem conhecimento de acordo com seus contextos e interpretações.

Essa parte do estudo de caso tem como principal fonte de análise os planos e projetos executados e intenções não-materializadas de planos urbanos. Ambos possuem um papel relevante na influência das ideias urbanas sobre cidades latino-americanas. Analisar algo tão abstrato quanto ideias e conhecimento é uma tarefa difícil, ainda mais em uma época onde os registros e meios de transferência eram tão limitados. A escolha por analisar visitas específicas e planos urbanos se apresentou uma forma mais confiável de coleta de dados, já que informações sobre os principais planos foram alvos de estudos de literatura sobre a história urbana do continente. Mas, cabe ressaltar que outras formas

de transferência de ideias ocorreram, e em períodos que coincidem ou não com aquele aqui analisado.

Tais visitas de urbanistas estrangeiros e suas participações em planos tornam a influência europeia mais clara; porém, seu respaldo pode ser identificado muito antes, assim como muito depois do período analisado. Cidades latino-americanas foram explicitamente influenciadas pela Paris de Haussmann; no Rio de Janeiro, Pereira Passos (1905-1910) e Carlos Sampaio (1920-1922), por exemplo, conduziram uma série de modificações urbanas de acordo com preocupações higienistas. Em São Paulo, Prestes Maia (1938-1945) abriu grandes avenidas, túneis e vias elevadas (ALMANDÓZ, 2002). Após o período das visitas de urbanistas viajantes também houve casos nítidos de influências de ideias urbanísticas com origem em países centrais. Ideias modernistas, especialmente aquelas disseminadas por Le Corbusier, tomaram forma nas mãos de arquitetos e urbanistas locais. Brasília é talvez o exemplo mais concreto dessa contribuição indireta do arquiteto franco-suíço. Mesmo que Le Corbusier não tenha participado ativamente do processo de design da capital brasileira, ele influenciou Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e outros profissionais a adotarem estratégias modernistas e demais princípios da Carta de Atenas (LIERNUR; PSCHPIURCA, 2012). Como já discutido anteriormente, tal influência traz novas questões para a discussão sobre transferência de ideias – como novos signos, interpretações e modificações aos seus conceitos originais.

O processo de urbanização das grandes cidades da América Latina se intensificou a partir de 1950, com ápice a partir dos anos de 1970, quando a migração campo-cidade e a saturação das infraestruturas urbanas se tornaram agravantes. Tais questões resultaram em crescentes ocupações irregulares, problemas ambientais, sobrecarregamento dos sistemas de transporte, falta de acesso aos serviços urbanos à parte da população, pobreza e desigualdade social. Tudo isso contribuiu para modificar as formas de diálogo sobre conhecimento urbanístico no continente. Novos meios de comunicação, associado a esses novos problemas urbanos e recursos limitados impactaram o campo acadêmico e profissional do planejamento urbano na América Latina. Aos poucos, e de forma constante, os diálogos foram se reajustando de acordo

com um complexo jogo de interesses, onde lugares e atores usam de seus recursos e poder para articular transferências de conhecimento.

Desde os anos de 1970, a América Latina vem passando por um intenso processo de urbanização, metropolização e periferização. As principais cidades do continente apresentam problemas resultantes desse processo, sendo que grande parte de suas áreas estão tomadas por ocupações informais. Antigas soluções universais se provaram ineficientes para as realidades locais, sendo necessário recorrer a novas referências. Esse fato aproximou países e cidades com similaridades em suas questões urbanas, criando fluxos específicos na rede de conhecimento sobre a cidade. Isso modificou a forma de relação entre os países latino-americanos e suas antigas mecas de ideias: de um diálogo hierárquico e vertical, para um diálogo flexível e mais aberto, permitindo espaço para novas conexões horizontais acontecerem. Nesse sentido, fenômenos vivenciados por cidades locais foram transformados em experimentos, mas dessa vez conduzidos por iniciativas latino-americanas e com referências em fontes diversas de conhecimento. Essa maior independência em termos de produção e troca de ideias tornou os diálogos horizontais possíveis e mais prováveis. Esse seria o caso de um desejado diálogo de forma mais concreta entre os países integrantes da América Latina.

O próximo item do estudo de caso se dedica em discutir realidades mais recentes da rede de conhecimento; e busca confirmar ou negar a solidez de diálogos intracontinentais na América Latina.

4.3 REDE DE CONHECIMENTO LÍQUIDA

Complexidade nos diálogos de ideias, facilidade e rapidez de comunicação e deslocamento devido às tecnologias e infraestruturas; estas são as principais características da Rede de Conhecimento Líquida. Estuda-se aqui o período de 1970-2010, de alta dinâmica nos centros urbanos latino-americanos devido à industrialização, inversão populacional das áreas rurais para urbanas, e consequente saturação das infraestruturas urbanas. A dimensão dos efeitos desses acontecimentos tiveram um duplo efeito sobre o diálogo de ideias sobre a cidade – por um lado, as capitais continentais vivenciavam uma experiência e problemática urbana sem precedentes em países centrais, o que gerou uma urgência em criar novas ideias pensadas para os contextos locais; e por outro, novas tecnologias de comunicação e transporte tornaram possíveis trocas de conhecimento de maneira mais rápida e diversa, o que aumentou as possibilidades e formas de circulação de ideias. Esse cenário tornou a rede mais flexível – transferências múltiplas, parciais ou fractais se tornaram uma realidade, assim como as relações de poder no diálogo de conhecimento perderam força.

Foi a partir destes pressupostos que se embasou esta pesquisa. Cabe a esta etapa do estudo de caso confirmar até que ponto a rede de conhecimento sobre a cidade realmente se comporta de maneira flexível – líquida. Para isso, investigou-se três aspectos da produção acadêmica dos países analisados: eventos científicos; programas de pós-graduação; e revistas científicas. Cada uma destas é detalhada em itens a seguir.

4.3.1 Eventos Científicos

Os eventos científicos são arenas de trocas de conhecimento que costumam ocorrer em periodicidade constante, normalmente de forma anual ou bienal. Essa característica faz com que sejam um interessante registro das temáticas, recortes, referências e interações continentais do planejamento e gestão da cidade nos últimos anos – e é por esse motivo que integra um dos aspectos analisados neste estudo de caso.

A seleção levou em consideração eventos nacionais de referência da área de planejamento urbano/regional e cidades, com tradição e número significativo de edições. O grande desafio, porém, foi a disponibilidade de dados – grande parte dos eventos, inclusive alguns reconhecidos dentre os mais relevantes, não possuem acervo dos anais de forma aberta e online. Em alguns casos, mesmo após contato por e-mail ou telefone, não foi possível obter-se as informações necessárias ou mesmo qualquer resposta. Nesse sentido, parece haver um cenário de inacessível ou pouco divulgado conhecimento sobre a cidade na América Latina, ao menos no que diz respeito às arenas de discussão sobre a cidade. Por esse motivo, teve-se que flexibilizar os critérios iniciais de seleção, permitindo áreas próximas do planejamento urbano e eventos com menos edições do que inicialmente se procurava.

Os eventos selecionados e que constituíram a fonte principal dessa parte da pesquisa estão dispostos no Quadro 12.

Quadro 12 - Eventos selecionados para pesquisa

EVENTO E INSTITUIÇÃO REALIZADORA	ANO DE CRIAÇÃO/ PERIODICIDADE	DISPONIBILIDADE DE DADOS
Brasil		
Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional / ANPUR	1986/Bienal	Acervo online, disponível em: http://www.anpur.org.br/anais
Seminário de História da Cidade e do Urbanismo /Universidades envolvidas	1988/Bienal	Acervo disponível em: http://unuhospedagem.com.br/revista/rb-ur/index.php/shcu/issue/archive
Argentina		
Congreso Argentino de Administración Pública /AAEAP	2001/Bienal	Acervo online, disponível em: http://aaeap.org.ar
Seminario de Pol. Urb., Gestión Territ. y Amb. para el Des. Local /IPUR-Brian Alejandro Thomson	2007/Bienal	Acervo digital não disponível online; dados recebidos por e-mail.
Colômbia		
Seminario Nacional de Investigación Regional y Urbana / ACIUR	1993/Sem periodicidade definida	Acervo parcial online, disponível em: http://www.aciur.net/coleccion Demais dados recebidos por e-mail.
Colóquio INJAVIU	2007/Sem periodicidade definida	Acervo parcial online, disponível em http://www.javeriana.edu.co/arquidis/injaviu/coloquio Demais dados recebidos por e-mail.
México		
Encuentro de la Red Nacional de Investigación Urbana /RNIU	1987/Anual	Acervo digital não disponível online; dados recebidos por e-mail.
Encuentro Nacional sobre el Desarrollo Regional en México /AMECIDER	1995/Anual	Acervo digital não disponível online; dados recebidos por e-mail.
Chile		
Seminario del Territorio al Detalle /Universidad de Talca	2007/Anual	Acervo disponível em http://www.delterritorioaldetalle.cl/versiones-antiores
Encuentros de Diseño Urbano /Red Académica de Diseño Urbano READU	2011/Anual	Acervo parcial online, disponível em http://www.disenourbano.uchilefau.cl/encuentros-de-disenio-urbano/

Fonte: A autora (2019)

O primeiro aspecto analisado foi referente às temáticas mais frequentes em cada em país. Utilizou-se como base as mesas ou eixos temáticos para criar nuvens de palavras-chaves por país – as palavras-chaves construídas com base em tal subdivisão foram computadas em arquivo word e analisadas utilizando a ferramenta *wordcloud*. Com intuito de resumir e facilitar as comparações entre países, fez-se uma única imagem contendo todas as nuvens de palavras (Figura 10). Cabe ressaltar que alguns eventos possuem como disciplina central tópicos próximos ao urbanismo e planejamento urbano – como administração pública, geografia ou arquitetura. Tal enfoque disciplinar fica claro quando comparadas as nuvens de palavras.

A comparação das nuvens de palavras-chaves de cada país permite identificar algumas tendências e temáticas recorrentes. Primeiro, pode-se destacar uma série de questões relacionadas ao planejamento urbano. Dentro desse bloco, percebe-se a frequência de palavras relacionadas ao urbanismo, planejamento urbano, desenho urbano, paisagem urbana, gestão urbana, formação territorial e ordenamento territorial – todos os países apresentam palavras deste bloco. Também com foco em questões do espaço físico urbano, pode-se agrupar palavras como cidade(s), território, espaço urbano, lugar, apropriação do espaço, projetos, arquitetura e forma; recorrentes principalmente no Brasil, Chile, Colômbia e México.

Outro grupo de palavras que é frequente em todos os países é aquele relacionado ao meio ambiente e sustentabilidade. Isso se comprova na frequência de palavras como: questões ambientais; mudanças climáticas; meio ambiente; água; recursos naturais; e sustentabilidade. A Argentina e o México são os países que apresentaram um maior número de palavras-chaves (consequentemente, maior número de mesas temáticas) que discutem questões relacionadas a esse grupo.

Percebe-se que existe uma série de palavras relacionadas às questões sociais, tal como: inclusão social; igualdade; desenvolvimento humano; e moradia. Tal grupo aparece em maior destaque na Colômbia, México e Argentina.

Por último, algumas palavras remetem à política, políticas públicas e governança – são elas: políticas públicas; administração pública; democracia; governabilidade; enfoques políticos; e participação cidadã. A Argentina é o país que apresenta mais palavras nessa temática, consequência da disciplina de um dos eventos analisados (em administração pública), porém, demais países também possuem algumas palavras desse grupo em posição de destaque.

Essa análise vai de acordo com as expectativas de temáticas mais discutidas nos países latino-americanos. Questões ambientais e de sustentabilidade se repetem como um tema prioritário não apenas na América Latina, mas também de forma global. As discussões sobre moradia, desigualdade, inclusão social e segurança são tópicos que condizem com os dilemas urbanos das cidades latino-americanas, e a frequência de tais temas se confirmou nessa breve leitura.

Cabe ressaltar que as palavras-chaves seguem tendências de conteúdo dos eventos em que estão inseridos. O Chile, por exemplo, tem um foco perceptível em questões de arquitetura e urbanismo, refletindo a natureza dos eventos analisados. A Argentina apresenta discussões relacionadas a administração pública e política, indo de acordo com as disciplinas de seus eventos selecionados.

Entre as análises propostas para essa etapa está a identificação do grau de internacionalização de cada evento; e para isso observou-se qual a origem de seus participantes. Essa análise fornece pistas sobre o nível de integração entre os países latino-americanos. Para apresentar esses dados, duas formas de leitura são apresentadas: uma tabela organizada por país e evento (Tabela 1), de forma a mostrar a participação estrangeira ano a ano, e organizados em grandes blocos (América do Sul, América Central, América do Norte, País colonizador e Outros). A escolha por essa organização foi feita com base em uma leitura prévia dos países com participação mais frequente.

Tabela 1 - Origem dos autores nos eventos selecionados, por país

Brasil: Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planej. Urb. e Regional/ ENANPUR, 2001-2015								
Países de origem	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	2015
Brasil	99%	99,9%	99,4%	99,6%	99%	98,3%	97,6%	99,2%
América do Sul	1%	1,7%	0,3%		0,4%	1,7%	2,1%	0,7%
América Central					0,2%			
América do Norte			0,3%		0,2%			
Portugal				0,3%				
Outros			0,3%		0,2%		0,2	
Brasil: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo/SHCU, 2000-2014								
Países de origem	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014
Brasil	96,6%	97,6%	97,5%	100%	97,5%	96,8%	98,5%	99,5%
América do Sul	3,4%		0,5%		2,5%	2,1%	1,0%	
América Central								
América do Norte			2,0%					
Portugal						1,05%		
Outros		2,4%	0,3%				0,5%	0,5%
Argentina: Asociación Argentina de Estudios de Administración Pública/AAEAP, 2001-2013								
Países de origem	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014*	2015*
Argentina	98,0%	98,0%	100%	97,0%	97,0%	99,0%	*	*
América do Sul	2,0%			3,0%	2,5%	0,5%	*	*
América Central						0,5%	*	*
América do Norte		1,0%			0,5%		*	*
Espanha		1,0%					*	*
Outros							*	*
Argentina: Instituto de Planeamiento Urbano y Regional Brian Alejandro Thomson/IPUR-BAT, 2007-2015								
Países de origem	2007	2008	2009	2011	2013	2015	-	-
Argentina	100%	100%	98%	97,0%	97,4%	95,2%		
América do Sul				1,0%	0,85%	1,9%		
América Central						0,5%		
América do Norte			2%	1,0%	1,7%	1,9%		
Espanha				1,0%				
Outros						0,9%		
Colômbia: Asociación Colombiana de Investigadores Urbano Regionales/ACIUR, 2001-2013								
Países de origem	2009	2011	2012	2014				
Colômbia	92,2%	85,8%	68,0%	89%				
América do Sul	4,2%	9,6%	20,7%	8,2%				
América Central			0,7%					
América do Norte	3,6%	3,0%	9,5%	2,7%				
Espanha								
Outros		0,6%	1,0%					
Colômbia: Instituto Javeriano de Vivienda y Urbanismo/INJAVIU								
Países de origem	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2015	
Colômbia	100%	92%	30%	46,7%	45,4%	49,6%	92%	
América do Sul		8%	46%	35,1%	41,6%	31,2%		
América Central			12%	1,9%	2,8%	0,6%		
América do Norte			10%	16,2%	11,2%	18,0%		
Espanha						0,6%		
Outros			2,0%				8%	

Fonte: A autora (2019). Baseado em dados disponíveis nos portais dos eventos ou solicitados por e-mail. (Continua)

Tabela 1 - Origem dos autores em eventos de referência nos países selecionados
(Continuação)

México: Red de Investigación Urbana/RNIU, 2008-2015								
Países de origem	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
México	98,2%	95,6%	89%	98,9%	94,4%	100%	100%	*
América do Sul	3,8%	2,4%	11%	1,1%	2,9%			*
América Central		0,4%						*
América do Norte		0,8%						*
Espanha		0,4%			2,5%			*
Outros		0,4%						*
México: Asociación Mexicana de Ciencias para el Desarrollo Regional A. C./AMECIDER, 2008-2015								
Países de origem	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
México	98,8%	98,6%	100%	97,2%	97,6%	100%	100%	97,5%
América do Sul	1,2%	1,4%		2,8%	2,4%			2,5%
América Central		0,4%						
América do Norte		0,8%						
Espanha		0,4%			2,5%			
Outros		0,4%						
Chile: Seminario del Territorio al Detalle/Universidad de Talca, 2008-2015								
Países de origem	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Chile	33%	33%						
América do Sul	67%	50%	100%	100%	67%	67%	67%	100%
América Central					33%	33%	33%	
América do Norte								
Espanha								
Outros		17%						
Encuentros de Diseño Urbano/Red Académica de Diseño Urbano READU, 2008-2015								
Países de origem	2011	2012	2013	2014	2015			
Chile	91%	93%		96%	87%	95%		
América do Sul				2%	7%	2%		
América Central					3%	2%		
América do Norte								
Espanha	1%	7%				1%		
Outros				2%	3%			

Fonte: A autora (2019) Obs.: *: dados ainda não disponíveis *online* ou evento não realizado.

Uma segunda forma de dispor estes dados são gráficos de participação estrangeira por país (Figuras 11 a 15); considerando valores absolutos para o período inteiro de análise e somando ambos os eventos. Além disso, os gráficos demonstram a participação não apenas por blocos continentais, mas também especificados por país.

Os dados completos utilizados para a realização dessas análises encontram-se nos apêndices.

Figura 11 - Participação estrangeiras nos eventos científicos do Brasil



Fonte: A autora (2019)

Figura 12 - Participação estrangeiras nos eventos científicos do México



Fonte: A autora (2019)

Figura 13 - Participação estrangeiras nos eventos científicos da Argentina



Fonte: A autora (2019)

Figura 14 - Participação estrangeiras nos eventos científicos da Colômbia

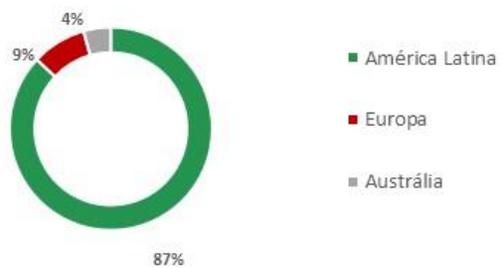


Fonte: A autora (2019)

Figura 15 - Participação estrangeiras nos eventos científicos do Chile



**autores estrangeiros
por continente**



Fonte: A autora (2019)

O que se observa é que há um isolamento em termos de circulação do conhecimento nestas arenas – o grau de participação de autores estrangeiros é usualmente inferior a 10%. Apenas os eventos colombianos INJAVIU e ACIUR e o *Seminário del Territorio al Detalle* no Chile possuem um nível considerável de internacionalização. Novamente, cabe ressaltar a falta de disponibilidade dos anais e dados gerais destes eventos, o que torna a rede de conhecimento latino-americano sobre a cidade ainda mais dispersa e de difícil acesso.

Pode-se considerar como positivo o fato de a maioria dos participantes internacionais serem de países latino-americanos. A Colômbia, por exemplo, que teve a maior participação internacional geral (24,4%), teve como países de vínculo principais o México, Brasil, Argentina, Venezuela e Chile. Já o Chile (com 16% de trabalhos de participação estrangeira), apresentou a Argentina, Paraguai, Equador, Brasil e Uruguai como suas principais conexões. O México (3,2% dos trabalhos com procedência internacional) apresentou um maior número de contribuições do Brasil, Argentina, Colômbia e Espanha. A Argentina (1,7%) apresentou a maior parte das contribuições internacionais do Brasil, México, Colômbia e Espanha. Os países selecionados para análise nesta tese (Brasil, México, Argentina, Colômbia e Chile) costumam ter mais intenso diálogo, já que com frequência aparecem em destaque em termos de participação internacional. De toda forma, com exceção da Colômbia, para os demais países ainda são escassos os diálogos internacionais, ao menos no que diz respeito aos eventos científicos.

As próximas análises possuem um caráter mais específico: o de analisar artigos selecionados (com base na relevância de suas temáticas para essa pesquisa) quanto aos autores citados e cidades tidas como referenciais. Os artigos considerados estão dispostos no Quadro 13.

Quadro 13 - Relação de artigos selecionados para leitura (eventos científicos)

BRASIL
1) ARAÚJO FERNANDES, Antônio Sérgio. <i>A Democratização da gestão urbana no Brasil: teoria e empiria</i> . Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 2005.
2) NAMUR, Marly; GUATASSARA BOEIRA, Jurandir. <i>Reflexões sobre o papel do planejamento urbano no Brasil</i> . Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 2005.
3) MALTA CAMPOS, Candido. <i>Impasses da modernização: limites e contradições do urbanismo moderno no Brasil</i> . Anais do IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 2003.
4) SOARES DE AZEVEDO, Marlice Nazareth. <i>Ações urbanas na década de 1970: uma história recente da atuação federal no município</i> . Anais do IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 2003.
5) LOPES DE SOUZA, Marcelo. <i>De ilusão também se vive: caminhos e descaminhos da democratização do planejamento e da gestão urbanos no Brasil (1989-2004)</i> . Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 2005.
6) COSTA MOTA, Juliana. <i>Mobilização, reivindicações e inserção dos arquitetos no campo do urbanismo e do planejamento urbano no Brasil, 1950/1960</i> . Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 2009.
7) LEÃO REGO, Renato. <i>O modelo urbanístico e o projeto da cidade</i> . Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 2009.
8) DE PAULA D. BRASIL, Flávia. <i>Políticas urbanas locais nos anos 90: agendas concorrentes e elementos de renovação</i> . Anais do VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 1999.
9) ALMANDOZ, Arturo. <i>Revisão da historiografia urbana na América Hispânica, 1960-2000</i> . Anais do VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 1999.
10) MALTA CAMPOS, Candido. <i>Urbanismo e anti-urbanismo no debate nacional brasileiro, 1900-1945</i> . Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 1995.

(Continua)

Quadro 13 - Relação de artigos selecionados para leitura (eventos científicos)
(Continuação)

MÉXICO
1) GUTIERREZ CHAPARRO, Juan Jose. <i>Planeación urbana: reflexiones desde la teoría de planeación</i> . Anais do XXVIII Encontro de la Red Nacional de Investigación Urbana A. C. 2005.
2) SZAJNBERG, Daniela. <i>Reconversión de frentes costeros urbanos</i> . Aciertos y desafíos. Anais do XXXI Encontro de la Red Nacional de Investigación Urbana A. C. 2008.
3) QUIROZ ROTHE, Hector. <i>Urbanismo reciente, nuevas identidades</i> . Anais do XXXII Encontro de la Red Nacional de Investigación Urbana A. C. 2009.
4) DUHAU, Emilio. <i>Organización del espacio urbano, segregación y espacio público</i> . Anais do XXVIII Encontro de la Red Nacional de Investigación Urbana A. C. 2005.
5) RODRIGUEZ VELÁZQUEZ, Daniel. <i>Desastres y estudios sociales y territoriales</i> . Anais do XXX Encontro de la Red Nacional de Investigación Urbana A. C. 2007.
6) CRUZ ISLAS, Ignacio César. <i>Migración y desarrollo desde lo local</i> . El estado de Hidalgo en perspectiva. Anais do XX Encontro Nacional sobre Desarrollo Regional en México. 2015.
7) GÓMEZ GONZÁLEZ, Jorge Alberto; MÉNDEZ RAMÍREZ, José Juan. <i>Políticas urbanas de intervención en el Centro Histórico de la Ciudad de México bajo el modelo de resumen Estado Neoliberal, 1989-2010</i> . Anais do XX Encontro Nacional sobre Desarrollo Regional en México. 2015.
8) VÁZQUEZ MORAN, Israel; HOYOS CASTILLO, Guadalupe. <i>Estructuras y políticas territoriales. Las regiones centro y centro occidente de México</i> . Anais do XX Encontro Nacional sobre Desarrollo Regional en México. 2015.
9) GALIS PACHECO, María Elena; GUERRERO OLVERA, Miguel. <i>Cuautla a través de la historia: el crecimiento urbano desordenado, efecto de la transición de una economía agrícola a una de servicios</i> . Anais do XX Encontro Nacional sobre Desarrollo Regional en México. 2015.
10) FLORES GONZÁLEZ, Sergio; RAMOS LUIS, Pierre. <i>Economía, poder e territorio: una visión histórica en los dos siglos recientes en México</i> . Anais do XX Encontro Nacional sobre Desarrollo Regional en México. 2015.
ARGENTINA
1) GENUIT, Christel. <i>El municipio en el contexto de la cultura glocal</i> . Anais do II Congreso Argentino de Administración Pública. 2003.
2) AINSTEIN, Luis. <i>La desintegración de los grandes aglomerados y las condiciones de su organización institucional - El caso Buenos Aires</i> . Anais do V Congreso Argentino de Administración Pública. 2009.
3) BERNAZZA, Claudia. <i>El paradigma del desarrollo local: virtudes y contradicciones del modelo municipal de los noventa</i> . Anais do III Congreso Argentino de Administración Pública. 2005.
4) FERNÁNDEZ, Gabriel; PAZ, Sergio. <i>Hacia una nueva agenda de políticas públicas para el desarrollo: gestión urbana, identidad y participación ciudadana</i> . Anais do III Congreso Argentino de Administración Pública. 2005.
5) CASTILLO, Juan Antonio. <i>Los gobiernos locales en el escenario de la globalización</i> . Anais do I Congreso Argentino de Administración Pública. 2001.
6) BONO, Néstor; SEIMANDI, Miguel; ULACIA, Andrea; LÓPEZ, Isabel; ROCCA, M. Julia; RÍOS, Marcelo; VICENTE, Rosalia. <i>Incidencia de las transformaciones en las políticas territoriales y sus instrumentos en la provincia de Buenos Aires</i> . Anais do IV Seminario de Políticas Urbanas, Gestión Territorial y Ambiental para el Desarrollo Local. 2011.
7) MARTINEZ DE SAN VICENTE, Isabel; SOIJET, Mirta; TAMBURRINI, María Cristina; CICCHINI, Ana; BAGLIONE, Graciela; GALIMBERTI, Cecilia; TONINI, Raul; MANTOVANI, Graciela; GRAMAGLIA, Valeria; PERALTA FLORES, Maria Celeste. <i>Procesos de transformación territorial. Estudio comparativo en las áreas metropolitanas de Rosario y Santa Fe</i> . Anais do VI Seminario de Políticas Urbanas, Gestión Territorial y Ambiental para el Desarrollo Local. 2015.
8) PERALTA, Carolina; LIBORIO, Miriam G. <i>Elucidación de las transformaciones territoriales y del proceso de urbanización</i> . El caso de la cuenca La Lagunilla – La Cañada. Anais do VI Seminario de Políticas Urbanas, Gestión Territorial y Ambiental para el Desarrollo Local. 2015.

(Continua)

Quadro 13 - Relação de artigos selecionados para leitura (eventos científicos)
(Continuação)

9) BATAGLIA, Mariela A. <i>Los usos emergentes del suelo urbano y periurbano del AMGR: Cambios, conflictos e impactos</i> . Anais do VI Seminario de Políticas Urbanas, Gestión Territorial y Ambiental para el Desarrollo Local. 2015.
10) BARRETO, Miguel A.; EBEL, Gabriela A.; ABILDGAARD, Evelyn. <i>Procesos recientes de ordenación y planificación en Argentina y el Nordeste</i> . Anais do VI Seminario de Políticas Urbanas, Gestión Territorial y Ambiental para el Desarrollo Local. 2015.
COLÓMBIA
1) RODRÍGUEZ MORENO, Adrián Camilo. <i>Los gobiernos locales en el escenario de la globalización</i> . Anais do VIII Seminário Nacional de Investigación Regional y Urbana. 2009.
2) LAMPIS, Andrea. <i>Ciudades intermedias, dinámicas sociales y ordenamiento del territorio en Colombia: retos y reflexiones</i> . VIII Seminário Nacional de Investigación Regional y Urbana. 2009.
3) SUÁREZ MAYORGA, Adriana Maria. <i>Los retos atemporales de la gestión urbana: tensiones entre la alcaldía y el concejo municipal en torno al desarrollo urbano capitalino. Bogotá, 1890-1900</i> . Anais do VIII Seminário Nacional de Investigación Regional y Urbana. 2009.
4) VILLAR LOZANO, Mayerly Rosa. <i>Sobre el fenómeno de transformación de la ciudad</i> . Anais do X Seminário Nacional de Investigación Regional y Urbana. 2012.
5) RINCÓN CASTELLANOS, Milena. <i>La ciudad emergente. El caso de Tunja 1900-2005</i> . Anais do IX Seminário Nacional de Investigación Regional y Urbana. 2011.
6) BOHÓRQUEZ ALFONSO, Ivonne Alexandra. <i>La expansión del borde norte de Bogotá: política de crecimiento urbano y realidades territoriales. El caso de Suba</i> . Anais do III Colóquio do Instituto Javeriano de Vivienda y Urbanismo. 2009.
7) RIVEROS DÍAZ, Carlos A. <i>El conocimiento de la construcción de la memoria urbana como elemento clave de la renovación</i> . Anais do III Colóquio do Instituto Javeriano de Vivienda y Urbanismo. 2009.
8) ALVARADO GUTIÉRREZ, Andrés M. <i>El rol de la memoria urbana em la construcción y producción social de El Chorro de Quevedo em Bogotá</i> . III Colóquio do Instituto Javeriano de Vivienda y Urb. 2009.
9) TORREJÓN CARDONA, Eryka. <i>Renovación e integración de barrios en Medellín: Estigmas y sentidos del lugar (1990- 2007)</i> . Anais do IV Colóquio do Instituto Javeriano de Vivienda y Urbanismo. 2010.
10) HIDALGO G, Adriana. <i>El papel de la vivienda em la configuración urbana de las periferias: caso de Tunja – Colombia. 1907-2007</i> . Anais do VI Seminario de Políticas Urbanas, Gestión Territorial y Ambiental para el Desarrollo Local. 2015.
CHILE
1) LANGE, Carlos. <i>Perspectivas estratégicas y miradas tácticas: propuesta de un enfoque reflexivo en torno al proyecto urbano</i> . Anais do Seminário Diseño urbano y sus aproximaciones desde la forma, el espacio y el lugar. 2013.
2) ESCUDERO, Natalia. <i>La insustentabilidad del proceso de desarrollo de la ciudad contemporánea: del espacio – Lugar al predominio de los espacios de Flujos y de los No – lugares</i> . Anais do Seminário Diseño urbano y sus aproximaciones desde la forma, el espacio y el lugar. 2013.
3) VIEIRA, Elvis José. <i>Análisis del diseño urbano contemporáneo de América Latina</i> . Anais do Seminário Diseño urbano y sus aproximaciones desde la forma, el espacio y el lugar. 2013.
4) FERNÁNDEZ, Viviana. <i>Promoviendo un diseño urbano participativo: experiencias desde la práctica y la docência</i> . Anais do Seminário Diseño urbano y sus aproximaciones desde la forma, el espacio y el lugar. 2013.

Fonte: A autora (2019)

Com base nessa seleção de artigos, elaborou-se o Quadro 14, que contém os autores mais referenciados já sob uma interpretação geral para os cinco países, assim como suas nacionalidades e país de vínculo institucional.

Quadro 14 - Autores mais citados nos artigos selecionados

AUTORES E CITAÇÕES						
AUTORES MAIS CITADOS NACIONALIDADE/INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO	Total	NÚMERO DE CITAÇÕES				
		BR	AR	MX	CB	CL
Manuel Castells Espanhol / Professor na University of California, Berkeley (2000-atual), Estados Unidos.	6	3	3	N/A	N/A	N/A
Jordi Borja Espanhol / Professor na Universidad Abierta de Cataluña (1984-atual), Espanha; Diretor na empresa Jordi Borja Urban Technology Consulting S.L. (1996-atual), Espanha.	5	1	3	1	N/A	N/A
Pedro Pirez Argentino / Professor na Universidad de Buenos Aires (1981-atual), Argentina; Pesquisador no Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (1987-atual), Argentina.	5	N/A	2	2	1	N/A
Jürgen Habermas Alemão / Professor na Universität Frankfurt am Main (1983-1994), Alemanha.	4	3	1	N/A	N/A	N/A
Françoise Choay Francesa / Professora na Université Paris-I-Panthéon-Sorbonne (1965-atual), França.	4	2	N/A	2	N/A	N/A
Peter Hall Inglês / Professor na University College London (1957-2014), Reino Unido.	4	2	N/A	2	N/A	N/A
Adauto Lucio Cardoso Brasileiro / Professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993-atual), Brasil.	4	4	N/A	N/A	N/A	N/A
Fernando González Bernáldez Espanhol / Professor na Universidad Autónoma de Madrid (1976-1992), Espanha.	4	N/A	N/A	2	2	N/A
Mayerly Rosa Villar Lozano Colombiana / Coordenadora e professora na Universidad Piloto de Colombia (2013-atual), Colômbia.	4	N/A	N/A	N/A	4	N/A
Milton Santos Brasileiro / Professor na Universidade de São Paulo (1997-2001), Brasil.	4	2	N/A	2	N/A	N/A
Jean Lojkine Francês / Professor e diretor de pesquisa e no Centre National de la Recherche Scientifique, França; Pesquisador na École des Hautes Études en Sciences Sociales, França.	3	2	N/A	1	N/A	N/A
Flávio Villaça Brasileiro / Professor na Universidade de São Paulo (1985-atual), Brasil.	3	3	N/A	N/A	N/A	N/A
Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro Brasileiro / Professor na UFRJ (1979-atual), Brasil; Pesquisador no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2011-atual), Portugal.	3	2	N/A	1	N/A	N/A
Henri Lefebvre Francês / Professor na Université Paris-Ouest-Nanterre-La-Défense (1961-1991), França.	3	2	1	N/A	N/A	1
Fernando Carrión Argentino / Professor na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (2000-atual), Equador.	3	N/A	1	2	N/A	N/A
Carlos Antonio de Mattos Uruguaio / Professor na Pontificia Universidad Católica de Chile (1968-atual), Chile.	3	N/A	1	1	1	N/A
Leonardo Avritzer Brasileiro / Professor na UFMG (2012-atual), Brasil; Pesquisador no Instituto de Pesq. Econômicas, Admin. e Contábeis de Minas Gerais (2015-atual), Brasil.	3	3	N/A	N/A	N/A	N/A
Philippe Panerai Francês / Professor na École d'Architecture de Versailles, em Paris-Villemin (1992-atual), França.	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2

Fonte: A autora (2019)

O quadro apresenta indícios que confirmam a permanência de diálogo vertical com países centrais: muitos autores referenciados são de origem em países do hemisfério norte. Do total de 20 autores listados no quadro, oito deles são europeus, sendo três da Espanha, três da França, um da Alemanha e 1 da Inglaterra. Muitos desses foram citados em ao menos dois dos quatro países analisados. Os demais autores são todos de origem latino-americana, sendo estes principalmente do Brasil (5), Argentina (2), Colômbia (1) e Uruguai (1). Quatro destes autores foram citados de forma mais sólida, como é o caso de Pedro Pirez (cinco citações distribuídas em três países), Milton Santos (quatro citações, sendo duas no Brasil e duas no México), Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (três citações, sendo duas no Brasil e uma no México), Fernando Carrión (três citações, sendo uma na Argentina e duas no México) e Carlos Antonio de Mattos (três citações distribuídas em três países). Com base na leitura dos artigos selecionados, também se elaborou uma relação de cidades tidas como referenciais.

Quadro 15 – Cidades citadas nos artigos e motivo para tal citação

BRASIL	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
São Paulo	Discussões em torno de transporte urbano. Áreas centrais e estratégias de revalorização do espaço.
Goiânia	Exemplo de cidade planejada de médio/pequeno porte no Brasil
MÉXICO	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Buenos Aires	Áreas centrais e densificação.
ARGENTINA	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Buenos Aires	Importância na inserção na rede e sistema de cidades da Argentina.
Belo Horizonte	Exemplo malsucedido de participação social.
Porto Alegre	Modelo em participação social na gestão urbana.
COLÔMBIA	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Bogotá	Soluções de moradia social.
Tunja	Exemplo de cidade densificada e de áreas centrais e pericentrais.
Medellín	Soluções de infraestrutura em <i>barrios</i> .
Buenos Aires	Densificação da cidade.
Curitiba	Iniciativas de <i>City Marketing</i> .
CHILE	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Grande Santiago	Desigualdade sócio-espacial.
Guadalajara	intervenções urbanas/ iniciativas de reintegração social / mobilidade.
Bogotá	Sistema de transporte urbano.

Fonte: PEREIRA (2016)

Para a elaboração deste quadro, considerou-se as cinco cidades mais citadas por país. O que se percebe é que o Brasil pouco se referencia a cidades não-brasileiras, sendo as mais citadas todas localizadas em seu próprio território. As citações referentes à Goiânia dizem respeito ao fato de essa ser considerada um exemplo de cidade planejada de médio/pequeno porte no Brasil em meados do séc. XX. Porto Alegre, por outro lado, aparece como um modelo em termos de iniciativas bem-sucedidas de inserção da participação social na gestão urbana. Buenos Aires aparece diversas vezes, e em diversos países, especialmente devido ao seu alto grau de influência na rede urbana argentina. Tunja, na Colômbia aparece em destaque porque ilustra acentuados processos de densificação de áreas centrais e pericentrais, além de uma expansão territorial de baixa densidade em sua periferia – processo que tomou lugar desde os anos 1970. Guadalajara foi citada por suas intervenções e adaptações urbanas, especialmente quanto às iniciativas de reintegração social e soluções de mobilidade.

Em geral percebe-se que há um intercâmbio de conhecimentos e busca por ideias e modelos dentro do próprio território latino-americano. Dentre as listas de cidades mais citadas não aparece nenhuma que se localize em países centrais, ou mesmo que não seja latino-americana.

Uma leitura conjunta de todas as informações investigadas para os eventos científicos permite chegar a alguns indícios ou conclusões. As discussões sobre participação social na gestão, por exemplo, que além de ser muito presente como temática dos eventos, também se confirmou como prioridade em todos os países quando da análise temporal. Até mesmo quando da análise dos autores e cidades referenciais, pois Porto Alegre aparece frequentemente como um modelo de aplicação de políticas de participação popular. No Brasil e na Argentina também chama a atenção as mudanças estimuladas por suas novas constituições federais, dando espaço para a descentralização e democratização.

Quanto aos autores mais citados, grande parte dos artigos analisados utilizou de referências de países centrais, especialmente de origem espanhola e francesa. Esse forte laço entre a Espanha e países latino-americanos pode ser uma herança dos tempos coloniais; um resquício da dependência cultural que se estendeu durante muito tempo

após a independência das ex-colônias. A língua e a similaridade cultural agem como um facilitador para o diálogo e transferência de ideias, unificando a América Ibérica e estimulando a permanência de vínculo com a Espanha.

Por outro lado, diversos autores latino-americanos também influenciam as discussões continentais. Mas novamente, assim como na análise das cidades, o Brasil não teve qualquer referência a autores da América Latina. Percebe-se que os quatro países de língua hispânica possuem uma interação acadêmica mais frequente no que diz respeito à utilização de autores. Dois autores argentinos, assim como um uruguaio, foram citados em países que não os de suas origens – apenas a autora colombiana não obteve citações fora de seu país. Retornando à questão de citações de cidades, merece destaque Porto Alegre e Belo Horizonte, novamente pelas bem-sucedidas iniciativas de participação social na primeira, e malsucedidas na última; e de Curitiba, pela adoção de preceitos do *City Marketing*.

O par Brasil-Argentina aparenta possuir mais interação, seja por apresentarem mais expressivas participações estrangeiras de autores nos eventos um do outro, seja pela priorização de discussões similares, como o papel do Estado em políticas urbanas democráticas. Os países México e Colômbia, também constituem um par que apresenta os maiores grupos estrangeiros em seus eventos, e na definição das principais prioridades compartilham o interesse pelos Recursos naturais e sustentabilidade.

As arenas de conhecimento sobre a cidade parecem ainda serem isoladas, em alguns casos pouco estabelecidas e com elos frágeis com demais países do continente. Via de regra, as participações estrangeiras em eventos seguem uma lógica de conveniência e proximidade, com algumas exceções. Por vezes a língua em comum parece ser um incentivador para o estabelecimento dos diálogos, e por outras, é a proximidade física que parece ser o principal critério nas interações entre países. O evento *Seminario Del Territorio al Detalle* foge à essa regra, sendo que seus participantes internacionais são prioritariamente grandes nomes da arquitetura e urbanismo da América Latina. A natureza desse evento é claramente valorizar e difundir o pensamento arquitetônico e urbanístico original do continente.

Ainda que os resultados desse passo do estudo de caso forneça indícios sobre a realidade da discussão e rede de conhecimento sobre a cidade no continente, é importante ter em mente que esta pesquisa contou com um acesso muito limitado aos eventos científicos de cada país, sendo a amostra não uniforme devido às modificações nos critérios de seleção. A dificuldade enfrentada para ter-se acesso às informações básicas dos eventos e aos anais destes fez com que muitas opções fossem descartadas devido a indisponibilidade dos dados. Apesar da fragilidade dos dados e limitada amostra, esta leitura conjunta com os demais passos desta etapa do estudo de caso fortalece a análise final. O estudo dos programas de pós-graduação a seguir revela novas questões, assim como também confirma aspectos já aqui evidenciados.

Os resultados dispostos neste item são complementados com os demais passos da etapa de Rede de Conhecimento Líquida do Estudo de Caso. Parte-se para a análise dos Programas de Pós-graduação no próximo item.

4.3.2 Programas de Pós-Graduação

Os programas de pós-graduação retratam o valor e avanço científico do conhecimento em cada um dos países. Os temas dos programas, linhas de pesquisa e títulos das teses e dissertações podem dar grandes indícios das prioridades da gestão e planejamento das cidades, já que há um forte elo entre academia e prática. Além dessas informações, também se observou as palavras-chaves dos trabalhos publicados e os alvos de análise (cidade e país).

Buscou-se por programas de pós-graduação com avaliação em estratos superiores segundo as classificações nacionais feitas por instituições competentes em cada país, e que possuam aderência à área de planejamento urbano e regional/cidades. O maior desafio na seleção foi, ao aplicar os critérios, encontrar suficientes programas em cada um dos países analisados. Procurou-se ter uma amostra de ao menos quatro por país, o que não foi possível para todos os países sem alterar-se os critérios iniciais de seleção. O Brasil foi o único país onde foi possível selecionar apenas programas inseridos na área de Planejamento Urbano Regional/Demografia, em todos os demais foi necessário ampliar o recorte para ciências sociais (desde que contivessem linhas relacionadas ao urbano/cidade). Assim como no caso dos eventos científicos, alguns programas de pós-graduação foram excluídos do recorte devido à falta de disponibilidade dos dados necessários, apesar de preliminarmente encaixarem-se em áreas de interesse terem alto nível de qualificação; é o caso dos Programas de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional/Universidade Regional de Blumenau (conceito 5) e Desenvolvimento Regional e Agronegócio/Universidade Estadual do Oeste do Paraná (conceito 5). A relação dos programas selecionados segue no quadro 16.

Quadro 16:- Programas de pós-graduação selecionados por países da América Latina.

BRASIL	
PROGRAMA/UNIVERSIDADE	CONCEITO*
Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional/Universidade Federal do Rio de Janeiro	6
Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional/Universidade Federal do Rio Grande do Sul	6
Pós-graduação em Gestão Urbana/Pontifícia Universidade Católica do Paraná	5
Pós-graduação em Desenvolvimento Regional/Universidade de Santa Cruz do Sul	5
Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano/Universidade Federal de Pernambuco	5
ARGENTINA	
PROGRAMA/UNIVERSIDADE	CONCEITO
Doutorado em Geografia/Universidade Nacional do Sul	A
Doutorado em Ciências Sociais/Universidade Nacional de Cuyo	A
Doutorado em Antropologia Social/Universidade Nacional de Misiones	A
Doutorado da Universidade de Buenos Aires- Área Antropologia/Universidade de Buenos Aires	A
Doutorado em Geografia/Universidade Nacional de Cuyo	B
Doutorado da Universidade de Buenos Aires- Área Geografia/Universidade de Buenos Aires	B
Doutorado em Administração Pública e Política Pública/Universidade Nacional de Córdoba	B
MÉXICO	
PROGRAMA/UNIVERSIDADE	CONCEITO
Doutorado em Ciências Sociais com Especialidade em Estudos Regionais/El Colegio de la Frontera Norte	Competência Intern.
Doutorado em Ciência Social com Menção em Sociologia/El Colegio de Mexico, A.C.	Competência Intern.
Doutorado Integral em Antropologia Social/El Colegio de Michoacan, A.C.	Competência Intern.
Doutorado em Sociologia/Benemerita Universidade Autônoma de Puebla	Consolidado
Doutorado em Geografia/Universidade Nacional Autônoma do México	Consolidado
Doutorado em Ciências Políticas e Sociais/Universidade Nacional Autônoma do México	Consolidado
COLÔMBIA	
PROGRAMA/UNIVERSIDADE	CONCEITO
Doctorado en Antropología/Universidade Nacional da Colômbia	Acreditado
Doctorado en Historia/Universidade Nacional da Colômbia	Acreditado
Doctorado en Antropología/Universidade dos Andes	Reacreditado
Doctorado en Ciencia Política/Universidade dos Andes	Reacreditado
CHILE	
PROGRAMA/UNIVERSIDADE	CONCEITO
Doutorado em Arquitetura e estudos urbanos/Pontifícia Universidad Católica de Chile	Acreditado 5 anos
Doutorado em Antropologia/Universidad Católica del Norte –Universidad de Tarapacá	Acreditado 6 anos
Doutorado em Ciência Política/Pontifícia Universidad Católica de Chile	Acreditado 4 anos
Doutorado em Sociologia/Universidad Alberto Hurtado	Acreditado 5 anos
Doutorado em Ciências Sociais/Universidad de Chile	Acreditado 4 anos
Doutorado em História/Pontifícia Universidad Católica de Chile	Acreditado 7 anos

Fonte: A autora (2019)

Para cada um dos programas de pós-graduação buscou-se identificar o número de alunos, linhas de pesquisa, temas mais recorrentes de pesquisa, origem dos autores e/ou país de estudo das teses. Assim como realizado para os eventos científicos, fez-se uma análise de conteúdo para determinar as prioridades temáticas e interação continental (com base nos alvos de estudo das teses). Alguns trabalhos defendidos foram selecionados para leitura, de forma a permitir análises mais específicas e detalhadas, para servir de base de análises temporais por país (discutidas no item 4.4) e para identificar os principais autores utilizados.

Com base nas palavras-chaves das teses publicadas durante o período de interesse, fez-se nuvens que colocam os temas mais recorrentes em destaque. O resultado foi resumido por país e disposta em imagem única (Figura 16), permitindo uma mais fácil comparação entre eles.

Figura 16 - Palavras-chaves das teses dos programas de pós-graduação



Fonte: A autora (2019)

A comparação das nuvens de palavras permite identificar algumas temáticas recorrentes. O primeiro grupo que se destaca é aquele referente às questões de planejamento e gestão do território - representado por palavras como: planejamento urbano; ordenamento territorial; zonas urbanas; urbanismo; gestão pública; transporte; e mobilidade. Ainda referente às questões espaciais, tem-se palavras como: território; cidade(s); espaço urbano; espaço público. Tais palavras se repetem em todos os países.

Um segundo bloco de destaque é aquele referente às questões ambientais – representado por palavras como: meio-ambiente; qualidade ambiental; sustentabilidade; desenvolvimento sustentável; clima; hidrografia; e inundações. Temas relacionados a esse bloco aparecem em todos os países, mas com especial frequência na Argentina, possivelmente devido a um maior número de programas da área da geografia nesse país.

Em seguida, pode-se destacar o grupo de palavras: políticas; políticas públicas; democracia; neoliberalismo; participação pública; participação social; participação popular; partidos políticos e cidadania. Novamente, essas aparecem em todos os países analisados.

Outro grupo frequente é aquele que discute temas sociais – representado por palavras como: transformações sociais; identidade; movimentos sociais; políticas sociais; sociedade; desenvolvimento social; condições sociais; relações sociais, e identidade. Esse grupo é principalmente discutido no Chile, Colômbia e México. Esses mesmos países também compartilham interesses mais específicos, como: violência, segurança e guerra; grupos minoritários e etnias (indígenas, mulheres, povos, etnografia); questões migratórias e fronteiriças (fronteira, migração e movimento migratório). Palavras relacionadas ao trabalho e trabalhadores também se repetiu em alguns países (Colômbia, Argentina e México).

Por fim, uma breve leitura das nuvens de palavras revela que surgem nomes de países/cidades latino-americanos estrangeiros ao país de análise. Isso é um sinal de integração favorável. No Chile, a palavra “América Latina” tem um lugar de destaque, o que sugere que um grande número de pesquisas investiga esse recorte territorial.

O Quadro 16 contém os programas de pós-graduação selecionados, por país, o total de teses defendidas e seus recortes geográficos de análise (país). O recorte temporal adotado é 2000-2015.

Quadro 16 – Países Discutidos nas Teses dos Programas de Doutorado

PROGRAMA	TOTAL DE TESES	PAÍSES DISCUTIDOS NAS TESES
BRASIL		
Doutorado em Planej. Urb. e Reg. UFRJ. 90% Brasil 10% Outros	113	Brasil (102), Bolívia (3), Colômbia (2), Argentina (1), Canadá (1), América Latina (2), Brasil e Argentina (1), Brasil, Colômbia e Espanha (1).
Doutorado em Planej. Urb. UFGRS 94% Brasil 6% Outros	35	Brasil (33), Brasil, Espanha e Marrocos (1), Brasil e Uruguai (1).
Doutorado em Gestão Urbana PUCPR 70% Brasil 30% Outros	16	Brasil (11), Espanha (1), Brasil e Chile (1), Brasil e Colômbia (1), Austrália, Grécia e China (1)
Doutorado em Desen. Reg. USCS 95% Brasil 5% Outros	61	Brasil (58), Brasil e Paraguai (1), Brasil e Argentina (1), Brasil e Portugal (1)
Doutorado em Des. Urb. UFPE 100% Brasil	57	Brasil (57)
MÉXICO		
Doutorado em Ciências Sociais CFN 92% México 8% Outros	52	México (48), Estados Unidos (3), Cuba (1).
Doutorado em Sociologia BUAP 87% México 13% Outros	39	México (34), América Latina (2), Alemanha (1), Argentina (1), Guatemala (1)
Doutorado em Ciência Social CM 84% México 16% Outros	191	México (162), Colômbia (5), Argentina (4), Costa Rica (3), Chile (3), Bolívia (2), México e Estados Unidos (2), Guatemala (2), Peru (2), Haiti (1), Estados Unidos (1), América Latina (1), Cuba (1), México e Espanha (1), Espanha (1),
Doutorado em Geografia UNAM 87% México 13% Outros	32	México (28), México e Estados Unidos (2), Espanha (1), Estados Unidos (1)
Doutorado em Ciências P. e S. UNAM 75% México 25% Outros	37	México (28), Estados Unidos (3), União Européia (1), México e Estados Unidos (1), México e Canadá (1), México e Itália (1), México e Espanha (1), México, Argentina, Brasil, Itália e Rússia (1).
Doutorado em Antropologia Social CM 93% México 7% Outros	32	México (30), México e Estados Unidos (1), México e Espanha (1).

(Continua)

Quadro 16 – Países Discutidos nas Teses dos Programas de Doutorado

(Continuação)

PROGRAMA	TOTAL DE TESES	PAÍSES DISCUTIDOS NAS TESES
ARGENTINA		
Doutorado de Geografia UNS 100% Argentina	64	Argentina (64)
Doutorado de Geografia UNCuyo 85% Argentina 15% Outros	21	Argentina (18), Chile (3)
Doutorado de Geografia UBA 92% Argentina 8% Outros	27	Argentina (25), Brasil (1), Colômbia (1)
Doutorado em Ciências Sociais UNCuyo 90% Argentina 10% Outros	29	Argentina (26), Chile e Reino Unido (1), América Latina (2)
Doutorado de Antropologia UNM 83% Argentina 17% Outros	18	Argentina (15), Argentina e Paraguai (1), Paraguai (1), Brasil (1)
COLÔMBIA		
Doutorado de Ciências Políticas UA 88% Colômbia 12% Outros	143	Colômbia (126), Colômbia e Estados Unidos (4), América Latina (3), Estados Unidos (1), Afeganistão (1), Irlanda do Norte (1), Colômbia e México (1), Colômbia e Equador (1), Colômbia e Chile (1), América do Sul (1), Colômbia e Espanha (1), Colômbia, México e República D. do Congo (1), Colômbia, Estados Unidos e Canadá (1)
Doutorado Antropologia UA 96% Colômbia 4% Outros	149	Colômbia (144), Peru (3), Estados Unidos (1), Venezuela (1).
Doutorado Antropologia UNC 100% Colômbia	61	Colômbia (61)
Doutorado de História UNC 92% Colômbia 8% Outros	73	Colômbia (67), Brasil (2), Venezuela (1), Colômbia, Peru e Brasil (1), Colômbia e Venezuela (1)
CHILE		
Doutorado em Arquitetura e Estudos Urbanos UCChile 88% Chile 12% Outros	35	Chile (31), Argentina (2) Colômbia (1), Uruguai (1).
Doutorado em Antropologia UCN 82% Chile 18% Outros	22	Chile (18), Argentina (1), Bolívia (1), Chile e Bolívia (1), Peru (1).
Doutorado em Ciência Política UCChile 54% Chile 46% Outros	13	Chile (7), América Latina (5), Chile e Argentina (1).
Doutorado em Sociologia UAHurtado 81% Chile 19% Outros	38	Chile (31), América Latina (6), Alemanha (1)
Doutorado em Ciências Sociais UChile 83% Chile 17% Outros	18	Chile (15), América Latina (1), Chile e México (1), Chile, Argentina e Uruguai (1).
Doutorado em História UCChile 73% Chile 27% Outros	46	Chile (34), América Latina (5), Peru (2), Chile e Cuba (1), Chile e China (1), Chile e Colômbia (1), Itália (1), Espanha (1).

Fonte: SILVA (2016); SANTOS (2019)

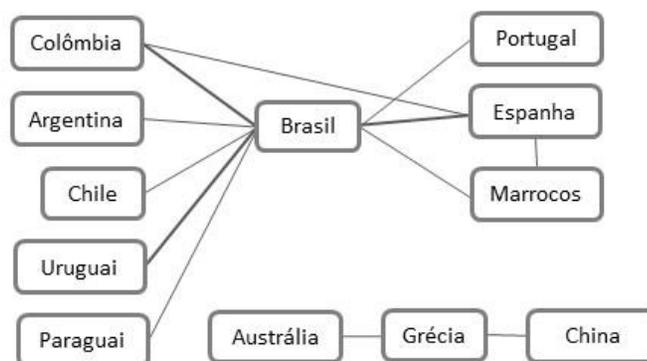
Além de avaliar de individualmente cada programa, também fez-se um balanço geral por país, apresentado em forma de gráficos (Figura 17; até 21).

Figura 17 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Brasil



Estudos Comparativos

10 4%
teses

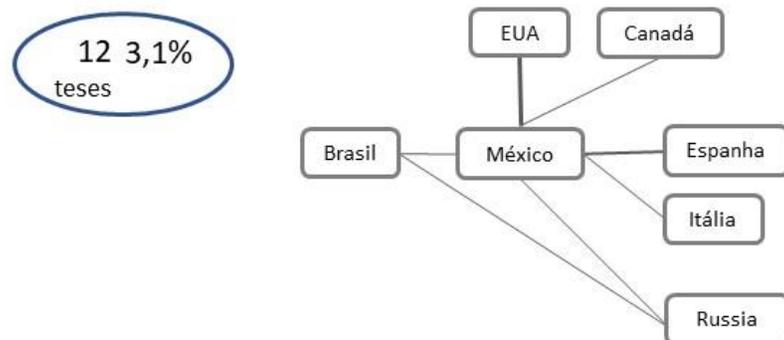


Fonte: A autora (2019)

Figura 18 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, México



Estudos Comparativos

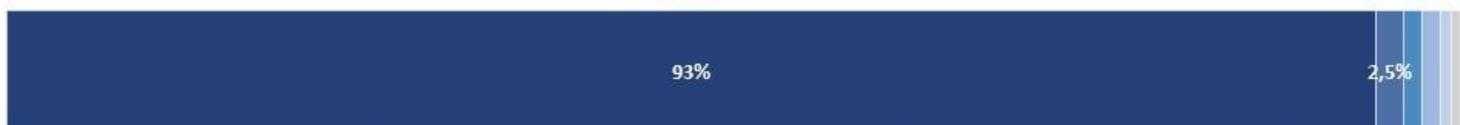


Fonte: A autora (2019)

Figura 19 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Argentina

ARGENTINA

Recorte investigativo das teses

159
teses7%
recortes
estrangeiros

■ Argentina ■ Chile ■ Brasil ■ América Latina ■ Colômbia ■ Paraguai ■ Estudos Comparativos

Estudos Comparativos2 1,3%
teses

Fonte: A autora (2019)

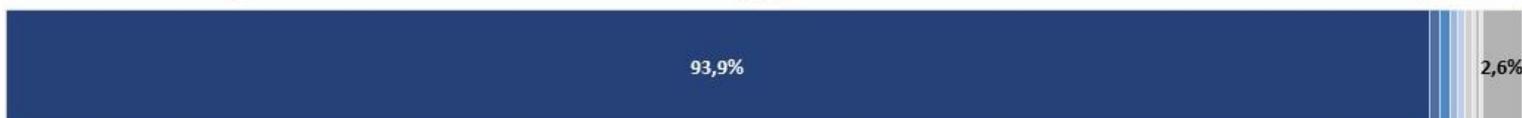
Figura 20 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Colômbia

COLÔMBIA

Recorte investigativo das teses

424
teses

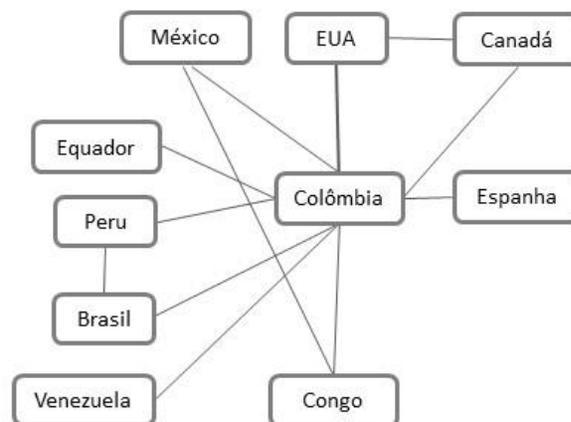
6,1%
recortes
estrangeiros



■ Colômbia ■ América Latina ■ Peru ■ Brasil ■ Venezuela ■ Estados Unidos ■ América do Sul ■ Irlanda do Norte ■ Afeganistão ■ Estudos Comparativos

Estudos Comparativos

11 2,6%
teses



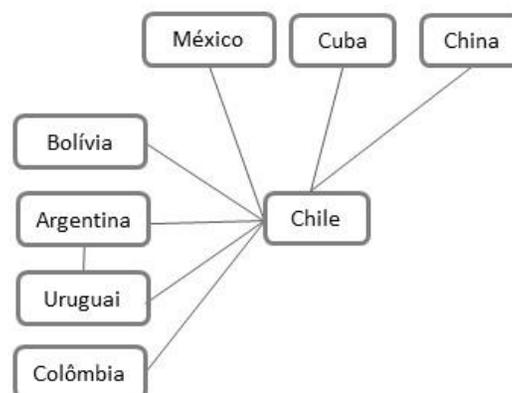
Fonte: A autora (2019)

Figura 21 - Recortes das teses dos programas de pós-graduação, Chile



Estudos Comparativos

7 4,7%
teses



Fonte: A autora (2019)

Ao contrário dos resultados percebidos nos eventos científicos, a análise dos programas de pós-graduação parece apontar uma interação científica mais frequente e uniforme entre os países. Observa-se a existência de recortes geográficos estrangeiros (porém, latino-americanos) com maior recorrência nas teses aí defendidas e, portanto, uma próxis de eventuais interesses intracontinentais em termos de questões urbanas. Os resultados dessa análise confirmam uma questão já levantada no estudo dos eventos científicos: de que há maior interação entre países (e cidades) com proximidade física. Poucas exceções fogem a essa regra, como é o caso do México, que apesar de ter constante diálogo com a América do Norte (especialmente Estados Unidos, especialmente devido às relações de imigração), não possui relevante diálogo com demais países da América Central; e, por outro lado, apresenta um elevado número de teses que interagem com países sul-americanos. Do mesmo modo que no caso dos eventos científicos sobre o urbano e o regional, as teses defendidas em três dos programas de doutorado analisados para a Colômbia se destacam pelo seu maior nível de internacionalização; porém, quando analisado o resultado geral do país a média se torna a mais baixa entre todos (6,1% de recortes estrangeiros).

Um aspecto positivo quando analisado os recortes investigativos mais frequentes, é a presença de diversas pesquisas que possuem a América Latina como unidade de investigação. No Chile, tal recorte foi investigado por 10% (17) do total de pesquisas; mas em todos os países o contexto continental aparece como um dos quatro primeiros recortes estrangeiros.

Outra questão que se destaca é que há um claro desequilíbrio em relação ao nível e consolidação dos programas de pós-graduação dos cinco países selecionados, ou minimamente dos critérios das instituições de qualificação. Mesmo após ampliar-se as disciplinas inclusas no recorte, ainda assim são poucos os programas de alta qualidade na Colômbia, Argentina e México. Análises mais específicas foram feitas com base na leitura de teses selecionadas, assim como realizado no passo anterior. Foi com base nessa seleção que se fez uma análise dos autores mais citados, cidades referenciais e, posteriormente, leitura temporal dos acontecimentos em cada país (apresentado no item 4.4).

A princípio esperava-se selecionar ao menos uma tese por programa de pós-graduação, porém decidiu-se por não se prender a essa regra, já que alguns tinham temáticas um tanto distantes, sem que nenhum trabalho se encaixava nos critérios. Por outro lado, alguns programas apresentaram mais de uma tese com relevância para esta pesquisa, como foi o caso do Brasil, e, portanto, foram escolhidas nove teses dentre sete programas. Para o caso mexicano, não foi possível realizar a leitura de uma tese por programa devido a indisponibilidade de acesso aos trabalhos defendidos – é o caso dos programas da Benemerita Universidade Autónoma de Puebla, e do *El Colegio de Mexico, A.C.* O mesmo se repetiu em dois programas da Argentina – o da Universidade de Buenos Aires e o da Universidade Nacional de Córdoba. No caso da Colômbia, optou-se por fazer a leitura de teses em apenas três dos quatro programas – essa decisão foi tomada pois os temas das teses do Doutorado em Antropologia da Universidade Nacional da Colômbia são distantes de discussões sobre a cidade e o urbano.

O Quadro 17 traz a relação das teses selecionadas para leitura e fichamento.

Quadro 17 - Relação de teses/dissertações selecionadas para leitura

BRASIL
1) ALLEBRANDT, Sérgio Luís. <i>Cidadania e gestão do processo de desenvolvimento: um estudo sobre a atuação dos conselhos regionais e municipais de desenvolvimento do Rio Grande do Sul</i> . 301 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2009.
2) DE CEZARO EBERHARDT, Paulo Henrique. <i>Estágios de desenvolvimento econômico regional no sul do Brasil</i> . 102 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio)- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo. 2013.
3) BOEHLKE VARGAS, Diego. <i>Planejamento regional no Brasil no século XXI: a política nacional de desenvolvimento regional</i> . 95 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)- Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2013.
4) SALOMÃO VIANA, Mariah. <i>O passado do futuro: escala global e tecnologia na construção da ideia de cidade no século XX</i> . 101 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. 2008.
5) WALTER TINÔCO, Waldemir. <i>Vivemos uma nova ordem urbana? Identificação de princípios gerais que orientam a lógica de organização do espaço da Cidade Contemporânea no início do século XXI</i> . 162 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2011.
6) ZWETSCH GHENO, Patricia. <i>Repensar o planejamento urbano no século XXI</i> . 184 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.
7) GARCIA GONÇALVES, Raquel. <i>Modelos emergentes de planejamento: elaboração e difusão. Um estudo do planejamento estratégico situacional</i> . 200 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.
8) BROWNE FERREIRA FILHO, Geraldo. <i>O banco mundial e as cidades: construindo instituições na periferia- o caso do PRODUR, Bahia</i> . 243 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.
9) CARDOSO, Reginal Luiz. <i>O novo discurso urbanístico: a cidade- dispositivo</i> . 2013. 291 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.
MÉXICO
1) PLANTER PEREZ, Karla Alejanda. <i>La participacion ciudadana en Mexico : contenido, posibilidades y usos del plebiscito, referendum e iniciativa popular : un estudio de caso</i> . 188 f. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociais) Universidade Nacional Autonoma do México, Cidade del Mexico. 2005.
2) CAMACHO OSVALDO, Leyva. <i>Transición hacia la sustentabilidad del desarrollo urbano de la ciudad-región de Mexicali 1990-2005</i> . 207 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais com Especialidade em Estudos Regionais) El Colegio de la Frontera Norte A. C., Tijuana. 2006.
3) CARTON DE GRAMMONT LARA, Paloma Mónica. <i>Dimensión geográfica de las políticas públicas ambientales para la conservación de la biodiversidad en México</i> . 394 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Nacional Autónoma do México, Ciudad del Mexico. 2012.
4) V OLIVER LILIA VICTORIA, Lilia. <i>Salud, desarrollo urbano y modernización en Guadalajara, 1800-1910</i> . 135 f. Tese (Doutorado Integral em Antropologia Social) El Colegio de Michoacan, A. C., Ciudad del Mexico. 2012.
ARGENTINA
1) GRACIELA GONZÁLEZ, Silvia. <i>Gestión urbana pública y riesgo. El caso de las inundaciones en la baja cuenca del arroyo Maldonado (Capital Federal, 1880-1945)</i> . 92 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires. 2012
2) ÁNGEL BARRETO, Miguel. <i>Transformaciones de la vida urbana de Posadas y Resistencia a fines de los años '90. Un estudio sobre la dimensión simbólico-ideológica del espacio urbano público</i> . 364 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Nacional das Misiones, Misiones. 2011.

(Continua)

Quadro 17 - Relação de teses/dissertações selecionadas para leitura

(Continuação)

3) BEKERMAN, Fabiana. <i>La estructura del campo científico argentino. Reconfiguraciones, desplazamientos y transferencias producidos durante la última dictadura militar</i> . Tese. 190 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza. 2012.
4) INSA, Cinthia. <i>Desigualdad y marginación en el corazón de las ciudades y en la periferia. El Asentamiento Costa Esperanza, un núcleo urbano segregado en el Gran Mendoza</i> . 170 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza. 2010.
5) LINARES, Santiago. <i>Análisis y modelización de la segregación socioespacial en ciudades medias bonaerenses mediante Sistemas de Información Geográfica: Olavarría, Pergamino y Tandil (1991 - 2001)</i> . 288 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Nacional do Sul, Bahía Blanca. 2012.
COLÔMBIA
1) SANABRIA, Perez. <i>Transformaciones urbanas, nuevos usos y nuevos hábitos urbanos : creando ciudad caso del Barrio de la Candelaria : manzana cultural (calle 11 con carrera 4ta)</i> . 133 f. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade de Los Andes, Bogotá. 2006.
2) ESTEBAN GARZÓN VÁSQUEZ, David. <i>Sobre la interacción entre la descentralización y el desarrollo territorial : descentralización, crecimiento endógeno y desarrollo humano sostenible en Colombia</i> . 147 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) Universidade de los Andes, Bogotá. 2008.
3) ARTEAGA CEBALLOS, Ana Maria. <i>La cooperación internacional al desarrollo y su aplicación en políticas sociales del ámbito local : Un estudio de caso de programas de formación para el trabajo de la Alcaldía de Medellín 2001 2013 2010/</i> . 242 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Nacional da Colombia, Bogotá. 2011
CHILE
1) MAILLET, Antoine Vincent. <i>La construcción política de los mercados : variedades en el neoliberalismo en el Chile post-dictadura (1990-2010)</i> . Tese (Doutorado em Ciência Política) Pontificia Universidad Católica do Chile. 2013.
2) RAZETO, Transformaciones divergentes em las Fuerzas Armadas: del control civil a la estabilidad / Sebastián Briones Razeto. Tese (Doutorado em Antropologia) Pontificia Universidad Católica do Chile. 2015.
3) FLOTTTS, Marcela. <i>Entre la aceptación y la crítica a la desigualdad. Estudios sobre los imaginarios sociales de la desigualdad en Chile</i> . Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidad del Chile. 2016.
4) MEDINA, Gabriel Rodriguez. <i>Transformaciones locales en el horizonte del postdesarrollo: innovaciones en gobernanza y gestión del desarrollo local y subnacional. / Tese (Doutorado em Sociologia) Universidad Alberto Hurtado. 2016.</i>
5) VICUÑA, Magdalena. <i>Las formas de la densidad residencial: el caso del Gran Santiago, Chile / 2015. (Doutorado em Arquitetura e Estudos Urbanos) Pontificia Universidad Católica de Chile.</i>
6) OPAZO, Daniel. <i>Espacio transitorio: producción, prácticas y representaciones del espacio público político em Santiago de Chile: 1983-2008 / Daniel Opazo (Doutorado em Arquitetura e Estudos Urbanos) Pontificia Universidad Católica de Chile. 2009.</i>

Fonte: A autora (2019)

Buscou-se nessas leituras conteúdos que tem como foco o planejamento e a gestão das cidades em linhas gerais – e em período que se encaixe naquele de interesse desta pesquisa (entre 1970-2010). Foi a partir do estudo das referenciais bibliográficas de cada uma dessas teses lidas que se levantou quais são os autores mais recorrentes. Para essa análise se considerou um critério temático, só interessando aqueles trabalhos que expressamente tratam sobre planejamento e gestão urbana.

Quadro 18 – Autores mais citados nas teses selecionadas

AUTORES E CITAÇÕES						
AUTORES MAIS CITADOS NACIONALIDADE / INSTITUIÇÕES DE VÍNCULO	NÚMERO DE CITAÇÕES					
	Total	BR	MX	AR	CB	CL
David Harvey: Inglaterra / Professor. Universidade Johns Hopkins (1969-2001), Professor Universidade Oxford (1987-1993), Professora da City University of New York (2001-atual), Estados Unidos.	15	9	1	1	N/A	4
Peter Hall: Inglaterra / Professor da University College London, Inglaterra (1957-2014), Reino Unido.	8	5	N/A	1	N/A	2
Manuel Castells: Espanha / Professor na Universidade de Paris, França; Universidade de Berkeley e Universidade de Califórnia do Sul, Estados Unidos; Universidade Aberta da Catalunha, Espanha.	7	3	3	N/A	N/A	1
Carlos A. de Mattos: Uruguai / Professor na Pontifícia Universidade Católica do Chile, Chile.	6	N/A	1	1	1	3
Ermínia Maricato Brasil / Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (atual), Brasil.	6	6	N/A	N/A	N/A	N/A
Horacio Capel: Espanha / Professor na Universidade de Murcia, Espanha; Universidade de Barcelona, Espanha.	6	N/A	1	2	N/A	3
P. Bourdieu : França / Professor da École de Sociologie du Collège de France, França.	6	3	N/A	1	N/A	2
Henri Lefbvre : Francês / Professor na Université Paris-Ouest-Nanterre-La-Défense (1961-1991), França.	5	4	1	N/A	N/A	N/A
Michel Foucault: França / Professor da Universidade de Túnis (1966- 1968), Tunísia; Professor do Collège de France (1970-1984), França.	5	1	1	N/A	1	2
Norberto Bobbio: Itália / Professor da Faculdade de Ciências Políticas (1972), Itália.	5	3	1	N/A	1	N/A
Allen John Scott: Inglaterra / Professor na Universidade de Pensilvânia, Estados Unidos; Universidade de Toronto, Canadá; Universidade de Paris, França; Universidade de Hong Kong, China; Universidade da Califórnia, Estados Unidos.	4	N/A	1	1	N/A	2
Edward Willian Soja: Estados Unidos / Professor na Universidade da Califórnia, Estados Unidos.	4	1	1	N/A	N/A	2
Jordi Borja: Espanha / Professor na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha; Universidade Aberta de Catalunha, Espanha.	4	1	1	1	N/A	1
Karl Marx: Inglaterra / Filósofo, sociólogo, revolucionário, historiador e político na França.	4	3	N/A	N/A	N/A	1
Sergio Boiser Etchecerry Chile / Não houve vínculo com universidades.	4	1	1	1	1	N/A
Saskia Sassen: Holanda / Professora na Universidade Columbia, Estados Unidos.	4	1	1	1	N/A	1
Aldo Rossi: Itália / Professor no Instituto Universitário de Arquitetura, Itália; Faculdade de Arquitetura de Milão, Itália; Universidade Cooper Union, Estados Unidos; Yale University, Estados Unidos.	3	N/A	N/A	N/A	1	2

(Continua)

Quadro 18 - Autores mais citados nas teses selecionadas

(Continuação)

AUTORES E CITAÇÕES						
AUTORES MAIS CITADOS NACIONALIDADE / INSTITUIÇÕES DE VÍNCULO	NÚMERO DE CITAÇÕES					
	Total	BR	MX	AR	CB	CL
Batty M.: Inglaterra / Professor na University College London, Inglaterra; Arizona State University, Estados Unidos; Cardiff University, Estados Unidos.	3	1	1	1	N/A	N/A
Bob Jessop: Inglaterra / Professor na Universidade de Lancaster, Inglaterra.	3	1	N/A	N/A	1	1
Kevin Lynch: Estados Unidos / Professor no MIT, Estados Unidos.	3	N/A	1	N/A	1	1
Robert Castel: França / Sociólogo e pesquisador na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, França.	3	1	N/A	1	N/A	1
Tomás Moulian: Chile / Professor na Universidade de ARCIS, Chile; Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, América Latina.	3	N/A	N/A	1	N/A	2
Alfredo Rodríguez: Chile / Membro associado na SUR Corporacion De Estudios Sociales Y Educacion (SUR), Chile.	2	N/A	N/A	1	N/A	1
Ana Lucia Duque: Colômbia / Professora na University of Minho, Portugal.	2	N/A	N/A	N/A	2	N/A
Antoine Bailly: França / Professor na Universidade de Franche-Conté, França; Universidade de Genebra, Suíça.	2	N/A	N/A	1	1	N/A
Angel Massiris Cabeza: Colômbia / Professor na Universidade Pedagógica e Tecnológica de Colômbia, Colômbia.	2	N/A	2	N/A	N/A	N/A
Alicia Ziccardi: Argentina / Professora na Universidade Autónoma do México, México.	2	N/A	1	N/A	N/A	1
Becerra Jiménez: Espanha / Professor na Universidad Rey Juan Carlos, Espanha.	2	N/A	2	N/A	N/A	N/A
Bolívar Lamounier: Brasil / Sociólogo e cientista político.	2	1	1	N/A	N/A	N/A
Claude Lefort: França / Professor na Universidade de São Paulo, Brasil; Professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales, França.	2	1	1	N/A	N/A	N/A
Eugenio Tironi: Chile / Professor na Pontifícia Universidade Católica do Chile, Chile.	2	N/A	N/A	1	N/A	1
Emilio Pradilla Cobos: Colômbia / Professor na Universidade Nacional Autónoma do México, México.	2	N/A	1	1	N/A	N/A
Françoise Choay: França / Professora da Universidade de Paris, França.	2	1	N/A	N/A	N/A	1
Immanuel Wallerstein: Estados Unidos / Professor na Universidade de McGill, Canadá; Universidade de Binghamton, Estados Unidos.	2	N/A	1	N/A	N/A	1
Javier Martínez: Chile / Membro associado na SUR Corporacion De Estudios Sociales Y Educacion (SUR), Chile.	2	N/A	N/A	1	N/A	1

(Continua)

Quadro 18 - Autores mais citados nas teses selecionadas

(Continuação)

AUTORES E CITAÇÕES						
AUTORES MAIS CITADOS NACIONALIDADE / INSTITUIÇÕES DE VÍNCULO	NÚMERO DE CITAÇÕES					
	Total	BR	MX	AR	CB	CL
John Friedmann Áustria / Professor na University of British Columbia, Canadá; Universidade de Califórnia, Estados Unidos.	2	1	1	N/A	N/A	N/A
María Elena Ducci Chile / Professora na Pontifícia Universidade Católica de Chile, Chile; Universidade Nacional Andres Bello, Chile.	2	N/A	N/A	1	N/A	1
Rem Kholhass Holanda / Professor na Universidade de Harvard, Estados Unidos.	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2
Rodrigo Hidalgo Chile / Professor na Pontifícia Universidade Católica do Chile, Chile.	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2
Ricardo Larraín Bravo Chile / Professor na Universidade do Chile, Chile.	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2

Fonte: A autora (2019) Baseado em SILVA, 2016; SANTOS, 2018.

É possível observar no quadro que nenhum dos autores foi citado em todos os países. O autor com maior recorrência foi David Harvey, sendo referenciado em teses do Brasil, Argentina, México e Chile. Os autores que foram citados em maior número de países (quatro) foram Carlos A. de Mattos (seis citações), Michel Foucault (cinco citações), Jordi Borja (quatro citações), Sergio Boiser Etchecerry (quatro citações) e Saskia Sassen (quatro citações), além de David Harvey (quinze citações).

Por sua vez, observa-se que alguns autores foram citados em um único país, como Ermínia Maricato (seis citações no Brasil), Ana Lucia Duque (duas citações na Colômbia), Angel Massiris Cabeza (duas citações no México), Becerra Jiménez (duas citações no México), Rem Kholhass (duas citações no Chile), Rodrigo Hidalgo (duas citações no Chile) e Ricardo Larraín Bravo (duas citações no Chile).

Verificou-se que dos 40 autores recorrentes nas teses analisadas, 15 (37,5%) possuem nacionalidade latino-americana. Os demais 25 autores (62,5%) possuem nacionalidade norte-americana ou europeia. Isso mostra que há uma permanência de diálogo verticalizado entre países latino-americanos com aqueles ditos centrais, especialmente Estados Unidos, França e Inglaterra.

Outro aspecto analisado foi quanto às cidades comumente citadas nas teses, por serem modelos em questão de planejamento e gestão de cidades, ou seja,

exemplificarem situações, problemáticas ou questões de complexidade no ambiente urbano. O quadro 19 relaciona as cidades citadas nas teses lidas e o motivo para tal:

Quadro 19 – Cidades citadas nas teses e motivo para tal citação

BRASIL	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Recife	Organização territorial no Bairro de Jardim São Paulo.
	Os impactos dos ordenamentos político-institucionais e socioeconômicos emanados da Constituição Federal de 1988 na grande Recife e municípios da região metropolitana.
Santos	Difusão de inovações e interesses mercantis em 1979.
Rio de Janeiro	A experimentação do planejamento estratégico, pela primeira vez no Brasil nos anos 1990, na cidade do Rio de Janeiro.
ARGENTINA	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Mendoza	Pontos positivos e negativos em que a ditadura militar afetou a Universidade Nacional de Cuyo localizada na cidade de Mendoza.
MÉXICO	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Bogotá	A elaboração global da política latino-americana de ordenamento territorial através do estudo de caso de Bogotá e Valle de Bravo.
Valle de Bravo	
Cidade do México	Transformações socioespaciais ocorridas a partir da globalização na cidade.
COLÔMBIA	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Bogotá	Desenvolvimento de Bogotá ocasionado pelas inovações tecnológicas e com a mudança das pessoas contínua para as cidades.
CHILE	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Grande Santiago	A cidade de Santiago, sobretudo nos últimos 35 anos, passou por diferentes períodos presidenciais e grupos de elite que controlaram o Estado e, mesmo assim, os diferentes governos com suas diferenças ideológicas compartilharam o desejo de modernização da cidade, evidenciado particularmente nas transformações urbanas e nas diferentes abordagens para o uso político do espaço público.
	Os impactos, positivos e negativos, da globalização na configuração sócio territorial na Área Metropolitana de Santiago nos últimos 30 anos.
	A densidade residencial da Grande Santiago e sua relação com a morfológica urbana.
	O processo de desenvolvimento urbano (transformações materiais e mudanças socioculturais) ocorrido na periferia sul de Santiago através do papel desempenhado pelos setores populares, especialmente entre os anos de 1905 e 1925.

Fonte: SANTOS (2018)

Nenhuma cidade foi citada mais de uma vez pela mesma razão. O que se observa é que as teses, em geral, estudam cidades do mesmo país de origem do programa de pós-graduação. Priorizou-se na leitura das teses limitar-se aos itens de resumo, introdução, conclusão e considerações finais, e, fazer uma leitura seletiva com base nas

subdivisões da pesquisa segundo o sumário. Dessa forma as citações de cidades encontradas seriam de relevância para a pesquisa, e não apenas uma referência casual – essa é uma opção que inevitavelmente reduz o número de cidades selecionadas, porém garante que sejam exemplos mais qualificados.

Cabe lembrar que a não homogeneidade entre os programas de pós-graduação selecionados afetou os resultados dessa pesquisa, mas foi essencial para o prosseguimento desta. É por meio do cruzamento entre os três aspectos analisados – eventos, programas de pós-graduação e revistas científicas – que é possível ter uma análise com maior confiabilidade, e é no item 4.4 que essa leitura conjunta é abordada.

Para além da irregularidade de consolidações dos programas de pós-graduação nos países selecionados, também cabe ressaltar a diferença no nível de disponibilidade de informações e teses e dissertações em cada um. Brasil, México e Chile mais frequentemente possuem informações de seus programas de pós-graduação disponíveis online, enquanto Argentina e Colômbia apresentam um cenário de mais difícil acesso a essas informações, tendo sido necessário o contato direto com os cursos. Nestes países, mesmo o contato direto por e-mail e telefone muitas vezes se mostrou ineficiente, sendo necessário insistir e procurar novas fontes e/ou pessoas engajadas nos programas.

Segue-se então para o último passo da análise de Rede Líquida, que tem como alvo de estudo as Revistas Científicas. Essas representam o meio mais rápido de disseminação de conhecimento e, possivelmente, com maior confiabilidade de dados.

4.3.3 Revistas Científicas

As revistas científicas representam o meio mais rápido e atualizado de disseminação de conhecimento, e por esse motivo, pode relevar as transições de prioridades no planejamento e gestão de forma mais clara. A seleção das revistas foi feita de acordo com a qualificação obtida pelas instituições responsáveis em cada país e com a proximidade com a discussão sobre o planejamento e gestão urbana, com base no ano de 2014 (disponível em 2015, ano que se iniciou esta pesquisa). Foram selecionados ao menos quatro periódicos por país.

Optou-se por um recorte de 10 anos, de 2005 a 2015, devido a rapidez e ao alto número de publicações (já que muitas revistas apresentam de 2 a 4 edições ao ano). Assim como nas etapas anteriores do estudo de caso, preocupou-se em identificar sinais de internacionalização e diálogo com demais países do continente; temas mais discutidos; e autores mais referenciados. A soma desse material aos demais passos do estudo de caso da rede líquida deve permitir um entendimento mais certo da realidade da rede de conhecimento sobre a cidade na América Latina.

A fonte de dados foram os portais de indexação, e, quando esses não ofereciam as informações de forma completa, recorreu-se aos websites das revistas para seleção manual das informações necessárias. Em alguns casos, a revista foi descontinuada e retirada dos indexadores, foram esses: Revista Cidades (Brasil); Revista de Geografía (Argentina); e Bifurcaciones (Chile). Diante dessas situações, buscou-se coletar as informações disponíveis, mesmo que de forma parcial.

A seleção das revistas e suas informações básicas estão dispostas nos quadros 20 a 24, organizados por país de análise.

Quadro 20: Informações básicas das revistas científicas selecionadas (Brasil)

BRASIL					
REVISTA	QUALIS PU/D	INDEXAÇÃO	PERIODICIDADE	ANO INÍCIO	LÍNGUAS DE PUBLICAÇÃO
Geographia (Niterói) ISSN 15177793	A1	Latindex CAPES Geodados Clacso Ulrich's	Quadrimestral (2017-) Semestral (1999-2016)	1999	Português, Espanhol, Inglês, Francês
Revista Cidades ISSN 2448-1092	A2	sem informação (não há publicações desde 2016)	Semestral	2004	Português, Espanhol, Inglês, Francês, Italiano
Geosul (UFSC) ISSN 01033964	A2	DIALNET Georef Latindex LIVRE PKP Index REDIB CAPES	Quadrimestral (2016-) Semestral (1986-2015)	1986	Português, Espanhol, Inglês, Italiano
Mercator (Fortaleza) ISSN 1984-2201	A2	SciELO RedALyC Latindex DOAJ CAPES	Trimestral (2016-) Quadrimestral (2009-) Semestral (2002-2008)	2002	Português, Espanhol, Inglês
Geosp: Espaço e Tempo (USP) ISSN 2179-0892	A2	Clacso Latindex Ulrich's CAPES	Quadrimestral	1997	Português, Espanhol, Inglês, Francês
Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR) ISSN 1517-4115	A2	RedALyC Latindex DOAJ CAPES PKP Index REDIB Ladorim Arla Crossref BASE ABEC Google Sc.	Quadrimestral (2011-) Semestral (1999-2010)	1999	Português, Espanhol, Inglês, Francês
Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana ISSN 2175-3369	A2	SciELO Scopus Latindex RedALyC DOAJ CAPES Web of Science	Quadrimestral (2014-) Semestral (2009-2013)	2009	Português, Espanhol, Inglês, Francês

Fonte: A autora (2019)

Quadro 21- Informações das revistas científicas selecionadas (Argentina)

ARGENTINA					
REVISTA	CRITÉRIO	INDEXAÇÃO	PERIODICIDADE	ANO INÍCIO	LÍNGUAS DE PUBLICAÇÃO
Revista de geografía (San Juan) ISSN 1514-1942 *DESCONTINUADA	Inclusão no CONICET	Sem indexação atual/website fora do ar. Já foi indexado em: Latindex NB Revistas Argentinas	Sem informação	1998	Sem informação
Boletín geográfico (Neuquén) ISSN 0326-1735	Inclusão no CONICET	Latindex Pascal ERIHPLUS REBIUN DOAJ DIALNET SHARP RoMEO REDIB NB Revistas Argentinas	Anual Semestral	1977	Espanhol
Estudios socioterritoriales ISSN 1852-8317	Inclusão no CONICET	Latindex DOAJ SciELO QUALIS REDIB NB Revistas Argentinas	Anual	2000	Espanhol e Português
Geograficando (La Plata) ISSN 1850-1885	Inclusão no CONICET	Latindex DOAJ ROAD Ulrich's Fuente Acadêmica LatAm Studies DIALNET REDIB NB Revistas Argentinas	Anual	2005	Espanhol e Português
Revista transporte y territorio ISSN 1852-7175	Inclusão no CONICET	RedALyC ROAD Latindex ESCI DIALNET NB Revistas Argentinas	Semestral	2009	Espanhol e Português
Revista universitaria de geografía ISSN 0326-8373	Inclusão no CONICET	Latindex RedALyC SciELO NB Revistas Argentinas	Semestral (2013+) Anual (2005-2013)	1985	Espanhol, Português, Francês e Inglês

Fonte: A autora (2019)

Quadro 22 - Informações das revistas científicas selecionadas (Colômbia)

COLÔMBIA					
REVISTA	CRITÉRIO	INDEXAÇÃO	PERIODICIDADE	ANO INÍCIO	LÍNGUAS PUBLICAÇÃO
REVISTA DE ESTUDIOS SOCIALES 0123-885X	Publindex : A1	Gale Cengage Scopus EBSCO-TOC Latindex RedALyC Web of Science ProQuest Sociological Abstracts Scimago Cibera OEI-CREDI Lat-Am Studies ERIHSS DOAJ HAPI DIALNET Thomson Reuters Ulrich's EBSCO IBN Publindex SciELO RIICC	Trimestral	1998	Espanhol e Inglês
CUADERNOS DE GEOGRAFÍA 0121-215X	Publindex : A2	EBSCO Latindex RedALyC DOAJ DIALNET Matriu JournalTOCs OCLC Periódica BIBLAT COPAC WorldCat CSUD Publindex EJI Genamics JournalSeek Zeitschriftendaten bank Ulrich's Sherpa/Romeo e-revist@s RIICC CAPES SciELO	Semestral	2005	Espanhol, Português e Inglês
SOCIEDAD Y ECONOMÍA 1657-6357	Publindex : A2	CLACSO Clase Latindex SciELO RedALyC PAAIA Ulrich's	Semestral	2001	Espanhol e Inglês
APUNTES 1657-9763	Publindex : A2	Latindex Publindex SciELO	Semestral	1967	Espanhol e Francês

Fonte: A autora (2019)

Quadro 23 - Informações das revistas científicas selecionadas (México)

MÉXICO					
REVISTA	CRITÉRIO	INDEXAÇÃO	PERIODICIDADE	ANO INÍCIO	LÍNGUAS PUBLICAÇÃO
Economía, Sociedad y Territorio ISSN 2007-2017	Incluso no CONACYT	Clase HAPI HLAS Latindex Qualis RedALyC SciELO Scopus SCRMCT Sociological Abstracts Ulrich's	Quadrimestral	1997	Espanhol, Português e Inglês
Estudios Demográficos y Urbanos ISSN 0186-7210	Incluso no CONACYT	Biblat Dialnet Informe Académico (Gale) JSTOR Redib RedALyC SciELO Scopus Web of Science	Quadrimestral	1967	Espanhol e inglês
Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad ISSN 2594-021X	Incluso no CONACYT	CONACYT SciELO CSA CLASE UNAM ALAS (Revisalas) HAPI Latindex EBSCO MIAR Ulrich's Dialnet DOAJ CIRC RedALyC	Quadrimestral	1994	Espanhol
Perfiles Latinoamericanos ISSN 2011-2017	Incluso no CONACYT	CLACSO Clase DIALNET DOAJ HAPI IBSSL Latindex P A I S RedALyC REDIB SciELO Scopus SCRMCT SCI Sociological Abstracts Ulrich's	Semestral	1992	Espanhol
Polis ISSN 2011-2018	Incluso no CONACYT	Benson LA Collection Clase DIALNET Latindex SCRMTC RedALyC	Semestral	1990	Espanhol

Fonte: A autora (2019)

Quadro 24 - Informações das revistas científicas selecionadas (Chile)

CHILE					
REVISTA	CRITÉRIO	INDEXAÇÃO	PERIODICIDADE	ANO INÍCIO	LÍNGUAS PUBLICAÇÃO
Eure ISSN 0250-7161	Incluso no CONICYT	Clase DOAJ HAPI Latindex SciELO Scopus Informe Académico RedALyC REDIB Social Sciences Citation Index Sociological Abstracts P A I S	Quadrimestral	1997	Espanhol, Português e Inglês
Bifurcaciones ISSN 0718-1132.* *DESCONTINUADA EM 2016	Incluso no CONICYT	Clase DOAJ Latindex RedALyC (não mais)	Trimestral	2004	Espanhol
ARQ ISSN: 0716-0852	Incluso no CONICYT	Art Full Text Arts & Humanities Citation Index Avery Index DOAJ Latindex Red ALyC SciELO Scopus	Quadrimestral	2001	Espanhol e Inglês
Notas de población ISSN 0303-1829	Incluso no CONICYT	Clase DIALNET Latindex	Quadrimestral	1997	Espanhol

Fonte: A autora (2019)

Assim como nas análises realizadas para os eventos científicos e programas de pós-graduação, essa também apresenta uma leitura das prioridades temáticas com base nas palavras-chaves dos artigos publicados no período de 2005 a 2015. O resultado dessa análise foi resumido em nuvens de palavras-chaves, uma por país, feitas no website wordclouds.com (Figura 22).

A comparação das nuvens de palavras-chaves de cada país permite identificar algumas tendências e temáticas recorrentes. Primeiro, podemos destacar uma série de questões relacionadas ao planejamento urbano. Dentro desse bloco, percebe-se a frequência de palavras relacionadas à urbanização, metrópole, metropolização, densificação e expansão urbana (principalmente no Brasil, Colômbia e Chile). Também aparecem palavras como: habitação; moradia; e assentamentos humanos (Brasil, Colômbia e Chile). Palavras-chaves relacionadas à mobilidade urbana e transporte também aparecem em alguns países (Argentina e Chile). De forma mais genérica, também pode-se destacar a frequência de palavras como: geografia; ordenamento territorial; paisagem; território; planejamento urbano; uso do solo; transformações urbanas; e desenvolvimento urbano.

Um segundo bloco revela a prioridade dada às questões ambientais, recorrentes no Brasil, na Argentina e México. As principais palavras são: sustentabilidade; mudanças climáticas; clima; recursos naturais; água; e gestão ambiental.

O terceiro bloco identificado diz respeito às questões sociais. Um dos temas mais recorrentes foi migração (presente nas nuvens de todos os países, com exceção do Brasil), representado por palavras como: migração; movimentos migratórios; emigração; imigração; fronteiras; e migração interna. Outra temática muito discutida (especialmente na Colômbia e México) foi relacionada à trabalho, desemprego, e divisão social do trabalho. Palavras como segregação social, segregação urbana, pobreza, desigualdade e igualdade são recorrentes em todos os países, revelando outra questão comum na América Latina. Ainda nesse bloco, cabe destacar palavras relacionadas aos direitos humanos, etnias, mulheres, jovens, discriminação e vulnerabilidade (especialmente na Colômbia, México e Chile).

Um quarto bloco é representado por questões políticas. Palavras-chaves como democracia, neoliberalismo e capitalismo apareceram em destaque no México, Colômbia e no Chile. Políticas públicas, cidadania, participação cidadã e participação social são palavras-chaves que se repetiram em quase todos os países. De forma mais genérica, também são relacionadas a esse bloco palavras-chaves como: política; política social; e governança.

O quinto bloco apresenta questões de cunho econômico. Entram nesse grupo temáticas representadas por palavras-chaves como: crescimento econômico; atividades produtivas; consumo; mercado; mercado imobiliário; economia; e desenvolvimento econômico.

Por último, cabe chamar a atenção para palavras-chaves que revelam o recorte geográfico discutido nos artigos. Em todos os países é recorrente a aparição de nome de outros países latino-americanos, especialmente aqueles selecionados no recorte dessa pesquisa. América Latina também é uma palavra-chave muito repetida, o Brasil é o único país que não a tem em destaque.

Essa análise mostra uma priorização por temas que caracterizam os principais problemas e realidades das cidades latino-americanas. Cabe ressaltar que as palavras-chaves seguem tendências de conteúdo apresentados por suas revistas; e por esse motivo alguns países possuem um grande foco em questões específicas. Na Argentina, foram mais frequentes discussões ligadas à geografia, em quanto que no Chile, predominou temas ligados à demografia e análises populacionais. Apesar dessas diferenças, ainda é nítida a semelhança entre os temas discutidos em todos os países.

Ainda com a intenção de entender os temas e questões centrais em cada país, fez-se uma relação das edições e dossiês com temáticas especiais (Quadro 25).

Quadro 25 - Edições temáticas das revistas analisadas (2005-2015)

BRASIL	
Revista Científica	Edições Especiais/temáticas
Revista Geographia ISSN 1517-7793	2015: Vol.17 n.35, Dossiê: As dinâmicas socioespaciais do agronegócio no Brasil e na Argentina.
Revista Cidades ISSN 2448-1092	2015: Urbanização Difusa e Cidade Dispersa Leituras sobre a Cidade 2014: Processos extremos na constituição das cidades. 2013: Microterritorialidades nas cidades. 2011: Mauricio de Almeida Abreu A festa e a cidade. 2010: Brasil urbano – desafios e agendas Formas espaciais e políticas urbanas. 2009: A cidade e o urbano: uma busca conceitual. 2008: A urbanização da sociedade Cenários da vida urbana: imagens, espaços e representações. 2007: Mercado e cidade contemporânea? 2006: Direito à cidade?
Geosul (UFSC) ISSN 0103-3964	2015: Edição Especial: XXXV SEMAGEO
Revista GEOUSP (USP) ISSN 1414-7416	2015: Especial CIETA VI Congreso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales (FFLCH/USP) Dóssie a crise hídrica de São Paulo. 2014: Seção intercâmbio 2013: Especial Milton Santos 2012: Especial Recursos Hídricos 2011; Especial África 2009: Especial SEPEGE
Revista ANPUR ISSN 1517-4115	2015: Cidades e insurgências: novos e velhos conflitos, agências e direitos 2014: Cidade, Espetacularização e os Grandes Projetos 2013: O Campo do Planejamento Urbano e Regional Economia Social, Popular e Solidária, Autogestão e Território 2012: Repensando o Regional 2011: Um olhar sobre a América Latina
Revista URBE ISSN 1517-4115	2015: A securização das cidades latino-americanas 2014: Habitele: mobile technologies reshaping urban life Urban transitions and futures: a tale of governance, justice and security 2013: Engenharia Urbana 2012: Migração das ideias urbanas no mundo lusófono
MÉXICO	
Revista Científica	Edições Especiais/temáticas
Economía, Sociedad y Territorio ISSN 2007-2017	2015: Dossiê: <i>La Economía mexicana em el umbral del siglo XXI.</i>
Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad ISSN 2594-021X	Todas as edições são devididas em: <i>Teoria y Debate; Estado; e Sociedad.</i>

(Continua)

Quadro 25 - Edições temáticas das revistas analisadas (2005-2015)

(Continuação)

CHILE	
Revista Científica	Edições Especiais/temáticas
EURE ISSN 0250-7161	2011: Inversiones inmobiliarias y transformaciones urbanas 2010: Sustentabilidad Territorial 2009: Competitividad Urbana: Alcances y desafíos Gobernanza urbana y regional: Problemas y desafíos 2008: Exclusión, segregación, fragmentación 2007: Imaginarios urbanos Escenarios metropolitanos 2006: Seguridad, desigualdades Sustentabilidad urbana Problemas y tendencias metropolitanas en América Latina 2005: Movilidad, redes y territorio Nuevas cuestiones urbanas Reestructuración y desarrollo metropolitano
ARQ ISSN: 0716-0852	2015: ARQ 91 Común ARQ 90 Estructuras Desmontables; ARQ 89 Energía y Recursos 2014: ARQ 88 Patrimonios; ARQ+2 Smiljan Radić: Bestiario ARQ 87 Estructuras Tensiles; ARQ 86 Proyecto Social 2013: ARQ 85 Espacios del Tránsito ARQ +1 Germán del Sol / Guy Wenborne ARQ 84 Estructuras de Madera ARQ 83 Edificios, Paisajes, Ciudades. 2012: ARQ 82 Fabricación y Construcción ARQ 81 Espacios para la Cultura ARQ 80 Representaciones. 2011: ARQ 79 Ciudad y Negocio ARQ 78 Extranjeros ARQ 77 Urgencia y Materia 2010: ARQ 76 Día y Noche ARQ 75 Casas ARQ 74 Ocio 2009: ARQ 73 Valparaíso ARQ 72 Ríos Urbanos ARQ 71 Los Andes 2008: ARQ 70 Arte/Arquitectura ARQ 69 Habitaciones ARQ 68 Intervenciones 2007: ARQ 67 Concursos de Arquitectura ARQ 66 Espacios de Trabajo ARQ 65 En Territorio 2006: ARQ 64 Chile Dentro y Fuera ARQ 63 Mecánica Electrónica ARQ 62 Consumos 2005: ARQ 61 La Profesión ARQ 60 Arquitectura de Infraestructura ARQ 59 El Tiempo
COIÔMBIA	
Revista Científica	Edições Especiais/temáticas
CUADERNOS DE GEOGRAFÍA ISSN 0121-215X	2015: Vol. 24, N. 2 Amenazas, Riesgos Naturales y Ambientales 2014: Vol. 23, Núm. 2 Fronteras Latinoamericanas 2013: Vol. 22, Núm. 2 Cambio Climático
SOCIEDAD Y ECONOMÍA ISSN 1657-6357	2015: Vol.28 Economía, crisis y civilización Vol.29 Los estudios demográficos a inicios del siglo XXI 2014: Vol.26 La gestión de lo social y las formas de intervención en las sociedades de los siglos XX y XXI 2013: Vol.24 Estudios de Género y Sexualidad Vol.25 Sociedad, economía y ambiente 2012: Vol.22 Estado, mercado y sociedad. Dinámicas Latinoamericanas Vol.23 Memorias, historia y sociedad 2011: Vol.21 Estudios socioeconómicos de regiones 2010: Vol.18 Etnicidad, raza, movilidad social y discriminación Vol.19 Flujos migratorios latinoamericanos 2009: Vol.16 Conflicto, Desplazamiento y Redes Sociales 2008: Vol.15 Arte, Sociedad y Cultura 2007: Vol.12 Estructura productiva y crecimiento económico Vol.13 Conflicto Social y Volencia 2006: Vol.10 Filantropía y Sociedad Vol.11 Empleo, Ingreso y Pobreza 2005: Vol.8 Élités y partidos políticos

(Continua)

Quadro 25 - Edições temáticas das revistas analisadas (2005-2015)

(Continuação)

ARGENTINA	
Revista Científica	Edições Especiais/temáticas
Boletín geográfico (Neuquén) ISSN 0326-1735	Volumes subdivididos em temas como: Tierras Geomorfología y Recursos; Región e Desarrollo; Geografía y Turismo; e Geografía Económica; Geografía y climatología; Producción teórica en Geografía; Enseñanza y Geografía.
Revista transporte y territorio ISSN 1852-7175	2015: n.13 Estudios de movilidad cotidiana en la ciudad de Resistencia (Chaco, Argentina) n.12 Puerto y ciudad. 2014: n.11 Geografía de la circulación de la energía. n.10 Políticas ferroviarias, territorio y movilidades: experiencias en la Argentina e Italia. 2013: n.9 Fronteras y movilidades. n.8 Metodologías y nuevos retos en el análisis de la movilidad y el transporte. 2012: n.7 Transporte y movilidades en ciudades intermedias de argentina. n.6 Transporte, territorio y ambiente. 2011: n.5 Turismo, movilidad y territorio. n.4 De movilidades e inmovilidades urbanas. 2010: n.3 Movilidades campesinas e pastoriles. n.2 Mercado aerocomercial e territorio. 2009: n.1 Estado, transporte e territorio.

Fonte: A autora (2019)

As edições especiais reforçam as temáticas tidas como mais recorrentes dentre as palavras-chaves. Dentre os tópicos mais debatidos nesse formato, estão questões ligadas à: segurança e violência (Brasil, Chile e Colômbia); desigualdade, pobreza, exclusão e segregação (Chile e Colômbia); Mobilidade e transportes (Argentina, Chile); e recursos naturais e sustentabilidade, tema abordado em todos os países. Um outro fator que merece destaque é a quantidade de edições dedicadas à América Latina e cidades latino-americanas. No Brasil, a revista da ANPUR traz uma edição nomeada “Um olhar sobre a América Latina, enquanto a URBE apresenta “A securização das cidades latino-americanas”. No Chile, a EURE tem como temática especial “Problemas e tendências metropolitanas na América Latina”. Na Colômbia, a CUADERNOS DE GEOGRAFÍA tem como tema de uma edição as “Fronteiras Latino-americanas”, enquanto que a SOCIEDAD Y ECONOMÍA apresenta duas edições com temática semelhante: “Dinâmicas Latino-americanas” e “Fluxos Migratórios Latino-americanos”. Tais iniciativas de discutir o território da América Latina demonstram não apenas a consciência de similaridades nos problemas urbanos dos países que a compõem, mas também uma disposição em dialogar entre si.

Para compreender a extensão desse diálogo, buscou-se analisar a internacionalização das revistas científicas com base em dois critérios: o país de vínculo dos autores dos artigos; e o idioma de publicação, dados que são dispostos nos quadros a seguir.

Quadro 26 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Brasil)

REVISTA CIENTÍFICA	TOTAL DE ARTIGOS (2005-2015)	IDIOMA DOS ARTIGOS PUBLICADOS (2005-2015)	PAÍS DE VÍNCULO INSTITUCIONAL DOS AUTORES
GEOGRAPHIA (NITERÓI) ISSN 1517-7793	129	90% Português (116) 9.2% Espanhol (12) 0.8% Inglês (1)	Brasil (108); França (3); Portugal (3); Estados Unidos (2); México (2) Espanha (2); Argentina (1) Colômbia (1); Bolívia (1); Peru (1); Equador (1); Canadá (1); Alemanha (1); Cooperações (2) [Holanda e Brasil (1); Argentina e França (1)]
REVISTA CIDADES ISSN 2448-1092	176	73% Português (128) 12% Espanhol (21) 8% Inglês (14) 6,5% Bilingue pt/fr(12) 0,5% Bilingue pt/it (1)	Informação disponível apenas a partir de 2012 (74 artigos). Brasil (59); Portugal (4); Argentina (3); Espanha (3); Itália (2); Estados Unidos (1); México (1); França (1)
GEOSUL (UFSC) ISSN 0103-3964	193	99% Português (193) 0.5% Espanhol (1)	Brasil (165); Portugal (5) Argentina (5); Moçambique (5) França (2); Espanha (1); Costa Rica (1); Bolívia (1); Venezuela (1); Equador (1); Colômbia (1); Cooperações (5) [Espanha e Brasil; França e Brasil (2); Reino Unido e Brasil; Portugal e Brasil]
MERCATOR (FORTALEZA) ISSN 19842201	391	95,4% Português (373) 4% Espanhol (16) 0,3% Inglês (1) 0,3% Francês (1)	Brasil (353); França (8); Espanha (7); Portugal (5); Cuba (4); Estados Unidos (2); Alemanha (2); Colômbia (2); México (1); Argentina (1); Costa Rica (1); Moçambique (1); Cooperações (4) [Israel, Suíça e Brasil (1); França e Brasil (1); Cuba e Brasil (1); Espanha e Brasil (1)]
GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO (USP) ISSN	295	97% Português (286) 3% Espanhol (9)	Brasil (271); Moçambique (7) Portugal (3); Argentina (3); Colômbia (3); França (3); Costa Rica (1); Equador (1); Reino Unido (1)
REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS (ANPUR) ISSN 1517-4115	187	90% Português (169) 10% Espanhol (9)	Brasil (161); Argentina (7); Colômbia (3); Portugal (3); Reino Unido (2); França (2); Estados Unidos (2); México (2); África do Sul (1); Canadá (1) Cooperações (3) [Brasil e Portugal (1); Argentina e Holanda (1); Reino Unido e Itália (1)]
URBE. REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO URBANA ISSN 2175-3369	140	73% Português (103) 9,5% Espanhol (13) 15% Inglês (21) 2,5% Francês (3)	Brasil (101); Portugal (9); Reino Unido (5); França (4); Argentina (3); Espanha (2); México (2); Colômbia (2); África do Sul (2); Itália (1); Índia (1); Canadá (1); Finlândia (1); Cooperações (6) [(Portugal e Brasil (1); França e Brasil (1); Estados Unidos e Canadá (1); Estados Unidos (1) e México; Estados Unidos (1) e Holanda; França e Chile (1)].

Fonte: A autora (2019)

Quadro 27 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Argentina)

REVISTA CIENTÍFICA		TOTAL DE ARTIGOS (2005-2015)	IDIOMA DOS ARTIGOS PUBLICADOS (2005-2015)	PAÍS DE VÍNCULO INSTITUCIONAL DOS AUTORES
ARGENTINA	BOLETÍN GEOGRÁFICO	98	100% Espanhol (98)	Argentina (92); México (5) Chile (1); Cooperações (1) [Argentina e Canadá (1)]
	ESTUDIOS SOCIOTERRITORIALES ISSN 1852-8317	82	100% Espanhol (82)	Argentina (70); Brasil (3) México (2); Chile (2) Colômbia (1); Estados Unidos (1) Espanha (1); Alemanha (1) Cooperações (1) [Brasil e Espanha (1)]
	GEOGRAFICANDO (LA PLATA) ISSN 1850-1885	123	99,2% Espanhol (122) 0,8% Português (1)	Argentina (109); Brasil (3) Chile (2); Espanha (2) Colômbia (1); Equador (1) França (1); Reino Unido (1) Cooperações (3) [Argentina e Equador (1); Argentina e França (1); Argentina, Chile, Venezuela e Estados Unidos (1).
	REVISTA TRANSPORTE Y TERRITORIO ISSN 1852-7175	97	91,8% Espanhol (89) 8,2% Português (8)	Argentina (50); Espanha (13) Brasil (12); México (8) Chile (3); França (1) Itália (3); Bolívia (2) Reino Unido (1); Bélgica (1) Cooperações (3) [(Chile+Suíça (1); França e Espanha (1); Argentina e França (1)]
	REVISTA UNIVERSITARIA DE GEOGRAFÍA ISSN 0326-8373	72	Espanhol (67) Português (3) Francês (2)	Argentina (58); Brasil (4) Chile (2); Espanha (2) Costa Rica (1); Suécia (1) Cooperações (4) [Argentina e Guatemala (1); Argentina e Espanha (1); Argentina e França (1); Alemanha e Cuba (1)]

Fonte: A autora (2019)

Quadro 28 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Colômbia)

REVISTA CIENTÍFICA	TOTAL DE ARTIGOS (2005-2015)	IDIOMA DOS ARTIGOS PUBLICADOS (2005-2015)	PAÍS DE VÍNCULO INSTITUCIONAL DOS AUTORES
REVISTA DE ESTUDIOS SOCIALES ISSN: 0123-885X	511	96,7% Espanhol (494) 3,3% Inglês (17)	Não informado (160); Colômbia (136) Venezuela (101); Argentina (26) Espanha (25); Chile (12); Brasil (11); México (7); França (5); Canadá (4) Estados Unidos (3); Costa Rica (2) Reino Unido (2); Uruguai (2) Áustria (1); Austrália (1) Botswana (1); Suíça (1) Cooperações (9): Colômbia e Panamá (1); Colômbia e Canadá (1); Colômbia e Espanha (1); Colômbia e Reino Unido (1); Colômbia e Alemanha (1); Argentina e França (1); Chile e Equador (1); Chile e Espanha (1); Chile e Reino Unido (1).
CUADERNOS DE GEOGRAFÍA	249	82,3% Espanhol (205) 16% Português (40) 1,7% Inglês (4)	Argentina (46); Chile (16) Brasil (23); Venezuela (7) Costa Rica (3); Equador (2) Espanha (2); México (7); Cuba (2) France (1); Reino Unido (1) Cooperações (12): Colômbia e Chile (1); Colômbia e Canadá (1); Colômbia e Estados Unidos (1); Colômbia e Itália (1); Venezuela e El Salvador (1); Estados Unidos e Costa Rica (1); Brasil e México (1); Brasil e Cuba (1); Brasil e Peru (1); Argentina e Áustria (1); Argentina e Espanha (1); Argentina e França (1); Chile e Áustria (1).
SOCIEDAD Y ECONOMÍA ISSN: 1657-6357	206	97,6% Espanhol (201) 2,4% Inglês (5)	Colômbia (112); Argentina (25) Não informado (18); México (10) Espanha (15); Brasil (5) França (4); Venezuela (4) Estados Unidos (3) Chile (1); Peru (1) Reino Unido (1); Uruguai (1) Honduras (1) Cooperações (5): [Colômbia e Brasil (1); Colômbia e Argentina (1); Colômbia e Reino Unido (1); Colômbia e Itália (1); Argentina e México (1)].
APUNTES ISSN 1657-9763	190	99,5% Espanhol (189) 0,5% Francês (1)	Sem informação

Fonte: A autora (2019)

Quadro 29 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (México)

REVISTA CIENTÍFICA	TOTAL DE ARTIGOS (2005-2015)	IDIOMA DOS ARTIGOS PUBLICADOS (2005-2015)	PAÍS DE VÍNCULO INSTITUCIONAL DOS AUTORES	
MÉXICO		269	93,5% Espanhol (249) Português (17) Inglês (3)	México (181); Argentina (25) Brasil (19); Espanha (13); Colômbia (6); Chile (4); Uruguai (2); Cuba (1); Venezuela (2); Portugal (1); Polônia (1) Cooperações (14) [Espanha e Chile (1); Espanha e México (2); Estados Unidos e México (2); Reino Unido e México (2); Canadá e México (1); Itália e México (1); França e México (2); Reino Unido e Brasil (1); Noruega e México (1); Brasil e México (1)]
	ESTUDIOS DEMOGRÁFICOS Y URBANOS ISSN 0186 7210	167	100% Espanhol (167)	México (117); Argentina (14) Estados Unidos (6); Espanha (3) França (2); Brasil (3); Colômbia (2) Chile (2); Costa Rica (1); Canadá (1); Reino Unido (1); Itália (1) Cooperações (14) [Argentina e México (4); Alemanha e México (1); Canadá e México (2); Estados Unidos e México (2); Espanha e México (1); França e Chile (1); França e Espanha (1); Peru e Estados Unidos (1); Argentina e Canadá (1)]
	ESPIRAL	215	100% Espanhol (215)	México (177); Argentina (14) Espanha (6); Venezuela (4) Brasil (3); França (2); Uruguai (1); Cuba (1); Itália (1); Austrália (1); Holanda (1); Cooperações (4) [Espanha e México (1); Estados Unidos e México (1); França e México; Canadá e Espanha (1); Espanha, México e Itália (1)]
	PERFILES LATINOAMERICANOS	139	100% Espanhol (139)	México (69); Argentina (24) Chile (9); Estados Unidos (7) Espanha (7); Uruguai (6); Equador (2); França (2); Portugal (1); Cuba (1); Venezuela (1); Rep. Tcheca (1); Cooperações (9) [Estados Unidos e México (2); Argentina e México (2); Reino Unido e México (1); Canadá e México (1); Espanha e México (1); Chile e México (1); Argentina e Espanha (1)]
	PÓLIS	137	100% Espanhol (137)	México (113); Argentina (6) Espanha (7); Reino Unido (2) Estados Unidos (1); Canadá (1) Colômbia (1); Brasil (1) Venezuela (1); Uruguai (1) Cooperações (3) [Argentina e México (1); Espanha e México (1); Canadá e México (1)]

Fonte: A autora (2019)

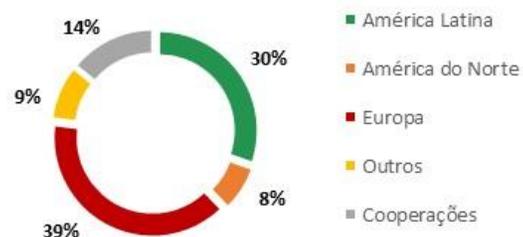
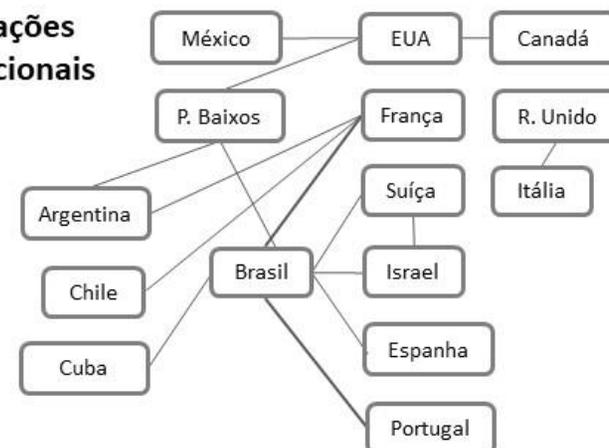
Quadro 30 - Idioma dos artigos e país de vínculo dos autores (Chile)

REVISTA CIENTÍFICA	TOTAL DE ARTIGOS (2005-2015)	IDIOMA DOS ARTIGOS PUBLICADOS (2005-2015)	PAÍS DE VÍNCULO INSTITUCIONAL DOS AUTORES	
CHILE	EURE ISSN 0250-7161	252	Chile (67); Espanha (44); Brasil (42); México (22); Argentina (18); Colômbia (10); França (5); Reino Unido (3); Equador (3); Peru (6); Bolívia (2); Portugal (2); Uruguai (2); Venezuela (1); Cuba (1); Alemanha (1); Austrália (1); Áustria (1); Canadá (1); China (1) Espanhol (230) 8,73% Português (22)	
	ARQ ISSN 0716-0852	258	Holanda (1); Estados Unidos (1) Suíça (1); Suécia (1); Cooperações (15) [Brasil e Chile (1); Cuba e Espanha (1); Argentina e Brasil (1); França e Chile (2); Espanha e Chile (3); Argentina e México (1); Argentina e França (1); Estados Unidos e Chile (1); México e Reino Unido (1); Estados Unidos e Reino Unido (1); Argentina, Áustria e Alemanha (1); Bélgica, Holanda e Reino Unido (1)] Chile (172); Estados Unidos (23) Argentina (9); Brasil (9); Reino Unido (8); Alemanha (7); Equador (4); Peru (2); Itália (2); México (1); Austrália (1); Japão (1); Turquia (1); Canadá (1); Colômbia (1); Paraguai (1); Holanda (1); França (1); Portugal (1); Romênia (1); Bolívia (1); Cooperações (10): Chile e Reino Unido (1); Chile e Espanha (1); Chile e Bélgica (1); Chile e Estados Unidos (1); Chile e Argentina (1); Itália e Romênia (1); Costa Rica e Equador (1); Argentina e Alemanha (1); Espanha e Estados Unidos (1); Alemanha e Estados Unidos (1)	
	BIFURCACIONES ISSN 0718-1132	Sem informação	Sem informação	Sem informação
	NOTAS DE POBLACIÓN ISSN 0303-1829	150	100% Espanhol (150)	Chile (37); Brasil (21) Estados Unidos (15); México (14) Argentina (13); Colômbia (7) Espanha (7); Costa Rica (5) Uruguai (3); Reino Unido (2) França (2); Bolívia (1); Peru (1); Venezuela (1); Honduras (1); Luxemburgo (1); Não informado (10); Cooperações (9) [Argentina e Chile (1); Brasil e Chile (1); Estados Unidos e Chile (1); Costa Rica e Chile (1); Argentina e Uruguai (1); Canadá e Uruguai (1); Espanha e Uruguai (1); Espanha e México (1); Espanha e Colômbia (1).

Fonte: A autora (2019)

As informações de vínculo institucional dos autores e idioma dos artigos normalmente podiam ser encontradas nos portais de indexação ou nos websites das revistas científicas, porém, houve algumas exceções. Revistas descontinuadas e/ou com parte das edições sem acesso aberto (sujeito a cobrança) foram relacionadas no quadro, mas suas informações permanecem incompletas. De toda forma, a maioria das revistas analisadas dispõem desses dados online, o que deu material de análise suficiente para essa etapa do estudo de caso. As figuras 23 a 27 exibem os gráficos com as informações de país de vínculo dos autores, idioma dos artigos, continente dos autores estrangeiros e redes demonstrando autorias de cooperações internacionais.

Figura 23 - Análise de internacionalização das revistas científicas brasileiras

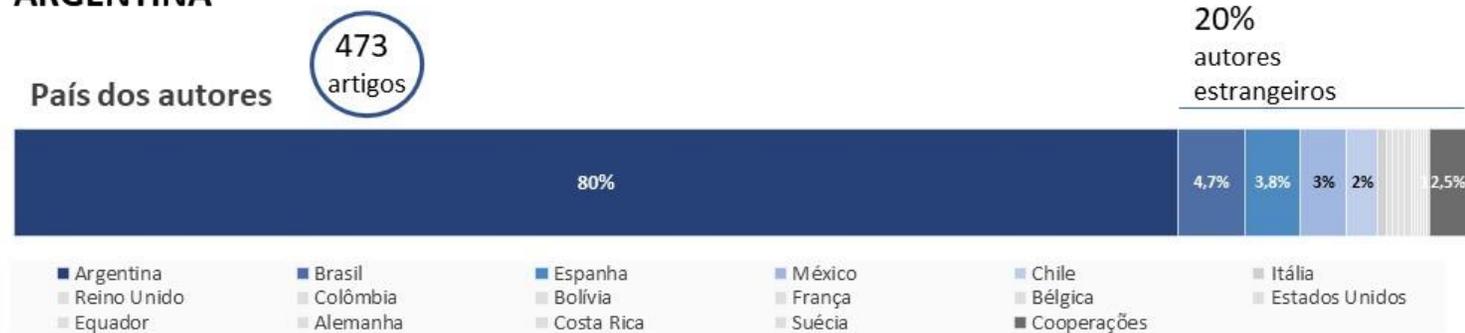
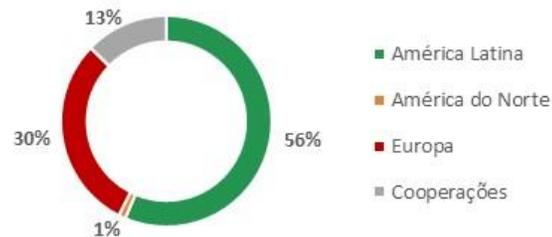
BRASIL**Idioma dos artigos****autores estrangeiros por continente****Cooperações Internacionais**

Fonte: A autora (2019)

O Brasil é o país que apresenta o maior número de periódicos analisados e, conseqüentemente, maior quantidade de artigos no período (1506). Autores estrangeiros contribuíram com 12% das publicações no país, sendo que Portugal, Argentina, França e Espanha são os com maior volume de participação. Quando analisado o continente de vínculo dos autores, o que se percebe é que a o volume maior (39%) é da Europa, seguido pela América Latina (30%). Da mesma forma, as cooperações internacionais de autoria são mais frequentes entre países latino-americanos com países europeus, a única parceria na América Latina foi entre o Brasil e Cuba. Países da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) também aparecem entre as contribuições internacionais. As parcerias de autoria mais frequentes foram entre Brasil e Portugal e entre Brasil e França. O que mais chama a atenção quando analisada a participação de autoria estrangeira no Brasil é a alta participação de países fora das Américas e Europa, especialmente aqueles que também pertencem às regiões periféricas. São esses: Moçambique (13 artigos), África do Sul (3 artigos) e Índia (1 artigo). Autores com vínculo institucional com Moçambique publicaram em três revistas brasileiras, o que mostra uma tendência de diálogo constante – motivada, possivelmente, por interesses urbanos similares e pelo mesmo idioma oficial. A questão da língua parece ser reforçada pela forte participação de autores com vínculo em Portugal, país que além do idioma em comum, possui um laço histórico com o Brasil devido a colonização.

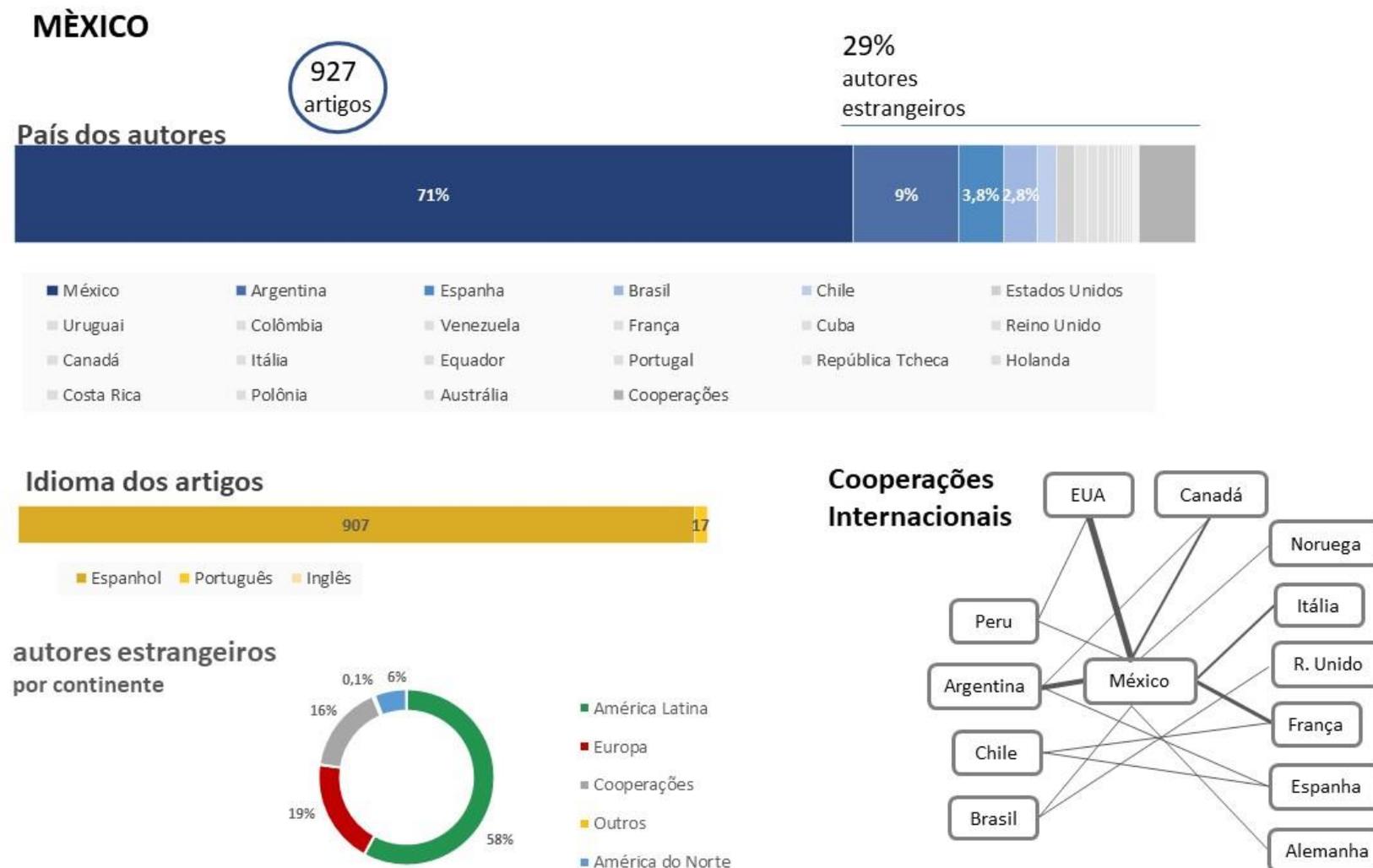
As publicações são majoritariamente em português, seguido pelo espanhol, inglês e francês. A priorização do espanhol como segundo idioma parece indicar uma valorização do diálogo com demais países da América Latina. Cabe ressaltar que muitas das plataformas mais populares de indexação (Latindex, RedALyC e SciELO) possuem a América Latina como foco principal, o que incentiva esforços para publicar em idiomas comuns aos países membros.

Figura 24 - Análise de internacionalização das revistas científicas argentinas.

ARGENTINA**Idioma dos artigos****autores estrangeiros por continente****Cooperações Internacionais**

Fonte: A autora (2019)

Figura 25 - Análise de internacionalização das revistas científicas mexicanas



Fonte: A autora (2019)

Figura 26 - Análise de internacionalização das revistas científicas colombianas

COLÔMBIA

País dos autores

1134 artigos

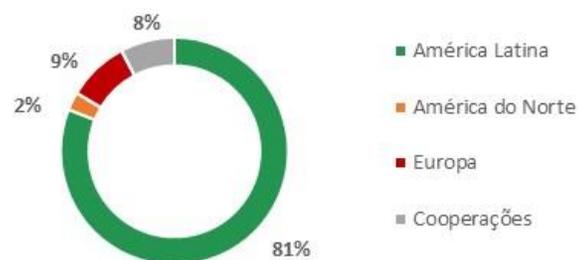
33% autores estrangeiros



Idioma dos artigos



autores estrangeiros por continente

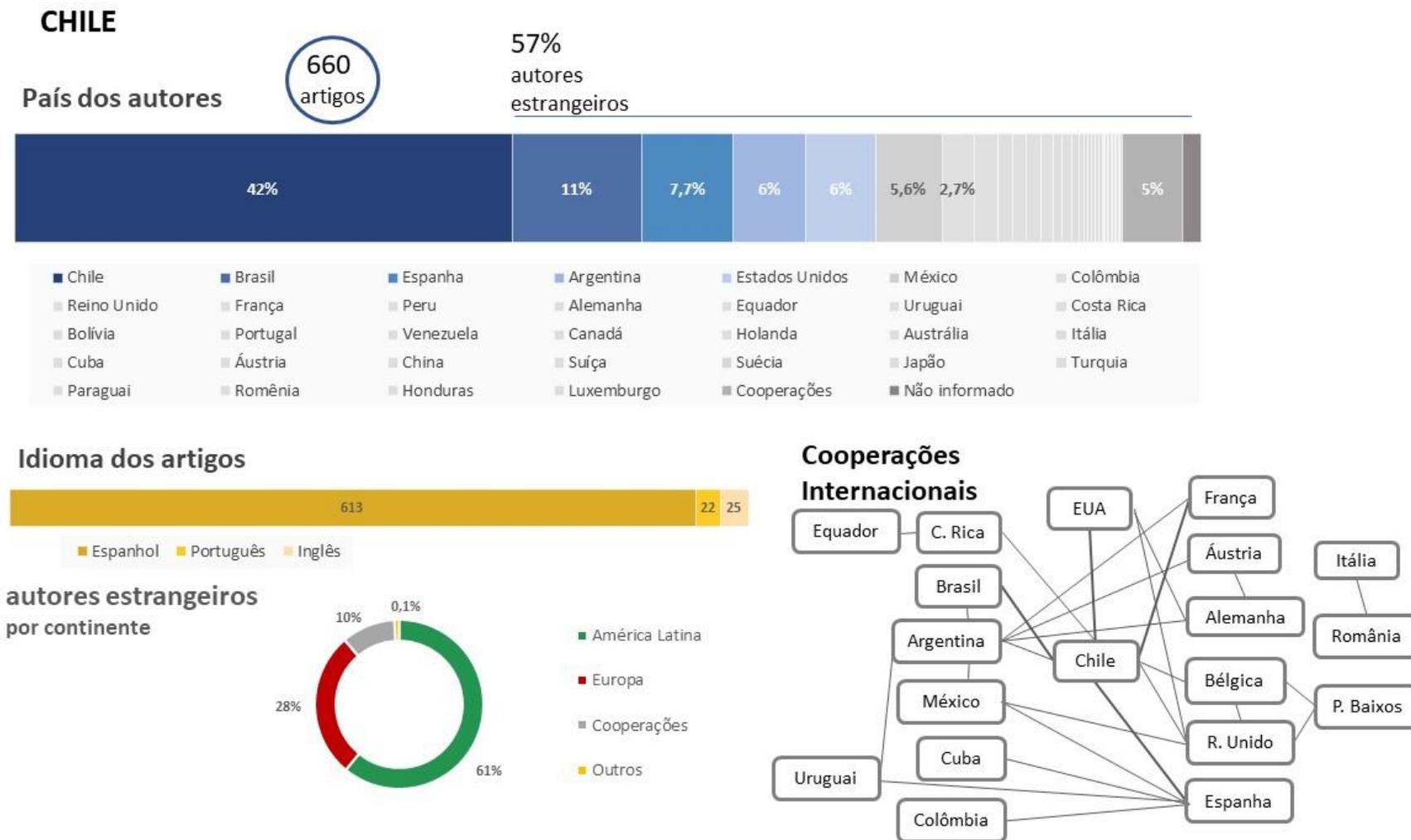


Cooperações Internacionais



Fonte: A autora (2019)

Figura 27 - Análise de internacionalização das revistas científicas chilenas



Fonte: A autora (2019)

Na Argentina, o total de artigos publicados nos periódicos de análise foi de 473. Autores estrangeiros contribuíram com 20% das publicações no país, sendo que Brasil, Espanha, México e Chile são os com maior volume de participação. Quando analisado o continente de vínculo dos autores, o que se percebe é que a o volume maior (56%) é da América Latina, seguido pela Europa (30%). As cooperações internacionais de autoria apresentam países latino-americanos, norte-americanos e europeus; foram três parcerias internas na América Latina (Argentina e Chile; Argentina e Guatemala; e Venezuela e Chile). Dentre os países não latino-americanos que aparecem nas cooperações internacionais, muitos coincidem com aqueles tidos como centrais, e com vínculo histórico de diálogo vertical com a América Latina (França, Alemanha, Espanha, Suíça e Estados Unidos). De forma geral, os resultados de autoria internacional na Argentina mostram um diálogo intenso com demais países latino-americanos, especialmente com o Brasil, México e Chile.

As publicações são majoritariamente em espanhol, seguido pelo português e francês. Inglês não apareceu como idioma de nenhum artigo publicado nas edições analisadas. Novamente, esse cenário revela uma priorização pelo diálogo e consumo do material produzido no território da América Latina e demais países que compartilham dos mesmos idiomas.

O México teve um total de 927 artigos publicados nos periódicos de análise. Autores estrangeiros contribuíram com 29% das publicações no país, sendo que Argentina, Espanha, Brasil e Chile são os com maior volume de participação. Quando analisado o continente de vínculo dos autores, o que se percebe é que a o volume maior (58%) é da América Latina, seguido pela Europa (19%). As cooperações internacionais de autoria apresentam países latino-americanos, norte-americanos e europeus. As parcerias internas na América Latina foram: México e Argentina; México e Brasil; e México e Peru. As cooperações mais frequentes foram entre: México e Estados Unidos; México e Argentina; México e França; México e Reino Unido; e México e Canadá.

As publicações são majoritariamente em espanhol, seguido pelo espanhol, português e inglês - sugerindo priorização pelo público latino-americano.

A Colômbia apresentou o total de 1134 artigos publicados no período e periódicos de análise. Cerca de 37,5% das publicações não puderam ser avaliadas quanto à origem dos autores, devido a indisponibilidade dessas informações na totalidade dos artigos da revista *Apuntes* (190), e de forma parcial para a *Revista de Estudios Sociales* (160), *Cuadernos de Geografía* (57) e revista *Sociedad y Economía* (18). Em relação aos artigos que puderam ser avaliados, o que se percebe é um alto número de autores estrangeiros (33%), que supera o número de autores colombianos (28,5%). Países com mais representatividade são: Venezuela (10%), Argentina (8,5%), Brasil (3,5%), Chile (2,5%) e México (2,1%). Quando analisado o continente de vínculo dos autores, o que se percebe é que a o volume maior (81%) é da América Latina, seguido pela Europa (9%). Esses resultados revelam que na Colômbia o diálogo com os países latino-americanos é o mais presente nos periódicos científicos.

As cooperações internacionais de autoria revelam uma alta contribuição de países latino-americanos entre si e com países centrais (Europa e América do Norte).

As publicações são majoritariamente em espanhol, seguido pelo português, inglês e francês.

O Chile apresentou o total de 660 artigos publicados no período e periódicos de análise. A porcentagem de autores estrangeiros (57%) é a maior dentre os países analisados, sendo o Brasil (11%), Espanha (7,7%), Argentina (6%), Estados Unidos (6%), México (5,6%) e Colômbia (2,7%) os de maior representatividade. Além de apresentar participação frequente de países latino-americanos, chama a atenção a alta representatividade de autores norte-americanos. Nem mesmo no México, país que possui fronteira em comum com os Estados Unidos, se observou uma participação tão alta de autores desse país.

Quando analisado o continente de vínculo dos autores, o que se percebe é que a o volume maior (61%) é da América Latina, seguido pela Europa (28%). Dentre os artigos de cooperações internacionais, há uma variedade de países latino-americanos e europeus, com parcerias intra e extra-continentais. As cooperações mais frequentes são aquelas entre o Chile e Brasil, Chile e França, Chile e Estados Unidos e entre Chile e Espanha.

As publicações são majoritariamente em espanhol, seguido pelo inglês e português. O inglês como segundo idioma mais recorrente pode ser uma consequência da alta frequência de autores norte-americanos. Dentre os países analisados, o Chile parece ser aquele com maior alcance em termos de diálogos internacionais.

Assim como nas outras etapas do estudo de caso, na análise das revistas científicas também buscou-se confirmar quais os principais autores citados nos artigos e quais são seus países de origem. Escolheram-se artigos que tratassem de planejamento e gestão urbana em linhas mais gerais, em nível nacional ou latino-americano (Quadro 31).

Quadro 31 - Relação dos artigos selecionadas para leitura

BRASIL
SANTORO, Paula Freire. Urban planning instruments for promoting social interest housing: from zoning to obligatory percentages in São Paulo, Brazil, in dialog with Bogotá, Colombia. R. B. Estudos Urbanos e Regionais Vol.17, núm. 2, 2015, p.99-117.
MENDES, Luís. A regeneração urbana na política de cidades: infl exão entre o fordismo e o pós-fordismo. <i>urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana</i> , Vol. 5, núm. 1, 2013, p. 33-45.
PENNA, Nelba Azevedo; FERREIRA, Ignez Barbosa. Desigualdades socioespaciais e áreas de vulnerabilidades nas cidades. Mercator, Fortaleza, Vol. 13, núm. 3, 2014, p. 25-36.
RODRIGUES, J. N. Políticas públicas e geografia: retomada de um debate. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online) , São Paulo, v. 18, n. 1, p. 152-164, 2014.
FELDMANN, Roberto. A relação entre espaço geográfico e o surgimento de inovações tecnológicas : o caso das empresas latino-americanas de grande porte. Espaço e Tempo, São Paulo, núm. 21, 2007, pp.103 -118.
GELPI, Adriana; CALIL, Rosa Maria Locatelli. Planejamento e Gestão do Território: Escalas, Conflitos e Incertezas. Revista Cidades, Vol. 12, núm. 20, p.74-104.
MÉXICO
1) RAMÍREZ-VELÁZQUEZ; REBECA, Blanca; PRADILLA-COBOS, Emilio. Teorías urbanas latinoamericanas: el legado de una gran generación. <i>Sociedad y Territorio</i> , vol. xv, núm. 47, 2015, 261-271.
2) MENDOZA, Enrique Cabrero; GARCIA, Carlos Gil. La agenda de políticas públicas en ciudades mexicanas durante el siglo xx: ¿cien años de soledad municipal? <i>Estudios Demográficos y Urbanos</i> , Vol. 25,núm. 1 (73), 2010, 133-173.
3) GARZA, Gustavo. Competitividad de las metrópolis mexicanas en el ámbito nacional, latinoamericano y mundial. <i>Estudios Demográficos y Urbanos</i> , Vol. 25, núm. 3 (75), 2010, 513-588
4) GARCÍA, Hugo Alejandro Borjas. Calidad de la democracia en gobiernos locales: problemas y perspectivas en México. <i>Espiral,Estudios sobre Estado y Sociedad</i> , Vol. XXII, núm. 62, 2015, 75-99.
5) ARNESTO, María A. Coaliciones regionales, intereses territoriales y transferencias intergubernamentales en Brasil, Argentina y México. <i>Polis</i> 2014, vol. 10, núm. 1, pp. 11-37.
6) INGLEHART, Ronald; CARBALLO, Marita. ¿Existe Latinoamérica? Un análisis global de diferencias transculturales. <i>Perfiles Latinoamericanos</i> , Vol.31, Janeiro-Junho 2008, 13-38.
ARGENTINA
1) DE JONG, Gerardo Mario. La Geografía y la planificación para la transformación (inclusión) social y territorial. Inferencias sobre el rol profesional de los geógrafos. <i>Estudios socioterritoriales. Revista de Geografía</i> . Núm. 16, Vol. 2, 2014, p. 111-140.
2) MAZZONI, Elizabeth. Unidades de paisaje como base para la organización y gestión territorial. <i>Estudios Socioterritoriales. Revista de Geografía</i> . Núm. 16, Vol. 2, 2014, p. 51-81.
3) GOMEZ LENDE, Sebastián. Guerra de lugares en Argentina: perspectivas de análisis y ejemplos empíricos. <i>Rev. Univ. geogr.</i> , Bahía Blanca , v. 19, n. 1, 2010 .
4) FERRARI, Maristela. Zona de fronteira, ciudades gêmeas e interações transfronteiriças no contexto do MERCOSUL. <i>Revista Transporte y Territorio</i> , núm.9, 2013, p.87-104.
5) VELÁZQUEZ , Guillermo Angel. Consideraciones teóricas y metodológicas para el estudio de la calidad de vida en la Argentina. <i>Boletín Geográfico (Neuquen)</i> , núm.29, 2007, p.61-77.
COLÔMBIA
1) Flores, Pamela.; CRAWFORD, Livingston. La ciudad en América Latina o la construcción simbólica de una mirada que nos re-presente. <i>Revista Estudios Sociales</i> , Vol.10, 2001, 41-46.
2) BRAND, Peter C. La planeación urbana y las ciencias sociales en Colombia. <i>Revista Estudios Sociales</i> , Vol.10, 2001, 20-30.
3) CALDERÓN, Fabio Vladimir Sánchez. Elementos para una geopolítica de los megaproyectos de infraestructura en América Latina y Colombia. <i>Cuad. Geogr. Rev. Colomb. Geogr.</i> , núm. 17, p. 7 - 21, 2008.
4) PEÑA, Yolanda T. H. El ordenamiento territorial y su construcción social en Colombia: ¿un instrumento para el desarrollo sustentable? <i>Cuad. Geogr. Rev. Colomb. Geogr.</i> , núm. 19, p. 97 - 109, 2010.
5) SEGAWA, Hugo. Brasília, São Paulo, Curitiba: modernidades en transformación. <i>Apuntes</i> , Vol.19, núm.1, 2006, 132-145.
6) ROCCA, Luisa Durán. La Malla urbana en la ciudad colonial iberoamericana. <i>Apuntes</i> , Vol.19, núm.1, 2006, 30-47.

(Continua)

Quadro 31 - Relação dos artigos selecionadas para leitura

(Continuação)

CHILE
1) GUEVARA, Tomás. Abordajes teóricos sobre las transformaciones sociales, económicas y territoriales en las ciudades latinoamericanas contemporáneas. <i>Eure</i> , Vol. 41, núm.124, 2015, pp. 5-24.
2) MAC-CLURE, Oscar; BAROZET, Emmanuelle; MATURANA, Víctor. Desigualdad, clase media y territorio en Chile: ¿clase media global o múltiples mesocracias según territorios? <i>Eure</i> , Vol. 40, núm.121, 2014, pp. 163-183.
3) ALMANDÓZ, Arturo. Despegues sin madurez. Urbanización, industrialización y desarrollo en la Latinoamérica del siglo XX. <i>Eure</i> , Vol. XXXIV, núm.102, 2008, pp. 61-76.
4) SABATÉ, Joaquín; TIRONI, Manuel. Rankings, creatividad y urbanismo. <i>Eure</i> , Vol. XXXIV, n.102, 2008, 5-23,
5) FERNANDES, EDÉSIO. Consideraciones generales sobre las políticas públicas de regularización de asentamientos informales en América Latina. <i>Revista Eure</i> , Vol. XXXIV, Nº 102, pp. 25-38, agosto 2008

Fonte: A autora (2019)

Quadro 32 - Autores mais citados nos artigos selecionados

AUTORES E CITAÇÕES						
AUTORES MAIS CITADOS NACIONALIDADE/INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO	Total	NÚMERO DE CITAÇÕES				
		BR	AR	MX	CB	CL
David Harvey Inglês / Professor. U. Johns Hopkins (1969-2001), Oxford (1987-1993), City U. NY (2001- atual), EUA.	5	2	1	2	N/A	N/A
Milton Santos Brasileiro / Professor na Universidade de São Paulo (1997-2001), Brasil.	3	1	1	N/A	1	N/A
Joan Alier Martínez Espanhol / Professor emeritus da Universitat Autònoma de Barcelona. Economista. Espanha.	3	N/A	1	N/A	1	1
Manuel Castells Espanhol / Professor na University of California, Berkeley (2000-atual), EUA.	2	1	N/A	N/A	N/A	1
Edward T. Hall (1914-2009) Estado-unidense / Foi professor em: U. of Denver, Bennington College, Harvard Business School, Illinois Institute of Technology, EUA.	2	1	N/A	N/A	N/A	1
Peter Hall Inglês / Professor na UCL (1957-2014), Reino Unido.	2	1	N/A	N/A	N/A	1
Enrique Leff Mexicano / Investigador no Instituto de Investigaciones Sociales e Professor na Facultad de Ciencias Políticas y Sociales da UNAM. México.	2		1	N/A	1	N/A
Arturo Almandóz Venezuelano / Professor na Universidad Simón Bolívar e professor adjunto da Universidad Católica de Chile. Venezuela/Chile.	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2
Jorge F. Hardoy (1914–1977) Argentina / Arquiteto pela Universidad de Buenos Aires. Argentina.	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2
Rodden, Jonathan Estado-unidense / Professor na Stanford University (desde 2012). EUA.	2	N/A	N/A	N/A	2	N/A
Richard M. Morse (1922-2001) Estado-unidense / Foi professor em: Columbia U., U. de Porto Rico, Yale e Stanford.	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2
Flávio Villaça Brasileiro / Professor na Universidade de São Paulo (1985-atual), Brasil.	2	2	N/A	N/A	N/A	N/A
Edward L. Gibson Estado-unidense / Professor na Weinberg College (2009-atual), EUA.	2	N/A	N/A	2	N/A	N/A

Fonte: A autora (2019)

A análise dos autores mais citados traz alguns nomes já frequentes nos outros meios analisados (eventos científicos e programas de pós-graduação). É o caso de David Harvey (autor mais citado, com cinco citações em três dos países selecionados); Milton Santos (três citações em três países); Manuel Castells (duas citações em dois países); Peter Hall (2 citações em 2 países); e Flávio Villaça (duas citações em um país).

Dos 13 autores mais citados, quatro são europeus (Reino Unido e Espanha), quatro são norte-americanos (Estados Unidos) e cinco são latino-americanos (Brasil, Argentina, Venezuela, México). O que se percebe é que os países centrais certamente ainda possuem uma grande influência no campo teórico do planejamento urbano, e, em geral, possuem um maior alcance em relação ao número de países que atingem. Porém, alguns autores latino-americanos também parecem conseguir superar barreiras intracontinentais – como é o caso do autor brasileiro Milton Santos (citado em três países) e do mexicano Enrique Leff (citado em dois países).

Com base nos artigos selecionados, também procurou-se identificar cidades citadas por serem consideradas modelos em questão de planejamento e gestão de cidades ou por exemplificarem situações e problemáticas específicas. O Quadro 33 traz a relação dessas, organizadas por país de citação.

Quadro 33 – Cidades citadas nos artigos de revistas científicas e motivo

BRASIL	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Bogotá	Plano urbano que prevê 30% do solo urbano para VIP (Vivienda de Interés Prioritário)
	Soluções de Moradia (Vivienda de Interés Prioritário)
São Paulo	Soluções de Moradia (Habitação de Interesse Social)
Brasília	Exemplo de cidade que apresenta desenvolvimento econômico/papel regional relevante, mas também concentra vulnerabilidade, segmentação e dualidade do tecido social e espacial.
ARGENTINA	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Dionísio Cerqueira; Barracão; Bernardo de Irigoyen;	Integração regional; interações transfronteiriças entre Brasil e Argentina.
Santo Antônio do Sudoeste; San Antonio	Integração regional; interações transfronteiriças entre Brasil e Argentina.
Ilhas Canárias	Paisagem, agrupamentos e relações geográficas.
Mar del Plata	Qualidade de vida dos habitantes da cidade.
MÉXICO	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
“cidade latino-americana”	Se fala de um “paradigma latino-americano”, composto por problemas urbanos como segregação urbana, pobreza e assentamentos humanos irregulares, comuns nas cidades do continente desde 1940.
Nova York/Londres	Megacidades com alto grau hierárquico financeiro desde “intempestivo cataclismo financeiro” de 2008.
São Paulo/Singapura	Únicas cidades de hierarquia “primária” dos países periféricos.
Ciudad del México	Metrópolis mundial secundária, com função de conectar o sistema de cidades do México e de alguns países da América Latina com a hierarquia mundial
Guadalajara; Monterrey; Puebla	Pólos de desenvolvimento e crescimento econômico notável.
COLÔMBIA	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Bogotá	Expansão urbana proposta pelo plano de ordenamento territorial; manejo dos espaços e edifícios públicos e modernização do sistema de transporte.
Brasília	Urbanismo modernista, exemplo de cidade “sonho” de ordem.
São Paulo	Metrópole industrial caótica.
Curitiba	Cidade modelo de planejamento urbano, especialmente a partir de 1970.
Cidade de Panamá La Nueva	Organização em torno de praça retangular (em 1681).
Santa Clara de Cuba	Organização em torno de praça retangular (em 1689).
CHILE	
CIDADES CITADAS	MOTIVO
Barcelona	Revalorização da área de Poblenu; planos e projetos culturais; tecido cultural e associativo.
Berlim	Reconstrução de edifícios e reorganização urbana após a queda do muro.
Paris	Grandes Trabalhos e aplicação de instrumentos urbanísticos.

Fonte: A autora (2019)

A maioria das cidades e casos citados nos artigos são latino-americanas. Brasília, São Paulo e Bogotá foram abordadas por mais de um país, revelando que tais exemplos possuem um maior reconhecimento no continente – seja por razões de planejamento urbano, transporte ou políticas habitacionais. No México chama a atenção a abordagem da “cidade latino-americana”, uma leitura feita com base nos desafios comuns a diversos países do continente. Já em questão aos casos internacionais citados, em geral foi devido a iniciativas específicas de soluções urbanas (como revitalização de áreas urbanas; reconstrução de edificações pós inflexão urbana ou gerenciamento e uso de instrumentos urbanísticos). Algumas cidades estrangeiras foram citadas devido ao seu papel dominante ou conector dentro da rede de cidades global.

O próximo item faz uma leitura conjunta dos resultados de todas as etapas do estudo de caso.

4.3.4 Análises Conjuntas

Para identificar as principais centralidades do conhecimento sobre a cidade e seu planejamento para o período de Rede de Conhecimento Líquida, utilizou-se a análise dos principais autores referenciados nos artigos e teses selecionadas nos três aspectos de análise – eventos científicos, programas de pós-graduação e revistas científicas.

Os autores foram considerados de acordo com seu país de origem (nascença) e suas citações totais nos países analisados foram somadas – resultado nos resultados mostrados na Tabela 2.

Tabela 2 - Total de citações à autores, por país

PAÍSES	CITAÇÕES	BR	MX	AR	CB	CL
Espanha	42	10	10	10	4	8
Reino Unido	31	15	3	0	5	7
Brasil	31	23	3	1	2	2
França	29	11	5	3	2	8
Estados Unidos	17	2	3	0	5	7
Chile	17	1	1	6	1	8
Argentina	12	1	6	3	1	1
Colômbia	10	0	1	1	6	2
Uruguai	9	0	2	2	2	3
Itália	8	3	1	0	2	2
Holanda	6	1	6	3	1	1
Alemanha	4	0	1	1	6	2
Venezuela	2	0	2	2	2	3
México	2	0	1	0	1	2
Áustria	2	1	1	0	0	0

Fonte: A autora (2019)

Essa tabela revela que, ao menos quanto ao referencial teórico, países centrais ainda são de grande influência na disciplina de planejamento e gestão urbana na América Latina. A Espanha é o país que concentrou o maior número de citações (42), seguido do Reino Unido (31), Brasil (31), França (29), Estados Unidos (17) e Chile (17). O que se percebe é que todos os autores mais citados são de países centrais ou da própria América Latina, o que confirma um diálogo frágil com demais países de continentes periféricos e outras áreas do globo. Cabe ressaltar que, apesar do grande número de citações à autores brasileiros, essas se concentram principalmente no próprio país (23).

A Tabela 3 traz em detalhe os autores mais citados de cada país central, assim como o número de citações nos cinco países de análise.

Tabela 3 - Autores mais citados por país central

PAÍS	AUTORES	CITAÇÕES				
		BR	MX	AR	CB	CL
FRANÇA	Françoise Choay	3	2			1
	Jean Lojkine	2	1			
	Michel Foucault	1	1		1	2
	P. Bourdieu	3		1		2
	Robert Castel	3		1		2
	Antoine Railly	1		1		1
	Claude Lefort			1	1	
	Philippe Panerai	1	1			
	Edward Soja					2
ESTADOS UNIDOS	Kevin Lynch	1	1			2
	Immanuel Wallerstein		1		1	1
	Edward Hall		1			1
	Rodden Jonathan	1				1
	Richard Morse				2	
	Edward Gibson					2
REINO UNIDO	David Harvey	11	3	2		4
	Karl Marx	3				1
	Batty M.	1	1	1		
	Bob Jessop	1			1	1
	Allen John Scott		1	1		2
ESPANHA	Manuel Castells	7	3	3		2
	Jordi Borja	2	2	4		1
	Fernando González Bernáldez		2		2	
	Horácio Copel		1	2		3
	Becerra Jiménez		2			
	Joan Alier Martinez			1	1	1
ITÁLIA	Aldo Rossi				1	2
	Norberto Bobbio	3	1		1	
ALEMANHA	Jürgen Habermas	3		1		
ÁUSTRIA	John Friedmann	1	1			
HOLANDA	Rem Koolhaas					2
	Saskia Sassen	1	1	1		1

Fonte: A autora (2019)

Todos os autores entre os mais citados pertencem a dois cenários: países centrais ou a própria América Latina. Os autores com mais citações absolutas e com maior alcance entre os países analisados foram: David Harvey; Manuel Castells; e Jordi Borja. A linguagem em comum com muitos dos países da América Latina certamente contribui

para a forte influência espanhola, mas também não se pode desconsiderar o sucesso que trabalhos e livros específicos de autores desse país tiveram de forma global. Muitos dos autores pertencentes à países europeus - como é o caso da Saskia Sassen, John Freedmann, Ren Kholhass e Aldo Rossi – estão também vinculados às universidades dos Estados Unidos. Isso aponta uma segunda forma de hierarquização do conhecimento; onde centros de pesquisa com maiores recursos atraem pesquisadores de diversas partes do mundo. Os autores latino-americanos mais citados são relacionados na Tabela 4.

Tabela 4 - Autores mais citados por país da América Latina

PAÍS	AUTORES	CITAÇÕES				
		BR	MX	AR	CB	CL
CHILE	Sergio Boiser Fetchecerry	1	1	1	1	
	Alfredo Rodríguez			1		1
	Eugenio Tironi			1		1
	Tomás Moulian			1		2
	Ricardo Larraín Bravo					2
	Javier Martínez			1		1
	María Elena Dulci			1		1
BRASIL	Rodrigo Hidalgo					2
	Milton Santos	3	2	1	2	
	Flávio Villaça	5				
	Adauto Lucio Cardoso	4				
	Luiz C. de Queiroz Ribeiro	2	1			
	Leonardo Avritzer	3				
	Erminia Maricato	6				
ARGENTINA	Bolívar Lamounier	1	1			
	Pedro Pirez		2	2	1	
	Fernando Carrión		2	1		
	Alícia Ziccardi		1			1
COLÔMBIA	Jorge Hardoy					2
	Ana Lucia Duque					2
	Mayerly R. Villar Lozano					4
	Emilio P. Cobos		1	1		
URUGUAI	Carlos Antonio de Mattos		2	2	2	3
VENEZUELA	Arturo Almandóz					2
MÉXICO	Enrique Leff		1		1	

Fonte: A autora (2019)

Os autores do continente com maior número de citações e maior número de países influenciados são: Carlos Antonio de Mattos; Milton Santos; Pedro Pirez; e Sergio Boiser Fetchecerry. Os autores referenciados com mais frequência confirmam a extensão da rede de conhecimento em que a América Latina está inserida: restringida à Europa e às Américas. Essa mesma conclusão pode ser tirada na análise das interações internacionais observadas no estudo de caso em cada um dos países.

A Tabela 5 traz a relação da porcentagem de internacionalização em cada um dos países de análise, com base na participação estrangeira (eventos científicos e revistas científicas) e do recorte geográfico de estudo (programas de pós-graduação).

Tabela 5 - Porcentagem de internacionalização de cada país

CATEGORIAS	% INTERNACIONALIZAÇÃO				
	BR	MX	AR	CB	CL
Eventos Científicos	1,5%	3,2%	1,7%	24,4%	16,0%
Programas de Pós-graduação	7,5%	13,4%	7,0%	6,1%	21,4%
Revistas Científicas	12,0%	29,0%	20,0%	33,0%	57,0%
MÉDIA (%)	7%	15,20%	9,50%	21,20%	31,50%

Fonte: A autora (2019)

O que se observa são padrões de participação internacional muito distintas em cada país. O Chile lidera em quantidade de interação com países estrangeiros, sendo que a média geral do país é de 31,5%. Surpreendentemente, o Brasil é o país que apresenta menor taxa média de internacionalização (7%), mesmo apresentando um volume massivo de programas de pós-graduação, revistas e eventos científicos. Isso, associado ao fato de que entre os autores mais citados, aqueles que são brasileiros foram em maior parte citados apenas no Brasil, parece demonstrar um certo isolamento do país em relação à essa rede maior de conhecimento sobre a cidade. É fato que muitos pesquisadores brasileiros participam e publicam em outros países do continente, mas o mesmo não parece acontecer na mesma proporção no Brasil. Isso pode sinalizar que não há tanto interesse estrangeiro no Brasil por parte de outros países, talvez pela língua, ou talvez por diferenças culturais.

A Tabela 6 traz a análise dos países com maior contribuição nos eventos, programas e revistas científicas do Brasil. Para efeito de realização do cartograma da Rede Líquida,

utilizou-se como base esses dados para cada um dos países. Apenas considerou-se que existe um diálogo regular quando a porcentagem de participação do país ultrapassasse de 1% na análise total. No caso do Brasil, não se identificou qualquer diálogo que ultrapassasse essa marca. Análises para o México apresentam diálogos mais constantes: com a Argentina, Brasil e Espanha.

Tabela 6 - Participação internacional mais relevante, no Brasil

BRASIL	nº	%		nº	%
Eventos	3478	100%	Revistas	1506	100%
Argentina	17	0,5%	Portugal	32	2,1%
Colômbia	7	0,2%	Argentina	23	1,5%
México	4	0,1%	França	23	2%
Uruguai	4	0,1%	Espanha	15	1%
Espanha	4	0,1%	Total	5238	100%
Programas	254	100%	Argentina	40	0,8%
Bolívia	3	1,2%	Portugal	32	0,6%
Colômbia	2	0,8%	França	23	0,4%
América Latina	2	0,8%	Espanha	19	0,4%
			Colômbia	9	0,2%

Fonte: A autora (2019)

Tabela 7 - Participação internacional mais relevante, no México

MÉXICO	nº	%		nº	%
Eventos	3663	100%	Revistas	927	100%
Brasil	27	0,7%	Argentina	83	9%
Argentina	20	0,5%	Espanha	36	3,9%
Colômbia	20	0,5%	Brasil	26	2,8%
Espanha	13	0,3%	Chile	15	1,6%
Venezuela	12	0,3%	Estados Unidos	14	1,5%
Programas	330	100%	Uruguai	10	1%
Estados Unidos	8	2%	Total	4920	100%
Argentina	5	1,5%	Argentina	108	2,2%
Colômbia	5	1,5%	Brasil	53	1%
América Latina	3	1%	Espanha	49	1%
Costa Rica	3	0,9%	Colômbia	25	0,5%
Guatemala	3	0,9%	Estados Unidos	22	0,4%
Chile	3	0,9%	Chile	18	0,4%
			Venezuela	12	0,2%

Fonte: A autora (2019)

Na Argentina, os diálogos mais relevantes foram com o Brasil e o México.

Tabela 8 - Participação internacional mais relevante, na Argentina

ARGENTINA	nº	%		nº	%
Eventos	2155	100%	Revistas	473	100%
Brasil	12	0,6%	Brasil	22	4,7%
México	9	0,4%	Espanha	18	3,8%
Espanha	3	0,1%	México	15	3,2%
Indonésia	3	0,1%	Chile	10	2,1%
Colômbia	2	0,1%	Itália	3	0,6%
			Reino Unido	2	0,4%
Programas	159	100%	Colômbia	2	0,4%
Chile	3		Bolívia	2	0,4%
Brasil	2		França	2	0,4%
América Latina	2		Total	2787	100%
Colômbia	1		Brasil	36	1,3%
Paraguai	1		México	24	1%
			Espanha	21	0,8%
			Chile	13	0,5%

Fonte: A autora (2019)

A Colômbia já apresenta um maior diálogo com diversos países da América Latina: Argentina, Venezuela, Brasil, México e Chile (Tabela 9). Para efeito da realização do cartograma da Rede Líquida, acima de 5% de participação de determinado país indica uma interação intensa – e a Colômbia apresenta diálogo nessa faixa com Argentina e Venezuela.

Tabela 9 - Participação internacional mais relevante, na Colômbia

COLÔMBIA	nº	%		nº	%
Eventos	1038	100%	Revistas	1116	100%
México	73	7,0%	Venezuela	112	10%
Brasil	59	5,7%	Argentina	97	8,7%
Argentina	44	4%	Brasil	39	3,5%
Venezuela	22	2,1%	Chile	29	2,6%
Chile	20	1,9%	México	24	2,1%
Equador	7	0,7%	Espanha	15	1,3%
			França	10	0,9%
Programas	424	100%	Total	2578	100%
América Latina	3	0,7%	Argentina	141	5,5%
Peru	3	0,7%	Venezuela	136	5,3%
Brasil	2	0,5%	Brasil	100	3,9%
Venezuela	2	0,5%	México	97	3,8%
Estados Unidos	2	0,5%	Chile	49	1,9%

Fonte: A autora, 2019.

O Chile, por sua vez, apresentou o maior número de interações internacionais – com países dentro e fora do continente. Na faixa de diálogo intenso, se destaca o Brasil (7,6%), Espanha (5,2%) e Argentina (5%). Já na faixa de diálogo constante (de 1% a 4,9%), estão os Estados Unidos (4%), México (3,8%), Colômbia (1,8%), Reino Unido (1,3%), Peru (1,1%) e Equador (1%). Essa análise mostra informações interessantes, pois o Chile atraiu pesquisadores não apenas da América Latina, mas também de países centrais.

Tabela 10 - Participação internacional mais relevante, no Chile

CHILE	nº	%		nº	%
Eventos	144	100%	Revistas	660	100%
Argentina	6	4,1%	Brasil	72	11%
Paraguai	4	2,7%	Espanha	51	7,7%
Equador	3	2%	Argentina	40	6%
Brasil	2	1,4%	Estados Unidos	39	6%
Uruguai	2	1,4%	México	37	5,6%
			Colômbia	18	2,7%
Programas	173	100%	Reino Unido	13	2%
América Latina	17	10%	França	8	1,2%
Peru	3	1,7%	Peru	8	1,2%
Argentina	3	1,7%	Alemanha	8	1,2%
Total	977	100%	Equador	7	1%
Brasil	74	7,6%	Reino Unido	13	1,3%
Espanha	51	5,2%	Peru	11	1,1%
Argentina	49	5%	Equador	10	1%
Estados Unidos	39	4%	França	8	0,8%
México	37	3,8%	Alemanha	8	0,8%
Colômbia	18	1,8%	Paraguai	4	0,4%
América Latina	17	1,7%	Uruguai	2	0,2%

Fonte: A autora (2019)

Essas análises serviram de base para a realização do cartograma geográfico da rede de conhecimento em que a América Latina está inserida, durante o período de Rede Líquida. Esse cartograma é apresentado no item a seguir.

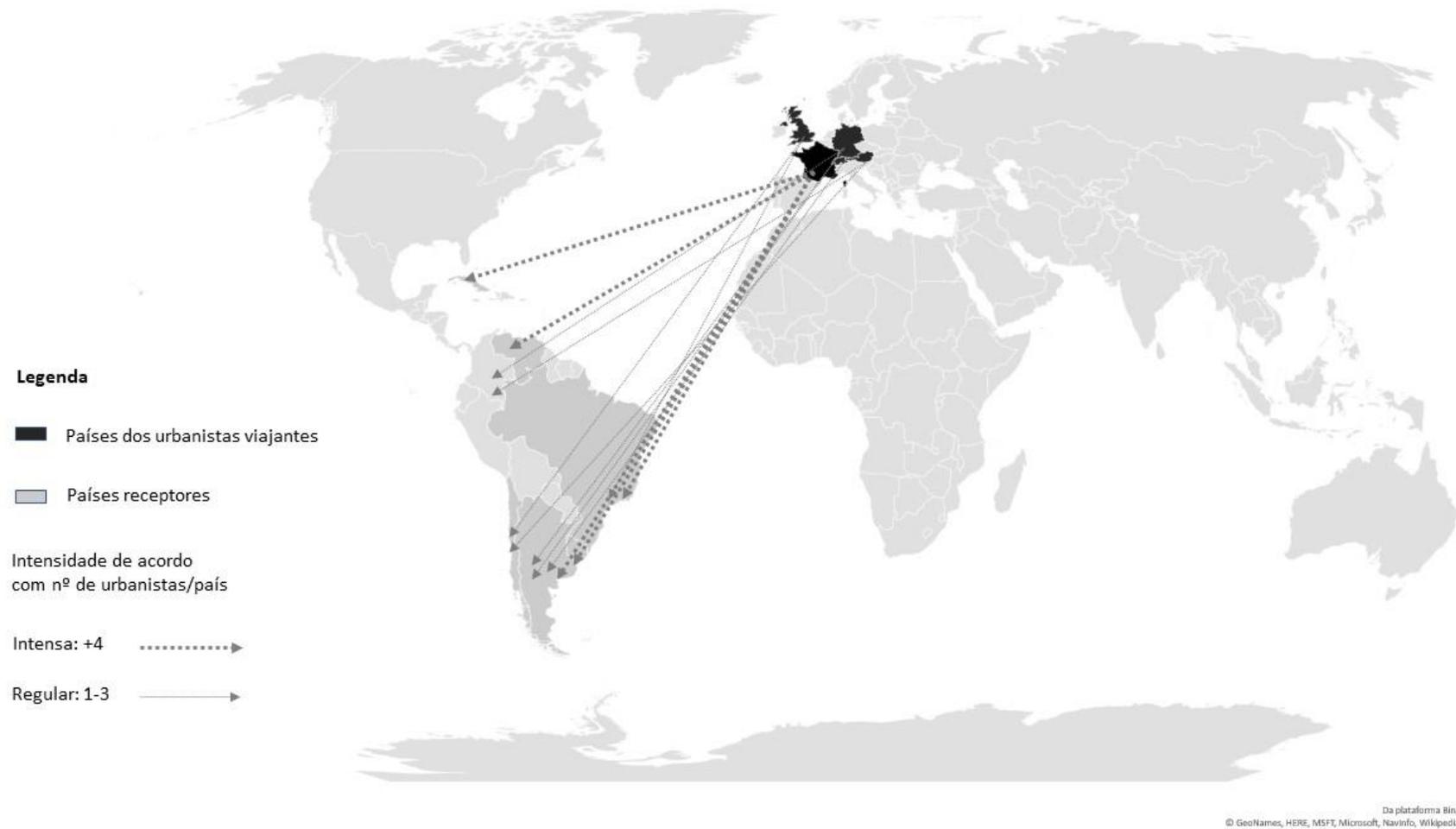
4.4 GEOGRAFIAS TEMPORAIS DA REDE DE CONHECIMENTO SOBRE A CIDADE

As relações de diálogo estabelecidas entre os lugares, em forma de trajetórias realizadas pelas ideias urbanísticas, formam um desenho, um caminho passível de interpretações. Geograficamente, as tradicionais centralidades da rede de conhecimento sobre a cidade e o planejamento urbano se localizam no hemisfério norte – na Europa e nos Estados Unidos. Ainda que diversos países europeus sejam reconhecidos pela criação de ideias urbanísticas, alguns possuíram mais forte influência sobre o continente latino-americano. Diversos são os motivos para tal; desde facilitadores como língua comum ou dependência cultural com o país de origem da ideia, ou uma relação hierárquica de poder e imposição.

Para visualizar tais centralidades em ambos os períodos analisados, fez-se dois cartogramas. O primeiro foi feito com base no estudo de caso dos urbanistas viajantes – os países de origem desses profissionais aparecem em destaque, e fluxos representam o caminho das ideias entre país de origem e país de recepção na América Latina.

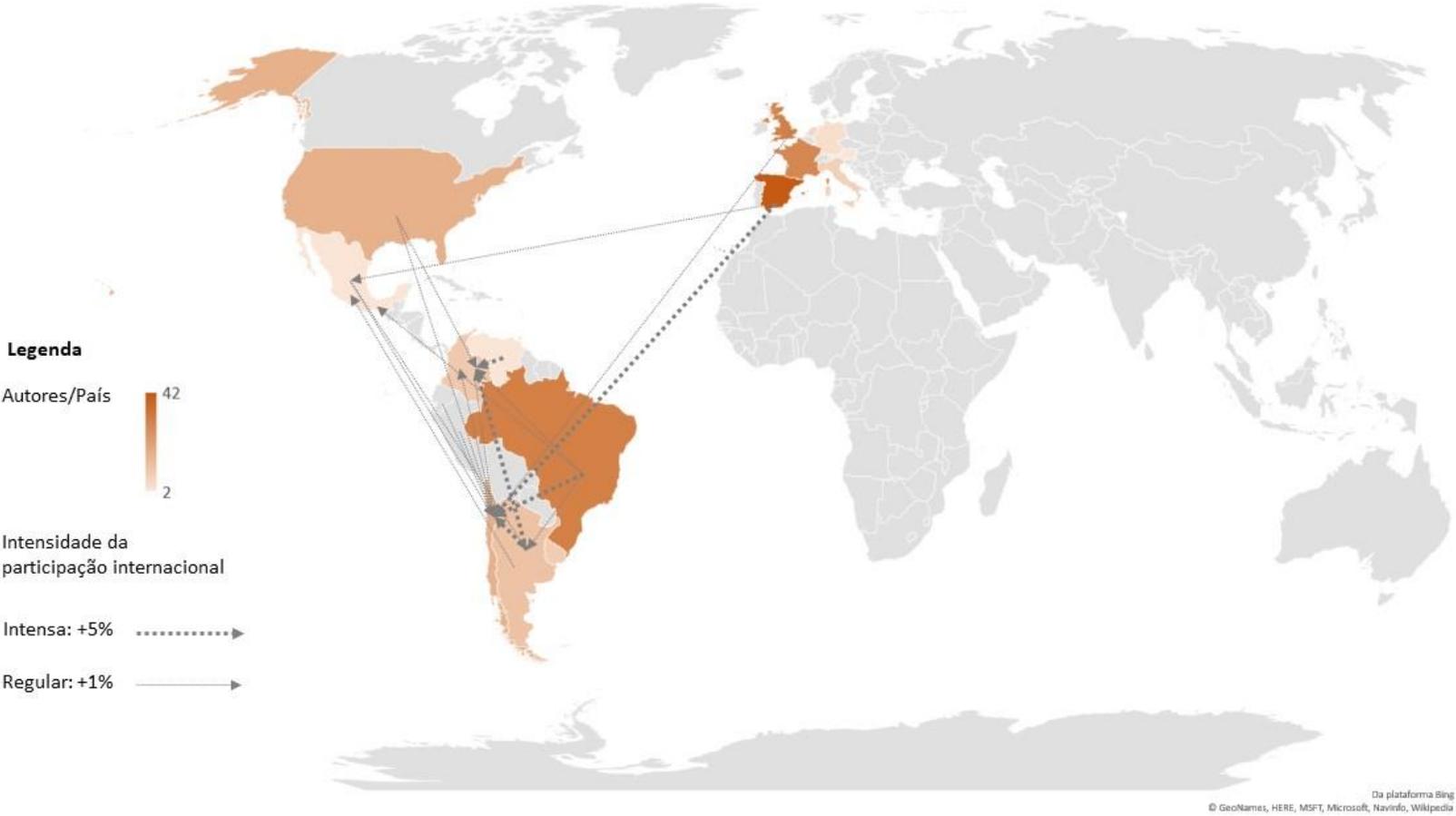
O segundo cartograma representa o período de Rede Líquida e foi feito com base no país de origem dos autores mais citados e na participação internacional nos eventos científicos, programas de pós-graduação e revistas científicas.

Figura 28 - Rede Sólida: Origem das ideias mais influentes na América Latina



Fonte: A autora (2019)

Figura 29: Rede Líquida: Origem das ideias mais influentes na América Latina



Fonte: A autora (2019)

No período de Rede Sólida, as ideias comumente viajavam junto de seus interlocutores – os urbanistas viajantes - que saíam de seus países de origem levando consigo ideias de planejamento para outros continentes. Esse cartograma foi feito com base nos urbanistas, planos e capitais selecionadas na primeira fase do estudo de caso. Os países centrais que mais influenciaram o pensamento urbanístico no continente latino-americano. São eles: França; Inglaterra; Alemanha; Suíça; e Áustria. Urbanistas com origem em tais centralidades vieram para a América Latina e desempenharam importantes papéis no planejamento de grandes capitais. O país com maior influência sobre o continente foi sem dúvida a França.

O primeiro cartograma (Figura 28) revela que países centrais específicos possuíam maior interação com a América Latina; e que não havia ainda um canal de comunicação acadêmica e prática bem estabelecido entre os membros da América Latina. As ideias urbanísticas de sucesso deviam por via de regra vir de países centrais; de preferência aplicadas nas cidades latino-americanas pelas próprias mãos de urbanistas estrangeiros. Tais ideias normalmente faziam parte de modelos e agendas bem definidas, praticadas pelas principais escolas europeias e disseminadas em ampla escala para países periféricos.

Já o segundo cartograma (Figura 29) demonstra que houve uma ampliação da rede de conhecimento urbanística com a qual a América Latina está conectada. Primeiro, se constata que os países centrais ainda possuem grande influência sobre o continente, principalmente no que diz respeito aos autores mais citados. Quanto aos diálogos mais recorrentes nos eventos científicos, programas de pós-graduação e revistas científicas, o que se observa é uma interação mais frequente entre os países latino-americanos do que desses com países centrais.

Em ambos os cartogramas fica claro como não há relevante diálogo de dois sentidos entre América Latina com países que não sejam latino-americanos ou de países centrais. A rede de conhecimento sobre a cidade em que a América Latina se insere é reduzida a um triângulo entre ela, Europa e Estados Unidos; todo restante do globo aparece como um enorme vazio. Essa falta de interação revela que existe ainda pouco interesse ou recursos de diálogo entre os países periféricos, ao menos quando não há

proximidade territorial. É possível que a mesma triangulação de rede de conhecimento aconteça em outras regiões periféricas, sendo ainda muito frágil o diálogo entre integrantes continentes do sul global.

Outra análise que cabe ressaltar é quanto aos urbanistas e/ou autores mais influentes em ambos os períodos.

Durante a fase de Rede Sólida, os representantes das ideias europeias na América Latina foram os urbanistas e engenheiros: Joseph Antoine Bouvard (Buenos Aires e São Paulo); J.C.N. Forestier (Buenos Aires e Havana); Léon Jaussely (Buenos Aires); Rotival e Jacques Lambert (Caracas); e Alfred Agache (Rio de Janeiro). Um dos urbanistas com mais ampla influência sobre o continente foi Le Corbusier (Buenos Aires, Bogotá, Rio de Janeiro, Montevideo), nascido na Suíça e naturalizado francês. – porém, para efeito de determinação da origem das ideias considerou-se seu país natal, a Suíça – que também foi representado pelo urbanista Augusto Guidini (Montevideo). O Reino Unido foi representado pelos urbanistas britânicos Ernest Coxhead (Santiago) e Barry Parker e Raymond Unwin (São Paulo); já a Áustria teve como representante Karl H. Brunner (Bogotá e Santiago).

Alguns desses urbanistas viajantes tiveram uma influência mais pontual, como é o caso de Unwin e Parker; porém, não era raro que eles visitassem múltiplos destinos do continente. Dentro dos casos analisados, quatro urbanistas tiveram participação de destaque em planos de mais de uma cidade latino-americana: Le Corbusier; Jaussely; Brunner e Forestier. As ideias que esses urbanistas carregavam podem ser resumidas em quatro grandes abordagens urbanísticas (Figura 30).

A leitura das abordagens dominantes no período de Rede Líquida foi feita com base nas palavras-chaves e temas mais frequentes nas discussões dos três aspectos analisados (eventos científicos, programas de pós-graduação e revistas científicas). Com base nas temáticas mais recorrentes, procurou-se fazer uma correlação dessas com os autores mais citados segundo as análises realizadas. A conclusão é de que nesse período não se priorizam mais modelos prontos, mas sim estratégias de leitura do ambiente urbano com enfoques mais interdisciplinares. Quatro tipos de leituras são recorrentes: ambiental; social; política; e ampliada (Figura 31).

Figura 30 - Abordagens urbanísticas dominantes: Rede Sólida / Rede Líquida



Fonte: A autora (2019)

O período de Rede Sólida teve como característica o uso de abordagens urbanísticas baseadas em modelos utópicos, pouco interessadas nas especificidades do contexto. A abordagem pragmática é a única que se preocupava com a realidade da cidade e proposições anteriores; os outros três modelos, porém, possuem elementos-chaves de planejamento urbano que devem ser repetidos a risca em todos os contextos. Tais modelos foram disseminados em diversas cidades latino-americanas, especialmente o academicismo francês e o modernismo. Para além das visitas dos urbanistas viajantes, a assimilação de tais modelos pela comunidade acadêmica e prática no campo do planejamento urbano fez com que essas ideias perdurassem durante décadas na América Latina.

Cabe ressaltar que a associação de autores com tais leituras é apenas um esforço de exemplificar suas influências em relação à essas novas formas de abordagens de planejamento urbano. Sem dúvida, há grande quantidade de autores com conhecimento reconhecido em cada uma dessas leituras.

No que concerne as formas de tratar os problemas urbanos, o que se pode afirmar é que o planejamento urbano no continente passou a depender menos de modelos genéricos. O campo da academia e prática do estudo da cidade incorporou formas de ler o espaço urbano de outras disciplinas, como a sociologia, antropologia, filosofia, economia, geografia e ciência ambientais. Isso se reflete no próprio perfil dos autores mais citados, que se enquadram em diversos campos diferentes de conhecimento. As formas de leitura do espaço urbano mais usuais também condizem com as principais questões enfrentadas nas cidades latino-americanas, como: segregação socioespacial; desigualdade social; acesso às infraestruturas urbanas; problemas ambientais; desastres naturais; políticas sociais; participação popular; e movimentos migratórios.

A Figura 31 resume os principais aspectos das Redes de Conhecimento Sólida e Líquida, associadas as principais características temporais de cada fase.

Figura 31 – Linha temporal da Rede de Conhecimento sobre a cidade



Fonte: A autora (2019)

As análises permitem algumas conclusões sobre o cenário acadêmico latino-americano. Na primeira etapa do estudo de caso, foi possível confirmar os países centrais e ideias mais influentes no planejamento urbano da América Latina de 1900-1950. França, Reino Unido, Suíça, Áustria e Alemanha confirmam ser os países de origem de muitos dos urbanistas europeus que visitaram e realizaram planos na América Latina, e também, serem reconhecidamente lugar de origem das principais escolas urbanísticas deste recorte temporal. As abordagens de planejamento urbano mais frequentes condizem com modelos prontos, utópicos e considerados resposta para qualquer contexto. As intervenções urbanas eram focadas principalmente no aspecto físico e estético das cidades, com algumas abordagens, poucas, apresentando preocupações explícitas com a qualidade de vida dos habitantes e questões sociais (Cidade Jardim e Pragmatismo).

O planejamento urbano desse período tinha como aspecto central o desenho urbano, refletidos em planos e projetos para as cidades. A utilização de modelos importados predominou como solução desejável nas grandes capitais da América Latina. Pouco se importava o contexto local, o objetivo era sempre o mesmo: modernizar as cidades aos moldes do urbanismo europeu. Dentre os aspectos de prioridade para o planejamento urbano da época destacam-se: o embelezamento, sanitarismo e a valorização de espaços verdes. Esse planejamento seguia os anseios de camadas específicas da população: as elites. Burgueses, políticos e intelectuais representavam o extrato social com maior acesso à cultura europeia, e essa influência motivou a busca por urbanistas estrangeiros que fossem capazes de reproduzir “soluções européias” nas cidades latino-americanas. Mesmo quando existia uma preocupação com a qualidade de vida e aspectos sociais, estes eram filtrados para atender as camadas sociais mais ricas, as mesmas que dialogavam com os especialistas europeus.

Apesar das diferenças entre as abordagens de desenho urbano dos urbanistas viajantes, os contextos que levaram às suas visitas são sempre muito similares. Há uma unidade na América Latina desse período, as classes dominantes, os desejos e os métodos utilizados para “modernizar” as cidades são frequentemente os mesmos. As

referências urbanísticas também são absolutas, revelando uma rede de conhecimento sobre a cidade hierárquica e rígida, repleta de diálogos verticais.

Após a confirmação das centralidades do pensamento urbanístico e das ideias mais influentes do período de Rede de Conhecimento Sólida, buscou-se entender como os diálogos e formas de abordar o planejamento das cidades se alterou, com base na análise do período de 1970-2010.

Essa segunda etapa revelou que, não apenas o nível e a qualidade (de acordo com a classificação das instituições responsáveis em cada país para os programas de pós-graduação e revistas científicas) da pesquisa sobre a cidade são desiguais no continente, como também o são os diálogos entre os corpos acadêmicos e de gestão pública. A troca de conhecimento em muito acaba sendo facilitada quando há um menor número de barreiras (a exemplo do idioma, ideologia política, aspectos culturais e econômicos).

Os resultados obtidos na etapa de Rede de Conhecimento Líquida indicam que as arenas de discussão sobre o conhecimento urbanístico e sobre a cidade acontecem de forma isolada e fragmentada dentro do continente; sendo pouco divulgado e com anais de difícil acesso, perpetuando, em um certo grau, uma incomunicabilidade acadêmica entre seus países. Apesar disso, os eventos científicos acontecem de forma constante, e por esse lado pode sugerir um cenário acadêmico estável.

A etapa do estudo de caso voltado à análise dos programas de pós-graduação veio a confirmar a suspeita de que, apesar de um grande número de programas dedicados ao estudo da cidade no continente, poucos tratam da especificidade do planejamento urbano e regional. Apenas no Brasil foi possível manter-se com o recorte temático inicial, de se selecionar programas vinculados ao planejamento urbano e regional – para todos os demais foi necessário ampliar para demais áreas com proximidade com questões urbanas. Se percebe que existe uma maior integração latino-americana em relação aos objetos de estudo das teses e dissertações, sendo mais significativa a frequência de pesquisas que discutem países da América Latina que não aquele aos quais os programas se localizam. Porém, foram pouquíssimas as teses e dissertações que se preocupam em discutir as questões urbanas sob um enfoque da

“cidade latino-americana” ou que tenham expressamente a América Latina como unidade de investigação. Ou seja, a América Latina ainda não é frequentemente interpretada como unidade ou como tema de interesse dentro de seu próprio território.

A etapa de análise das revistas científicas mostrou resultados mais positivos, revelando que nesse veículo o diálogo latino-americano é mais constante. Especialmente no Chile, é possível detectar uma interação frequente com diversos países da América Latina, e até mesmo com países centrais. Também nesse país, são mais frequentes as discussões com foco no estudo da “cidade latino-americana” ou de questões comuns a todo o território da América Latina. Novamente, esses resultados contribuem para uma interpretação de desequilíbrio na academia do continente, não apenas em termos de qualidade e quantidade de pesquisas e publicações, mas também quanto a inserção dos países em uma rede ampliada de conhecimento sobre a cidade, em nível continental e global.

Apesar de a etapa de Rede Líquida ter analisado uma amostra de cinco países do continente, é possível que a situação nos demais países seja muito semelhante ao observado no recorte dessa pesquisa. Sabe-se que historicamente os países do continente passaram por processos de urbanização muito similares; muitos de seus problemas, desenvolvimento acadêmico e tratamento do urbano convergiram na mesma direção. Causas externas em nível global, como influências de agências internacionais, também tiveram um impacto disseminado em toda a América Latina. Além disso, dinâmicas de migrações rurais e urbanas repetiram um padrão em nível continental. Todos esses fatores levam a crer que existe um grande cenário de cidade latino-americana, aqui representado pelos países com maior volume demográfico; mas que em realidade é generalizado à todo o território da América Latina.

As análises de participação internacional permitiram identificar que alguns países parecem dialogar com frequência com o recorte de análise: é o caso da Venezuela, que possui um diálogo constante com a Colômbia, e do Peru e Equador em relação ao Chile. De toda a forma, as interações intra-continentais são mais fortes entre os cinco países analisados: Brasil, México, Argentina, Colômbia e Chile, e, com frequência, com países centrais. As análises realizadas permitem concluir que a Espanha, Portugal, Reino Unido,

França e Estados Unidos estão constantemente interagindo ou servindo de referência para a América Latina.

A partir das análises das temáticas de destaque para a Rede de Conhecimento Líquida, foi possível perceber algumas questões do contexto, prioridades e problemas urbanos de cada país. Entre as similaridades percebidas estão: a preocupação com aspectos sociais e questões ambientais, presentes em todos os países; a priorização do desenvolvimento em suas diversas subdivisões (social, econômico e urbano); a discussão da influência tecnológica sobre a cidade; a participação social nos processos de decisão e planejamento; e a desigualdade sócioespacial. Especificidades também foram percebidas, como é o caso da forte discussão sobre conflito armado e violência na Colômbia; a questão de trabalho e imigração no México (especialmente em relação aos Estados Unidos); e questões sobre movimentos migratórios e fronteiriços (especialmente no Chile, México e Colômbia).

Alguns atores estão constantemente envolvidos nas práticas e ações da gestão urbana em diversos países, muitas vezes atuando como um “*oligopticon*”. É o caso do Banco Mundial, citado em inúmeros trabalhos como intermediador de ideias, especialmente naquelas relacionadas ao combate da pobreza, desigualdade e habitação. Também fica implícita a influência política sobre a tomada de decisões e, conseqüentemente, nas ideias transferidas – como é o caso do neoliberalismo e as ações de descentralização da gestão urbana; e a defesa da democracia e participação popular feita por partidos de tendência progressista.

Uma questão que afeta os resultados do estudo de caso é a falta de heterogeneidade da amostra. Ampliar e flexibilizar os critérios foi fundamental para o prosseguimento da pesquisa, porém tornou a amostra irregular; e os diferentes enfoques entre os eventos, programas e revistas acabam diversificando os resultados. Alguns tendem a discutir tópicos mais voltados ao desenho urbano e planejamento das cidades; outros tratam sobre administração pública e governança; há ainda aqueles que possuem foco em antropologia ou sociologia – com aspectos culturais e sociais como centrais. Essa mescla de disciplinas certamente aumentou a complexidade nas comparações, mas ao mesmo tempo pode ter enriquecido o material obtido nos resultados.

Por fim, as análises realizadas em ambas as etapas de Rede de Conhecimento Sólida e de Rede de Conhecimento Líquida foram capazes de responder às questões específicas de interesse dessa pesquisa: em geral, as temáticas priorizadas, autores referenciais, países centrais de destaque e diálogos mais frequentes foram constatados muito similares em todos os passos e etapas de análise do estudo de caso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A América Latina é um vasto território que foi condicionado a seguir normas e modelos ditados por países centrais. Essa dependência histórica ocorreu por diversos motivos e de diversas formas; a cada momento se transformando de acordo com contextos locais e globais. Inicialmente a transferência de ideias sobre a cidade aconteceu por imposição, em tempos coloniais; depois, foi motivada pela influência econômica e cultural de países europeus sobre o continente, assim como por uma gênese da urbanização em momento que ainda não se observava uma consolidação de institutos e universidades estabelecidas para o pensar “urbano”; e mais recentemente, vem adquirindo maior independência e aumentando interações em nível intra-continental.

Essa pesquisou confirmou que, durante o período de Rede de Conhecimento Sólida (1900-1950), diversos países da América Latina passaram por processos semelhantes e estiveram sob a influência dos mesmos países e modelos: construindo uma homogeneidade exposta à constituição de suas cidades e definidas por um olhar que lhes é externo. Diversas capitais do continente utilizaram da estratégia de convidar urbanistas estrangeiros para realizarem planos urbanos – quase sempre submetidos às ideias vigentes nas principais escolas europeias de urbanismo. A França, Reino Unido, Suíça, Áustria e Alemanha foram os principais países com influência sobre o planejamento urbano da América Latina nesse período. No começo dos anos de 1900, a maior parte dos países latino-americanos vivia momentos de prosperidade econômica; e devido a recente independência, muitos buscavam novos símbolos e compartilhavam da vontade de modernizar suas principais cidades. Nesse sentido, o contexto e os motivos que levaram os países do continente a seguir ideais urbanísticos europeus foram muito semelhantes. Além dos motivos já listados, cabe reforçar que o desejo das elites locais, assim como de políticos e governantes, era o de trazer ares europeus para suas cidades. Esse pensamento foi endêmico em todo o continente, explicando o tão comum hábito de receber visitas de urbanistas viajantes.

Novamente, a análise do segundo período analisado (1970-2010) também mostrou diversas semelhanças entre os processos, prioridades urbanísticas, diálogos e

influências sob os quais os países latino-americanos estão submetidos. Em geral, o diálogo vertical com países centrais permance sob a forma de referencial teórico principal; países como Espanha, Reino Unido, França e Estados Unidos são origem de boa parte dos autores mais citados nas análises do estudo de caso. Porém, a presente pesquisa demonstra haver uma rede de conhecimento que integra os países da América Latina em diálogos sobre a cidade – tanto em relação à referencial teórico, quanto à diálogos diretos em forma de participação estrangeira em eventos científicos, revistas científicas e programas de pós-graduação. Ainda assim, não se pode negar que essa rede é frágil, pouco articulada e por vezes fragmentada. Alguns países apresentam maior consistência de diálogos internacionais, como é o caso do Chile – país bem inserido na rede de conhecimento de forma intra e extra-continental. O Brasil, por sua vez, apesar de forte produção científica e qualidade dos programas, eventos e revistas científicas, é ainda pouco articulado em termos de internacionalização. Os motivos para tal não são claros, e esse é um tópico que se beneficiaria de futuras pesquisas.

A América Latina vem se adaptando em uma rede de conhecimento que sempre foi suscetível a seguir lógicas de poder, interesses políticos e econômicos. Diferenças em nível continental se tornam claras quando analisadas as interações acadêmicas – seja pela discrepância entre qualidade e quantidade de pesquisa científica dos países; seja pela incomunicabilidade e pobre inserção de alguns na rede de conhecimento. Ainda existe uma tradição de se buscar referencial teórico em países centrais – o que provavelmente é verdade também em outras periferias globais. Apesar de ainda não ser uma rede bem articulada, as análises sugerem que os diálogos horizontais intra-continentais acontecem, e em muitos casos de forma constante. Os temas prioritários também são em grande parte comuns aos países analisados, assim como as abordagens comumente utilizadas. Pesquisas e discussões sobre a América Latina e a “cidade latino-americana” vem surgindo com mais recorrência, especialmente no Chile, o que também sugere um entendimento do território de forma integrada.

Essa pesquisa responde aos objetivos iniciais – confirmando as principais centralidades e ideias urbanísticas nos dois períodos de análise e identifica os principais profissionais/autores de influência sobre o território da América Latina. Porém, algumas

questões permanecem não esclarecidas. Primeiramente, optou-se por realizar a pesquisa em recortes temporais distintos e distantes, 1900-1950 e 1970-2010. A Rede de Conhecimento sobre a cidade claramente modificou-se quando comparados ambos os períodos, assim como as relações de formas de diálogo que a compõem. Porém, durante o período de 1950 a 2000 diversos acontecimentos revolucionaram a forma como os países latino-americanos assimilavam ideias e modelos urbanísticos estrangeiros. O movimento modernista, por exemplo, reconhecidamente influenciou profissionais locais, que logo modificaram e aplicaram seus conceitos sob novas interpretações. No Brasil, o modernismo ganhou destaque, tanto na arquitetura, quanto no planejamento urbano. A partir de então, pode-se assumir que as ideias começaram a circular, talvez até mesmo voltando ao seu lugar de origem; mas agora com novas percepções. Isso sugere que os países latino-americanos passaram por um processo gradual, e aos poucos foram adquirindo conhecimento, aumentando sua comunidade profissional e acadêmica, para então criar e recriar ideias sobre a cidade. Depois, os processos de industrialização e migrações campo-cidade também induziram as cidades do continente a inovar em termos de soluções urbanas, e por muitas vezes, a adotar linhas de ação mais técnicas e imediatas. A leitura desse processo acabou acontecendo de forma superficial e indireta nessa pesquisa, por meio do referencial teórico e leitura de trabalhos específicos no estudo de caso. De toda forma, uma apreensão mais detalhada desse período (1950-2000) pode contribuir para entender as novas dinâmicas de transferências e diálogos existentes na rede de conhecimento na qual o continente está inserido.

Essas mudanças vivenciadas pelos países da América Latina, especialmente a partir de 1970, modificaram as prioridades e formas de planejar as cidades, dando espaço para mudanças mais concretas na Rede de Conhecimento sobre a cidade. Novos canais de comunicação; novas questões urbanas complexas; e uma escassez de recursos foram fatores que impactaram na prática e na academia do planejamento urbano. O resultado foi uma flexibilização das relações hierárquicas estabelecidas com os países centrais, e logo uma maior interação com países próximos e com similaridades em suas questões urbanas. A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, é possível afirmar que existe uma rede de conhecimento em formação quando se trata da discussão de questões

urbanas na América Latina. As ideias circulam entre os principais países integrantes do continente, e em alguns casos, parecem despertar o interesse de países centrais (a exemplo do Chile).

Outra questão que deve ser destacada é a que diz respeito ao fato de a relação dos países latino-americanos com os centrais ter se modificado. Reconhece-se que a América Latina se tornou mais autônoma e autóctone em termos de criação de soluções urbanas e que a pesquisa acadêmica em disciplinas de campos envolvidos também se fortaleceu. O que ainda não é claro é se tais ideias criadas e discutidas na América Latina foram capazes de fazer o caminho inverso hegemônico até então observado: o da periferia para as centralidades. Os resultados de participação internacional verificados nessa pesquisa sugerem que existe interesse por parte de países centrais em alguns países do continente; assim como na literatura científica parece haver indícios de ideias que foram disseminadas de forma global (a exemplo do orçamento participativo; programas de distribuição de renda; soluções de habitação social; estatuto da cidade; e transporte de massa Bus Rapid Transit). Avaliar a extensão e real frequência de tais transferências de ideias com origem em periferias e recepção em centralidades também é um tópico a ser melhor explorado em pesquisas futuras.

Apesar de não ter sido o foco desse estudo, cabe ressaltar que aparentemente não existem diálogos relevantes entre continentes periféricos. Ao menos na análise realizada nessa pesquisa, não houve qualquer diálogo consistente com países de outras periferias globais, as interações percebidas foram pontuais, ao menos no que diz respeito a academia. Sabe-se que na prática do planejamento e gestão urbana, as transferências de ideias podem acontecer de forma mais rápida e imediata do que na área acadêmica, e portanto, os resultados obtidos nessa pesquisa não necessariamente apontam uma inexistência de comunicação sobre soluções urbanas no sul global. De toda forma, pesquisas mais detalhadas sobre trocas de conhecimento entre países periféricos são sugestões de tópicos importantes a serem abordados no futuro.

Por último, assim como as formas de transferência e diálogo se modificaram, também a forma de hierarquia e poder parecem ter se alterado. É recorrente na literatura a discussão de como poder e recursos desempenham papéis fundamentais na rede de

conhecimento, incluindo a manipulação de transferências e diálogos. Porém, esses mesmos fatores podem causar alterações na rede mesmo que de forma involuntária. Devido a maior disponibilidade de recursos, universidades e institutos de pesquisas em países centrais acabam atraindo pesquisadores de diversos lugares do globo – constituindo uma nova forma de verticalização. Foi mencionado no decorrer dessa pesquisa que alguns autores europeus (dentre os mais citados na América Latina) eram vinculados a universidades estadunidenses, o que pode ser um indicativo dessa verticalização baseada em recursos para pesquisa. Nesse sentido, esses centros com maior qualificação e disponibilidade de meios para pesquisa, acabam atuando como imãs que não apenas atraem pesquisadores internacionais, mas que também podem apresentar normas que padronizam os métodos e formas de pesquisa. Revistas científicas de países centrais, por exemplo, acabam determinando desde a linguagem adotada, até formas de dispor os dados e temáticas consideradas de relevância. Novamente, essas questões também são pontos cegos na discussão sobre redes de conhecimento sobre a cidade, e mais pesquisas são necessárias para responder a essas questões.

Essa tese buscou contribuir para discussões sobre circulação e transferência de ideias e sobre Redes de Conhecimento sobre a cidade, especialmente no que diz respeito à América Latina. Esse é um tópico recente na literatura do planejamento e gestão urbana, e sua discussão atual é pautada principalmente sob um ponto de vista de países centrais. Trabalhos que avaliam a evolução dessa rede e suas configurações na América Latina são ainda incipientes, e enriquecer esse estudo é essencial para compreender as formas de relação em nível intra-continental e global. A compreensão de tais dinâmicas, assim como os fatores que as estimulam, pode esclarecer fatores que facilitariam uma melhor inserção dos países do continente em uma rede ampliada de conhecimento urbano.

REFERÊNCIAS

- AINSTEIN, L. La desintegración de los grandes aglomerados y las condiciones de su organización institucional - El caso Buenos Aires. In: CONGRESO ARGENTINO DE ADMINISTRACIÓN PÚBLICA, 5, San Juan. **Anais...** San Juan, 2009.
- AGNEW, J. Know-where: Geographies of Knowledge of World Politics. **International Political Sociology**. v. 1, n.2, p.138-148. 2007.
- ALLEBRANDT, S. L.. **Cidadania e gestão do processo de desenvolvimento: um estudo sobre a atuação dos conselhos regionais e municipais de desenvolvimento do Rio Grande do Sul**. 301 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2009.
- ALMANDÓZ, A. Revisão da historiografia urbana na América Hispânica, 1960-2000. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 8, Diadema, 1999. **Anais...**Diadema,1999.
- ALMANDÓZ, A. **Planning Latin America's Capital Cities, 1850-1950**, Routledge: Nova York, 2002.
- ALMANDÓZ, A. The Emergence of Modern Town Planning in Latin America – after a Historiographic Review. In: FINNISH RESEARCH SEMINAR ON LATIN AMERICA, 2003, Helsinki, 2003. Disponível em <<http://www.helsinki.fi/hum/ibero/simposio/2003index.html>>. Acesso em março de 2017.
- ALMANDÓZ, A. Modernização Urbanística na América Latina, Ideias Estrangeiras e Mudanças Disciplinares, 1900-1960. **Iberoamericana**, VII, 27, p 59-78, 2007.
- ALMANDÓZ, A. **Entre libros de historia urbana: Para una historiografia de la ciudad y el urbanismo en América Latina**, Equinóccio, Universidad Simón Bolívar, Caracas, 2008.
- ALVARADO GUTIÉRREZ, A. M. El rol de la memoria urbana em la construcción y producción social de El Chorro de Quevedo em Bogotá. In: COLÓQUIO DO INSTITUTO JAVERIANO DE VIVIENDA Y URBANISMO, 3. **Anais...** 2009.
- ÁNGEL BARRETO, M. **Transformaciones de la vida urbana de Posadas y Resistencia a fines de los años ´90. Un estudio sobre la dimensión simbólico-ideológica del espacio urbano público**. 364 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Nacional das Misiones, Misiones, 2011.
- ARAÚJO, F., A. S.. A Democratização da gestão urbana no Brasil: teoria e empiria. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 11. **Anais...** 2005.

ARTEAGA CEBALLOS, A.M. **La cooperación internacional al desarrollo y su aplicación en políticas sociales del ámbito local** : Un estudio de caso de programas de formación para el trabajo de la Alcaldía de Medellín 2001 \2013 2010/. 242 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Nacional da Colombia, Bogotá. 2011.

BARTHES, R. **O Grão da Voz: Entrevistas – 1962-1980**. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

BARRETO, M. A.; EBEL, G. A.; ABILDGAARD, E. Procesos recientes de ordenación y planificación en Argentina y el Nordeste. In: SEMINARIO DE POLÍTICAS URBANAS, GESTIÓN TERRITORIAL Y AMBIENTAL PARA EL DESARROLLO LOCAL, 6. **Anais...** 2015.

BATAGLIA, M. A. Los usos emergentes del suelo urbano y periurbano del AMGR: Cambios, conflictos e impactos. In: SEMINARIO DE POLÍTICAS URBANAS, GESTIÓN TERRITORIAL Y AMBIENTAL PARA EL DESARROLLO LOCAL, 6. **Anais...** 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Jorge Zatar Editor Ltda. Zatar: Rio de Janeiro, 2000.

BEKERMAN, F. **La estructura del campo científico argentino. Reconfiguraciones, desplazamientos y transferencias producidos durante la última dictadura militar**. Tese. 190 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza. 2012.

BENEVOLO, L. **História da Cidade**, Perspectiva: São Paulo, 2014.

BERNARDI, J. **A Organização Municipal e a Política Urbana**. IBPEX: Curitiba, 2009.

BERNAZZA, C. El paradigma del desarrollo local: virtudes y contradicciones del modelo municipal de los noventa. In: CONGRESO ARGENTINO DE ADMINISTRACIÓN PÚBLICA, 3. **Anais...**2005.

BOEHLKE VARGAS, D. **Planejamento regional no Brasil no século XXI: a política nacional de desenvolvimento regional**. 95 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)- Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2013.

BOHÓRQUEZ ALFONSO, I. A. La expansión del borde norte de Bogotá: política de crecimiento urbano y realidades territoriales. El caso de Suba. In: COLÓQUIO DO INSTITUTO JAVERIANO DE VIVIENDA Y URBANISMO, 3. **Anais...** 2009.

BONO, N. *et al.* Incidencia de las transformaciones en las políticas territoriales y sus instrumentos en la provincia de Buenos Aires. In: SEMINARIO DE POLÍTICAS URBANAS, GESTIÓN TERRITORIAL Y AMBIENTAL PARA EL DESARROLLO LOCAL, 4. **Anais...** 2011.

BOUCHER, N.; CAVALCANTI, M.; KIPFER, S.; PIETERSE, E.; RAO, V.; SMITH, N. **Writing the Lines of Connection: Unveiling the Strange Language of Urbanization.** International Journal of Urban and Regional Research / Journal Compilation. Oxford, 2009.

BROWNE FERREIRA FILHO, G. **O banco mundial e as cidades: construindo instituições na periferia- o caso do PRODUR, Bahia.** 243 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

AVERMAETE, T.; CASCIATO, M. **Casablanca Chandigarh: Bilans d'une modernisation.** In cooperation with Centre Canadien d'Architecture (CCA), Montréal. Park Books: Zurique, 2014.

BUIZER, K. JACOBS, D. **Making short-term climate forecasts useful: linking science and action.** Proc. Natl. Acad. Sci. 2010.

BURKE, P. **What is Cultural History?** Polity: Cambridge, 2008.

CANTARIM, F. **Redes urbanas como instrumento de planejamento urbano-regional :enfoques metodológicos de estudos, planos e ações governamentais no Brasil e no Paraná, 1966-2011.** Dissertação (mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. Curitiba, 2014.

CANTARIM, F.; ULTRAMARI C. Knowledge Network: origin and reception of ideas on cities. In: CONTEMPORARY URBAN ISSUES CONFERENCE. DAKAM, Istambul. **Anais...** 2015.

CAMACHO OSVALDO, L. **Transición hacia la sustentabilidad del desarrollo urbano de la ciudad-región de Mexicali 1990-2005.** 207 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais com Especialidade em Estudos Regionais) El Colegio de la Frontera Norte A. C., Tijuana. 2006.

CAMAGNI, R. P. SALONE, C. Network urban structures in Northern Italy: elements for a theoretical framework. **Urban Studies.** v. 30, n.6, p. 1053-1064. 1993.

CARDOSO, Reginal Luiz. **O novo discurso urbanístico: a cidade- dispositivo. 2013.** 291 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

CARMONA, L. **Montevideo: Processo Planificados y Crecimientos** Tese (doutorado) - Universidad de la República Montevideo. Montevideo, 2002.

CARTON DE GRAMMONT LARA, P. M. **Dimensión geográfica de las políticas públicas ambientales para la conservación de la biodiversidad en México.** 394 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Nacional Autónoma do México, Ciudad del Mexico. 2012.

CASTILLO, J. A. Los gobiernos locales en el escenario de la globalización. In: CONGRESO ARGENTINO DE ADMINISTRACIÓN PÚBLICA, 1. **Anais...** 2001.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano.** Tradução de Ephram Ferreira Alves. 3ª Edição. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

CHOAY, F. **O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma Antologia.** Tradução de Dafne Nascimento Rodrigues. 7ª edição. Perspectiva: 2013.

CHRISTALLER, W. **Central Places in Souther Germany.** Prentice-hall Inc : Englewood Cliffs, 1966.

CORRÊA, R. L. **Trajatórias Geográficas.** Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1997.

COSTA MOTA, J. Mobilização, reivindicações e inserção dos arquitetos no campo do urbanismo e do planejamento urbano no Brasil, 1950/1960. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 13. **Anais...** 2009.

CRUZ ISLAS, I. C. Migración y desarrollo desde lo local. El estado de Hidalgo en perspectiva. In: ENCUENTRO NACIONAL SOBRE DESARROLLO REGIONAL EN MÉXICO, 20. **Anais...** 2015.

DE CEZARO EBERHARDT, P. H. **Estágios de desenvolvimento econômico regional no sul do Brasil.** 102 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio)- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo. 2013.

DE PAULA D. BRASIL, Flávia. Políticas urbanas locais nos anos 90: agendas concorrentes e elementos de renovação. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 8. **Anais...** 1999.

DE PAULA, Z. C. **Jardim América: de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986).** 2005. 278 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103200>>.

DINIZ, C. C.; GUERRA, L. P.; LEMOS, M. B.; MORO, S. A Nova Configuração Regional Brasileira e sua Geografia Econômica. **Revista Est. Econ.** v. 33, n.4, out-dez 2003, p. 665-700. São Paulo, 2003.

DOBBIN, F. et al. The Global Diffusion of Public Policies: Social Construction, Coercion, Competition, or Learning?. **Annual Review of Sociology.** v. 33, p.449-72. 2007.

DOLOWITZ, D.; MARSH, D. Learning from abroad: The role of policy transfer in contemporary policy-making. **Governance**. v. 13, n.1 p. 5–24. 2000.

DROR, Y. The planning process: a facet design. In: FALUDI, Andreas (org.) **A reader in planning theory**. Oxford: Pergamon Press, 1973. p. 323-343. (Artigo publicado originalmente em 1963).

DUARTE, F., ULTRAMARI; C. Migração das ideias urbanas no mundo lusófono. **Revista URBE**. v.4, n.2, p.3-4, 2012.

DUHAU, E. Organización del espacio urbano, segregación y espacio público. In: ENCUENTRO DE LA RED NACIONAL DE INVESTIGACIÓN URBANA A., 28. **Anais...** 2005.

DUSSEL, E. **América Latina dependencia y liberación. Antología de ensayos antropológicos y teológicos desde la proposición de un pensar latinoamericano**. Buenos Aires, 1973. 230 p.

DUSSEL, E. **The Invention of the Americas: Eclipse of "the Other" and the Myth of Modernity**, Michigan: Continuum Intl Pub Group, 1995. 224 p.

ESCOBAR, A. **Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World**. Princeton: Princeton University Press. Best Book Award, New England Council of Latin American Studies. 1995.

ESCOBAR, **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos**. Co-editado com Sonia Alvarez e Evelina Dagnino Belo Horizonte: Editoria UFMG, 2000. 538 p.

ESCOBAR, A. **Globalization and the Decolonial Option**. Co-editado com Walter D. Mignolo. London: Routledge, 2010. 414 p.

ESCUADERO, N. La insustentabilidad del proceso de desarrollo de la ciudad contemporánea: del espacio – Lugar al predominio de los espacios de Flujos y de los No – lugares. In: SEMINÁRIO DISEÑO URBANO Y SUS APROXIMACIONES DESDE LA FORMA, EL ESPACIO Y EL LUGAR. **Anais...** 2013.

ESTEBAN GARZÓN VÁSQUEZ, D. **Sobre la interacción entre la descentralización y el desarrollo territorial : descentralización, crecimiento endógeno y desarrollo humano sostenible en Colombia**. 147 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) Universidade de los Andes, Bogotá. 2008.

FERNÁNDEZ, G.; PAZ, S. Hacia una nueva agenda de políticas públicas para el desarrollo: gestión urbana, identidad y participación ciudadana. In: CONGRESO ARGENTINO DE ADMINISTRACIÓN PÚBLICA, 3. **Anais...** 2005.

FÉRNANDEZ, V. Promoviendo un diseño urbano participativo: experiencias desde la práctica y la docência. In: SEMINÁRIO DISEÑO URBANO Y SUS APROXIMACIONES DESDE LA FORMA, EL ESPACIO Y EL LUGAR. **Anais...** 2013.

FERRÃO, J. **Serviços e inovação: novos caminhos para o desenvolvimento regional.** Celta Editora: Oeiras, 1992.

FLORES GONZÁLEZ, S; RAMOS LUIS, P. Economía, poder e territorio: uma visão histórica en los dos siglos recientes en México. Anais do XX Encontro Nacional sobre Desarrollo Regional en México. 2015.

FLOTTS, M. **Entre la aceptación y la crítica a la desigualdad. Estudios sobre los imaginarios sociales de la desigualdad en Chile.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidad del Chile. 2016.

FRANQUESA, J. **We've lost our bearings: Place, tourism, and the limits of the mobility turn.** Antipode 43 (4), pp. 1012-1033. 2011.

FREITAG, B., 2015. **Teorias da Cidade.** 4ª edição. SP: Papirus, Campinas.

GALIS PACHECO, M. E.; GUERRERO OLVERA, M. Cuautla a través de la historia: el crecimiento urbano desordenado, efecto de la transición de una economía agrícola a una de servicios. In: ENCUENTRO NACIONAL SOBRE DESARROLLO REGIONAL EN MÉXICO, 20. **Anais...** 2015.

GARCIA GONÇALVES, R. **Modelos emergentes de planejamento: elaboração e difusão. Um estudo do planejamento estratégico situacional.** 200 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

GENUIT, C. El municipio en el contexto de la cultura glocal. In: CONGRESO ARGENTINO DE ADMINISTRACIÓN PÚBLICA, 2. **Anais...** 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 4ª ed, 2002.

GÓMEZ GONZÁLEZ, J. A.; MÉNDEZ RAMÍREZ, J. J. Políticas urbanas de intervención en el Centro Histórico de la Ciudad de México bajo el modelo de resumen Estado Neoliberal, 1989-2010. In: ENCUENTRO NACIONAL SOBRE DESARROLLO REGIONAL EN MÉXICO, 20. **Anais...** 2015.

GOMES, M. A. de F. (orgs.). **Urbanismo Na América Do Sul: Circulação De Ideias E Constituição Do Campo (1920-1960).** Scielo Books, 2009.

GRACIELA GONZÁLEZ, S. **Gestión urbana pública y riesgo. El caso de las inundaciones en la baja cuenca del arroyo Maldonado (Capital Federal, 1880-1945).** 92 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires. 2012.

GUTIÉRREZ, R. Modelos e imaginários europeos em el urbanismo americano 1900-1950. **Revista de Arquitectura** v.8 p.2-3, 1996.

GUTIERREZ CHAPARRO, Juan Jose. Planeación urbana: reflexiones desde la teoria de planeación. In: ENCUENTRO DE LA RED NACIONAL DE INVESTIGACIÓN URBANA, 28. **Anais...** 2005.

HALL, P. **Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design since 1880**, 4th edition, Wiley-Blackwell: Nova Jersey, 2014.

HARDOY, J. E. **Urbanization in Latin America: Approaches and Issues**, Anchor Press, Nova York, 1975.

HEALEY, P. The universal and the contingent: Some reflections on the transnational flow of planning ideas and practices. **Planning Theory**. Spring Issue v.11 p.188-207. Set/2011.

HERNANDEZ, F. **Transculturalism: Cities, Spaces and Architectures in Latin America**. Rodopi: Berg Hahn. 2005. 292 p.

HIDALGO G, Adriana. El papel de la vivienda em la configuración urbana de las periferias: caso de Tunja – Colombia. 1907-2007. In: SEMINARIO DE POLÍTICAS URBANAS, GESTIÓN TERRITORIAL Y AMBIENTAL PARA EL DESARROLLO LOCAL, 6. **Anais...** 2015.

HOWLETT, P., MORGAN, M. S., eds. **How well do Facts Travel**. The dissemination of reliable knowledge. Cambridge University Press: Cambridge, 2001.

INSA, C. **Desigualdad y marginación en el corazón de las ciudades y en la periferia. El Asentamiento Costa Esperanza, un núcleo urbano segregado en el Gran Mendoza**. 170 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza. 2010.

KALAFATIS, S. E., Lemos, M.C., Lo, Y. J., Frank, K. A. **Increasing information usability for climate adaptation: The role of knowledge networks and communities of practice**. 32 2015. *Global Environmental Change*. Spring Increasing information usability for climate adaptation: The role of knowledge networks and communities of practice Issue pp.30-39. 2015.

KERKHOFF, V.; SZLEZAK, N.. **Linking local knowledge with global action: examining the Global Fund to Fight AIDS, Tuberculosis and Malaria through a knowledge system lens**. *Bull World Health Organ*. Aug;84(8):629-35. 2006.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 5ª edição, 1998.

KUUS, M. **Crafting Europe for Its Neighbourhood: Practical Geopolitics in European Institutions. Perceptions of the EU in Eastern Europe and Sub-Saharan Africa.** Part of the series Europe in a Global Context pp 34-49. Newcastle, 2015.

LAMPIS, A. Ciudades intermedias, dinámicas sociales y ordenamiento del territorio en Colombia: retos y reflexiones. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO REGIONAL Y URBANA,8. **Anais...** 2009.

LANGE, C. Perspectivas estratégicas y miradas tácticas: propuesta de un enfoque reflexivo en torno al proyecto urbano. In: SEMINÁRIO DISEÑO URBANO Y SUS APROXIMACIONES DESDE LA FORMA, EL ESPACIO Y EL LUGAR. **Anais...** 2013.

LARA, F. L.; CARRANCA, L. **Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia.** Joe R. and Teresa Lozano Long Series in Latin American and L. Austin, 2015. 424 p.

LARA, F.L. Preface: Urbis Americana. In **Urban Latin America: Images, words, flows and the build environment.** Org. Freire-Medeiros, B.; O'Donnell, J. Routledge, Nova York, 2018.

LATOUR, B. **Science in action: how to follow scientists and engineers through society.** Harvard University Press: Cambridge, 1987.

LEÃO REGO, Renato. O modelo urbanístico e o projeto da cidade. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 13. **Anais...** 2009.

LE CORBUSIER. **Urbanismo,** Martins Fontes: São Paulo, 2009.

LEJEUNE, J. F.; BEUSTERIEN, J.; MENOCA, J. B. The City as Landscape: Jean Claude Nicolas Forestier and the Great Urban Works of Havana,1925. Cuba Theme Issue, **The Journal of Decorative and Propaganda Arts,** v.22 p.150-185, 1996.

LENCIONE, S. **Reestruturação urbano-espacial no Estado de São Paulo: a região da metropole desconcentrada.** In: Revista Espaços & Debates, Neru nº38, São Paulo, 2010.

LEMOINE, R. M. **Santiago, los planos de transformación. 1984-1929.** Universidad Central de Chile, Santiago, 2007.

LIERNUR, J. F.; PSCHUPIURCA, P. **Obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965).** Colección Las ciudades y las ideas. Universidad Nacional de Quilmes. 2ª edição. Prometeo 3010: 2012.

LINARES, S. **Análisis y modelización de la segregación socioespacial en ciudades medias bonaerenses mediante Sistemas de Información Geográfica: Olavarría, Pergamino y Tandil (1991 - 2001).** 288 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Nacional do Sul, Bahía Blanca. 2012.

LOPEZ-ALVES, F. **Modernization Theory Revisited: Latin America, Europe, and the U.S. in the Nineteenth and Early Twentieth Century**. Anuario Colombiano de Historia social y de la Cultura. 38.1 243-279, 2011.

LOPES DE SOUZA, M. De ilusão também se vive: caminhos e descaminhos da democratização do planejamento e da gestão urbanos no Brasil (1989-2004). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 11. **Anais...** 2005.

LYOTARD, J.F. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

NAMUR, M.; GUATASSARA BOEIRA, J. **Reflexões sobre o papel do planejamento urbano no Brasil**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 11. **Anais...** 2005.

MALTA CAMPOS, C. Impasses da modernização: limites e contradições do urbanismo moderno no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL. 9. **Anais...** 2003.

MALTA CAMPOS, C. Urbanismo e anti-urbanismo no debate nacional brasileiro, 1900-1945. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 6. **Anais...** 1995.

MAILLET, A.V. **La construcción política de los mercados : variedades en el neoliberalismo en el Chile post-dictadura (1990-2010)**. Tese (Doutorado em Ciência Política) Pontificia Universidad Católica do Chile. 2013.

MARTINEZ DE SAN VICENTE, I. *et al.* Procesos de transformación territorial. Estudio comparativo em las áreas metropolitanas de Rosario y Santa Fe. In: SEMINARIO DE POLÍTICAS URBANAS, GESTIÓN TERRITORIAL Y AMBIENTAL PARA EL DESARROLLO LOCAL, 6. 2015

MEDINA, G.R. **Transformaciones locales en el horizonte del postdesarrollo: innovaciones en gobernanza y gestión del desarrollo local y subnacional**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidad Alberto Hurtado. 2016.

MIGNOLO, W. **The Americas: Loci of Enunciations and Imaginary Constructions**. Porter Institute for Poetics and Semiotics. 1995.

MIGNOLO, W. **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 1999. 396 p.

MONTE-MÓR, R. O que é urbano no mundo contemporâneo. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. n. 111, p. 09-18. Jul./Dez. 2006.

MÜLLER, M. The Topological Multiplicities of Power: The Limits of Governing the Olympics. **Economic Geography**, v.90, n.3, 2015.

MÜLLER, M. A half-hearted romance? A diagnosis and agenda for the relationship between economic geography and actor-network theory (ANT). **Progress in Human Geography**, v.39, n.1, p.65-86. 2015a.

MÜLLER, M. (Im-)Mobile policies: Why sustainability went wrong in the 2014 Olympics in Sochi. **European Urban and Regional Studies**, v.22, n.2 p.191-209. 2015b.

NJOH, A. J. **French Urbanism in Foreign Lands**. Springer: Nova York, 2016.

OANCÃ, A. Europe is not elsewhere: The mobilization of an immobile policy in the lobbying by Perm (Russia) for the European Capital of Culture title. **European Urban and Regional Studies** v. 22 n.2, p.179-190. 2015.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLIS. **Identificação dos espaços metropolitanos e construção de tipologias**: relatório de atividades 1. IPARDES: Curitiba, 2005.

OLIVER LILIA VICTORIA, L. **Salud, desarrollo urbano y modernización en Guadalajara, 1800-1910**. 135 f. Tese (Doutorado Integral em Antropologia Social) El Colégio de Michoacan, A. C., Ciudad del Mexico. 2012.

OPAZO, D. **Espacio transitorio: producción, prácticas y representaciones del espacio público político em Santiago de Chile: 1983-2008**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Estudos Urbanos) Pontificia Universidad Católica de Chile. 2009.

PERALTA, C.; LIBORIO, M. G. Elacuación del las transformaciones territoriales y del processo de urbanización. El caso de la cuenca La Lagunilla – La Cañada. In: SEMINARIO DE POLÍTICAS URBANAS, GESTIÓN TERRITORIAL Y AMBIENTAL PARA EL DESARROLLO LOCAL, 6. **Anais...** 2015.

PANERAI, P.; CASTEX, J.; DEPAULE, J. C. **Formas Urbanas: A dissolução da quadra**, Bookman: Porto Alegre, 2013.

PARNREITER, C. Towards the making of a transnacional urban police? **Journal of Planning Education and Research**. v.31, n.4, p. 416-422. 2011.

PEREIRA, D. L. F. O entendimento da cidade latino-americana por meio de seus eventos acadêmicos de referência em países selecionados. (Iniciação Científica) In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 24., Curitiba, 2016. **Anais...** Curitiba, 2016.

PERROUX, F. **Note Sur la Notion de Pôle de Croissance in Economie Appliqué**. Vol. 1 (2). Paris, 1961.

PETTI, E. Circulação de ideias e academicismo: os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, entre 1920 e 1940. In Gomes, M. A. de F. (Org.) **Urbanismo na América do**

Sul, circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960 EDUFBA, Scielo Books: Salvador, 2009.

PETTI, E. As ideias estrangeiras criando cidades desejáveis na América do Sul: do academicismo ao modernismo. **Revista Scripta Nova**. v. XIV, n.331, p.11,. Ago./2010.

PINSON, G. Mobile Urbanism. Cities and Policy making in the Global Age. **International Journal of Urban and Regional Research**, v.38, n.4 p. 1928-1930. 2014.

POJANI, D., STEAD, D. Going Dutch? The export of sustainable land-use and transport planning concepts from the Netherlands. **Urban Studies**, v.52, n. 9, p.1558-1576. 2015.

PONTUAL, V. **Louis-Joseph Lebrez na América Latina: um exitoso laboratório de experiências em planejamento urbanista**, Letra Capital: Rio de Janeiro, 2016.

PLANTER PEREZ, K. A. **La participacion ciudadana en Mexico : contenido, posibilidades y usos del plebiscito, referendum e iniciativa popular : un estudio de caso**. 188 f. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociais) Universidade Nacional Autonoma do México, Cidade del Mexico. 2005.

QUIJANO, A. Colonialidad, Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. **Anuario Mariateguiano**. v. IX, n. 9, p.113–122. Lima: Amauta. 1998.

QUIJANO, A. **Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America**. **Nepantla**, No. 3, [Durham](#): [North Carolina](#): [Duke University Press](#), 2000. P. 533-580.

QUIJANO, A. **The Return of the Future and Questions about Knowledge**. [Current Sociology](#), vol. 50. [Thousand Oaks](#), London: [SAGE Publications](#), [New Delhi](#). 2002.

QUIROZ ROTHE, Hector. Urbanismo reciente, nuevas identidades. In: ENCUESTRO DE LA RED NACIONAL DE INVESTIGACIÓN URBANA, 32. **Anais...** 2009.

RAZETO, S. B. **Transformaciones divergentes em las Fuerzas Armadas: del control civil a la estabilidad**. Tese (Doutorado em Antropologia) Pontifícia Universidad Católica do Chile. 2015.

REZENDE, D. A.; KLAUS, F. Administração Estratégica e Governança do Paraná. **eGesta – Revista Eletrônica de Gestão de Negócios**, v.1, n.1, p. 51-59, 2005.

RINCÓN CASTELLANOS, Milena. La ciudad emergente. El caso de Tunja 1900-2005. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN REGIONAL Y URBANA, 9. **Anais...** 2011.

RIVEROS DÍAZ, C. A. El conocimiento de la construcción de la memória urbana como elemento clave de la renovación. In: COLÓQUIO DO INSTITUTO JAVERIANO DE VIVIENDA Y URBANISMO, 3. **Anais...** 2009.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Rio de Janeiro: **Alea**, v. 7, n. 2, jul-dez, 2005, p. 305-322.

ROMERO, L. R. **América Latina: As cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2004.

RODRÍGUEZ MORENO, A. C.. Los gobiernos locales en el escenario de la globalización. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN REGIONAL Y URBANA, 8. **Anais...** 2009.

RODRIGUEZ VELÁZQUEZ, D.. Desastres y estudios sociales y territoriales. In: ENCUENTRO DE LA RED NACIONAL DE INVESTIGACIÓN URBANA, 30. **Anais...** 2007.

ROSE, R. **Learning from comparative public policy: a practical guide**. USA and Canada: Routledge. 2005.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antonio Trânsito; revisão César Ribeiro de Almeida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RUANO, T. C. **La Huella Arquitectónica de Rotival em Caracas**. Universidad Simon Bolivar, Caracas, 2003.

SALOMÃO VIANA, M. **O passado do futuro: escala global e tecnologia na construção da ideia de cidade no século XX**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. 2008.

SANABRIA, P. **Transformaciones urbanas, nuevos usos y nuevos hábitos urbanos : creando ciudad caso del Barrio de la Candelaria** : manzana cultural (calle 11 con carrera 4ta). 133 f. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade de Los Andes, Bogotá. 2006.

SANTOS, C. N. F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense. EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Hucitec: São Paulo, 1996.

SASSEN, S. Localizando ciudades em circuitos globales. **Revista EURE**, v. 29, n. 88, p.5-27.. dez., 2003.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. Duas Cidades: São Paulo, 1981.

SECCHI, B. **Primeira Lição de Urbanismo**. Tradução de Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. Perspectiva: São Paulo, 2006.

SEGRE, R. Mestres e discípulos no urbanismo latino-americano (1920-1960): Buenos Aires e Havana, duas cidades paradigmáticas. In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (Org.). **Urbanismo na América do Sul, circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA. p. 93-118. 2009.

SILVA, C. C. O entendimento da cidade latino-americana por meio de pesquisas acadêmicas em programas de pós-graduação de países selecionados. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 24, Curitiba, 2016. **Anais...** Pesquisa de Iniciação científica. PUCPR, 2016.

SOARES DE AZEVEDO, Marlice Nazareth. Ações urbanas na década de 1970: uma história recente da atuação federal no município. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 8. **Anais...** 2003.

SUÁREZ MAYORGA, Adriana Maria. Los retos atemporales de la gestión urbana: tensiones entre la alcaldía y el concejo municipal en torno al desarrollo urbano capitalino. Bogotá, 1890-1900. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN REGIONAL Y URBANA, 8. **Anais...** 2009.

STOKER, G. **Urban political science and the challenge of urban governance**. In: Jon Pierre (ed.): *Debating governance: authority, steering and democracy*. New York: Oxford University Press, p. 91-109, 2000.

STONE, D. Learning Lessons, Policy Transfer and the International Diffusion of Policy Ideas. In: "INTERNATIONALISATION AND POLICY TRANSFER" WORKSHOP. New Orleans, United States, 11-12 April 2003. Tulane University: New Orleans, 2001.

STONE, D. Transfer agents and global networks in the 'transnationalization' of policy. **Journal of European Public Policy**, v.11, n.3 p.545-566. 2004.

STRECKERT, J. Latin Americans in Paris, 1870–1940, A Statistical Analysis. **Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas**, v.49,.n.1, p.181–204, 2013.

SZAJNBERG, D. Reconversión de frentes costeros urbanos. Aciertos y desafíos. In: ENCUESTRO DE LA RED NACIONAL DE INVESTIGACIÓN URBANA, 31. **Anais...** 2008.

TORREJÓN CARDONA, E. Renovación e integración de barrios en Medellín: Estigmas y sentidos del lugar (1990- 2007). In: COLÓQUIO DO INSTITUTO JAVERIANO DE VIVIENDA Y URBANISMO, 4. **Anais...** 2010.

TRINDADE, M.E.C. As políticas urbanas brasileiras e a apropriação de modelos (final do século XIX e início do XX). **Revista Seminário de História do Urbanismo e da Cidade**, v. 6, n.3. 2000.

ULTRAMARI, C.; CANTARIM, F. (2018) Transfer of ideas on cities in Latin America: from a vertical to a horizontal and incipient dialogue. In IV CONFERENCE ON AFRO HISPANIC, LUSO-BRAZILIAN AND LATIN AMERICAN STUDIES. University of Ghana. Accra, Ghana, 2018.

VÁZQUEZ MORAN, I.; HOYOS CASTILLO, G. Estructuras y políticas territoriales. Las regiones centro y centro occidente de México. In: ENCUENTRO NACIONAL SOBRE DESARROLLO REGIONAL EN MÉXICO, 20. **Anais...** 2015.

VICUÑA, M. **Las formas de la densidad residencial: el caso del Gran Santiago, Chile.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Estudos Urbanos) Pontificia Universidad Católica de Chile. 2015.

VIEIRA, E J. Análisis del diseño urbano contemporáneo de América Latina. In: SEMINÁRIO DISEÑO URBANO Y SUS APROXIMACIONES DESDE LA FORMA, EL ESPACIO Y EL LUGAR. **Anais...** 2013.

VILLAR LOZANO, M. R. Sobre el fenómeno de transformación de la ciudad. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN REGIONAL Y URBANA, 5. **Anais...** 2012.

ZWETSCH GHENO, P. **Repensar o planejamento urbano no século XXI.** 184 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.

YAZDANI, M.; BERCOVITCH, D.; CHARLES-VOLTAIRE, J. Knowledge transfer on urban violence: from Brazil to Haiti. **Environment and Urbanization**, v.26, n.2, p. 457-468. 2014.

YIN, R. K. **Applications of Case Study Research.** NewburyPanrk: Sage, 1994.

Ward K. Towards a relational comparative approach to the study of cities. **Progress in Human Geography**. v.34, n.4, p.471–487. 2010.

WEBER, M. **The City.** The Free Press: Nova York, 1966.

WALTER TINÔCO, W. **Vivemos uma nova ordem urbana?** Identificação de princípios gerais que orientam a lógica de organização do espaço da Cidade Contemporânea no início do século XXI. 162 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2011.

6 APÊNDICE A: DADOS DOS EVENTOS CIENTÍFICOS

6.1 BRASIL

Para o Brasil foram selecionados os seguintes eventos: o Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), focado majoritariamente nas diferentes abordagens do urbanismo por meio de pesquisas científicas, e o Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (SHCU), com foco na discussão do caminhar do urbanismo ao longo da história. A seleção dos eventos levou em conta a tradição no debate destes, utilizando as edições realizadas entre o ano de 2000 e 2015. Ambos são bienais e com anais de acesso seriado e público.

Quadro 34 - Temas e origem dos trabalhos para o ENANPUR

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	ORIGEM DOS TRABALHOS	ORIGEM DOS PESQUISADORES
IX - 2001	1: Escalas de poder e novas formas de gestão urbana e regional 2: Reconfigurações do espaço urbano e regional 3: Cidade e Urbanismo: história, forma e projeto 4: Sociabilidade urbana, conflitos sociais e território 5: Novas instituições e territorialidades sociais motivadas pela questão ambiental 6: Estruturação intraurbana, política fundiária e a questão da moradia 7: Temas emergentes: tecnologia, novas linguagens e processos espaciais	Subtema 1: 22 Subtema 2: 23 Subtema 3: 23 Subtema 4: 23 Subtema 5: 24 Subtema 6: 23 Subtema 7: 16 Total: 154	Subtema 1: 100% Brasil Subtema 2: 100% Brasil Subtema 3: 95,5% Brasil/ 4,5% Argentina Subtema 4: 100% Brasil Subtema 5: 95,5% Brasil/ 4,5% Argentina Subtema 6: 100% Brasil Subtema 7: 100% Brasil	99% - Brasil 1% - Argentina
X - 2003	1: Gestão, poder e democracia: novas estratégias e agentes no planejamento e nas políticas públicas 2: Re-configurações territoriais: re-estruturas econômicas e sócio-espaciais 3: Novas escalas e estratégias territoriais na gestão ambiental 4: Reestruturação intra-urbana: mercado imobiliário e dinâmica sócio-espacial 5: Cidade, Planejamento e Gestão Urbana: história das idéias, das práticas e das representações 6: Novas sociabilidades, cultura, identidade e diversidade na produção do espaço 7: Temas emergentes: tecnologias, modelos e sínteses teóricas	Subtema 1: 30 Subtema 2: 32 Subtema 3: 30 Subtema 4: 25 Subtema 5: 37 Subtema 6: 30 Subtema 7: 29 Total: 213	Subtema 1: 96,5% Brasil/ 3,5% Argentina Subtema 2: 96,5% Brasil/ 3,5% Irlanda Subtema 3: 100% Brasil Subtema 4: 100% Brasil Subtema 5: 100% Brasil Subtema 6: 93% Brasil/ 3,5% Chile/ 3,5% França Subtema 7: 96,5% Brasil/ 3,5% Guiana Francesa	97,9% - Brasil 0,35% - Argentina 0,35% - Chile 0,35% - França 1,05% - Guiana Francesa

(Continua)

Quadro 35 - Temas e origem dos trabalhos para o ENANPUR

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	ORIGEM DOS TRABALHOS	ORIGEM DOS PESQUISADORES
XI - 2005	1: Gestão urbana e regional: processos, metodologias e formulações teóricas 2: Novos recortes do território 3: Ambiente, cidade e território 4: Produção e re-estruturação do espaço intra-urbano 5: História da cidade, do urbanismo e do planejamento: idéias, processos e práticas 6: Cidade e cultura: alteridade, sociabilidade e diversidade na construção do espaço 7: Ensino no campo dos estudos urbanos e regionais	Subtema 1: 28 Subtema 2: 34 Subtema 3: 30 Subtema 4: 32 Subtema 5: 41 Subtema 6: 37 Subtema 7: 9 Total: 211	Subtema 1: 96,5% Brasil/ 3,5% Argentina Subtema 2: 100% Brasil Subtema 3: 96,5% Brasil/ 3,5% EUA Subtema 4: 100% Brasil Subtema 5: 100% Brasil Subtema 6: 100% Brasil Subtema 7: 100% Brasil	99,4% - Brasil 0,3% - Argentina 0,3% - EUA
XII - 2007	1: Gestão Urbana e Regional: Modelos, práticas e implicações 2: Rede urbana e estrutura territorial 3: Forma e dinâmica intra-urbana 4: História, cidade e urbanismo 5: Território, conflitos e gestão ambiental 6: Cultura, cidades e sustentabilidade 7: A Amazônia no cenário sul-americano	Subtema 1: 76 Subtema 2: 53 Subtema 3: 51 Subtema 4: 63 Subtema 5: 53 Subtema 6: 48 Subtema 7: 14 Total: 358	Subtema 1: 1,3% Portugal/ 99,7% Brasil Subtema 2: 100% Brasil Subtema 3: 100% Brasil Subtema 4: 100% Brasil Subtema 5: 100% Brasil Subtema 6: 100% Brasil Subtema 7: 100% Brasil	99,65% - Brasil 0,35% - Portugal
XIII - 2009	1: Políticas públicas e planejamento urbano e regional: atores, conflitos e tendências 2: Gestão do território: práticas e possibilidades da política 3: Espaços, redes e escalas 4: Ambiente e sociedade: dilemas, tensões e incertezas 5: Urbanismo, Urbanização e Planejamento na História 6: Processos e transformações na configuração dos espaços urbanos 7: Território, cultura e identidades 8: Tecnologias de informação e comunicação na transformação do espaço	Subtema 1: 54 Subtema 2: 35 Subtema 3: 32 Subtema 4: 36 Subtema 5: 39 Subtema 6: 65 Subtema 7: 31 Subtema 8: 19 Total: 311 artigos	Subtema 1: 96,3% Brasil Subtema 2: 1,85% Canadá/ 1,85% Bangladesh Subtema 2: 96,5% Brasil/ 3,5% Paraguai Subtema 3: 96,5% Brasil Subtema 4: 96,5% Brasil Subtema 5: 3,5% México Subtema 4: 96,5% Brasil Subtema 6: 3,5% Suíça Subtema 5: 96,5% Brasil Subtema 6: 98,5% Brasil Subtema 7: 100% Brasil Subtema 8: 100% Brasil	0,2% - Canadá 0,2% - Bangladesh 0,2% - México 0,4% - Paraguai 99% - Brasil

(Continua)

Quadro 35 - Temas e origem dos trabalhos para o ENANPUR

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	ORIGEM DOS TRABALHOS	ORIGEM DOS PESQUISADORES
XIV - 2011	1: Política e planejamento urbano: instrumentos, planos e projetos 2: Produção da cidade: agentes econômicos e atores políticos 3: Ideários de cidade: modelos e representações sociais 4: Movimentos sociais no campo e na cidade 5: Caminhos da história: fontes, métodos e questões 6: Identidades culturais e apropriação social do espaço 7: Questões ambientais: dimensões políticas, projetos e ação social 8: Fronteiras, grandes projetos, gestão do território e mobilidade espacial 9: Desenvolvimento regional, regionalismos e pactos territoriais 10: Rede: técnica e ciência na transformação do espaço	Subtema 1: 89 Subtema 2: 71 Subtema 3: 25 Subtema 4: 25 Subtema 5: 38 Subtema 6: 47 Subtema 7: 30 Subtema 8: 38 Subtema 9: 53 Subtema 10: 17 Total: 408 artigos	Subtema 1: 96,55% Brasil/ 1,15% Argentina/ 2,3% Colômbia Subtema 2: 97,2% Brasil Subtema 3: 1,4% Chile/1,4% Colômbia Subtema 4: 87,4% Brasil/ 4,2% Argentina/ 4,2% Uruguai/ 4,2% Colômbia Subtema 5: 95,8% Brasil Subtema 6: 4,2% Colômbia Subtema 7: 100% Brasil Subtema 8: 97,9% Brasil Subtema 9: 2,1% Espanha Subtema 10: 93,3% Brasil Subtema 11: 6,7% França Subtema 12: 97,2% Brasil Subtema 13: 2,6% Colômbia Subtema 14: 98,1% Brasil Subtema 15: 1,9% Espanha Subtema 16: 100% Brasil	0,13% - Chile 0,13% - Uruguai 0,26% - Argentina 0,26% - França 0,91% - Colômbia 98,3% - Brasil
XV - 2013	1: Produção e estruturação da cidade e da metrópole no "novo desenvolvimentismo" 2: Poderes, conflitos e governança 3: Desenvolvimento regional, tecnologia e conflitos territoriais 4: Meio ambiente, reprodução social e consumo 5: Inovações no planejamento e na gestão 6: Cultura, identidades e apropriação do espaço 7: Política habitacional, financiamento e regulação estatal 8: Planejamento da conservação da cidade e do território 9: A cidade no presente: ideias, práticas e interpretações 10: Permanências e emergências nos estudos urbanos, metropolitanos e regionais	Subtema 1: 70 Subtema 2: 89 Subtema 3: 61 Subtema 4: 42 Subtema 5: 23 Subtema 6: 69 Subtema 7: 47 Subtema 8: 22 Subtema 9: 45 Subtema 10: 8 Total: 478	Subtema 1: 98,5% Brasil Subtema 2: 1,5% Argentina Subtema 3: 96,7% Brasil Subtema 4: 1,1% Colômbia/ 2,2% Argentina Subtema 5: 100% Brasil Subtema 6: 97,6% Brasil Subtema 7: 2,4% Colômbia Subtema 8: 100% Brasil Subtema 9: 95,5% Brasil Subtema 10: 1,5% Argentina/ 1,5% Uruguai/ 1,5% Colômbia Subtema 11: 95,5% Brasil Subtema 12: 4,5% Espanha Subtema 13: 100% Brasil Subtema 14: 95,5% Brasil Subtema 15: 4,5% Colômbia Subtema 16: 100% Brasil	0,26% - Espanha 0,65% - Argentina 0,65% - Uruguai 0,78% - Colômbia 97,66% - Brasil

(Continua)

Quadro 35 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o ENANPUR

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	ORIGEM DOS TRABALHOS	ORIGEM DOS PESQUISADORES
XVI - 2015	1: Produção e estruturação do espaço urbano e regional 2: Estado, planejamento e política 3: Desenvolvimento territorial, inovação e redes regionais 4: Natureza, reprodução social e bens comuns 5: Técnicas e métodos de modelagem e de análise socioespacial 6: Cultura, saberes e identidades 7: Dinâmica imobiliária, habitação e regulação urbana 8: Trajetórias das ideias, representações e experiências urbanísticas 9: Desenvolvimento, pós-desenvolvimento e práticas transformadoras 10: Emergências no campo dos estudos urbanos e regionais	Subtema 1: 76 Subtema 2: 89 Subtema 3: 39 Subtema 4: 37 Subtema 5: 18 Subtema 6: 45 Subtema 7: 79 Subtema 8: 56 Subtema 9: 13 Subtema 10: 25 Total: 477	Subtema 1: 100% Brasil Subtema 2: 98,9% Brasil 1,1% Argentina Subtema 3: 92,5% Brasil 2,5% Colômbia/ 5% Paraguai Subtema 4: 100% Brasil Subtema 5: 100% Brasil Subtema 6: 97,5% Brasil 2,5% Argentina Subtema 7: 100% Brasil Subtema 8: 98,2% Brasil 1,8% Colômbia Subtema 9: 100% Brasil Subtema 10: 100% Brasil	0,25% - Argentina 0,25% - Colômbia 0,25% - Paraguai 99,25% - Brasil

Fonte: Pereira (2016)

Quadro 35 - Temas e origem dos trabalhos para o SHCU

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	ORIGEM DOS TRABALHOS	ORIGEM DOS PESQUISADORES
VI - 2000	Não há subdivisões temáticas. 1: Políticas Urbanas 2: Histórico do Urbanismo 3: Formação do Território 4: Representações de ideias e formas 5: Temas emergentes	Subtema 1: 14 Subtema 2: 54 Subtema 3: 21 Subtema 4: 20 Subtema 5: 9 Total: 115	1,7% Venezuela 1,7% Argentina 92,6% Brasil	1,4% - Argentina 2% - Venezuela 96,6% - Brasil
VII - 2002	Não há subdivisões temáticas. 1: Políticas Urbanas 2: Histórico do Urbanismo 3: Formação do Território 4: Representações de ideias e formas 5: Temas emergentes	Subtema 1: 7 Subtema 2: 29 Subtema 3: 11 Subtema 4: 18 Subtema 5: 10 Total: 77	1,3% Reino Unido 2,6% Espanha 96,1% Brasil	1,2% - Espanha 1,2% - Reino Unido 97,6% - Brasil
VIII - 2004	1: Memória do Urbanismo 2: A Construção do Território 3: Imagens, Práticas Sociais e Representações 4: Políticas Públicas e Instrumentos do Urbanismo 5: Temas Emergentes	Subtema 1: 32 Subtema 2: 35 Subtema 3: 37 Subtema 4: 27 Subtema 5: 25 Total: 156	Subtema 1: 94% Brasil/ 3% Arg./3% Méx. Subtema 2: 97,1% Brasil/ 2,9% México Subtema 3: 100% Brasil Subtema 4: 100% Brasil Subtema 5: 92% Brasil 8% México	0,5% - Argentina 2% - México 97,5% - Brasil
IX - 2006	1: Urbanismo, Disciplina e Prática 2: Formação da Cidade e dos Territórios 3: Cidade, Cultura e Sociabilidade em Perspectiva Histórica	Subtema 1: 28 Subtema 2: 30 Subtema 3: 31 Total: 89	Subtema 1: 100% Brasil Subtema 2: 100% Brasil Subtema 3: 100% Brasil	100% - Brasil
X - 2008	1: Transformações e permanências da cidade e do território 2: Temporalidades do urbanismo e planejamento urbano 3: Representações da cidade e do território	Subtema 1: 30 Subtema 2: 31 Subtema 3: 30 Total: 91	Subtema 1: 93,3% Brasil 6,7% Argentina Subtema 2: 96,8% Brasil/ 3,2% Argentina Subtema 3: 100% Brasil	2,5% - Argentina 97,5% - Brasil
XI - 2010	1: Formação do urbanismo e constituição do pensamento urbanístico 2: Experimentação e prática no âmbito do urbanismo 3: Representação e interpretação da dimensão cultural da cidade e do território 4: Interlocução e diluição de fronteiras na constituição da cidade	Subtema 1: 25 Subtema 2: 32 Subtema 3: 28 Subtema 4: 12 Total: 97	Subtema 1: 92% Brasil/ 8% Argentina Subtema 2: 100% Brasil Subtema 3: 100% Brasil Subtema 4: 92% Brasil/ 8% Portugal	1,1% - Portugal 2,1% - Argentina 96,8% - Brasil
XII - 2012	1: A circulação de ideias na constituição do pensamento urbanístico 2: A circulação de ideias na evolução da prática urbanística 3: A representação e o imaginário da cidade 4: O patrimônio e a paisagem cultural 5: O processo de urbanização e regionalização do território	Subtema 1: 31 Subtema 2: 31 Subtema 3: 34 Subtema 4: 29 Subtema 5: 30 Total: 155	Subtema 1: 96,5% Brasil 3,5% Chile Subtema 2: 93% Brasil 3,5% Argentina/ 3,5% Espanha Subtema 3: 100% Brasil Subtema 4: 100% Brasil Subtema 5: 100% Brasil	0,5% - Chile 0,5% - Argentina 0,5% - Espanha 98,5% - Brasil

(Continua)

Quadro 36 - Temas e origem dos trabalhos e para o SHCU

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	ORIGEM DOS TRABALHOS	ORIGEM DOS PESQUISADORES
XIII - 2014	1: Território 2: Representações 3: Cotidiano 4: Discurso profissional	Subtema 1: 58 Subtema 2: 31 Subtema 3: 16 Subtema 4: 33 Total: 138	Subtema 1: 98,25% Brasil/ 1,75% Espanha Subtema 2: 100% Brasil Subtema 3: 100% Brasil Subtema 4: 100% Brasil	0,5% - Espanha 99,5% - Brasil

Fonte: PEIREIRA (2016)

Quadro 37 - Orientação temática dos artigos dos eventos científicos

NÚMERO DE ARTIGOS/TEMÁTICAS NOS ÚLTIMOS QUINZE ANOS - BRASIL									
Orientação temática	2000-2001	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	Total
		- 2003	- 2005	- 2007	- 2009	- 2011	- 2013	- 2015	
Estado, planejamento e política	36	37	55	76	89	89	136	89	607
Reconfigurações espaciais	44	43	69	83	127	50	70	134	620
Teoria e história do urbanismo	77	66	73	94	70	63	62		505
Recursos naturais e sustentabilidade	24	30	30	115	36	30	42	37	344
Imaginários/ideias	21	18	37		30	53	79	87	325
Forma e dinâmica intra-urbana	23	25	32	51		71			202
Desenvolvimento regional						53	91	54	198
Cultura, identidades e apropriação do espaço					31	47	69	46	193
Tecnologia e temas emergentes	25	39	25		19		8	25	141
Política habitacional, dinâmica imobiliária e regulação estatal							47	76	123
Técnica, ciência e ensino do urbanismo			9	28		49		33	119
Sociabilidade e conflitos no território	23	30	37			25			115
Patrimônio e patrimonialização							29		29
Técnicas e métodos de modelagem e de análise socioespacial								18	18
Cotidiano								16	16

Fonte: PEREIRA (2016)

A leitura do quadro permite perceber algumas questões envolvendo os temas mais discutidos. As três temáticas mais recorrentes são: Estado, planejamento e política; Reconfigurações espaciais; e Teoria e história do urbanismo – todas de caráter generalistas, são discussões amplas e comuns a qualquer arena, cidade ou país que se proponha a discutir urbanismo e demais questões envolvendo a gestão da cidade. Portanto, pouco dizem sobre a especificidade ou prioridades do Planejamento urbano no Brasil ou continental.

O quarto tema mais discutido é Recursos naturais e sustentabilidade – que certamente é um protagonista nas discussões que concernem a cidade, porém é uma temática com tendência global e que não revela muito sobre especificidades locais.

Algumas temáticas que parecem trazer questões vinculadas à realidade brasileira são: Desenvolvimento regional (com crescente discussão a partir de 2010, talvez vinculado ao fato da aproximação do estabelecimento do Estatuto da Metrópole); e Política habitacional, dinâmica imobiliária e regulamentação estatal (inicia a ser discutido em 2012-2013 e ganha mais força em 2014-2015). Algumas temáticas, além daquelas de caráter generalista, apontam permanências e até mesmo fortalecimento em suas discussões – é o caso do tema Imaginário e Ideias, que foi constante em todo período, ganhando força a cada par de anos. Tecnologia e temas emergentes também se mostrou relativamente constante, porém com muita oscilação quanto ao número de artigos publicados em cada edição; As temáticas Forma e dinâmica intraurbana e Técnica, ciência e ensino do urbanismo também obtiveram uma frequência significativa, porém são bastante amplas e pouco revelam sobre as prioridades da gestão urbana no país.

Quando comparado aos quadros dos outros países, chama a atenção o fato de os eventos do Brasil serem os únicos que não apresentaram discussões sobre Igualdade, democracia e participação social. Porém, isso pode ser um reflexo de uma amostra muito pequena, não representando o cenário real das discussões e prioridades nacionais. Também é possível que, apesar de não existirem subtemas claramente vinculados à esse tema, este esteja contido dentro de uma das linhas temáticas generalistas.

6.2 MÉXICO

Para o México foram selecionados os seguintes eventos: *Encuentro de la Red Nacional de Investigación Urbana* (ERNIU), de maior foco na questão urbana, e *Encuentro Nacional sobre el Desarrollo Regional en México*, de maior foco na questão regional. A seleção dos eventos levou em conta a tradição no debate destes, utilizando as edições realizadas nos últimos 15 anos de cada evento selecionado, sendo ambos de periodicidade anual e com anais de acesso seriado.

Quadro 38 - Temas e origem dos trabalhos para o ERNIU

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
XXIII - 2000	1: Perspectiva Socioeconômica da População 2: Evolução do Emprego e da Renda 3: Informalidade e Ilegalidade no Acesso à Moradia e à Terra* 4: Tecnologias de comunicação e mudanças nos padrões de comportamento 5: Abordagens Geográficas Sobre o Território	Subtema 1: 18 Subtema 2: 17 Subtema 3: 19 Subtema 4: 13 Subtema 5: 15 Total: 82	Subtema 1: 88,9% México/ 5,5% Venezuela/ 5,5% Porto Rico Subtema 2: 94,1% México/ 5,9% Venezuela Subtema 3: 89,4% México/ 10,6% Venezuela Subtema 4: 76,9% México/ 15,4% Venezuela/ 7,7% Estados Unidos Subtema 5: 100% México	1,15% - Porto Rico 2,3% - Estados Unidos 5,75% - Venezuela 90,8% - México
XXIV - 2001	Não há subdivisões temáticas. 1: Políticas Urbanas 2: Histórico do Urbanismo 3: Formação do Território 4: Segurança Pública 5: Questões Ambientais 6: Influência das Temáticas Socioculturais no Espaço 7: Temas emergentes	Subtema 1: 7 Subtema 2: 5 Subtema 3: 8 Subtema 4: 1 Subtema 5: 7 Subtema 6: 7 Subtema 7: 5 Total: 37	2,3% Canadá 97,7% México	2,3% - Canadá 97,7% - México
XXV - 2002	Não há subdivisões temáticas. 1: Políticas Urbanas 2: Histórico do Urbanismo 3: Formação do Território 4: Moradia Social 5: Questões Ambientais 6: Influência das Temáticas Socioculturais no Espaço 7: Temas emergentes	Subtema 1: 5 Subtema 2: 12 Subtema 3: 23 Subtema 4: 13 Subtema 5: 3 Subtema 6: 32 Subtema 7: 5 Total: 106	1% Espanha 1% Colômbia 98% México	1% - Espanha 1% - Colômbia 98% - México
XXVI - 2003	1: Globalização e Mudanças no Modelo de Desenvolvimento 2: Produção do Marco Construído, Formas de Apropriação do Solo e Moradia 3: População, Família e Mercados de Trabalho 4: Meio-ambiente e Cidade 5: O Governo da Cidade 6: História Urbana 7: Cidade e Saúde 8: Risco e Vulnerabilidade 9: Segurança Pública 10: Processos Eleitorais, Alternância e Participação cidadã 11: Serviços Públicos e Novas Formas de Gestão 12: Pobreza, Política Social e Organizações Cívicas 13: Cidades Multiculturais	Subtema 1: 6 Subtema 2: 10 Subtema 3: 8 Subtema 4: 9 Subtema 5: 8 Subtema 6: 10 Subtema 7: 7 Subtema 8: 9 Subtema 9: 10 Subtema 10: Subtema 11: Subtema 12: Subtema 13: Total: 113	Subtema 1: México Subtema 2: 80% México 10% Col/10% Espanha Subtema 3: 87,5% México/ 12,5% Pto. Rico Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 50% México 25% Espanha/ 12,5% Arg./ 12,5% Colômbia Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 66,7% Méx./ 22,2% Cuba/11,1% EUA Subtema 9: 100% Méx. Subtema 10: 100% Méx. Subtema 11: 100% Méx. Subtema 12: 82% México/ 18% Venezuela Subtema 13: 77,8% México/ 22,2% Espanha	0,72% - Estados Unidos 0,72% - Porto Rico 0,72% - Argentina 1,44% - Colômbia 1,44% - Cuba 1,44% - Venezuela 3,6% - Espanha 89,92% - México

(Continua)

Quadro 38 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o ERNIU

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
XXVII-2004	1: Cidades, Multiculturalidade e Construção de Novos Imaginários Urbanos 2: Vulnerabilidade Urbana 3: Crise Urbana e Emergência de Novos Atores e Processos Territoriais Urbanos 4: Transformação na Organização do Espaço Urbano, Novas Tecnologia, Atores e Atividades 5: Terceirização, Moradia, Usos do Solo e Transformações do Patrimônio Arquitetônico em Centros 6: Regulação do Crescimento Urbano	Subtema 1: 11 Subtema 2: 8 Subtema 3: 11 Subtema 4: 12 Subtema 5: 8 Subtema 6: 11 Total: 61	Subtema 1: 91% México/ 9% Argentina Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 91,7% Méx. 8,35% Argentina Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx.	2,6% - Argentina 97,4% - México
XXVIII - 2005	Não há subdivisões temáticas. 1: Políticas Urbanas 2: Histórico do Urbanismo 3: Formação do Território 4: Moradia Social 5: Segurança Pública 6: Questões Ambientais 7: Influência das Temáticas Socioculturais no Espaço 8: Assistência Social 9: Temas emergentes	Subtema 1: 6 Subtema 2: 3 Subtema 3: 12 Subtema 4: 3 Subtema 5: 13 Subtema 6: 23 Subtema 7: 33 Subtema 8: 5 Subtema 9: 4 Total: 103	0,97% Espanha 4,85% Estados Unidos 94,8% México	0,77% - Espanha 3,9% - Estados Unidos 95,33% - México
XXIX - 2006	Não há subdivisões temáticas. 1: Políticas Urbanas 2: Histórico do Urbanismo 3: Formação do Território 4: Questões Ambientais 5: Influência das Temáticas Sócio-culturais no Espaço	Subtema 1: 2 Subtema 2: 2 Subtema 3: 2 Subtema 4: 44 Subtema 5: 4 Total: 55	3,6% Brasil 1,8% Guatemala 1,8% Espanha 92,8% México	1,25% - Espanha 1,25% - Guatemala 2,5% - Brasil 95% - México
XXX - 2007	Não há subdivisões temáticas. 1: Políticas Urbanas 2: Histórico do Urbanismo 3: Formação do Território 4: Segurança Pública 5: Questões Ambientais 6: Influência das Temáticas Socioculturais no Espaço 7: Ensino e Pesquisa do Urbanismo 8: Temas emergentes	Subtema 1: 12 Subtema 2: 7 Subtema 3: 25 Subtema 4: 12 Subtema 5: 11 Subtema 6: 17 Subtema 7: 2 Subtema 8: 14 Total: 102	5,7% Brasil/ 5,7% Argentina 2,85% Colômbia 2,85% Venezuela 2,85% Chile 0,95% França 0,95% Cuba 0,95% Espanha 77,2% México	0,7% - França 0,7% - Cuba 0,7% - Esp. 1,4% - Chile 2,1% - Colômbia 2,1% - Venez. 6,3% - Brasil 7% - Argentina 79% - México
XXXI - 2008	1: Cidades e Patrimônio Material 2: Cidades e Patrimônio Imaterial 3: História Urbana 4: Desenho Urbano e Tecnologia 5: Financiamento para a Construção/Recuperação	Subtema 1: 8 Subtema 2: 19 Subtema 3: 14 Subtema 4: 8 Subtema 5: 5 Total: 54	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 94,7% México/ 5,3% Colômbia Subtema 3: 92,9% Méx. 7,1% Argentina Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx.	1,9% - Colômbia 1,9% - Argentina 98,2% - México

(Continua)

Quadro 38 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o ERNIU

(Continuação)

XXXII - 2009	<p>1: Os Diversos Caminhos Teóricos da Reflexão Campo-Cidade</p> <p>2: Diversidade no Mercado de Trabalho: Camponeses versus Assalariados</p> <p>3: Processos de Expansão das Cidades ao Campo</p> <p>4: Conflitos entre Autossuficiência Alimentar e Biocombustíveis</p> <p>5: Processos Urbanos e Agrário-urbanos</p> <p>6: Migração e Mobilidade Urbano-rural</p> <p>7: Acordos Econômicos e Comerciais. Transformações Campo-cidade</p> <p>8: Recuperação do Patrimônio Urbano-rural e Conservação do Entorno</p> <p>9: Atores da Nova Relação Campo-cidade</p> <p>10: Buscando Alternativas Frente a Crise Social e Econômica</p>	<p>Subtema 1: 10</p> <p>Subtema 2: 5</p> <p>Subtema 3: 39</p> <p>Subtema 4: 9</p> <p>Subtema 5: 21</p> <p>Subtema 6: 26</p> <p>Subtema 7: 8</p> <p>Subtema 8: 19</p> <p>Subtema 9: 24</p> <p>Subtema 10: 6</p> <p>Total: 167 artigos</p>	<p>Subtema 1: 100% Méx.</p> <p>Subtema 2: 100% Méx.</p> <p>Subtema 3: 94,8% Méx.</p> <p>2,6% Brasil/ 2,6% Uruguai</p> <p>Subtema 4: 66,7% Méx.</p> <p>11,1% Brasil/ 11,1% Canadá</p> <p>11,1% Costa do Marfim</p> <p>Subtema 5: 90,4% Méx.</p> <p>9,6% Brasil</p> <p>Subtema 6: 100% Méx.</p> <p>Subtema 7: 100% Méx.</p> <p>Subtema 8: 89,4% Méx.</p> <p>5,3% Cuba/ 5,3% Espanha</p> <p>Subtema 9: 100% Méx.</p> <p>Subtema 10: 100% Méx.</p>	<p>0,4% - Uruguai</p> <p>0,4% - Costa do Marfim</p> <p>0,4% - Cuba</p> <p>0,4% - Espanha</p> <p>0,8% - Canadá</p> <p>2% - Brasil</p>
XXXIII - 2010	<p>1: Exclusão e Inclusão na Cidade Latino-americana</p> <p>2: Construção de Agentes, Participação Social e Governabilidade Democrática</p> <p>3: Intervenção Privada e Desenvolvimento Urbano na América Latina</p> <p>4: Os Centros Históricos, identidade e Recuperação da Memória</p> <p>5: Migrações e Deslocamentos</p> <p>6: Equipamentos coletivos: Representações, simbologias, usos</p> <p>7: Dos Direitos do Homem à Carta de Direito da Cidade</p> <p>8: A Cidade Latino-americana na Literatura, no Cinema e nas Artes</p>	<p>Subtema 1: 13</p> <p>Subtema 2: 15</p> <p>Subtema 3: 6</p> <p>Subtema 4: 8</p> <p>Subtema 5: 14</p> <p>Subtema 6: 9</p> <p>Subtema 7: 4</p> <p>Subtema 8: 9</p> <p>Total: 78</p>	<p>Subtema 1: 84,6% Méx.</p> <p>7,7% Brasil/ 7,7% Argentina</p> <p>Subtema 2: 86,65% Méx.</p> <p>13,35% Colômbia</p> <p>Subtema 3: 66,6% Méx.</p> <p>16,7% Brasil/ 16,7% Colômbia</p> <p>Subtema 4: 100% Méx.</p> <p>Subtema 5: 85,7% Méx.</p> <p>14,3% Colômbia</p> <p>Subtema 6: 88,9% Méx.</p> <p>11,1% Brasil</p> <p>Subtema 7: 75% Méx.</p> <p>25% Venezuela</p> <p>Subtema 8: 88,9% Méx.</p> <p>Aprox. 11,1% Venezuela</p>	<p>2% - Argentina</p> <p>4% - Venezuela</p> <p>5% - Colômbia</p> <p>5% - Brasil</p> <p>89% - México</p>
XXXIV - 2011	<p>1: Economia e Desenvolvimento Regional e Urbano</p> <p>2: Grupos e Processos Sociais</p> <p>3: Processos Ambientais</p> <p>4: Moradia e Infraestrutura</p> <p>5: Iniciativas Sociais e Governo</p> <p>6: Desenvolvimento Humano</p> <p>7: Ferramentas e Tecnologia para a Gestão e o Planejamento</p>	<p>Subtema 1: 18</p> <p>Subtema 2: 8</p> <p>Subtema 3: 25</p> <p>Subtema 4: 21</p> <p>Subtema 5: 10</p> <p>Subtema 6: 5</p> <p>Subtema 7: 7</p> <p>Total: 94</p>	<p>Subtema 1: 100% Méx.</p> <p>Subtema 2: 100% Méx.</p> <p>Subtema 3: 100% Méx.</p> <p>Subtema 4: 95,2% Méx.</p> <p>4,8% Argentina</p> <p>Subtema 5: 100% Méx.</p> <p>Subtema 6: 100% Méx.</p> <p>Subtema 7: 100% Méx.</p>	<p>1,1% - Argentina</p> <p>98,9% - México</p>

(Continua)

Quadro 38 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o ERNIU

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
XXXV - 2012	1: Transformações Urbanas, Inovação Tecnológica e Sustentabilidade 2: Morfologias Urbanas, Habitabilidade e Violência nas Cidades 3: Gestão Territorial, Cambio Social e Mobilidade 4: Paisagem Cultural, Globalização e Conservação do Patrimônio 5: Geografia da Paisagem, Paisagens Mineiras, Degradação Ambiental e Resistência Social 6: Imagem Urbana, Identidade dos Cidadãos, Governança e Segregação 7: A Paisagem da Produção e a Competitividade Urbana 8: Território, Novos Modelos de Cidade e o Comportamento do Mercado de Terras e Moradia	Subtema 1: 15 artigos Subtema 2: 16 artigos Subtema 3: 24 artigos Subtema 4: 27 artigos Subtema 5: 14 artigos Subtema 6: 20 artigos Subtema 7: 11 artigos Subtema 8: 18 artigos Total: 145	Subtema 1: 86,6% Méx. 6,7% Colômbia 6,7% Argentina Subtema 2: 87,5% Méx. 12,5% Colômbia Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 96,3% Méx. 3,7% Espanha Subtema 5: 95,7% Méx. 7,15% Espanha 7,15% Chile Subtema 6: 95% Méx. 5% Espanha Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 100% Méx.	0,7% - Chile 1,4% - Argentina 1,4% - Colômbia 2,5% - Espanha 94% - México
XXXVI - 2013	1: Mudanças Climáticas e a Cidade: O Local e o Global 2: Políticas Públicas ante às Mudanças Climáticas 3: Vulnerabilidade vs. Resiliência ante ao Cambio Climático 4: Consequências das Mudanças Climáticas 5: Metodologias Implementadas para o Estudo da Expansão territorial das Mudanças Climáticas	Subtema 1: 10 artigos Subtema 2: 8 artigos Subtema 3: 14 artigos Subtema 4: 10 artigos Subtema 5: 4 artigos Total: 46	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx.	100% - México
XXXVII - 2014	1: Debate em torno do Desenvolvimento Humano 2: Desenvolvimento Humano e Cidades 3: Segurança Humana Rural-urbana 4: Violências urbanas sistêmicas e cíclicas 5: Respostas Institucionais e Cívicas às Violências e Inseguranças Humanas 6: Novas Paisagens Urbanas da Insegurança 7: Desenvolvimento Humano e Segurança Humana desde a Perspectiva do Local 8: Insegurança e Insustentabilidade da Economia Urbana	Subtema 1: 3 artigos Subtema 2: 5 artigos Subtema 3: 6 artigos Subtema 4: 6 artigos Subtema 5: 4 artigos Subtema 6: 5 artigos Subtema 7: 3 artigos Subtema 8: 3 artigos Total: 35	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 100% Méx.	100% - México

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 39 - Temas e origem dos trabalhos para o EAMECIDER

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
X - 2005	1: Enfoques teóricos e metodológicos sobre desenvolvimento regional 2: Políticas públicas e governabilidade relativas ao desenvolvimento regional 3: Atores sociais e sua participação no desenvolvimento regional 4: Questão dos recursos naturais e sustentabilidade 5: O estudo das ruralidades e da cidade no desenvolvimento regional 6: Mercados laborais, competitividade e migração 7: Pobreza, gênero e processos de exclusão no crescimento globalizado	Subtema 1: 51 Subtema 2: 24 Subtema 3: 25 Subtema 4: 62 Subtema 5: 31 Subtema 6: 79 Subtema 7: 23 Total: 295	Subtema 1: 98% Méx. 2% Estados Unidos Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 3,25% Brasil 96,75% México Subtema 6: 1,3% Argentina/ 98,7% México Subtema 7: 4,35% Reino Unido/ 95,65% México	0,3% - Reino Unido 0,7% - Argentina 1,4% - Brasil 97,6% - México
XI - 2006	1: Enfoques teóricos e metodológicos sobre desenvolvimento regional 2: Políticas públicas e governabilidade relativas ao desenvolvimento regional 3: Atores sociais e sua participação no desenvolvimento regional 4: Questão dos recursos naturais e sustentabilidade 5: O estudo das ruralidades e da cidade no desenvolvimento regional 6: Mercados laborais, competitividade e migração 7: Pobreza, gênero e processos de exclusão no crescimento globalizado	Subtema 1: 59 Subtema 2: 42 Subtema 3: 28 Subtema 4: 37 Subtema 5: 25 Subtema 6: 46 Subtema 7: 20 Total: 257	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx.	100% - México
XII - 2007	1: Enfoques teóricos e metodológicos sobre desenvolvimento regional ante a recomposição do mundo: tendências e caminhos 2: Políticas públicas frente ao desenvolvimento regional 3: Fontes e financiamento e projetos para o desenvolvimento regional 4: Atores sociais e sua participação ante os caminhos do desenvolvimento regional 5: Desenvolvimento endógeno e regional sustentável 6: O estudo do campo e da cidade no desenvolvimento regional 7: Mercados laborais e migração 8: Pobreza, gênero e processos de exclusão no crescimento globalizado 9: Democracia, governabilidade e soberania nacional 10: Regionalismo e diversidade cultural	Subtema 1: 60 Subtema 2: 54 Subtema 3: 14 Subtema 4: 49 Subtema 5: 42 Subtema 6: 31 Subtema 7: 25 Subtema 8: 22 Subtema 9: 11 Subtema 10: Total: 321	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 10: 100% Méx.	100% - México

(Continua)

Quadro 40 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o EAMECIDER

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
XIII - 2008	1: Atores sociais ante os caminhos do desenvolvimento regional 2: Recursos naturais e desenvolvimento local sustentável 3: Recursos energéticos e desenvolvimento local e regional 4: Urbanização, ruralização e desenvolvimento regional 5: Políticas públicas para o desenvolvimento regional e territorial 6: Identidades culturais, educação e desenvolvimento regional 7: Indústria e serviços: desenvolvimento local e territorial 8: Turismo e desenvolvimento local-regional 9: Infraestrutura, transporte e desenvolvimento regional 10: Migração e desenvolvimento regional e local	Subtema 1: 32 Subtema 2: 32 Subtema 3: 15 Subtema 4: 31 Subtema 5: 57 Subtema 6: 27 Subtema 7: 32 Subtema 8: 11 Subtema 9: 8 Subtema 10: 17 Total: 262	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 98,3% Méx. 1,7% Colômbia Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 100% Méx. Subtema 9: 87,5% Méx. 12,5% Argentina Subtema 10: 100% Méx.	0,4% - Argentina 0,4% - Colômbia 99,2% - México
XIV - 2009	1: Perspectivas teóricas e analíticas do desenvolvimento regional, urbano e rural na crise econômica e para o desenvolvimento 2: Crescimento econômico, emprego e bem-estar social regional e das cidades do México 3: Indústria, comércio e serviços 4: Desenvolvimento local e políticas públicas locais frente à crise e potencialidades de desenvolvimento 5: Mercados laborais, migração remessas e regiões no contexto da crise 6: Restrições e potencial de políticas governamentais para o desenvolvimento e urbano no contexto da crise 7: Atores sociais das regiões, crise e perspectivas de desenvolvimento 8: Planejamento e execução de projetos de desenvolvimento setorial e regional e seus efeitos regionais e territoriais: infraestrutura rodoviária, ferroviária, portuária e aeroportuária 9: Exploração de recursos naturais e desenvolvimento regional e urbano sustentável	Subtema 1: 19 Subtema 2: 26 Subtema 3: 28 Subtema 4: 51 Subtema 5: 36 Subtema 6: 11 Subtema 7: 32 Subtema 8: 11 Subtema 9: 8 Total: 222	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 96,2% Méx. 3,8% Colômbia Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 98% Méx. 2% Colômbia Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 96,8% Méx. 3,2% Brasil Subtema 8: 100% Méx. Subtema 9: 100% Méx.	0,5% - Brasil 0,9% - Colômbia 98,6% - México

(Continua)

Quadro 40 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o EAMECIDER

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
XV - 2010	1: Perspectivas teórico-metodológicas na investigação regional para o desenvolvimento sustentável 2: Crescimento econômico e bem-estar social das cidades mexicanas	Subtema 1: 29 Subtema 2: 22 Subtema 3: 42 Subtema 4: 41 Subtema 5: 34 Subtema 6: 16 Subtema 7: 20 Subtema 8: 33	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 100% Méx.	100% - México
	3: Análise setorial-regional, cadeias produtivas e inovação: estudos gerais de caso 4: Políticas públicas ante a crise atual e respostas sociais, regionais e locais 5: Potencialidades de desenvolvimento sustentável e planejamento territorial das regiões 6: Mercados laborais no mundo e nas regiões do México: opções para os trabalhadores 7: Zonas de desastre: respostas cidadãs, estratégias, e políticas públicas 8: Vulnerabilidade social e cultural em territórios urbanos-rurais	Total: 237		
XVI - 2011	1: Aportes teóricos e metodológicos para a análise regional 2: O desenvolvimento regional de México no marco da globalização 3: Os sistemas urbanos e as zonas metropolitanas no desenvolvimento regional 4: Setores econômicos e emprego na estrutural territorial das regiões 5: Recursos naturais, meio-ambiente e desenvolvimento regional sustentável 6: Construções sociais, história e diversidade cultural no desenvolvimento das regiões 7: Dinâmica demográfica migrações e reconfiguração das regiões 8: Planejamento, legislação, políticas públicas e financiamento para o desenvolvimento das regiões 9: Atores sociais, gestão e participação cidadã ante as políticas governamentais	Subtema 1: 14 Subtema 2: 29 Subtema 3: 25 Subtema 4: 39 Subtema 5: 46 Subtema 6: 22 Subtema 7: 17 Subtema 8: 32 Subtema 9: 22 Total: 246	Subtema 1: 92,8% Méx. 7,2% Colômbia Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 95% Méx. 5% Colômbia Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 96,8% Méx. 3,15% Brasil Subtema 9: 100% Méx.	0,8% - Brasil 1,6% - Colômbia 97,6% - México

(Continua)

Quadro 40 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o EAMECIDER

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
XVII - 2012	1: Teorias e metodologias para a análise regional ante a globalização e a crise 2: Blocos e acordos regionais 3: Potencialidades e oportunidades estratégicas para o desenvolvimento 4: Biodiversidade, energéticos e desenvolvimento sustentável 5: Financiamento e políticas regionais 6: Setores econômicos e reconfiguração territorial 7: Urbanização e desenvolvimento regional 8: População, pobreza e desigualdade regional 9: Democracia, organização social e política 10: Inovação tecnológica e desenvolvimento endógeno 11: Construções sociais, história, diversidade cultural, educativa e de gênero	Subtema 1: 16 Subtema 2: 6 Subtema 3: 31 Subtema 4: 21 Subtema 5: 6 Subtema 6: 27 Subtema 7: 27 Subtema 8: 42 Subtema 9: 13 Subtema 10: 8 Subtema 11: 29 Total: 199	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 96,8% Méx. 3,25% Brasil Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 83,5% Méx. 16,5% Argentina Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 96,3% Méx. 3,7% Brasil Subtema 8: 97,6% Méx. 2,4% Brasil Subtema 9: 100% Méx. Subtema 10: 100% Méx. Subtema 11: 100% Méx.	0,4% - Argentina 2% - Brasil 97,6% - México
XVIII - 2013	1: Teorias e metodologias para a análise regional 2: Integração geopolítica e acordos regionais para o desenvolvimento 3: Biodiversidade e desenvolvimento sustentável 4: Potencialidades estratégicas para o desenvolvimento 5: Políticas pública, estruturas administrativas e atores sociais 6: Sectores econômicos e reconfiguração territorial 7: Sistemas urbano-rurais e desenvolvimento regional 8: Desigualdade regional, população e pobreza 9: Desenvolvimento endógeno, inovação tecnológica e capital humano 10: Construções sociais, história, cultura e gênero	Subtema 1: 5 Subtema 2: 9 Subtema 3: 16 Subtema 4: 13 Subtema 5: 35 Subtema 6: 18 Subtema 7: 18 Subtema 8: 44 Subtema 9: 15 Subtema 10: 17 Total: 190	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 100% Méx. Subtema 9: 100% Méx. Subtema 10: 100% Méx.	100% - México

(Continua)

Quadro 40 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o EAMECIDER

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
XIX - 2014	1: Teorias, metodologias e técnicas para a análise regional temporal-espacial 2: Impactos externos, integração geopolítica e potencialidades estratégicas 3: Desenvolvimento regional e sustentabilidade 4: Democracia, políticas públicas e ordenamento territorial 5: Setores econômicos e reconfiguração territorial 6: Desigualdade regional, pobreza e desenvolvimento social 7: Empresa, desenvolvimento endógeno, inovação tecnológica e capital humano 8: População, migração e mercados de trabalho 9: Sistemas urbanos, rurais e dinâmica regional 10: História, cultura, gênero e educação	Subtema 1: 11 Subtema 2: 17 Subtema 3: 31 Subtema 4: 15 Subtema 5: 35 Subtema 6: 30 Subtema 7: 8 Subtema 8: 14 Subtema 9: 15 Subtema 10: 16 Total: 192	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 100% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 100% Méx. Subtema 9: 100% Méx.	100% - México
XX - 2015	1: Teorias, metodologias e técnicas para a análise regional temporal-espacial 2: Impactos externos, integração geopolítica e potencialidades estratégicas 3: Desenvolvimento regional e sustentabilidade 4: Democracia, políticas públicas e ordenamento territorial 5: Setores econômicos e reconfiguração territorial 6: Desigualdade regional, pobreza e desenvolvimento social 7: Empresa, desenvolvimento endógeno, inovação tecnológica e capital humano 8: População, migração e mercados de trabalho 9: Sistemas urbanos, rurais e dinâmica regional 10: História, cultura, gênero e educação 11: Turismo e desenvolvimento regional	Subtema 1: 15 Subtema 2: 11 Subtema 3: 34 Subtema 4: 23 Subtema 5: 31 Subtema 6: 21 Subtema 7: 17 Subtema 8: 18 Subtema 9: 17 Subtema 10: 17 Subtema 11: 15 Total: 219 artigos	Subtema 1: 100% Méx. Subtema 2: 100% Méx. Subtema 3: 100% Méx. Subtema 4: 100% Méx. Subtema 5: 93,5% Méx. Subtema 6: 100% Méx. Subtema 7: 100% Méx. Subtema 8: 94,5% Méx. Subtema 9: 100% Méx. Subtema 10: 100% Méx. Subtema 11: 100% Méx.	0,5% - Brasil 1% - Chile 98,5% - México

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 40 - Orientação temática dos artigos mexicanos

NÚMERO DE ARTIGOS/TEMÁTICAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS - MÉXICO							
Orientação temática	2004-2005	2006-2007	2008-2009	2010-2011	2012-2013	2014-2015	Total
Recursos naturais e sustentabilidade	85	134	64	136	88	65	572
Estado, planejamento e política	30	121	137	52	73	38	451
Pobreza, segregação e violência urbana	44	54	5	46	102	75	326
Desenvolvimento regional	51	133		39	36	43	302
Processos de migração	79	71	79	31		32	292
Economia e competitividade urbana			86	95	72	66	290
Inclusão, igualdade e participação social	25	77	64	22			188
Relação entre as ruralidades e o urbano	31	56	49		18	34	188
Cultura, identidades e apropriação do espaço	33	44	27	8	46	33	181
Tecnologia e temas emergentes	4	14	8	49	23	25	123
Crise urbana	11		36	41			88
Patrimônio e patrimonialização			38	4	27		77
Globalização e economias locais				29	31	11	71
História e teoria do urbanismo	3	9	14	22			48
Política habitacional, dinâmica imobiliária e regulação estatal	3	4	39	21			48
Imaginários/ideias	11			9	20		40
Repostas estratégicas a cenários de desastres				20	14	3	37
Infraestruturas e serviços públicos			20	9			29
Urbanismo e ordenamento territorial					27		27
Turismo			11			15	26
Paisagem urbana e espaço público					14		14
Assistencialismo social		5					5
Direito urbano				4			4
Técnica, ciência e ensino do urbanismo		2					2

Fonte: PEREIRA (2016)

No caso do México, as prioridades e especificidades das questões urbanas ficam muito mais explicitadas do que no Brasil. O tema de Recursos naturais e sustentabilidade aparece em destaque, tanto por ser uma questão valorizada em escala mundial, quanto também pela urgência de se pensar em solucionar a configuração territorial/social muitas vezes insustentável de cidades mexicanas e minimizar/compensar os desastres naturais sofridos no país. Outros temas que parecem revelar especificidades mexicanas são: Pobreza, segregação e violência urbana (com auge de discussão entre 2012 e 2015); Processos de migração (constante, com ápice entre 2004 e 2009); Inclusão, igualdade e participação social (discutido com mais frequência entre 2004 e 2009); Política habitacional, dinâmica imobiliária e regulação estatal (entre 2004 e 2009); e Respostas estratégicas a cenários de desastre, que apesar de não possuir um volume muito significativo de artigos, pode revelar uma prioridade imediata (2010-2015) a inflexões urbanas vivenciadas no país. Também chama a atenção o surgimento e o progressivo aumento de artigos na temática Economia e competitividade urbana, especialmente após 2008, revelando um certo protagonismo econômico na gestão urbana mexicana.

6.3 ARGENTINA

Para a Argentina foi selecionado o evento *Congreso Argentino de Administración Pública* (AAEAP), com maior foco na área de administração pública, área que engloba temas entre os quais encontra-se a gestão urbana. Para fins de análise, a este ainda é somado o *Seminario de Políticas Urbanas, Gestión Territorial y Ambiental para el Desarrollo Local*.

A seleção dos eventos levou em conta a tradição no debate destes, utilizando as edições realizadas entre os últimos 8 a 15 anos de cada evento selecionado, sendo o primeiro de periodicidade bienal e com anais de acesso seriado e o segundo também de periodicidade bienal (embora tenha iniciado-se como anual), com uma pequena parte de seus anais disponibilizada online.

Quadro 41 - Temas prioritários e origem dos trabalhos para o AAEAP

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
I - 2001	1: Governabilidade, desenho do Estado e administração pública para o novo século 2: Estado e Sociedade: O público estatal e não-estatal, tensões e complementariedade 3: Os desafios da administração pública frente ao desenv. social e a igualdade	Subtema 1: 36 Subtema 2: 15 Subtema 3: 21 Total: 72	Subtema 1: 91,5% Arg. 8,5% Brasil Subtema 2: 100% Arg. Subtema 3: 100% Arg.	4,16% - Brasil 95,8% - Argentina
II - 2003	1: Governabilidade 2: Instituições 3: Transição	Subtema 1: 70 Subtema 2: 22 Subtema 3: 60 Total: 152	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 100% Arg. Subtema 3: 93% Arg. 3,5% Espanha 3,5% México	1,3% - Espanha 1,3% - México 97,4% - Argentina
III - 2005	1: Democracia 2: Estado 3: Desenvolvimento	Subtema 1: 90 Subtema 2: 35 Subtema 3: 59 Total: 184	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 100% Arg. Subtema 3: 98,3% Arg. 1,7% Canadá	0,5% - Canadá 99,5% - Argentina
IV - 2007	1: Igualdade 2: Instituições Estatais 3: Crescimento	Subtema 1: 158 Subtema 2: 67 Subtema 3: 122 Total: 347	Subtema 1: 92,4% Arg. 1,9% Brasil/ 1,9% México/ 1,9% Uruguai 1,9% Venezuela Subtema 2: 99,3% Arg. 0,7% Chile Subtema 3: 97% Arg. 1,5% Brasil/ 1,5% México	1,2% - Brasil 0,4% - Chile 0,8% - México 0,4% - Uruguai 0,4% - Venezuela 96,8% - Argentina
V - 2009	1: Governabilidade em âmbito nacional 2: Administração pública e a questão estatal 3: Novos desafios da questão federal	Subtema 1: 232 Subtema 2: 40 Subtema 3: 137 Total: 409	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 97,5% Arg. 2,5% Brasil Subtema 3: 97,8% Arg. 0,75% Brasil/ 0,75% Colombia/ 0,75% Estados Unidos	0,25% - Estados Unidos 0,25% - Colombia 0,5% - Brasil 97% - Argentina

(Continua)

Quadro 42 - Temas prioritários e origem dos trabalhos para o AAEAP

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
VI - 2011	<p>1: O fortalecimento dos processos centrais das jurisdições governamentais de nível nacional, provincial e local para o desenvolvimento econômico e social</p> <p>2: A ética pública, o controle cidadão e os processos de controle interno e externo das administrações públicas e sua relação com o desenvolvimento</p> <p>3: Democracia, governança, participação e desenvolvimento</p> <p>4: As experiências de gestão e desenho, condução e valoração de políticas públicas para o desenvolvimento</p> <p>5: Relações federais, desenvolvimento regional, governos provinciais e municipais</p>	<p>Subtema 1: 108</p> <p>Subtema 2: 26</p> <p>Subtema 3: 124</p> <p>Subtema 4: 74</p> <p>Subtema 5: 47</p> <p>Total: 379</p>	<p>Subtema 1: 100% Arg.</p> <p>Subtema 2: 100% Arg.</p> <p>Subtema 3: 99,2% Arg. 0,8% Guatemala</p> <p>Subtema 4: 100% Arg.</p> <p>Subtema 5: 97,85% Arg.</p> <p>2,15% Brasil</p>	<p>0,25% - Guatemala</p> <p>0,25% - Brasil</p> <p>99,5% - Argentina</p>
VII - 2013	<p>1: Liderança</p> <p>2: Igualdade</p> <p>3: Sustentabilidade</p>	<p>Subtema 1: 216</p> <p>Subtema 2: 41</p> <p>Subtema 3: 184</p> <p>Total: 441</p>	<p>Subtema 1: 99,55% Arg.</p> <p>Subtema 2: 0,45% Chile</p> <p>Subtema 2: 97,5% Arg</p> <p>Subtema 3: 2,5% México</p> <p>Subtema 3: 100% Arg.</p>	<p>0,2% - Chile</p> <p>0,2% - México</p> <p>99,6% - Argentina</p>

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 43 - Temas e origem dos trabalhos - Seminário de PU, GT y A DL

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
I - 2007	1: Enfoques teóricos e históricos sobre o urbanismo 2: Enfoques políticos e administrativos sobre o urbanismo 3: Representações sociais 4: Recursos naturais e sustentabilidade	Subtema 1: 7 Subtema 2: 2 Subtema 3: 3 Subtema 4: 7 Total: 19	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 100% Arg. Subtema 3: 100% Arg. Subtema 4: 100% Arg.	100% - Argentina
II - 2008	1: Enfoques teóricos e históricos sobre o urbanismo 2: Enfoques políticos e administrativos sobre o urbanismo 3: Representações sociais 4: Recursos naturais e sustentabilidade	Subtema 1: 5 Subtema 2: 10 Subtema 3: 2 Subtema 4: 9 Total: 26	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 100% Arg. Subtema 3: 100% Arg. Subtema 4: 100% Arg.	100% - Argentina
III - 2009	1: Enfoques teóricos e históricos sobre o urbanismo 2: Enfoques políticos e administrativos sobre o urbanismo 3: Representações sociais 4: Recursos naturais e sustentabilidade	Subtema 1: 6 Subtema 2: 8 Subtema 3: 1 Subtema 4: 8 Total: 23	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 87,5% Arg./ 12,5% - México Subtema 3: 100% Arg. Subtema 4: 100% Arg.	1,95% - México 98,05% - Argentina
IV - 2011	1: Enfoques teóricos e históricos sobre o urbanismo 2: Enfoques políticos e administrativos sobre o urbanismo 3: Representações sociais 4: Recursos naturais e sustentabilidade	Subtema 1: 8 Subtema 2: 18 Subtema 3: 3 Subtema 4: 10 Total: 39	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 88,9% - Arg. 5,55% - Espanha 5,55% - Paraguai Subtema 3: 100% Arg. Subtema 4: 90% Arg. 10% - México	1% - Espanha 1% - México 1% - Paraguai 97% - Argentina
V - 2013	1: Enfoques teóricos e históricos sobre o urbanismo 2: Enfoques políticos e administrativos sobre o urbanismo 3: Representações sociais 4: Recursos naturais e sustentabilidade	Subtema 1: 10 Subtema 2: 15 Subtema 3: 2 Subtema 4: 21 Total: 48	Subtema 1: 100% Arg. Subtema 2: 93,3% - Arg. 6,7% - Brasil Subtema 3: 100% Arg. Subtema 4: 90,5% - Arg. 9,5% - México	0,85% - Brasil 1,7% - México 97,45% - Argentina
VI - 2015	1: Enfoques teóricos e históricos sobre o urbanismo 2: Enfoques políticos e administrativos sobre o urbanismo 3: Representações sociais 4: Recursos naturais e sustentabilidade	Subtema 1: 11 Subtema 2: 13 Subtema 3: 3 Subtema 4: 12 Total: 39	Subtema 1: 90,9% - Arg. 9,1% - Colombia Subtema 2: 69,2% - Arg. 15,4% - Indonésia 15,4% - México Subtema 3: 100% Arg. Subtema 4: 84,4% - Arg./ 8,3% - Brasil 8,3% - Indonésia	0,95% - Brasil 0,95% - Colombia 0,95% - Indonésia 0,95% - México 95,25% - Argentina

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 44 - Orientação temática dos artigos argentinos

NÚMERO DE ARTIGOS/TEMÁTICAS NOS ÚLTIMOS QUINZE ANOS - ARGENTINA									
Orientação temática	2000-2001	2002-2003	2004-2005	2006-2007	2008-2009	2010-2011	2012-2013	2014-2015	Total
Governabilidade e políticas	36	70		2	250	44	231	13	580
Desenvolvimento, transições e desafios	21	60	59	122	137	121			520
Inclusão, igualdade e participação social			90	163	3	127	43	3	427
Instituições estatais	15	22	35	67	40	108			287
Recursos naturais e sustentabilidade				7	17	10	205	12	251
Teoria e história do urbanismo				7	11	8	10	11	47

Fonte: PEREIRA (2016)

A Argentina foi um dos países onde foi necessário ampliar o critério de seleção dos eventos para áreas correlatas ao planejamento e gestão da cidade – e, por esse motivo, um dos selecionados tem foco em administração pública. Isso faz com que os temas discutidos recaiam com mais frequência em questões políticas e administrativas, mas ainda assim pode-se perceber similaridades nas prioridades quando comparado o quadro argentino com demais países. Mesmo assim, é perceptível, assim como no Brasil, a priorização da discussão do papel do estado nas práticas de gestão atuais. O tema Inclusão, igualdade e participação social também ganha destaque nos eventos argentinos, assim como acontece em muitos dos outros analisados. Sustentabilidade também foi um dos temas priorizados, conforme a tendência mundial. As demais linhas temáticas são bastante generalistas e não revelam muito da especificidade dos artigos discutidos sob seus títulos.

6.4 COLÔMBIA

Para a Colômbia foi selecionado o evento *Seminario Nacional de Investigación Regional y Urbana* (ACIUR), maior e mais tradicional evento na área em âmbito colombiano, responsável pela discussão de temas gerais relacionados ao urbanismo desde 1993. Juntamente a este, soma-se o *Colóquio INJAVIU*, importante evento da área, de realização atribuída ao *Instituto Javeriano de Vivienda y Urbanismo*.

A seleção dos eventos levou em conta a tradição no debate destes, utilizando as edições realizadas entre cerca dos últimos dez anos de suas existências, sendo o primeiro de periodicidade indefinida (em determinados momentos anual, em outros bienal ou até trienal) e o segundo anual, ambos com anais de acesso seriado. É importante informar ao leitor sobre a indisponibilidade de informações mais detalhadas concernentes às edições do primeiro evento realizadas até 2009, sendo estas consideradas como de "difícil acesso" por parte da instituição organizadora. A segunda instituição realizadora, no entanto, prontificou-se a enviar os registros completos do evento, tendo-se em vista que mesmo este sendo anual, o ano de 2012 não contou com a realização de uma edição.

Quadro 45 - Temas prioritários e origem dos trabalhos para o ACIUR

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
III - 2000	1: Meio-ambiente e território 2: Governo, planejamento e gestão territorial 3: Cultura e território 4: Mobilidade territorial 5: Violência, conflito e território 6: Desenvolvimento territorial 7: Mercado de terra urbana e gestão do solo 8: Produção e equipamento do espaço construído 9: História territorial 10: Movimentos sociais 11: Direito e cidade 12: Espaço e estética 13: Alternatividade e desenvolvimento territorial	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.
IV - 2001	1: Região: conceitos, teorias, enfoques 2: Descentralização e região 3: Ordenamento territorial e região 4: Região e instituições 5: Economia e região 6: Processos sociais de construção regional 7: Democracia: Nação, região e localidade 8: Universidade e desenvolvimento regional 9: Região, paz e desenvolvimento	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.
V - 2003	1: Ordenamento territorial, natureza e cultura 2: Globalização e território 3: Ordenamento urbano, mercado de solo e políticas de participação em mais-valia 4: Políticas públicas de desenvolvimento regional e local 5: Mobilidades espaciais 6: Habitabilidade 7: Participação cidadã 8: Direito, política e cidade 9: Segregação sócio-espacial 10: Mobilidades espaciais 11: Geografia, região e cidade	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.

(Continua)

Quadro 46 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o ACIUR

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
VI - 2006	1: Assentamentos e políticas urbanas 2: Dinâmicas demográficas 3: Cidades ameaçadas e cidadãos vivendo em risco 4: Produção e circulação de moradia 5: O dever dos centros da cidade 6: Globalização, território e trabalho 7: História urbana 8: Meio-ambiente e desenvolvimento urbano-regional 9: Fenômenos e processos complexos para a alternatividade do desenvolvimento 10: Território: conflito e construção de paz 11: Ordenamento urbano e gestão do solo 12: Espaço público	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.
VII - 2008	1: Globalização e economias locais 2: Fragmentação, apropriação e regulação do espaço urbano 3: Mercados do solo e espaço construído 4: Serviços públicos 5: Habitat informal 6: Mobilidade e transporte 7: Regiões, etnias e novas ruralidades na Colômbia 8: Urbanismo e ordto. territorial 9: Meio-ambiente e desenvolvimento urbano-regional 10: Participação política e gestão territorial 11: Território, conflito armado e movimentos de paz	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.	A associação não dispõe de tais informações.
VIII - 2009	1: Mercado e política de moradia 2: Transporte e serviços públicos domiciliários 3: Fragmentação, apropriação e regulação do espaço urbano 4: Meio-ambiente e desenvolvimento urbano-regional 5: Dinâmicas demográficas e configuração do território 6: Métodos quantitativos na investigação urbana e regional 7: História urbana 8: Direito urbano 9: Governo de municípios, ordenamento territorial e experiências locais 10: Metropolização, cidade e região	Subtema 1: 18 Subtema 2: 8 Subtema 3: 20 Subtema 4: 12 Subtema 5: 19 Subtema 6: 14 Subtema 7: 7 Subtema 8: 10 Subtema 9: 20 Subtema 10: 11 Total: 139	Subtema 1: 78% Col. 5,5% Brasil/ 5,5% México/ 11% Argentina Subtema 2: 100% Col. Subtema 3: 95% Col. 5% Brasil Subtema 4: 75,1% Col. 8,3% EUA/16,6% Méx. Subtema 5: 89% Col Subtema 6: 100% Col. Subtema 7: 90% Col. 10% México Subtema 8: 100% Col. Subtema 9: 90% Col. 10% Argentina Subtema 10: 100%Col.	3% - Argentina 2,2% - México 2,2% - Brasil 0,7% - Estados Unidos 91,9% - Colômbia

(Continua)

Quadro 46 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o ACIUR

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍIS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
IX - 2011	1: Urbanismo e ordenamento territorial 2: Governo, descentralização e participação cidadã 3: Metropolização e região 4: História urbana 5: Fragmentação, apropriação e regulação do espaço urbano 6: Patrimônio e patrimonialização: dinâmica de exclu. e inclusão social 7: Dinâmicas demográficas e configuração do território 8: Ambiente e desenvolvimento urbano-regional 9: Globalização e economias locais 10: Inclusão social urbana e gestão da diversidade 11: Grandes projetos urbanos e gestão público-privada no desenvolvimento regional e metropolitano 12: Habitat, acesso ao solo e políticas de moradia 13: Cidades em risco: Os desafios das cidades menos vulneráveis e mais resilientes 14: Métodos quantitativos na investigação urbana e regional	Subtema 1: 8 Subtema 2: 6 Subtema 3: 8 Subtema 4: 14 Subtema 5: 13 Subtema 6: 6 Subtema 7: 5 Subtema 8: 10 Subtema 9: 7 Subtema 10: 4 Subtema 11: 4 Subtema 12: 14 Subtema 13: 4 Subtema 14: 15 Total: 118	Subtema 1: 100% Col. Subtema 2: 66,2% Col 16,6% México 16,6% Argentina Subtema 3: 87,5% Col. 12,5% México Subtema 4: 87,5% Col. 14,3% Brasil Subtema 5: 92,3% Brasil/ 7,7% França Subtema 6: 83,4% Col. 16,6% Brasil Subtema 7: 80% Col. 20% Brasil Subtema 8: 90% Col. 10% México Subtema 9: 86% Col. 14,3% México Subtema 10: 100% Col. Subtema 11: 80% Col. 20% México Subtema 12: 87% Col. 7,2% EUA/7,2% Brasil Subtema 13: 100% Col. Subtema 14: 100% Col.	0,9% - EUA 0,9% - França 0,9% - Argentina 4,3% - México 3,5% - Brasil 89,5% - Colômbia
X - 2012	1: Paisagem, meio-ambiente e desenvolvimento urbano-regional 2: Metropolização e regiões metropolitanas 3: Descentralização territorial: o que está acontecendo com a descentralização? 4: Urbanismo e ordenamento territorial 5: Leitura histórica do território 6: Dinâmicas populacionais e câmbios territoriais 7: Patrimônio e patrimonialização: dinâmica de exclusão ou inclusão social? 8: Corpo, sexualidade e cidade: perspectivas desde as ciências sociais 9: Cidades em risco: Os desafios das cidades menos vulneráveis e mais resilientes 10: Globalização e economias locais 11: Fragmentação, apropriação e regulação do espaço urbano	Subtema 1: 18 Subtema 2: 18 Subtema 3: 7 Subtema 4: 12 Subtema 5: 18 Subtema 6: 19 Subtema 7: 20 Subtema 8: 12 Subtema 9: 15 Sub. 10: 11 Sub. 11: 17 Subtema 12: 12 Subtema 13: 35 Subtema 14: 15 Subtema 15: 9 Subtema 16: 9 Subtema 17: 16 Subtema 18: 17 Total: 280	Subtema 1: 78% Col./ 5,5% Arg./ 5,5% Venez. 11% Brasil Subtema 2: 72,5% Col./ 5,5% Brasil/ 5,5% Panamá/ 5,5% Venez. 11% Chile Subtema 3: 100% Col. Subtema 4: 91,7% Col. 8,3% Costa Rica Subtema 5: 50,2% Col. 5,5% Arg./ 5,5% Brasil 5,5% Venez./16,5% Méx. Subtema 6: 94,8% Col. 5,2% Venezuela Subtema 7: 65% Col. 5% Chile/ 5% México 5% Salvador/ 5% Peru 15% Brasil Subtema 8: 100% Col. Subtema 9: 41,9% Col. 8,3% Equ./ 8,3% Méx. 8,3% Peru/ 16,6% Arg. 16,6% Brasil Subtema 10: 74% Col. 7% Brasil/ 19% Méx.	0,4% - Costa Rica 0,4% - Panamá 0,4% - Romênia 0,4% - Salvador 0,7% - França 1,1% - Equador 1,4% - Chile 1,4% - Venezuela 1,4% - Peru 4% - Argentina 7,5% - México 8% - Brasil 72,9% - Colômbia

(Continua)

Quadro 46 - Temas prioritários e origem dos trabalhos e pesquisados para o ACIUR

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
	12: Os projetos urbanos de renovação e as transformações da paisagem urbano 13: Habitat, acesso ao solo e políticas de moradia 14: Métodos quantitativos na investigação urbana e regional 15: Cidades saudáveis 16: Direito urbano 17: Cultura cidadã e seguridade cidadã 18: Práticas sócio-espaciais e mobilidade		Subtema 11: 70,8% Col./ 5,9% Chile/ 5,9% Equ./ 5,9% Méx./ 11,8% Arg. Subtema 12: 58,5% Col / 8,3% Arg./ 8,3% México/ 24,9% Brasil Subtema 13: 62,9% Col./ 2,85% Equ./ 2,85% Peru/ 8,5% Arg./ 8,5% México 14,3% Brasil Subtema 14: 66,8% Col./ 8,3% França/24,9%Méx. Subtema 15: 100% Col. Subtema 16: 66,5% Col./ 11,2% Arg./ 11,2% Brasil/ 11,2% Méx. Subtema 17: 100% Col./ Subtema 18: 52,8% Col./ 5,9% França/ 5,9% Peru 5,9% Romênia/ 11,8% Brasil/ 17,7% Méx.	
XI - 2014	1: Economia, cidade e região 2: Habitat, mercado e política de moradia 3: Ambiente e sustentabilidade 4: Processos de ocupação do território, história urbana e patrimônio 5: Segregação sócio-espacial 6: Espaço público: mais além do que a praça e o parque 7: Mobilidade e transporte 8: Escalas territoriais contemporâneas 9: Cultura cidadã e participação 10: Governo	Subtema 1: 14 Subtema 2: 16 Subtema 3: 14 Subtema 4: 17 Subtema 5: 16 Subtema 6: 10 Subtema 7: 8 Subtema 8: 8 Subtema 9: 8 Subtema 10: 9 Total: 112 artigos	Subtema 1: 100% Col. Subtema 2: 62,5% Col. 6,25% Arg./ 6,25% Equ./ 12,5% Méx./12,5% Brasil Subtema 3: 92,85% Col./ 7,15% Brasil Subtema 4: 100% Col. Subtema 5: 68,75% Col./ 6,25% Equ./ 6,25% Brasil 6,25% Méx./ 12,5% Arg. Subtema 6: 80% Col. 10% Brasil/ 10% México Subtema 7: 100% Col. Subtema 8: 75% Col. 12,5% Chile/ 12,5% Equ. Subtema 9: 100% Col. Subtema 10: 77,6% Col./ 11,2% Méx./11,2% Brasil	1% - Chile 2,7% - Argentina 2,7% - Equador 4,5% - México 5,4% - Brasil 83,7% - Colômbia

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 46 - Temas prioritários e origem dos trabalhos - Colóquio INJAVIU

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
I - 2007	1: Desenvolvimento urbano e meio 2: Qualidade e habitabilidade da moradia 3: Território, cidade e moradia 4: Direitos à cultura, cidade e cidadania 5: Pobreza e periferia urbana	Subtema 1: 3 Subtema 2: 5 Subtema 3: 8 Subtema 4: 7 Subtema 5: 6 Total: 29	Subtema 1: 100% Col. Subtema 2: 100% Col. Subtema 3: 100% Col. Subtema 4: 100% Col. Subtema 5: 100% Col.	100% - Colômbia
II - 2008	1: Moradia e qualidade de vida 2: Igualdade na cidade e integração social e cultural 3: Habitat e meio-ambiente urbano 4: Déficit de moradias e alternativas de solução 5: Habitat e cidade saudável	Subtema 1: 5 Subtema 2: 5 Subtema 3: 7 Subtema 4: 11 Subtema 5: 3 Total: 31 artigos	Subtema 1: 100% Col. Subtema 2: 100% Col. Subtema 3: 100% Col. Subtema 4: 100% Col. Subtema 5: 100% Col.	3,3% - Brasil 96,7% - Colômbia
III - 2009	1: Recuperação de áreas urbanas e participação cidadã 2: História e memória urbana 3: Crescimento urbano, sustentabilidade e transformações urbanas 4: Gestão urbana, atores sociais e integração social 5: Produção de moradia de baixo custo e acesso ao solo	Subtema 1: 7 Subtema 2: 8 Subtema 3: 14 Subtema 4: 13 Subtema 5: 7 Total: 31	Subtema 1: 72,4% Col/ 28,6% Venezuela Subtema 2: 62,5% Col./ 12,5% Arg./ 12,5% Méx./ 12,5% Venez. Subtema 3: 71,4% Col/ 7,15% Brasil/ 7,15% Méx./ 14,3% Chile Subtema 4: 38,4% Col./ 7,7% Alemanha/ 7,7% Arg/ 7,7% Venez. 7,7% Méx./ 15,4% Brasil/ 15,4% Guat. Subtema 5: 42,8% Col./ 14,3% Arg./14,3% Chile/ 14,3% Méx./ 14,3% Venez.	3,3% - Alemanha 10% - Brasil 13% - México 6,6% - Chile 6,6% - Guatemala 10% - Argentina 13% - Venezuela 37,5% - Colômbia
IV - 2010	1: Transformação e gestão urbanas 2: Moradia, habitabilidade e inovação 3: Novas socialidades, identidade, patrimônio e memória urbana 4: Território, meio-ambiente e paisagem 5: Moradia e cidade saudáveis	Subtema 1: 26 Subtema 2: 18 Subtema 3: 19 Subtema 4: 25 Subtema 5: 10 Total: 98	Subtema 1: 42,3% Col./ 3,8% Bolívia/ 3,8% C. Rica/ 3,8% Cuba/ 3,8% Venez./ 7,7% Chile/ 7,7% Méx./ 11,6% Arg./ 15,4% Brasil Subtema 2: 41,7% Col. 5,3% Bolívia/ 10,6% Brasil/ 10,6% Chile 31,8% México Subtema 3: 52,8% Col. 5,2% Arg./ 5,2% Chile 5,2% Peru/ 5,2% Venez./ 10,5% Brasil/ 15,8% Méx. Subtema 4: 60% Col. 4% Brasil/ 8% Chile 8% Méx./ 20% Venez. Subtema 5: 40% Col. 10% Brasil/ 10% Chile 10% Venez./30% Méx.	1% - Cuba 1% - Peru 1% - Costa Rica 2% - Bolívia 3% - Venezuela 4,1% - Argentina 7,1% - Chile 9,2% - Brasil 14,3% - México 67,3% - Colômbia

(Continua)

Quadro 47 - Temas prioritários e origem dos trabalhos para o Colóquio INJAVIU

(Continuação)

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DO VÍNCULO
V - 2011	1: Habitabilidade e direitos 2: Espaço social 3: Transformação e gestão da cidade sustentável	Subtema 1: 33 Subtema 2: 33 Subtema 3: 28 Total: 94	Subtema 1: 52% Col. 3% Bolívia/ 3% C. Rica 3% Equador/ 6% Brasil 9% Arg./ 12% México 12% Venez. Subtema 2: 67% Col. 3% Brasil/ 3% C. Rica 6% Chile/ 9% Venez. 12% México Subtema 3: 37% Col. 3,5% Brasil/ 3,5% C. Rica/ 3,5% Peru 10,5% Chile/ 14% Arg. 14% Méx./14% Venez.	1,1% - Bolívia 1,1% - Equador 1,1% - Peru 3,2% - Costa Rica 4,3% - Brasil 5,3% - Chile 7,5% - Argentina 11,7% - Venezuela 12,8% - México 51,9% - Colômbia
VI - 2013	1: Moradia, inclusão social e direitos humanos 2: A cidade informal: vício ou virtude? 3: Sustentabilidade, desenvolvimento e políticas de moradia 4: Externalidades ambientais na cidade e no território	Subtema 1: 30 Subtema 2: 30 Subtema 3: 29 Subtema 4: 17 Total: 106	Subtema 1: 46,4% Col. 3,35% Chile/ 10% Brasil/ 16,8% Méx./ 23,5% Argentina Subtema 2: 63,2% Col. 3,3% Arg./ 6,7% Brasil 26,8% México Subtema 3: 58% Col./ 3,5% Canadá/ 3,5% Chile/ 3,5% Cuba 3,5% Esp./ 7% Arg. 7% Brasil/ 14% Méx. Subtema 4: 82,3% Col. 5,9% Arg./ 11,8% Méx.	1% - Canadá 1% - Cuba 1% - Espanha 1% - Chile 6,7% - Brasil 10,5% - Argentina 18% - México 39,2% - Colômbia

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 47 -. Orientação temática dos artigos colombianos

NÚMERO DE ARTIGOS/TEMÁTICAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS - COLÔMBIA						
Orientação temática	2006-2007	2008-2009	2010-2011	2012-2013	2014-2015	Total
Política habitacional, dinâmica imobiliária e regulação estatal	13	44	75	94	16	242
Recursos naturais e sustentabilidade		33	63	35	14	145
História e teoria do urbanismo		15	23	18	17	83
Estado, planejamento e política		33	32		10	75
Inclusão, igualdade e participação social		12	37			64
Desenvolvimento regional		11	12	18	14	55
Reconfigurações espaciais	3	20	13	11	8	55
Pobreza, segregação e violência urbana	6		4	54		49
Técnicas e métodos de modelagem e de análise socioespacial		16	14	14		44
Dinâmicas demográficas internas		19	5	19		43
Patrimônio e patrimonialização			6	20		26
Globalização e economias locais			7	18		25
Direito urbano	7	10		9		24
Paisagem urbana e espaço público						22
Cultura, identidades e apropriação do espaço				12	9	21
Urbanismo e ordenamento territorial			8	12		20
Infraestruturas e serviços públicos		8			8	16

Fonte: PEREIRA (2016)

O quadro colombiano revela que, além da priorização da discussão acerca da sustentabilidade, é forte a prioridade dada à política habitacional, dinâmica imobiliária e regulação estatal. O tema Pobreza, segregação e violência urbana também aparece em destaque, tendo um ápice entre 2012 e 2013 – e também diz muito da realidade das cidades colombianas. Temáticas mais generalistas aparecem de forma constante ao longo dos anos, como História e teoria do urbanismo, Estado, planejamento e política, Desenvolvimento regional e Reconfigurações espaciais.

6.5 CHILE

Para o Chile, foram selecionados os eventos Encuentros de Diseño Urbano (READU) e *Seminario del Territorio al Detalle (Universidad de Talca)*. Ambos os eventos estão vinculados com a disciplina de arquitetura e urbanismo, e, apesar de não possuírem tão longa trajetória (desde 2011 e 2007, respectivamente), ambos possuem material disponível online e aderência com o tipo de evento proposto para análise nessa tese. Flexibilizou-se a seleção dos eventos nesse país devido a indisponibilidade de acesso aos dados de eventos mais tradicionais no país. A seleção dos eventos levou em conta a o acesso às informações necessárias, e as disciplinas discutidas em suas edições. Ambos possuem periodicidade anual. O *Seminário del Territorio al Detalle* é uma iniciativa que a cada ano reúne os principais nomes da arquitetura e urbanismo latino-americano. As edições contam com convidados específicos que apresentam seu trabalho/pesquisa em vídeos que estão disponíveis online. Apesar do formato desse evento ser diferente dos demais, considera-se que ele é uma importante arena de discussão sobre temáticas referentes à cidade, com alto grau de visibilidade em nível continental.

Quadro 48 - Temas e origem dos trabalhos do Encuentros de Diseño Urbano

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DE VÍNCULO
2011	Tema central: Os Aportes desde a Academia e a Prática 1: Desenho Urbano desde a Academia 2: Desenho Urbano desde a Prática	Subtema 1: 6 Subtema 2: 4 Total: 10	Subtema 1: Colômbia (1), Chile (5) Subtema 2: Espanha (1), Chile (4)	10% Colômbia 10% Espanha 80% Chile
2012	Tema central: Importância da descentralização do debate sobre o Desenho Urbano 1: Teoria do Desenho Urbano 2: Escala de ação do Desenho Urbano 3: Governança e Gestão Urbana Contemporânea 4: Prática do Desenho Urbano Contemporâneo	Subtema 1: 5 Subtema 2: 9 Subtema 3: 5 Subtema 4: 10 Total: 29	Subtema 1: Chile (5) Subtema 2: Paraguai (1), Chile (8) Subtema 3: Chile (5) Subtema 4: Chile (10)	3,5% Paraguai 96,5% Chile
2013	Tema central: Aproximações desde a forma, o espaço e o lugar 1: A forma, discussão pendente em grandes projetos, assim como em pequenas intervenções 2: O espaço, suporte territorial e recurso promotor de projetos 3: A relevância do lugar significador de experiências urbanas 4: Aspectos positivos e negativos da cidade chilena e latino-americana 5: A coerência com o contexto urbano das investigações e práticas arquitetônicas 6: Desafios profissionais para a prática no desenho urbano e arq.	Subtema 1: 2 Subtema 2: 3 Subtema 3: 7 Subtema 4: 5 Subtema 5: 2 Subtema 6: 5 Total: 24	Sem informação	Sem informação
2014	Tema central: A escala da cidade e a urbanização do território 1: A cidade, a escala humana e hábitos de bairro 2: O sistema urbano eficiente e sustentável em contextos de metropolização 3: A institucionalidade urbana e a construção da cidade 4: A reconstrução urbana do território 5: Contexto Serena: Coquimbo 6: Catedra Desenho Urbano Internacional	Subtema 1: 4 Subtema 2: 9 Subtema 3: 11 Subtema 4: 5 Subtema 5: 5 Subtema 6: 1 Total: 35	Subtema: Chile (4) Subtema 2: Chile (9) Subtema 3: Chile (11) Subtema 4: Chile (5) Subtema 5: Chile (5) Subtema 6: Austrália (1)	3% Austrália 97% Chile
2015	Tema central: A Água e as Cidades 1: Água e meio-ambiente: sustentabilidade, vulnerabilidade em desenvolvimento de cidades e territórios 2: Água e cidade: desenho de waterfront de cidades costeiras e ribeirinhas	Subtema 1: 13 Subtema 2: 11 Total: 24	Subtema 1: Itália (1), Chile (12) Subtema 2: Colômbia (1) Paraguai (1) México (1) Chile (9)	4% Itália 4% Colômbia 4% Paraguai 4% México 84% Chile

Fonte: A autora (2019)

Quadro 49 - Temas e origem dos trabalhos – Sem. del Territorio al Detalle

Nº EDIÇÃO / ANO	TEMAS PRIORITÁRIOS (POR EDIÇÃO)	VOLUME DE ARTIGOS	PAÍS DE VÍNCULO DOS TRABALHOS	BALANÇO GERAL DE VÍNCULO
2007	Sem tema. Convidados: Humberto Eliash Díaz; Marlo Trejos Hampf; Javier Fernández Castro; Marcelo Danza	-	Humberto Eliash Díaz: Chile Marlo Trejos Hampf: Costa Rica Javier Fernández Castro: Argentina Marcelo Danza: Uruguai	25% Chile 25% Costa Rica 25% Argentina 25% Uruguai
2008	Sem tema. Convidados: Mónica Bertolino; Javier Corvalán; Pezo von Ellrischausen	-	Mónica Bertolino: Argentina Javier Corvalán: Paraguai Pezo von Ellrischausen: Chile	33,3% Argentina 33,3% Paraguai 33,3% Chile
2009	Sem tema. Convidados: Fernando de Mello; Sebastián Irarrazabal; Jean Pierre Crousse	-	Fernando de Mello: Brasil Sebastián Irarrazabal: Chile Jean Pierre Crousse: Peru	33,3% Brasil 33,3% Chile 33,3% Peru
2010	1: Inés Moisset: Produção e adaptação do conhecimento e da ciência frente às tecnologias. 2: Solano Benitez: Organizações públicas e o processo de planejamento urbano.	-	Inés Moisset: Argentina Solano Benitez: Paraguai	50% Argentina 50% Paraguai
2011	-	-	-	-
2012	1: Alvaro Puntoni: Espaços públicos, vazios urbanos e patrimônio arquitetônico. 2: Nicolas Norero 3: Al Borde	-	Álvaro Puntoni: Brasil Nicolas Norero: Chile Al Borde: Equador	33,3% Brasil 33,3% Chile 33,3% Equador
2013	1: Luis López López: Apropriação do espaço, projetos em contextos consolidados e relação da arquitetura e a cidade. 2: Claudio Vekstein	-	Luis López López: Equador Claudio Vekstein: Argentina	50% Equador 50% Argentina
2014	1: José María Sáez: Estratégias populares na arquitetura latino-americana. 2: Ariel Jacobovich: Prática da arquitetura; Processos projetuais, técnicas e ferramentas.	-	José María Sáez: Equador Ariel Jacobovich: Argentina	50% Equador 50% Argentina
2015	1: Marcelo Villafañe: Relação entre arte e arquitetura em Rosário, Argentina. 2: Lukas Fuster: Arquitetura, projetos sustentáveis e de baixo custo. 3: Martín Gualano: Relação entre paisagem urbana e arquitetura; projetos urbanos.	-	Marcelo Villafañe: Argentina Lukas Fuster: Paraguai Martín Gualano: Uruguai	33,3% Argentina 33,3% Paraguai 33,3% Uruguai

Fonte: Elaboração da autora (2019) Dados disponibilizados nos portais dos eventos.

Assim como em demais países, os eventos científicos do Chile são em maioria de difícil acesso, e poucos disponibilizam informações e acervo de edições passadas. Em um primeiro momento, foram encontrados eventos mais tradicionais e com um maior número de edições, porém estes não disponibilizaram as informações necessárias de forma online e não responderam as tentativas de contato. Por esse motivo, optou-se por eventos não tão tradicionais, mas com maior disponibilidade de dados. O evento “*Encuentros de Diseño Urbano*” é acadêmico e em todas as edições conta com a participação de grandes nomes da arquitetura e urbanismo da América Latina – porém, é focado em seminários e palestras, sem a publicação de artigos. Apesar de sua análise não trazer um montante significativo quanto às discussões priorizadas em termos de volume, ela é interessante devido ao foco e a integração de grandes nomes do urbanismo latino-americano. O acervo de palestras está parcialmente online, e utilizou-se esses dados de forma a encaixar nas mesmas categorias que os artigos do outro evento, mas deixando o número em separado, com um asterisco. Os tópicos discutidos nessas palestras estavam disponíveis apenas a partir de 2010, apesar de o evento já ser realizado desde 2007.

Quadro 50 - Orientação temática dos artigos chilenos

NÚMERO DE ARTIGOS/TEMÁTICAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS – CHILE						
Orientação temática	2006-2007	2008-2009	2010-2011	2012-2013	2014-2015	Total
Urbanismo e ordenamento territorial			4	24	9	37
Recursos naturais e sustentabilidade					33	33
Estado, planejamento e política			1*	5	11	17
História e teoria do urbanismo			6	5		11
Paisagem urbana e espaço público			1*	10 1*	2*	10+4
Reconfigurações espaciais					5	5
especificidades da cidade latino-americana				5 1*		5+1
Relação de grandes projetos arquitetônicos e contexto urbano				2		2
Infraestruturas e serviços públicos				2	1	3
Estratégias de projetos arquitetônicos sustentáveis					3*	3*
Produção e adaptação do conhecimento e ciência do urbanismo às tecnologias			1*			1*
Cultura, identidades e apropriação do espaço					1*	
Patrimônio e patrimonialização			1*			1*

Fonte: SANTOS (2018) *Número de palestras relacionadas à temática.

O que se percebe é que no Chile priorizou-se as discussões voltadas ao Urbanismo e ordenamento territorial, Sustentabilidade e Estado, planejamento e política.

Ambos os eventos chilenos são fortemente relacionados com urbanismo, o que justifica o grande foco em questões projetuais e de planejamento do espaço urbano. Discussões quanto à Paisagem Urbana e o espaço público também foram muito recorrentes, assim como tópicos voltados à projetos arquitetônicos e sua inserção no contexto local e sustentabilidade. É interessante também a leitura da cidade latino-americana como unidade comum, que aparece em ambos os eventos (5 artigos e 1 palestra). Questões sociais não foram o foco dos eventos chilenos, sendo estes realmente mais voltados às questões de planejamento e gestão do urbano, especialmente quanto ao desenho e sustentabilidade.

7 APÊNDICE B: DADOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

A leitura do quadro 53 revela que palavras relacionadas a aspectos sociais apareceram em todos os países analisados, na Colômbia com maior recorrência em 2005, México em 2012, Brasil em 2006 e 2013-2014, e Argentina, 2009-2010. Claramente as questões sociais configuraram as prioridades dos programas de pós-graduação, sendo as mais citadas na Colômbia e México e a segunda mais citada no Brasil. Palavras-chaves relacionadas à política são recorrentes em todos os países, na Colômbia com maior recorrência em 2007 e 2010, Argentina em 2013, México em 2009 (sendo que é a segunda palavra mais citada nesse país) e Brasil em 2014. Palavras relacionadas a desenvolvimento foram as mais citadas no Brasil, com o ápice em 2007, também estiveram em destaque na Argentina em 2013 e no México em 2006. Palavras relacionadas a meio ambiente e aspectos ambientais foram citadas no Brasil, com maior número de citações em 2013, México em 2014 e Argentina com um número uniforme de citações a cada ano. As demais palavras-chaves se dirigem a especificidades de cada um dos países – as que retratam preocupações comuns a todos são realmente aspectos sociais, meio ambiente e questões ambientais, política e políticas públicas e desenvolvimento.

Quadro 51 - Palavras chaves mais recorrentes por ano em cada país

PALAVRAS-CHAVE	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	TOTAL
BRASIL												
Desenvolvimento Urbano	1	2	4	2	4	2	3	7	1	6	4	36
Aspectos Sociais	3	5	3	1	3	1	2	2	4	5	3	32
Configuração do Espaço Urbano	0	3	1	2	2	2	3	2	5	3	7	30
Planejamento Urbano	0	0	1	4	3	2	0	5	5	2	6	28
Aspectos Ambientais	0	0	0	1	1	3	1	1	6	3	2	18
Gestão Urbana	0	0	0	0	3	2	0	2	1	1	4	13
Participação Popular	0	0	1	2	1	2	2	2	0	3	0	13
Território	0	0	0	0	0	1	0	3	4	3	1	12
Inovações	3	2	0	1	1	0	3	1	0	0	1	12
Políticas Públicas	0	1	0	0	2	0	0	2	2	3	1	11
Desenv. Sustentável	0	1	0	1	1	1	2	4	0	1	0	11
MÉXICO												
Aspectos Sociais	1	2	2	2	1	1	1	5	1	4	3	23
Política	1	2	0	1	5	2	1	4	2	2	0	20
Trabalho	2	1	0	2	0	1	0	0	1	3	2	12
Migração/ Imigração	0	3	0	0	2	4	0	1	2	1	0	13
Cidadania	2	1	3	1	0	1	1	0	1	0	0	10
Estrutura Social	1	1	2	1	1	0	0	4	0	0	0	10
Desigualdade Social	0	0	1	0	2	0	1	1	0	0	3	10
Sociologia	0	5	1	1	1	0	0	0	0	1	0	9
Desenvolvimento	0	3	0	0	0	2	0	0	1	2	0	8
Meio Ambiente	0	0	0	1	1	0	1	1	0	2	1	7
ARGENTINA												
Geografia	4	4	0	7	1	2	0	2	4	0	0	48
Meio Ambiente	0	1	0	0	1	1	0	1	1	0	0	39
Políticas Públicas	2	2	2	0	3	2	1	1	6	2	0	21
Desenvolvimento	3	0	0	1	2	1	1	0	5	1	0	14
Território	0	0	1	1	0	4	1	0	2	3	0	12
Zona Rural	2	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	8
Clima	0	0	1	1	1	0	0	1	1	2	0	7
Turismo	1	0	1	0	1	0	0	0	4	0	0	7
Aspectos Sociais	0	0	0	0	2	2	0	1	2	0	0	7
Etnografia	0	1	0	0	1	1	0	1	1	0	0	5
COLÔMBIA												
Aspectos Sociais	20	10	16	12	21	5	11	10	6	2	3	116
História	7	9	8	7	10	14	2	9	2	1	2	71
Política	7	6	10	7	7	10	0	8	0	1	1	57
Antropologia	7	6	11	8	4	6	3	3	1	1	1	51
Conflito Armado	6	3	2	9	5	6	4	3	2	0	0	40
Indígena	6	3	4	2	5	4	3	3	3	0	0	33
Violência	0	3	1	5	4	4	5	3	3	1	0	29
Arqueologia	1	0	0	1	5	6	3	5	0	0	0	21
Guerra	1	2	0	6	1	5	2	2	0	0	0	19
Costumes	2	1	3	2	4	4	1	1	0	0	0	18

Fonte: SILVA (2016) Dados retirados dos portais online de cada programa investigado.

8 APÊNDICE C: DADOS DAS REVISTAS CIENTÍFICAS

Tabela 11 – Países de vínculo institucional dos autores (revistas científicas)

BRASIL		MÉXICO	
PAÍSES	Nº DE AUTORES	PAÍSES	Nº DE AUTORES
Brasil	1326	México	658
Portugal	32	Argentina	83
Argentina	23	Espanha	36
França	23	Brasil	26
Espanha	15	Chile	15
Colômbia	13	Estados Unidos	14
Reino Unido	9	Uruguai	10
México	8	Colômbia	8
Moçambique	8	Venezuela	8
Estados Unidos	7	França	6
Cuba	4	Cuba	3
Canadá	3	Reino Unido	3
Alemanha	3	Canadá	2
Costa Rica	3	Itália	2
África do Sul	3	Equador	2
Equador	2	Portugal	2
Itália	2	República Tcheca	1
Peru	1	Holanda	1
Índia	1	Costa Rica	1
Finlândia	1	Polônia	1
Cooperações	19	Austrália	1
		Cooperações	44
TOTAL	1506	TOTAL	927

(Continua)

Tabela 10 – Países de vínculo institucional dos autores (revistas científicas)
(Continuação)

ARGENTINA		COLÔMBIA	
PAÍSES	Nº DE AUTORES	PAÍSES	Nº DE AUTORES
Argentina	379	Colômbia	318
Brasil	22	Venezuela	112
Espanha	18	Argentina	97
México	15	Brasil	39
Chile	10	Chile	29
Itália	3	México	24
Reino Unido	2	Espanha	15
Colômbia	2	França	10
Bolívia	2	Reino Unido	6
França	2	Estados Unidos	6
Bélgica	1	Costa Rica	5
Estados Unidos	1	Canadá	4
Equador	1	Uruguai	3
Alemanha	1	Cuba	2
Costa Rica	1	Equador	2
Suécia	1	Áustria	1
Cooperações	12	Austrália	1
		Suíça	1
		Alemanha	1
		Indonésia	1
		Peru	1
		Honduras	1
		Não informado	425
		Cooperações	30
TOTAL	473	TOTAL	1134

(Continua)

Tabela 10 – Países de vínculo institucional dos autores (revistas científicas)

(Continuação)

CHILE	
PAÍSES	Nº DE AUTORES
Chile	277
Brasil	72
Espanha	51
Argentina	40
Estados Unidos	39
México	37
Colômbia	18
Reino Unido	13
França	8
Peru	8
Alemanha	8
Equador	7
Uruguai	5
Costa Rica	5
Bolívia	4
Portugal	3
Venezuela	2
Canadá	2
Holanda	2
Austrália	2
Itália	2
Cuba	1
Áustria	1
China	1
Suíça	1
Suécia	1
Japão	1
Turquia	1
Paraguai	1
Romênia	1
Honduras	1
Luxemburgo	1
Cooperações	34
Não informado	10
TOTAL	660

Fonte: Elaboração da autora (2019) Dados extraídos dos portais dos periódicos e/ou plataformas científicas

9 APÊNDICE B: LEITURAS TEMPORAIS

9.1 BRASIL

Para analisar de forma temporal os principais acontecimentos do planejamento e gestão urbana nos países de interesse, selecionou-se alguns artigos, teses ou dissertações (publicados nos eventos científicos ou programas de pós-graduação analisados). A partir desses, buscou-se algumas informações específicas: panorama histórico em relação do planejamento das cidades nas décadas que incluem o recorte desta etapa (1970-2010); e autores e cidades tidas como referenciais na discussão do urbano.

Quadro 52 - Quadro temporal do Brasil (etapa 1 do Estudo de caso)

QUADRO TEMPORAL – BRASIL		
PERÍODO	Características	Ocorridos
1970 - 1980	Com a vigência do regime militar, as práticas governamentais eram de caráter expressivamente centralista e pouco democrático (Namur e Guatassara Boeira, 2005). Os planejadores urbanos brasileiros orientavam suas práticas pelas relações entre a política urbana, o Estado e o desenvolvimento socioeconômico (Araújo Fernandes, 2005).	<ul style="list-style-type: none"> - Origem, ainda que de forma tímida, da participação social nas agendas de gestão urbana das grandes capitais (Araújo Fernandes, 2005). - Advento expressivo de grandes programas e projetos dirigidos à habitação, transportes e saneamento ambiental (Soares de Azevedo, 2005). - Criação das oito primeiras regiões metropolitanas brasileiras em 1973 e 1974 (Soares de Azevedo, 2005).
1980 - 1990	Com a retomada do regime democrático, entra em cena a descentralização administrativa. O retraimento da atuação do Estado revelou uma assimetria de poder político entre segmentos sociais, ocasionando o surgimento de movimentos sociais. No campo dos estudos, o foco recai sobre os processos de gestão municipal democrática (Araújo Fernandes, 2005).	<ul style="list-style-type: none"> - Discute-se o papel dos atores coletivos nas políticas urbanas brasileiras a partir da atuação do Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNRU), organizado em 1987, especialmente com relação às possibilidades de expansão democrática (Brasil, 2004). - Atualização da Constituição Federal em 1988, que tornou a participação social como elemento obrigatório da política urbana (Araújo Fernandes, 2005). - Surgimento do projeto de lei do Estatuto da Cidade, em 1989. (Lopes de Souza, 2007)
1990 - 2000	Os processos de participação social na tomada de decisões tornam-se palavra de ordem, com ênfase nas carências urbanas mais imediatas e experiências de orçamento participativo, com uma diferenciação maior entre a classe técnica e ativismos de base e micro locais (Lopes de Souza, 2007). Os preceitos da reforma urbana foram incorporados por muitos governos locais visando a reformulação da cidade no contexto global, num cenário de transição das práticas do Estado de Bem-Estar às neoliberais (Brasil, 2004).	<ul style="list-style-type: none"> - Difusão da pauta de reforma urbana originária do FNRU, que influenciaram na elaboração das Leis Orgânicas e Planos Diretores, instituindo poder local e avanços nos instrumentos e processos de gestão urbana (Brasil, 2004). - Consolidação do conceito de democracia deliberativa, calcado na existência da constituição enquanto expressão de uma ordem normativa, legitimada por meio da deliberação do povo (Araújo Fernandes, 2005).
2000- 2010	Paralelamente a uma maior institucionalização da participação popular e privada, observam-se menores graus de interesse na mobilização, justificando-se assim as poucas evoluções na gestão urbana nacional em relação à década anterior (Lopes de Souza, 2005).	<ul style="list-style-type: none"> - Criação do Estatuto da Cidade em 2001 (Lopes de Souza, 2005).

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 53 – Quadro temporal do Brasil (etapa 2 do Estudo de caso)

DÉCADA	QUADRO TEMPORAL BRASIL
1970	<ul style="list-style-type: none"> - A partir de 1950 começou a surgir uma sociedade com uma ideologia consumista, com a influencia dos Estados Unidos (EBERHARDT, 2013). - Indústrias foram implantadas na região sul-sudeste pelo maior desenvolvimento e capital de giro, o que causou e causa uma grande disparidade social no país (EBERHARDT, 2013). - Ideia de globalização em nível mundial, que com o desenvolvimento da tecnologia ocorreu rapidamente, causaram crises de planejamento (GONÇALVES, 2005). - Banco Mundial faz intervenção direta do estado na produção em larga escala de habitações, que deveriam ter preço ajustado a capacidade de pagar do usuário, o que implicou em reduzir o padrão social e a área da construção, fazendo ruir as ideias iniciais de bem-estar-social. Acesso à habitação não se daria mais pelo estado e sim pelo mercado (RIBEIRO FILHO, 2006). - Estado tem novo papel de estimular o mercado, criando maior flexibilização nas linhas de crédito (RIBEIRO FILHO, 2006).
1980	<ul style="list-style-type: none"> - O aperfeiçoamento das tecnologias fez com que houvesse impactos na organização do espaço quanto as exigências funcionais, permitindo raios maiores entre de núcleos de bens e serviços (TINOCO, 2011). - Ideologia neoliberal com força maior, que causou uma remodelação no quadro político nacional, com o surgimento do PT (Partido dos Trabalhadores) (GONÇALVES, 2005). - Em 1980 o Banco Mundial, com um intuito de obter maior desenvolvimento municipal passou a desenvolver projetos como modo de haver ajustes urbanos, com isso foi criado o Projeto de Desenvolvimento Municipal, que tem como componentes o desenvolvimento institucional e a infraestrutura, essas medidas foram parte de uma estratégia de descentralização, que ocorreu devido às dívidas nacionais (RIBEIRO FILHO, 2006). - Aprovação da Constituição Federal de 1988 provocando descentralização política e instucional e impactos fiscais e financeiros sobre as gestões urbanas (BRITO, 2004).
1990	<ul style="list-style-type: none"> - Gestões descentralizadas estão sendo implantadas, com o poder federativo eliminando o welfare state (ALLEBRANDT, 2010). - No Rio Grande do Sul foram implantadas as Comudes e Coredes, que fortaleceram a cidadania e o processo de desenvolvimento local e regional do estado (ALLEBRANDT, 2010). - Nesse período houve maior incentivo a competição entre cidades, vindo inclusive do Banco Mundial. Isso fazia com que a gestão urbana fosse de caráter empreendedorista (RIBEIRO FILHO, 2006). - Novos tipos de planejamento foram implantados, um dos mais presentes é o planejamento estratégico competitivo (GONÇALVES, 2005). - O planejamento estratégico situacional foi rapidamente absorvido pelos municípios por no momento existir uma crise de paradigmas tradicionais no país – sendo utilizado principalmente por partidos esquerdistas. Prioriza a participação social e a democracia. (GONÇALVES, 2005) - Violência e segurança tornam-se tópicos de importância, discutidos pelas esferas comunitárias (CARDOSO, 2013). - Condomínios se popularizam na década de 1990, causando a gentrificação e a privatização de áreas (CARDOSO, 2013). - Desigualdade sócio espacial é perceptível no tecido urbano, a prioridade parece ser a realização máxima do capital (CARDOSO, 2013). - Novos padrões de comportamento fazem com que a população cada vez levasse uma vida introspectiva, associada com uso de tecnologias (CARDOSO, 2013). - O planejamento estratégico passou a ser modelo de gestão para a cidade do Rio de Janeiro em 1992, inaugurando no Brasil essa forma de ação pública sobre as cidades (LIMA JUNIOR, 2003).
2000	<ul style="list-style-type: none"> - Maior contato entre a população e governantes, que surgiram com gestões mais descentralizadas (ALLEBRANDT, 2010). - A Política Nacional de Desenvolvimento Regional / PNDR foi criada como instrumento para combater desigualdades regionais no Brasil (VARGAS, 2013). - Em 2000 o Banco Mundial implanta o <i>governance</i> corporativo, que busca corrigir as imperfeições do mercado, com a intenção de equilibrar as políticas macroeconômicas e as políticas de redução de pobreza (RIBEIRO FILHO, 2006). - As cidades contemporâneas são formadas principalmente pelas inovações tecnológicas e a escala global mais indutora do que a local, características que começaram a aparecer a partir do século XIX (VIANA, 2008). - O pensamento global sobre o planejamento da cidade é cartesiano. Pensamentos alternativos podem incluir inovações tecnológicas e outras questões (CARDOSO, 2013).

Fonte: SILVA (2016); SANTOS (2018).

SILVA, C.N. O entendimento da cidade latino-americana por meio de pesquisas acadêmicas em programa de pós-graduação em países selecionados. Relatório de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2016.

SANTOS, B. A. Similares e distinções nos processos de urbanização de países selecionados da América Latina. Relatório de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2018.

A leitura do quadro de forma reducionista poderia resumir cada década a aspectos centrais. A década de 1970 é marcada pelo desenvolvimento industrial, ideologia de consumo e intervenção do Banco Mundial em aspectos de combate a pobreza, habitação e outros. Já os anos 1980 tiveram como marcos o neoliberalismo, a aprovação da Constituição Federal de 1988 e descentralização da gestão.

Nos anos de 1990 continuou-se com a tendência de descentralização, mas agora diversas outras características tomaram espaço no planejamento e gestão da cidade – como a competitividade e empreendedorismo, a participação social, a desigualdade sócio espacial, a implantação do modelo de planejamento estratégico no Rio de Janeiro e a popularização dos condomínios fechados. Em 2000, ainda se tem como chave as questões de participação popular e descentralização da gestão, assim como a discussão da desigualdade (também em nível nacional entre regiões) e, sobretudo, intensificam-se as discussões sobre as inovações tecnológicas.

A partir da leitura do quadro temporal percebe-se que sempre esteve presente, e cada vez com um fortalecimento progressivo, a valorização da democratização, descentralização dos processos e participação social na gestão. É interessante o fato de processo participativo ter tido suas primeiras experiências ainda durante o regime militar. Alguns marcos legais também são grandes eventos no planejamento e gestão da cidade – como a atualização da constituição federal em 1988 e o Estatuto da Cidade em 2001. O Quadro 54 apresenta a mesma leitura temporal para o caso mexicano.

9.2 MÉXICO

Quadro 54 - Quadro temporal do México (etapa 1 do Estudo de caso)

QUADRO TEMPORAL – MÉXICO		
Período	Características	Ocorridos
1970 - 1980	Fortalecimento da atividade industrial e turística (embora pouco considerando o meio-ambiente), causando crescimento populacional em polos de desenvolvimento econômico por fluxos migratórios (Quiroz Rothe, 2009). Período é chamado de "década de ouro" do planejamento urbano no México, onde as políticas procuravam frear o mercado imobiliário e seu impacto nos grupos mais pobres (Gómez González e Méndez Ramírez, 2015).	- Advento expressivo de grandes programas e projetos dirigidos a habitação, destacando-se cidades inteiramente planejadas como dormitórios relativos a grandes complexos industriais (Quiroz Rothe, 2009). - Construção de Cancún, em 1974, cidade marcada como o primeiro balneário turístico mexicano inteiramente planejado (Quiroz Rothe, 2009).
1980 - 1990	Fluxos migratórios internos cessam em detrimento a fluxos de imigração em direção aos EUA (Cruz Islas, 2015). No âmbito das cidades, procurava-se remodelar áreas de antigas centralidades visando a acomodação dos mais pobres, voltando-se estas práticas ao turismo posteriormente com o surgimento do planejamento estratégico no México (Duhau, 2005). Ocorrência de alguns dos piores desastres naturais do país (Rodríguez Velázquez, 2007).	- Promulgação do Centro Histórico da Cidade do México como "Zona de Monumentos Históricos", dividindo-se em uma zona própria para proteção e uma zona própria para a criação de novos corredores urbanos (Gómez González e Méndez Ramírez, 2015). - Criação do Programa de Renovação Habitacional Popular, em 1985 no Centro Histórico da Cidade do México, destinado a reconstrução de residências dos habitantes locais depois do terremoto que atingiu a região em 1985 (Gómez González e Méndez Ramírez, 2015).
1990 - 2000	População nacional praticamente dobrou no período, gerando uma nova dinâmica marcada pelo policentrismo intraregional e redes urbanas, de acordo com o contexto internacional globalizado (Duhau, 2005). Grande parte das preocupações das práticas urbanas no país voltou-se à sustentabilidade no que tange o crescimento vertiginoso das cidades, e possíveis futuros desastres naturais (Rodríguez Velázquez, 2007).	- Consolidam-se cinquenta e nove regiões metropolitanas no México, ante as doze iniciais criadas na década de 1960 (Vázquez Moran e Hoyos Castillo). - Em resposta aos grandes desastres naturais ocorridos na década passada, surge o <i>Plan Nacional de Desarrollo</i> (1990-1994), que defendia a intervenção direta do Estado em problemáticas desta natureza, seguindo uma doutrina de segurança nacional provida pelo poder militar (Rodríguez Velázquez, 2007).
2000-2010	Na sustentabilidade, o problema do risco industrial surge com uma abordagem muito mais aprofundada. Passa a se reconhecer a vulnerabilidade urbana como um assunto ligado estreitamente à política (Rodríguez Velázquez, 2007).	- Em resposta à Conferência de Genebra, organizada pela Organização das Nações Unidas, publicou-se no país o PND 2001-2006, marco no qual é enunciado o propósito de transformar as políticas nacionais de proteção civil de natureza reativa, até então largamente adotadas, em preventivas (Rodríguez Velázquez, 2007).

Fonte: PEREIRA (2016)

No México se observa uma transição de práticas voltadas ao Bem-estar para práticas neoliberalistas. A esfera econômica adquire maior importância frente às decisões, endossando fortes atividades industriais e turísticas – o que influenciou

movimentos migratórios que acarretaram no inchaço de grandes metrópoles mexicanas. Outras inflexões urbanas vivenciadas no país dizem respeito aos desastres naturais e as respostas respectivas respostas do planejamento urbano, que tornou temas como meio-ambiente, sustentabilidade e estratégias pós-desastres como prioridades momentâneas (após meados dos anos de 1980).

Quadro 55 – Quadro temporal do México (Baseado na etapa 2 do Estudo de caso)

DÉCADA	QUADRO TEMPORAL MÉXICO
1970	<ul style="list-style-type: none"> - Início da participação popular, ocorreu pela maior incorporação de sistemas políticos de plebiscito, e com a crise de representação que estava ocorrendo no momento em toda a América Latina (PÉREZ, 2005) - Início dos eco-planos que integravam o planejamento urbano com o planejamento ambiental, estabelecendo diretrizes e estratégias para as áreas urbanas e não urbanas do México (CABEZA, 2003). - A Cidade do México deixou de concentrar totalmente as funções metropolitanas a partir dos anos 1970 com o início da globalização (MARTINEZ, 1999).
1980	<ul style="list-style-type: none"> - Em 1980 aumenta a pesquisa na área de história demográfica no México, contribuindo inclusive para aspectos urbanísticos e culturais (VICTORIA, 2006) - Surgimento do planejamento econômico global e de programas setoriais no México, separando o planejamento urbano, do regional e do ambiental (CABEZA, 2003).
1990	<ul style="list-style-type: none"> - Participações populares são bem incorporadas nessa década (PÉREZ, 2005). - Transformações sócio espaciais (histórico, regional e morfologicamente) ocorrem nas cidades em decorrência da globalização (MARTINEZ, 1999).
2000	<ul style="list-style-type: none"> - Priorização da questão ambiental, seja pela própria população, seja pela gestão. (LARA, 2012). Áreas de conservação da biodiversidade estão sendo vistas como mais importantes, há um maior planejamento ecológico no território. (LARA, 2012) - Redes de Comunicação ganham destaque na discussão da cidade devido ao intercâmbio global de materiais, produtos, serviços, ideias e pessoas que estas permitem. (OSVALDO, 2007) - Toma-se consciência da rapidez com que a cidade espontaneamente se altera, sendo necessário maior cuidado e agilidade nos processos de gestão e planejamento desta, especialmente para que o meio ambiente não seja prejudicado (OSVALDO, 2007) - Integração dos programas estaduais de ordenamento territorial, ecológico e de desenvolvimento urbano, integrando o planejamento urbano com o planejamento ambiental e estabelecendo diretrizes e estratégias para áreas urbanas e não urbanas (CABEZA, 2003). - A pobreza e o atraso social, duas constantes no desenvolvimento urbano de cidades do México, são produtos de relações sociais de apropriação desigual de recursos, capital e trabalho (MARTINEZ, 1999).

Fonte: SILVA (2016); SANTOS (2018)

SILVA, C.N.; O entendimento da cidade latino-americana por meio de pesquisas acadêmicas em programa de pós-graduação em países selecionados. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC, Curitiba, v.1, n.1, p.14, 2016.

Na década de 1970, ocorreu no país o início das participações populares, e em 1990 estas já estavam totalmente incorporadas. A partir da década de 2000 a população e as esferas administrativas começam a ter mais consciência com os cuidados ambientais, buscando um planejamento mais ecológico. Aspectos tecnológicos e de redes de comunicação também são abordados a partir de 2000. Em relação ao ordenamento territorial mexicano, na década de 1970 os planos integravam os objetivos urbanos, regionais e ecológicos, enquanto que nos anos 1980 houve a separação desses programas ordenamento territorial, para que no início dos anos 2000 iniciam-se programas de ordem territorial que integram o planejamento de áreas urbanas e não urbanas.

9.3 ARGENTINA

Quadro 56 - Quadro temporal Argentina (Baseado na etapa 1 do Estudo de caso)

QUADRO TEMPORAL - ARGENTINA		
Período	Características	Ocorridos
1970 - 1980	As consequências da do protagonismo econômico da gestão vigente ocasionaram a concentração populacional em torno das aglomerações (Ainstein, 2009). Percebe-se uma mudança de paradigma no planejamento com uma tímida presença da sociedade civil na tomada de decisões (Bono et al, 2011). A substituição edílica que caracteriza as áreas centrais e pericentrais acelerou-se, passando o centro a representar um novo papel simbólico para os municípios (San Vicente et al, 2015).	- Promulga-se, durante a ditadura militar, o <i>Decreto Ley 8912/77</i> , principal marco no ordenamento territorial na Província de Buenos Aires (Bono et al, 2011). - Planos diretores municipais, passaram a ser exigidos a uma abrangente parcela de municípios (Bono et al, 2011).
1980 - 1990	As mudanças iniciadas nos anos 1980 com os processos de democratização e descentralização da gestão esbarram no mantimento perspectivas centralistas (Bono et al, 2011). A população urbana atinge seu pico no país (Bataglia, 2015), com uma expansão que mudou a escala da segregação sócio-territorial, como o crescimento vertical das centralidades, assentamentos informais em áreas vulneráveis e o avanço da urbanização em áreas tradicionalmente rurais (San Vicente et al, 2015).	- Com a restauração da democracia, produz-se uma reforma constitucional que implicava numa nova condição dos municípios no sistema governamental, muito mais autônomos em suas possibilidades de gestão (Bono et al, 2011).
1990 - 2000	Observa-se um maior grau democratização política e o maior requerimento de transparência das instituições públicas, a busca da solução dos problemas por meio do mercado livre, da privatização e da desregulação governamental, o surgimento do planejamento estratégico e o fortalecimento da gestão pública local (Genuit, 2003). Incorporação de novos instrumentos de gestão local e ordenamento do uso do solo visando a valorização ambiental e do patrimônio e participação social (Bono et al, 2011).	- Conferiu-se à capital argentina o título de 'autônoma' em 1990, referindo-se a nova relação do governo local com o nacional (Ainstein, 2009).
2000 - 2010	A capacidade que o governo argentino possuía para garantir que o processo político funcione efetivamente constituía uma crise de coordenação da administração pública, visto que a descentralização até então empreendida confundiu-se com uma excessiva e descordenada fragmentação de instâncias gestoras, sendo as atenções contemporâneas dirigidas a esta problemática (Castillo, 2001).	- Cria-se em 2008 o <i>Consejo Federal de Planificación</i> (COFEPLAN), agrupando e promovendo o consenso de governantes federais e de todas as províncias (Barreto et al, 2015).

Fonte: PEREIRA (2016)

Quadro 57 – Quadro temporal Argentina (etapa 2 do Estudo de caso)

DÉCADA	QUADRO TEMPORAL ARGENTINA
1970	<ul style="list-style-type: none"> - Em 1976 se iniciou a ditadura militar na Argentina. Devido a isso, a pesquisa científica foi afetada inicialmente, pois muitas pessoas foram afastadas de seus cargos (BEKERMAN, 2012) - Crescimento populacional acelerado nas cidades argentinas (INSA, 2010)
1980	<ul style="list-style-type: none"> - Em 1983 a ditadura militar estava acabando (BEKERMAN, 2012) - A ditadura militar fortaleceu as pesquisas nessa década, com o aumento de recursos (BEKERMAN, 2012) - Aceleração do crescimento populacional das cidades argentinas continua, o fenômeno se deve principalmente a migração campo-cidade (INSA, 2010) - Começam a surgir problemas com habitação, acesso a infraestrutura e assentamentos informais, as famílias vivem em ambientes de grande vulnerabilidade nas grandes cidades argentinas (INSA, 2010)
1990	<ul style="list-style-type: none"> - Reformas políticas neoliberais impulsionadas pelo governo argentino agem na área do urbanismo (LINARES, 2012) - Poder público não é mais o único responsável pelas transformações, o privado age com grande influência a partir desta década, o que causa a preservação das desigualdades e da hierarquia social (LINARES, 2012) - O crescimento populacional nas cidades argentinas desacelera, apesar de ainda estar em processo de expansão (INSA, 2010) - No final da década de 1990 começaram a surgir medidas urbanísticas com caráter estético (INSA, 2010) - Implantação de políticas habitacionais em virtude do processo de globalização (LENTINI, 2004).
2000	<ul style="list-style-type: none"> - As medidas urbanísticas com caráter estético atenuadas na década de 2000, constituíram na transferência dos pobres para as periferias urbanas, para evitar que "obstruíssem a beleza" das cidades, bairros distantes da área central foram destinados para os mesmos, criando uma fronteira, como se o direito a cidade não fosse para todos, causando exclusões de educação e emprego (INSA, 2010) - Segregação sócio espacial nas cidades, desintegração social (LINARES, 2012)

Fonte: SILVA (2016; SANTOS (2018)

SILVA, C.N.; O entendimento da cidade latino-americana por meio de pesquisas acadêmicas em programa de pós-graduação em países selecionados. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC, Curitiba, v.1, n.1, p.14-15, 2016.

Em 1970 os acontecimentos de destaque foram o crescimento das populações argentinas urbanas (fato que se repetiu em diversos países latinos) e o início da ditadura militar. Na década de 1980 se intensificaram os problemas habitacionais e de infraestrutura, enquanto que no final dos anos de 1990 e início de 2000, políticas habitacionais e medidas urbanísticas com caráter estético tomara lugar nas discussões de planejamento urbano, causando, inclusive, transferências dos pobres para as periferias urbanas, tornando mais intensa à segregação sócio espacial.

Como se pode perceber, houve uma maior dificuldade na elaboração do quadro temporal para o caso da Argentina, fato que se repete para a Colômbia. Isso se deve principalmente a ampliação do recorte de seleção dos programas, que, ao incluir áreas

que podem discutir a cidade, mas que nem sempre o fazem, fez com que diminuísse o número de teses que tratassem efetivamente sobre o urbano.

Na Argentina, assim como no México e Brasil, as questões referentes à democratização e descentralização assumiram grande importância no cenário da gestão urbana. O poder econômico teve um grande papel na tomada de decisões, o que tem um efeito na rede urbana nacional, de forma a fortalecer centralidades que apresentam atividades mais valorizadas; neoliberalismo e privatizações também tornaram-se realidades no país. Assim como em outras cidades latino-americanas, o Plano Diretor se tornou a principal forma de planejamento urbano; e logo questões condizentes com a participação popular na gestão também se tornaram presentes. A expansão e crescimento das cidades seguiram um padrão que reforçou a já presente segregação espacial e social, ao menos nas grandes cidades.

9.4 COLÔMBIA

Quadro 58 - Quadro temporal Colômbia (etapa 1 do Estudo de caso)

QUADRO TEMPORAL - COLÔMBIA		
Período	Características	Ocorridos
1970 - 1980	Grande crescimento populacional urbano alimentado pelo êxodo rural, o qual motivou-se pela ascensão do setor industrial concernente às metrópoles nacionais, que viam seus territórios expandindo-se para além de suas fronteiras, dando origem ao desenvolvimento regional, embora tendo este muitas vezes acentuado problemas de ordem social e ambiental no país (Lampis, 2009).	N/A
1980 - 1990	Consolidação de metrópoles nacionais, embora um grande problema local ainda fosse a desvinculação do planejamento físico-espacial do econômico e social, pelas muitas práticas centralistas ainda vigentes (Rodríguez Moreno, 2009). Nestes grandes centros, as atenções do mercado imobiliário voltavam-se às centralidades (históricas ou não), que sofriam com o redirecionamento de suas ocupações, em especial voltadas a funções institucionais, simbólicas e turísticas (Villar Lozano, 2011).	- El Tesaquillo, localidade histórica de Bogotá, tem um intenso plano de revitalização empreendido a partir de 1986, favorecendo seu potencial turístico e imobiliário enquanto patrimônio (Villar Lozano, 2011). - Planos diretores municipais, passaram a ser exigidos a uma abrangente parcela de municípios (Rodríguez Moreno, 2009).
1990 - 2000	Consolidação de pequenas e médias cidades em âmbito nacional, gerando redes urbanas, com problemas relativos à concentração populacional imigrante em condições precárias e o aumento da pobreza urbana, insegurança social, risco ambiental, entre outros (Lampis, 2009). Tais problemáticas tornaram-se pauta das agendas urbanas locais, que passam a ter um grau muito maior de autonomia com o advento de práticas administrativas voltadas aos preceitos neoliberais (Rincón Castellanos, 2009).	- Na Constituição Política de 1991 estabeleceram-se novos modelos de ordenamento e desenvolvimento territorial atrelados aos ideais de descentralização político-administrativa das entidades territoriais, das quais os planos que concernem tais práticas deveriam passar a se desprender, num exercício de coordenação, concertação e participação cidadã (Torrejón Cardona, 2010).
2000 - 2010	Diferentes fragmentos urbanos compõem as grandes cidades colombianas atuais, cuja segregação ocupacional atinge o seu ápice (Rincón Castellanos, 2009). Neste contexto, há uma preocupação com a geração de modelos econômicos que não estimulem aumentos significativos da pobreza com o desenvolvimento de capacidades humanas, bem como o zelo pelo entorno e pelo meio-ambiente (Torrejón Cardona, 2010).	- Consolidação de medidas de planejamento participativo em bairros de Medellín ante à segregação territorial, a violência e o narcotráfico, configurando a cidade no marco internacional que esta hoje configura em termos de gestão urbana (Torrejón Cardona, 2010).

Fonte: PEREIRA (2016)

Novamente, a valorização da abertura participativa do planejamento e gestão da cidade, assim como da descentralização das escalas administrativas foram prioridades. Assim como nas demais cidades, as atividades econômicas e industriais afetaram as relações entre os centros urbanos e geraram migração campo-cidade, resultando no inchaço das grandes metrópoles. Esse processo culminou em pobreza, violência, segregação sócio espacial e riscos ambientais nas principais e maiores cidades do país. Um importante marco legal foi a Constituição Política de 1991, e assim como em demais

países latino-americanos, durante o período analisado o Plano Diretor se tornou o principal instrumento do planejamento das cidades.

Quadro 59 – Quadro temporal Colômbia (Baseado na etapa 2 do Estudo de caso)

DÉCADA	QUADRO TEMPORAL COLÔMBIA
1970	<ul style="list-style-type: none"> - Surgiram processos de descentralização política, fiscal e administrativa, o que gera oportunidades de desenvolvimento territorial, que depende do desenvolvimento nacional, regional e local (VÁSQUEZ, 2008) - Insatisfação da população em 70,5% devido a falta de atendimento às necessidades básicas, antes da descentralização (VÁSQUEZ, 2008)
1980	<ul style="list-style-type: none"> - No final da década de 1980 o número de pessoas insatisfeitas com os recursos de necessidades básicas oferecidas pelo governo diminuiu um valor significativo, para 55,6%, isso ocorreu pelo fato da descentralização estar sendo implantada (VÁSQUEZ, 2008) - Essa década reconhecida como marcada pela descentralização, com início dessa prática entre 1983 a 1986 (VÁSQUEZ, 2008) - A descentralização fez com que as pessoas tivessem um acesso mais direto aos seus governantes, o que causou uma influência direta nos serviços básicos (VÁSQUEZ, 2008) - Na década de 1980
1990	<ul style="list-style-type: none"> - Surge um novo entendimento desenvolvimento, subdividido em econômico, humano e sustentável (VÁSQUEZ, 2008) - Melhora significativa nos serviços básicos, devido à descentralização, apenas 35,8% da população estava insatisfeita (VÁSQUEZ, 2008)
2000	<ul style="list-style-type: none"> - Muitos conflitos armados ocorrendo nas cidades, devido principalmente ao aumento do desemprego e da pobreza (CEBALLOS, 2011) - Implementação de programas sociais tendo em vista melhorar a situação de vulnerabilidade econômica e social da população (CEBALLOS, 2011) - A realidade social das pessoas é perceptível analisando o uso do solo (CEBALLOS, 2011) - Melhoramentos socioeconômicos pelos programas sociais (CEBALLOS, 2011)

Fonte: SILVA (2016); SANTOS (2018)

Em 1970 e 1980 a discussão sobre os direitos básicos da população desencadeou movimentos de descentralização, que gradativamente levaram a uma melhora no atendimento dos serviços básicos. Na década de 1990, com consolidação do mercado criou-se uma nova noção de desenvolvimento, compreendida em desenvolvimento econômico, humano e sustentável. Em 2000 existem muitos conflitos armados, especialmente com o aumento do desemprego e pobreza, e isso da prioridade para programas sociais.

9.5 CHILE

Quadro 11 – Quadro temporal Chile (etapa 2 do Estudo de caso)

DÉCADA	QUADRO TEMPORAL CHILE
1970	<ul style="list-style-type: none"> - Golpe militar e Augusto Pinochet assume o governo impondo o liberalismo econômico (MAILLET, 2013). - Com a Ditadura Militar chilena iniciada em 1973, a intervenção urbana de maior influência em Santiago consiste em duas operações que resultam na modificação da estrutura da cidade e nos modos de habitar para organizar o território em termos de reprodução do capital privado (ORTIZ, 2009). - Apesar do boom econômico no final dos anos 1970, o desemprego ficava em torno de 18% da população economicamente ativa (LINK, 2010).
1980	<ul style="list-style-type: none"> - No final da década de 1980 surgiram transformações no espaço político público de Santiago como resultado de protestos nas ruas contra o regime militar (ORTIZ, 2009). - Reformas neoliberais nas décadas de 1980 e 1990 criam políticas públicas setoriais no Chile, como seguro saúde, pensões, universidades, geração de eletricidade, telefonia e transporte público (MAILLET, 2013). - Urbanização e especialização do emprego na Área Metropolitana de Santiago (LINK, 2010). - Na década de 1980, o investimento em infraestrutura urbana pelo Estado foi reduzido ao mínimo (DEL RÍO, 2015). - A porcentagem de chilenos abaixo da linha da pobreza chegava a 45% em 1987 (LINK, 2010).
1990	<ul style="list-style-type: none"> - Vitória, em 1990, do governo da <i>Concertación</i> sobre a ditadura militar (LINK, 2010). - Após a recuperação democrática, o governo de Santiago opta pelo desenvolvimento de parques e áreas verdes como estratégia de desenvolvimento urbano (ORTIZ, 2009). - A taxa de crescimento demográfico e de natalidade começa a diminuir 1990 (DEL RÍO, 2015). - Modernização do trabalho e diferenciação e especialização funcional do empregado (LINK, 2010). - Durante os anos 1990, um forte impulso desenvolveu-se através de uma política de contribuição para infraestrutura, além do investimento do setor público, o investimento do setor privado foi incorporado por meio de concessões (DEL RÍO, 2015).
2000	<ul style="list-style-type: none"> - Consolidação da globalização e modificação da estrutura sócio territorial na Área Metropolitana de Santiago devido à estratificação social em termos de hierarquia de emprego, aumentando a desigualdade social e urbana (LINK, 2010). - As instalações culturais construídas em Santiago durante os governos da <i>Concertación</i> seguem um padrão de concentração territorial na área do centro histórico da cidade, sobretudo para preservar o valor econômico e turístico da cidade (ORTIZ, 2009). - O governo chileno tem uma política econômica em que os gastos públicos são mantidos sem grandes alterações (LINK, 2010).

Fonte: SILVA (2016); SANTOS (2018)

A descentralização e o neoliberalismo, foram citados no Brasil, Argentina, Colômbia e Chile, considerado pelos governos uma forma de transferir responsabilidades de serviços básicos para atores privados e governos locais. Outro aspecto que se repete entre os países selecionados, é o rápido crescimento populacional (e conseqüentemente da estrutura física) nas cidades, o que gerou problemas de ordem social, ambiental e econômica. A referência à tecnologia, globalização e rede de informação e conhecimento também foram tópicos abordados em mais de um país, principalmente nas décadas de 1990 e 2000. Apartir dos anos de 1970, o que se nota são claras similaridades que unificam a cidade latino-americana em uma mesma realidade: A transição de um regime autoritário para uma gestão mais democrática e descentralizada, com maior participação dos interesses privados e atores sociais; e um ascendente predomínio econômico que leva à rápida industrialização, seguida de migrações campo-cidade e conseqüente inchaço de grandes centros urbanos.